

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

SYLVIO LEMGRUBER SERTÃ
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - 50 anos de criação do Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro

Entrevistado - Sylvio Lemgruber Sertã (SS)

Entrevistadores – André de Faria Pereira Neto (AP), Jeane Azevedo de Souza (JA) e Sérgio Luiz Alves da Rocha (SR)

Data – 13/06/1995 a 18/07/1995

Local – Rio de Janeiro, RJ

Duração – 10h26m

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

SERTÃ, Sylvio Lemgruber. *Sylvio Lemgruber Sertã. Entrevista de história oral concedida ao projeto 1995: 50 anos de criação do Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro*, 1995. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2024, 238p.

Resenha biográfica

Sylvio Lemgruber Sertã nasceu em 1907 no município de Carmo, localizado na região serrana do Estado do Rio de Janeiro. Lá viveu toda a sua infância e adolescência em uma grande fazenda com o pai, Licínio Sertã, de origem portuguesa, e a mãe, Olímpia Lemgruber Sertã, de origem suíça.

Seu pai era médico clínico e atendia seus pacientes em sua própria casa, que se transformava em uma espécie de mini-hospital, onde, além das consultas, realizava cirurgias e exames. Sua escolaridade básica sempre foi realizada em estabelecimentos de ensino privado. Coursou os primeiros anos no Ginásio Bittencourt e no Colégio Vieira Lima, ambos no Carmo. Aos 15 anos, veio para o Rio de Janeiro fazer os exames preparatórios para o vestibular no Colégio Pedro II.

Seu interesse pela medicina foi despertado quando era ainda um menino e acompanhava o trabalho e a luta do pai, médico do início do século, em um local com tão poucos recursos como era o Carmo. Uma vez, presenciou o pai salvar um menino, asfisiado pela difteria. Este fato foi considerado por ele decisivo em sua opção profissional.

Em 1923, foi aprovado no vestibular para a Faculdade Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro. Logo que iniciou o curso, foi convidado por seu irmão, também médico, para trabalhar no Hospital São Francisco de Assis, na enfermaria de ginecologia dirigida por Armando Aguinaga. Na verdade, a ginecologia não foi propriamente uma escolha pessoal; ela lhe foi oferecida como uma primeira oportunidade de trabalho na área da saúde. Armando Aguinaga tornou-se para ele uma referência como profissional da medicina, como professor e como amigo.

Logo que se formou (1928), associou a atividade docente à clínica, trabalhando na enfermaria de ginecologia do Hospital São Francisco de Assis. De 1928 a 1968 trabalhou neste Hospital, ocupando o cargo de assistente e de chefe de clínica do Serviço de Ginecologia e Obstetrícia. Sem contar os anos em que desenvolveu sua atividade como estudante - sem remuneração - foram 40 anos de trabalho no serviço público. Foi também professor da Escola de Enfermagem Ana Nery.

Alguns anos depois, prestou concurso para livre-docente da Faculdade Nacional de Medicina (1935) e na Escola de Medicina e Cirurgia do Instituto Hahnemaniano (1936), na cadeira de clínica obstétrica. Para ele, o magistério foi mais do que uma atividade de ensino, uma experiência de aprendizado, pois, no seu entender, o interesse do aluno leva o professor a se empenhar e a pesquisar. Assim, ele lecionava ao mesmo tempo em três estabelecimentos de ensino superior. Na Escola de Enfermagem Ana Nery, chegou a criar um curso de parteiras.

Além dessas atividades, montou também um consultório particular em sociedade com Armando Aguinaga (1935). Sua participação mais efetiva no movimento associativo médico deu-se apenas em 1954, quando aceitou um convite, feito por Roberto Duque Estrada, para ocupar o cargo de tesoureiro da diretoria provisória do Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal. Naquele momento, o Conselho de Medicina não tinha autonomia financeira, suas verbas vinham do Sindicato dos Médicos. Quatro anos mais tarde (1957), foram realizadas eleições para a nova diretoria do Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal. Foi um dos membros da chapa única de composição que venceu as eleições. Esta chapa reuniu médicos do Conselho Provisório, do Sindicato dos Médicos, da Associação Médica do Distrito Federal, da

Academia Nacional de Medicina e da Sociedade de Medicina e Cirurgia. Do ponto de vista ideológico, esta composição reunia tendências heterogêneas e até antagônicas.

Na eleição seguinte, esta composição política não teve condições de se manter (1962). A crise do governo João Goulart se evidenciava nos debates sobre a "ameaça" do comunismo na sociedade brasileira. O debate político-ideológico próprio dos anos 60 no Brasil, traduzia-se no seio do movimento médico naquela oportunidade. Encabeçou uma chapa que tinha como lema: "Luta contra o comunismo na classe médica da Guanabara". Seu objetivo era afastar do Conselho as lideranças médicas que, no seu entender, eram simpáticas às ideias comunistas. Para ganhar a eleição, a chapa encabeçada por ele coordenou o trabalho de "cabos eleitorais", que se dividiram entre vários hospitais. Vitorioso, ocupou a presidência em 1963 e 1964, quando ampliou as dependências do Conselho, adquirindo outras salas no Edifício Odeon e criando um consórcio de automóveis para os médicos. Em sua gestão, o Conselho Regional já julgava processos éticos, sem no entanto punir os médicos. Um ano depois, passou a ocupar uma vaga no Conselho Federal de Medicina. Em 1978, a eleição para o Conselho Regional foi impugnada devido à constatação de várias irregularidades da chapa vencedora. Foi convidado pela antiga diretoria a voltar ao Conselho, desta vez como interventor. Assim, ele ficou como presidente provisório do Conselho Regional por mais cinco anos.

O depoente faleceu em 2001, no Rio de Janeiro.

Sumário

Fita 1 - Lado A

A infância no Carmo (RJ); seu pai: sua formação e a sua clínica médica no Carmo no início do século; sua família; as razões que levaram seu tio e seu pai a optarem pela medicina; o casamento de seus pais; a morte do avô; a morte de sua mãe e o novo casamento de seu pai; a casa no Carmo; o mini hospital do pai.

Fita 1 - Lado B

Sua alfabetização; as lembranças de seu primeiro professor; a mudança para o Rio de Janeiro (Tijuca); o consultório do pai no Rio de Janeiro; os exames preparatórios no Colégio Pedro II; o Ginásio Bittencourt; sua opção pela medicina; seu pai e o exercício da medicina: médico dedicado; a biblioteca do pai; como seu pai era remunerado pelas consultas médicas no Carmo: o farmacêutico-anestesiologista que atuava como assistente de seu pai; o equipamento cirúrgico de seu pai.

Fita 2 - Lado A

Os instrumentos cirúrgicos utilizados pelo pai; a evolução tecnológica da medicina; a "Escola do Doutor Aguinaga" versus a "Escola do Doutor Fernando de Magalhães"; as doações de sangue até a década de 1920; as primeiras determinações de tipo sanguíneo no Brasil; o tratamento do câncer em pacientes grávidas.

Fita 2 - Lado B

O período na universidade (1923-1928); seu trabalho como interno no Hospital Escola São Francisco de Assis; os serviços no Hospital São Francisco de Assis; como eram realizadas a anestesia e a cirurgia neste período; como conciliava os horários no hospital e os estudos na faculdade; a escolha das disciplinas na faculdade; o incidente com Miguel Osório de Almeida; os efeitos da Reforma Rocha Vaz; como se deslocava da faculdade para o hospital; o Hospital São Francisco de Assis como uma escola; o comportamento ético de Armando Aguinaga e o seu significado para a ginecologia no Brasil; sua opção pela ginecologia; a ginecologia na década de 1930.

Fita 3 - Lado A

A relação com Armando Aguinaga; o relacionamento entre médico e paciente na década de 1920; como sobrevivia no período em que cursava a faculdade; o atendimento no Hospital São Francisco de Assis; os debates ideológicos sobre o nazifascismo nos tempos da faculdade; a Revolução de 1924; Arthur Bernardes e a Previdência Social; a Revolução de 1930; sua desilusão com Getúlio Vargas; a Revolução Constitucionalista e seu posicionamento; a vida associativa na faculdade; o perfil socioeconômico dos estudantes de medicina em 1928; os estudantes de outros Estados do país.

Fita 3 - Lado B

A família; o início de carreira; referências aos médicos Abreu Fialho, Álvaro Osório de Almeida e Cardoso Fontes; a tendência à especialização da medicina em 1928; sua cerimônia de formatura; a utilização da vacina contra a tuberculose na Escola de Enfermagem Ana Nery e no Hospital São Francisco de Assis; os efeitos da vacina; como era encarada a "medicina preventiva" no seu tempo; o tratamento dos doentes de câncer; a posição de Armando Aguinaga com relação ao curandeirismo; o ideal da medicina ontem e hoje; a opinião sobre cada um dos formados de sua turma; o perfil

socioeconômico da clientela do Hospital São Francisco de Assis; as Caixas de Aposentadorias e Pensões.

Fita 4 - Lado A

O número de hospitais do Rio de Janeiro no final da década de 1920; a Assistência Municipal, a Beneficência Portuguesa e a Casa de Saúde São José; o trabalho no hospital logo no início da faculdade; a opinião sobre o avanço da medicina gratuita, a fundação das Caixas de Aposentadorias e Pensões; a situação da Previdência Social no Brasil hoje; a construção da maternidade Thompson Motta; o número de leitos da enfermaria da Escola Ana Nery.

Fita 5 - Lado A

A compra de cadáveres pelos estudantes de medicina; as aulas de anatomia; a reação na primeira dissecação; a reação dos calouros quando viam sangue pela primeira vez; o trabalho no consultório de Armando Aguinaga; o desejo de atuar no magistério superior; a atual falta de conhecimento obstétrico por parte dos médicos e as suas consequências, a experiência como professor da Escola de Enfermagem Ana Nery; a origem social das alunas da Escola Ana Nery; o "manequim obstétrico de Pinar"; seus estudos sobre o choque obstétrico; o curso de parteiras que criou na Escola Ana Nery; a relação entre os médicos e as parteiras; a ideia de fundar um plano de assistência na década de 1930.

Fita 5 - Lado B

A polêmica criada em torno do primeiro plano de assistência; a medicina de grupo hoje; alguns comentários a respeito de algumas fotografias; a maternidade da Escola Ana Nery; a construção da 19ª Enfermaria da Maternidade Thompson Motta por Armando Aguinaga; como Armando Aguinaga conciliava as suas atividades na Santa Casa e na Maternidade; os anúncios médicos e de produtos farmacêuticos; as diferenças entre os consultórios em 1935, 1938 e 1952; os cursos na maternidade do Hospital São Francisco de Assis.

Fita 6 - Lado A

Um caso de cirurgia realizada em Petrópolis; o primeiro consultório particular com Armando Aguinaga; como conciliava os horários da Escola Ana Nery e do consultório; o perfil socioeconômico de seus pacientes; o tempo de constituição de sua clientela, seu relacionamento com os pacientes do hospital e do consultório; os chamados de emergência, a compra de sua casa na rua Maria Angélica, o erro médico; a relação entre os médicos a partir da progressiva especialização da medicina; a importância da clínica médica para a formação do médico; as mudanças de localização de seu consultório, os consultórios em farmácias (1910/1920); as conferências médicas; a carreira como docente na Faculdade Nacional de Medicina e no Instituto Hahnemanniano; as diferenças entre essas duas instituições; o relacionamento entre alopatas e homeopatas.

Fita 6 - Lado B

Comparação entre o Instituto Hahnemanniano e a Faculdade de Medicina; a Casa de Saúde São José, o número de vagas no Instituto Hahnemanniano e na Faculdade Nacional de Medicina; o que eram os "cursos equiparados"; seu concurso para professor titular no Instituto Hahnemanniano e na Faculdade Nacional de Medicina; as relações entre o magistério e a clínica; as relações entre o hospital e a clínica; seu relacionamento

com os pacientes do hospital e do consultório; a realização das transfusões de sangue e a determinação do fator Rh.

Fita 7 - Lado A

O mercado de trabalho na década de 1940 e hoje; o cargo público como um empecilho na carreira do médico; a relação entre os concursos e a clínica particular; a cadeira de clínica obstétrica na Faculdade Nacional de Medicina e no Instituto Hahnemanniano; o perfil socioeconômico dos colegas de turma; a concorrência dos Institutos e suas consequências para o mercado de trabalho do médico liberal; a transformação da medicina "liberal" para a medicina "tecnológica"; as transformações na ginecologia nas décadas de 1930 e 1940; os estudos hormonais na Europa e nos Estados Unidos e a sua repercussão no Brasil; a prevenção do câncer; o avanço científico e as reformulações de seus cursos; a fundação da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro; a fundação do Sindicato Médico Brasileiro; o Ministério da Educação e a criação dos Conselhos de Medicina; a Ordem dos Advogados e a Ordem dos Médicos da França; a questão ética na década de 1930 no Brasil e na França; a concorrência desleal na década de 1930; o comportamento dos médicos hoje em dia com relação à concorrência desleal; seu desinteresse pelas associações médicas; a reduzida repercussão do IV Congresso Médico Sindicalista Brasileiro no interior da categoria; referência a Roberval Cordeiro de Farias.

Fita 7 - Lado B

Como o Sindicato era visto pela categoria médica; como os médicos encaravam a criação do Conselho de Medicina; alguns comentários sobre Álvaro Tavares de Souza; a polêmica em torno da filiação ao Conselho nas décadas de 1940/1950; os médicos que participaram da criação do Conselho; os médicos "democráticos" e os médicos "esquerdistas"; a vida acadêmica e associativa dos médicos.

Fita 8 - Lado A

A indicação de Roberval Cordeiro de Farias para o Conselho; o desconhecimento da categoria do texto do Código de 1945; os médicos indicados para a primeira diretoria do Conselho; o Código de Deontologia Médica de 1945 e a "concorrência desleal"; o médico assistente e sua relação com o especialista; o "mercenarismo" na profissão; os problemas criados pela especialização.

Fita 8 - Lado B

As conferências médicas na década de 1940; a atuação do médico perito; a relação médico versus farmacêutico na década de 1940; a influência negativa do espiritismo; sua opinião sobre a homeopatia; o curandeirismo na década de 1940; a procura, pelos pacientes, por métodos "não-científicos"; o segredo médico na década de 1940; o Código de Deontologia Médica de 1945; a "indústria dos agradecimentos" e a ética profissional.

Fita 9 - Lado A

A gestão do Conselho no período anterior a sua posse na presidência; onde e como eram realizadas as reuniões para a confecção do projeto provisório do Conselho; a origem das verbas do Conselho; a promulgação do Decreto-Lei 7.955; a localização do Conselho Provisório; o Código de Ética da AMB; a criação da AMB; o movimento de criação da AMDF e a greve da letra "O"; como compatibilizar a greve com o juramento feito pelos

médicos; a pluralidade de organizações associativas no Brasil; a ação da Associação Médica Americana (AMA); o Sindicato dos Médicos.

Fita 9 - Lado B

A Sociedade de Medicina e Cirurgia; o Código de Ética de 1967; o regime de trabalho no Hospital São Francisco de Assis; o primeiro convênio firmado entre um hospital e o INPS; os médicos-estudantes do Hospital São Francisco de Assis; as "escolas" dos médicos; a participação dos médicos na greve da letra "O"; o médico funcionário público e a "medicina liberal"; seu plano de um hospital-piloto; o status adquirido por trabalhar com Armando Aguinaga; suas pretensões com a candidatura para o Conselho; a eleição de 1954; os nomes dos componentes do Conselho de Medicina do Distrito Federal e do Conselho Federal de Medicina; a origem dos recursos para o funcionamento do Conselho entre 1954-1958.

Fita 10 - Lado A

As atas do Conselho Provisório; o decreto-lei nº 3.268 de 1957 aprovado pela Câmara dos Deputados; a obrigatoriedade de inscrição dos médicos nos Conselhos de Medicina; o Código de 1953 aprovado pela AMB; a resistência dos médicos ao Conselho; a composição da chapa para a eleição de 1958; os "vermelhinhos" da AMEG; seus conflitos com o presidente Heitor Carpinteiro Peres; a atuação do Conselho com o Código de 1957; o Regimento Interno do Conselho; comentários sobre Serafim Chaves Soares e Paulo Arthur Pinto da Rocha.

Fita 11 - Lado A

Sua opinião sobre alguns dos membros da diretoria do CREMEDF; as eleições para o Conselho em 1963; a chapa vencedora das eleições; comentários sobre alguns nomes que tiveram atuação destacada durante o processo de criação e instituição do Conselho.

Fita 11 - Lado B

As eleições de 1963; o período em que foi presidente do CREMEDF; o Código de Ética de 1963; a atuação do Conselho com relação à ética.

Fita 12 - Lado A

O relato da punição de um médico pelo Conselho; o período em que foi presidente do Conselho, em 1978; a chapa que foi eleita mas não empossada; a composição da diretoria antes de 1978; o Conselho Regional e a "iniciativa" de Rothier.

Fita 12 – Lado B

Experimento de vacina em relação à taxa de aglutinina em pacientes grávidas; gravidezes complicadas; aprendizados adquiridos durante a jornada do entrevistado; soluções encontradas em busca de recursos em paralelo ao amor pela carreira de medicina; troca em sala de aula; comparação da medicina do passado e do presente (altruísmo X faturamento); aspecto do salário pós segunda guerra mundial, no Brasil.

Data: 13/06/1995

Entrevistadores: André Faria Pereira Neto, Jeane Azevedo Souto e Sérgio Alves da Rocha

Fita 1 - Lado A*

AP - Bom, hoje é dia 13 de julho de 1995. É... estamos aqui na casa do Dr. Sertã, Dr. Sylvio Lemgruber Sertã, é... em Ipanema. São 10:25h da manhã. Eu, André Faria de Pereira Neto, o... Sérgio... Alves da Rocha e nossa Jeane.

JA - Azevedo Souto.

AP - Azevedo Souto. Nesse... Azevedo?

JA - ...de Souza!

AP - de Souza, não é? É... Dr. Sertã, a nossa... é... a nossa conversa, a nossa entrevista com o sr. vai ter vários capítulos como avisei... como nós conversamos outro dia. O nosso primeiro capítulo... A nossa primeira parte de nossa conversa é, seria exatamente aquela localizada desde seu nascimento, a sua infância, a sua adolescência, até a sua entrada na universidade, até sua opção pela, pela medicina e o seu ingresso na Faculdade de Medicina, não é. Então hoje nós vamos conversar um pouco sobre esse primeiro momento. O senhor nasceu no dia 12 de fevereiro de 1907 na cidade do Carmo, no estado do Rio de Janeiro. O sr. poderia nos contar um pouco como é que foi a sua infância no Carmo?

SS - Pois não! Minha infância foi infância de... de quase todos os meninos que moram no interior, e... num ambiente onde há facilidades inclusive de viver em fazendas, vivia muito na fazenda da... no período de férias né! na fazenda de meu avô e de... de meus tios. Então tive uma vida no campo praticamente.

AP - Mas o sr... o sr. morava numa fazenda?

SS - Não, morava na cidade, mas as fazendas eram próximas e nós tínhamos uma grande é... digamos... um grande convívio com... com a fazenda.

AP - Qual é o trabalho que seu pai desempenhava?

SS - Trabalho de moleque!

AP - Não, o seu pai!

SS - Ah, o meu pai era médico... ele foi médico formado no princípio do século e desempenhava funções de médico nessa cidade do Carmo, onde ele clinicava, né, e a

* **LEGENDA:**

PI: Palavra incompreensível

TI: Trecho incompreensível

clínica de... de interior nessa ocasião era a clínica mais dura possível, porque ele era sozinho e era obrigado a fazer tudo, ele atendia de tudo... Ele fazia cirurgia, ginecologia, obstetrícia, moléstias de crianças, laboratório... Inclusive ele fazia as reações de Wasserman. Ele tinha lá em casa uma... uma criação de coelhos de cobaias e um carneiro para preparar material para a reação de Wasserman. Quer dizer, injetava o sangue do... do coelho no carneiro para... para do carneiro, então... do sangue do carneiro ele extrair o material para fazer a reação de Wasserman.

AP - E essas reações serviam pra quê?

SS - Para diagnóstico de sífilis.

AP - Tinha muita sífilis lá no Carmo?

SS - Oh, sífilis... tinha sempre muita em toda parte, né! Então o diagnóstico da sífilis era feito já naquele tempo com a reação de Wasserman, com... com material que ele adquiriu... material importado inclusive... É aquele que eu encontrei lá na... na... na... na sala, na... na antessala tem uma estufa. É com aquela estufa que ele... que ele... que ele... fazia reação de Wasserman. Fazia cirurgia... fazia toda cirurgia.

AP - Mas isso na sua casa mesmo ou ele tinha um consultório?

SS - Lá em casa mesmo. Lá em casa...

AP - O consultório dele era em casa.

SS - Lá em casa... lá em casa tinha até uma sala de operações. Uma sala com as melhorias condições possíveis para assepsia. Então ele tinha uma sala onde ele fazia inclusive laparotomia, laparotomia... e intervenções maiores. Inclusive eu tenho um jornal da minha terra... um jornal de... de antes de eu nascer, O Leque, que é de 1906, e que tem uma lista das intervenções cirúrgicas praticadas pelo Dr. Sylvio Sertão do mês de julho... de janeiro a julho de 1906, umas duas colunas.. (PI). Impressionantemente a última cirurgia é... a... Tireoidectomia parcial. A Tireoidectomia parcial hoje ainda é uma intervenção de especialista, mas ele fez isso sozinho, com um anestesista que era um farmacêutico que utilizava o clorofórmio. Com aquela máscara que tem ali de clorofórmio... Com clorofórmio ele ia fazendo anestesia. Um farmacêutico industriado por ele fazia a anestesia. Quer dizer, meu pai fazia toda... toda... praticamente tudo isso.

AP - E tudo isso na sua casa.

SS - Tudo isso lá em casa. Lá em casa e aqui no consultório. Ele tinha um consultório.

AP - Ele também visitava paciente nas casas deles?

SS - Ah, muito! Paciente visitava muito... e... não só nas casas como nas fazendas, e fazia tudo a cavalo, ele tinha... ele tinha quatro animais, porque dois animais só não bastavam... ele tinha animais de muda... tinha umas mulas, mulas muito (PI), e é com esses animais... com essas mulas que ele viajava. Ele tinha... morando em Carmo ele ia

a Cantagalo... ele ia até próximo de Friburgo... a... a Dona Mariana... ia até Aparecida que é longe, muitas léguas... ele andava tudo a cavalo.

AP - Mas por que ele fui se instalar no Carmo?

SS - Ele começou a vida, ele formou-se, e quis logo ir pro interior pra começar a vida...

AP - Mas a família dele era do Rio de Janeiro?

SS - A família dele era de Friburgo. Morava em Friburgo. Lá ele foi casar-se com a minha mãe que era filha de um fazendeiro de lá... Lemgruber... né! Essas coisas que acontecem. Geralmente o médico vai pro interior...

AP - E ele era de família suíça?

SS - Não, de família portuguesa... Sertã é família portuguesa... da cidade de Sertã em Portugal. Meus avós vieram de Portugal... Meu avô, garoto ainda veio de Portugal, e acompanhou a... a... a estrada de ferro que estava sendo construída pra Friburgo. Então ele ia negociando na ponta de estrada de ferro, quando chegou em Friburgo estabeleceu-se lá.

AP - Ia negociando o quê?

SS - Negociando... tudo... tudo para atender o pessoal da estrada de ferro... os trabalhadores da estrada de ferro.

AP - Era um comerciante!

SS - Comerciante! E chegando em Friburgo ele se estabeleceu e foi um negociante extraordinário em Friburgo, porque ele tinha lá, onde é hoje o ABC, ele fez a casa dele. O ABC de Friburgo, aquele mercado que tem lá...supermercado... Ali que era a casa grande, casa grande, mas defronte essa casa grande ele tinha um empório onde trabalhava 18 caixeiros. E ele... e ele era um comerciante que... se ufanava de vender todos os produtos em Friburgo pelo preço da praça do Rio de Janeiro... e ele... e ele vendia muito, ganhando um pouco em cada um... e ganhando um pouco em cada um... Ele morreu cedo, morreu com menos de 50 anos, compreendeu... e deixou só de imóveis, ele deixou para as filhas dele, mais de 50 imóveis em Friburgo. Inclusive esse terreno onde eu tenho um loteamento lá era... era dele. Remanescente dele...

AP - Do seu avô!

SS - Do meu avô! Então ele,,,

AP - Ele teve quantos filhos?

SS - 7! 7 ou 8...

AP - E quantos seguiram a Medicina?

SS - A medicina... dois. Ele e o meu tio Mário Sertã...

AP - Seu pai! O seu pai...

SS - O meu pai, Licínio Sertã, e Mário Sertã, o mais moço... o mais moço também fez medicina, formou-se em 19.

AP - E por que que eles resolveram fazer Medicina? O sr. sabe disso?

SS - Não! Esse tio Mário... é muito difícil porque... por uma série razões. No Carmo, naturalmente ele era muito amigo do sr. Alberto Bráulio...que era... que era um farmacêutico em Friburgo, que era um homem que tinha... que tinha uma clínica formidável como farmacêutico... e ele clinicava, mas que os médicos de Friburgo. Então eu acredito que por causa dessa amizade dele com o sr. Alberto Bráulio ele tenha... tenha... com o filho dele, Sylvio Bráulio tenha se dedicado a Medicina.

AP - E o seu pai, por que que ele resolveu ser médico?

SS - Eu não posso responder com precisão a razão dele ter escolhido a medicina, compreende, mas... ele... ele era um... não tenho elementos pra responder a essa sua pergunta!

AP - Quando ele veio fazer, ele fez a faculdade do Rio de Janeiro...

SS - No Rio de Janeiro, é... Ele veio pro Rio de Janeiro e veio fazer... ele... estudava no Colégio Anchieta, lá de Friburgo. Então veio pra aqui, compreendeu, e tem até uma coisa interessante que é uma correspondência que eu tenho dele aqui de Friburgo... do Rio para os padres de Friburgo... Tenho uma porção... tenho uma porção de cartas e cartões e cartas dele para os padres em Friburgo... Contando histórias, tal do Floriano.

AP - Da faculdade?

SS - Ele, ele na faculdade se correspondendo com os... com os... os... com os padres de Friburgo.

AP - O sr. tem a carta que ele manda e a carta que ele recebe, ou só a carta que ele manda?

SS - Tem carta deles dois.

AP - Dos dois lados.

SS - Dos dois lados. Tem um correspondência grande [daquele] tempo do Império... tenho da República...

AP - Ele entrou pra faculdade em que ano, o senhor lembra?

SS - Em que ano ele entrou eu não lembro. Só vendo lá na... na... Ele saiu em 1901.

AP - Ele se formou em 1901.

SS - 1901. É!

AP - E pegou o período da Proclamação da República.

SS - É, pegou!

AP - Pegou o início da República...

SS - Pegou...

AP - ... Floriano...

SS - É. Ele tem inclusive a história... ele contando as histórias do Floriano... o que estava acontecendo lá... as espadas lá e tal... Enfim, essas cartas que eu tenho aí, ouviu?, um negócio muito interessante.... Você vê uma outra hora e... eu tenho... eu tenho tudo isso guardado aí... Essas correspondências todas... É interessantíssimo isso, sabe?!

AP - E a sua mãe?

SS - Minha mãe era filha de fazendeiro no Carmo.

AP - E o pai dela o que que era?

SS - Lourenço Lemgruber!

AP - Lourenço Lemgruber...

SS - É a terceira geração de suíços que vieram pro Brasil em 19. Lourenço Augusto Lemgruber, compreendeu. É uma, é uma... que teve 16 filhos, compreendeu... e... a minha avó, ele morreu... morreu em 35, 36, mais ou menos... e a minha avó morreu em 51, com 93 anos.

AP - E ela... ele teve 16 filhos com a sua avó? Com uma esposa só?

SS - É.

AP - 16 filhos?

SS - É, quando ela morreu, quando ela morreu ela deixou mais de 200 descendentes diretos.

[Nesse momento a fita sofre uma interrupção]

AP - Mas nós estávamos falando da sua avó... 16 filhos...

SS - Quando ele morreu...

AP - ... e sua mãe qual era? Era a mais nova? A mais velha?

SS - A minha mãe... era a terceira... Era a terceira filha. A terceira. A mais... a mais nova ainda é viva, tá com 95, mora em... mora em... na Tijuca.

AP - Sua tia mais nova.

SS - É. O... Eu tenho até fotografias interessantíssimas... Se interessar a você... isso é outro assunto, não é?

AP - [Fotografias interessantíssimas] sobre o quê, dr. Sertã?

SS - Quando eu era garoto... na fazenda... e tal... pá-pá-pá... enfim!

AP - Que o sr. ia na casa de seu avô!

SS - É, meu...

AP - Era fazenda de quê, dr. Sylvio?

SS - Era de gado. O meu avô um dos pioneiros do zebu no Brasil. Quer dizer, os primeiros zebus vieram com os Lemgruber, que era o Manoel Abelardo Lemgruber... Maduca Lemgruber, compreendeu? Esse foi que trouxe o zebu pro Brasil. Comprou o zebu... zebu no jardim zoológico de Hamburgo... era bicho selvagem. Depois eles vieram... vieram... é... aumentaram a... o plantel de zebu. E meu avô em 19 foi um dos introdutores do Gir no Brasil.

AP - Que é outra raça de boi...

SS - É outro tipo de zebu.

AP - É, outro tipo de zebu!

SS - E o meu avô, que era apaixonado pela... pelo zebu, ele sentiu que precisava botar sangue novo no plantel; era apaixonadíssimo! Então comprou... nessa ocasião comprou um casal de garrote é... *Gir* e pagou 20 contos de réis, em 19... 1919. 20 contos de réis era quase o valor da fazenda, compreendeu? Era muito dinheiro. E trouxe uns dois animais... e... três ou quatro dias depois a fêmea morreu, ficou só o macho, mas com isso ele fez um plantel extraordinário. Quer dizer, hoje eu tenho...

AP - O sr. lembra quando chegou esse boi? O sr. 1919 o sr. tinha 12 anos...

SS - É...

AP - Como é que foi esse dia que chegou o boi?

SS - Não, eu não estava na fazenda.

AP - Ah, não estava!

SS - Não estava, porque eu estudava cuidando mais de estudar nessa ocasião, né! E... e... até hoje a... a introdução do zebu nos Estados Unidos foi feita em parte por um tio meu, Otacílio Lemgruber, que em 23, 24, ele levou um navio carregado de gado, dos Lemgruber, (TI), pro Texas. Em 24, mais ou menos, ele levou um navio carregado de zebu pro... pro Texas! Foi o introdutor do... do... um dos introdutores (TI).

AP - [Quer dizer, então], que o sr. teve dois avós pioneiros. O avô por parte de pai, que trouxe o comércio, que conseguiu um progresso imenso, e o seu avô por parte de pai... de mãe!...

SS - É...

AP - ... que era do campo mas que introduziu inovações.

SS - A colaboração, a colaboração que ele deu para a... para a apuração do... do sangue zebu foi extraordinário. Eu tenho um primo que é hoje lá no Carmo, o Paulo Lemgruber, primo meu que era neto, não é, que hoje é um expert nisso, não é? Então... ele... ele... há pouco tempo ele fez com que as matrizes provenientes de L.L., de Lourenço Lemgruber... ainda têm nos Estados Unidos a reputação de ser das melhores. Porque eles fazem aquela... aquilo os booker, o standbooker... Então eles sabem que os animais vêm da origem tal, tal e tal. Então essas matrizes L.L. - Lourenço Lemgruber - ainda são altamente reputadas, compreendeu, nos Estados Unidos.

AP - E... quando é que o seu pai e a sua mãe se casaram?

SS - Eu tenho [aí isso]...

AP - Não, então...

SS - Péra aí! Eu sou de 7... meu irmão é de 6... Em 5!

AP - Cinco. E como é que eles se conheceram?

SS - Ela foi cliente dele. Ela estava doente, foi lá fazer... Ele atendeu... [*Dr. Sertã ri*] E se namora... se encantaram, e se casaram... e viveram... toda vida.

AP - Eles viveram quantos anos juntos?

SS - Meu pai morreu em... em 43... Meu pai morreu cedo...

AP - O seu avô também por parte de pai morreu cedo...

SS - O meu avô por parte de pai morreu mas, meu avô morreu cedo, mas foi coração. Ele saía... ele tinha uma casa em Friburgo...

AP - O seu avô!

SS - Uma casa em Friburgo e uma casa em Niterói, na Praia das Flexas. Ele vinha... passar as festas... ele vinha lá... tomar seu banho de mar na praia das Flexas. Um dia, com menos de 50 anos, ele saiu da praia e caiu na areia... Ele não tinha um cabelo branco, uma barba grande até aqui. Ia a Portugal com os filhos... a Sertã... Tinha o passaporte dele o passaporte dos filhos em Portugal.

AP - O senhor não o conheceu?

SS - Não, ele morreu antes de eu nascer... ele morreu em 98, ele morreu inaugurando a casa... a casa grande, onde tem hoje o ABC, compreendeu... Ele... ele não chegou a morar.

AP - E o seu pai morreu de quê?

SS - O meu pai morreu de câncer na bexiga...

AP - Câncer na bexiga?

SS - É... Penou durante 7 anos, coitado! Foi de 37, mais ou menos... é... 6... 7 anos.

AP - O seu pai casou com a sua mãe e vocês foram quantos filhos?

SS - Nós fomos 3 filhos. Aliás... antes desse casamento, o meu pai casou-se ainda como estudante... ele teve um primeiro, primeiro matrimônio... com uma... com uma senhora que era parenta dos Silva Santos, parenta do Gilson Santos... Gilson Maurity Santos... esse que era do Conselho de Medicina, Gilson Santos, era prima do Silva Santos, mas ela teve uma doença e tal, grave e morreu cedo, morreu deixando um filho de... de 1 ano e pouco, compreendeu, que também formou-se em medicina.

AP - Que se chama?

SS - Licínio Sertã Filho.

AP - Ah, certo!

SS - Ele faleceu já a uns... uns... 20 anos!

AP - Ah, ele já é falecido!

SS - É! Faleceu há uns 20 anos. Ele era médico lá em... em Minas, em Ponta Grande.

AP - Aí então a... a falecida, e ele ficou com o bebezinho...

SS - Com o bebezinho!

AP - E o bebezinho foi criado por quem?

SS - Por ... depois por minha mãe, né... Depois que ele... que ela se casou, ela que ficou tomando conta dele!

AP - Ele criou uma criança sozinho?

SS - Nos primeiros tempos ele teve muita dificuldade, né! Depois ele deve ter agido, isso eu não posso responder. Ah! Agora eu me lembro... a madrinha dele... a madrinha desse...

AP - Desse seu irmão.

SS - Dona Leonídia... chamava-se Dona Leonídia... lá de Friburgo, ela cuidou dele nos primeiros tempos..., agora que estou me lembrando. Ela cuidou dele nos primeiros tempos... Dona Leonídia, era a madrinha dele. Agora que eu estou me lembrando, compreendeu?

AP - Aí então... é... no momento em que morreu a primeira esposa de seu pai até ele se casar com a sua mãe, a madrinha ajudou a criar...

SS - É.

AP - ... depois a sua mãe assumiu a maternidade.

SS - É!

AP - E além desse... primeiro filho, depois o seu pai com a sua mãe tiveram três.

SS - Três filhos.

AP - [Quem foram], é, os nomes dos seus três irmãos...?

SS - É... Maria Luiza, faleceu, falecida há dois anos... Maria Luiza! Paulo, falecido há dois anos também... Paulo era dentista...

AP - Pois é! E o Paulo virou dentista... e a Maria Luiza...?

SS - Maria Luiza... Ela era professora... era professora de escola normal e depois fez curso de especialização em antropologia, enfim seguiu o magistério.

AP - E o Paulo?

SS - O Paulo... Odontologia.

AP - Porque que o Paulo resolveu ser médico... ser dentista?

SS - Ele... ele.... Como?

AP - Porque que o Paulo resolveu ser dentista, o sr. sabe?

SS - Nós brincávamos que ele... ele [é] dentista por precisava de menos... de menos vestibular.

AP - Era mais fácil para passar.

SS - Era mais fácil pra passar. Em odontologia é... é uma exigência menor no vestibular, não é? Como Direito também, o vestibular era muito mais fácil, naquela ocasião né!

AP - É... E na sua casa como é que era... Como era a sua casa?

SS - No Carmo?

AP - Lá no Carmo.

SS - Era, era, uma casa que ainda está lá!

AP - Do jeito que o senhor morou?

SS - Do jeito que nós moramos.

AP - Quem mora lá agora?

SS - Está fechada por uma questão de inventário... inventário ligado... pelo menos da última vez que estive no Carmo... por questões ligadas a... a inventário de Portugal. Então nós tínhamos na frente, compreende, primeiro uma sala, uma sala de visitas, como se fala, de entrada. A... a... Quem está na casa, à esquerda era o escritório, de papai, o consultório e uma sala de curativos... e... e laboratório... com microscópio...

AP - Ele tinha laboratório, sala de curativo... um mini hospital!

SS - Mini hospital! Agora, do lado direito, tinha a sala de cirurgia... sala de cirurgia e uma antessala de esterilização com aquele material que você viu lá... aquela estufa e um autoclave. Esse autoclave eu perdi em hospital; porque eu levei pro hospital pra... pra ajudar a esterilização lá da maternidade Thompson Motta, no São Francisco, né! Depois, um belo dia, quando eu fui ver... Cadê o... Cadê o autoclave? Passaram a mão na... jogaram pra, pra cobra, né! Roubaram! Roubaram aquilo! [*Dr. Sertã ri*]

AP - Roubaram aonde?

SS - No Hospital São Francisco de Assis. Roubaram... levaram embora!
Bom! Agora, na parte de trás tinha a sala de jantar e os quartos.

AP - Quantos quartos?

SS - Os quartos eram... 1, 2, 3, 4... 4 quartos, 4 quartos. Sala de jantar, depois banheiro... banheiro...já, lá no Carmo foi... foi... foi um... eu acho que foi a primeira fossa e a primeira privada que apareceram no Carmo, tinha uma fossa séptica, não é? Com privada, com [trilha] com todos... com todos os... com todos os... é... os pormenores, né! E lá embaixo no quintal uma fossa séptica? Sabe como é uma fossa séptica, não é? Com tijolos, não é, com tijolos e tal, aquele material... E lá atrás um pomar com jabuticabeira etc. E no quintal uma criação grande de aves né, tinha... tinha

umas... quatro aviários. Quer dizer, um só pra... pra... periquito, periquito da Austrália, e outros animais... Gralha... enfim, tinha vários. E ao lado uma criação de coelhos... coelhos e... e porquinho-da-índia... pra fazer justamente esse material... essas reações... E o carneiro. E lá atrás então jabuticabeiras... Aquelas jabuticabeiras de casca fina, casca grossa... laranjeira... Tinha plantação... plantava inhame, cará. Enfim, tinha uma horta grande onde o... onde, onde o nosso empregado, um empregado dele, um empregado chamado João Velho... Era um preto que quando eu conheci já era velho, e não tinha... tinha uns poucos cabelos brancos. Ele ficou lá trabalhando sempre, sempre ranzinza, trabalhando, trabalhando, rachando lenha, fazendo coisas assim, ia buscar os animais no pasto, acompanhava papai com o Periquito... Era um burro... um burro. Aliás a história desse burro é curiosíssima, vale a pena relatar.

AP - Qual é a história do burro Periquito?

SS - O Periquito é o seguinte: Nós, garotos, pintávamos o sete com o Periquito... passávamos por cima dele, por baixo dele, entre as pernas dele... pintava e ele quietinho... Não fazia nada! E, quando papai veio pro Rio, em 21, deu o Periquito pro João Velho... Era um burro velho, mas tremendo, um burro horrível, só o João Velho mesmo que aguentava o burro. E.. lá...uns cinco anos depois eu vou ao Carmo passear de férias, e a cavalo vou passando por uma localidade chamada Córrego da Prata. Estava escurecendo. E o João Velho ficou com o Periquito... ele fazia... ele era o estafeta... ele ia entregar a correspondência naquelas fazendas... E quando eu estou passando por essa... por essa... por essa localidade, Córrego da Prata, à direita havia uma... uma... um conjunto de árvores onde os animais ficavam amarrados na sombra. Então nessa hora eu achei... eu não conseguia ver nada, naquela... naquele lusco-fusco e naquela sombra, mas quando estou chegando (Dr. Sertã imita o som de um burro), o animal que estava... que estava... [desinsofrido, estava preocupado]. Mas o que é isso, esse animal está, tem alguma coisa com esse animal, fiquei... alguma coisa me chamou pra lá, e fui... em direção a... a... de onde via aquele... aquele... a...a... relinchado... Era o Periquito, ele me reconheceu... Então eu fui lá... Eu via nos olhos dele alegria, felicidade. Alegria. Mexi com ele e tal... A... aca... acariciei o seu pelo e coisa e tal! Ele me reconheceu vários anos depois! (Dr. Sertã se emocionou e as lágrimas surgiram em seu rosto)

AP - E o senhor tinha quantos anos?

SS - Bom, isso eu estava na faculdade já!

AP - Ah, ele fazia muito tempo que não via o sr.!

SS - Fazia muito tempo que ele não via! Ele me reconheceu... (TI) Essa... essa... esse João Velho tem uma passagem muito curiosa. Ele ia sempre a cavalo com papai. Lá na fazenda, lá em Friburgo, eu tenho ainda a maleta em que ele levava, onde ele levava o material. Essa maleta tem ainda as marcas da cabeça do socado. Sabe o que é socado, né?! Aquela... aquela cela... que eles chamam de socado. Então, aquela maleta o João Velho levava aquela maleta, não é... a maleta na frente à cavalo.

AP - E o seu pai ia atrás.

SS - Papai ia na frente e ele atrás! Nisso veio uma... uma preta com uma trouxa na cabeça: *Boa tarde!* Boa tarde! Todo mundo conhecia papai. E disse assim, Boa Tarde, uma negrinha com uma trouxinha na cabeça: *Boa tarde!* Boa tarde! E pro (TI) assim: *Bença!* Papai perguntou: Ô, João, porque isso? Comigo é boa tarde, boa tarde... com você é boa tarde e benção? Por que que tomou benção a você? Eu não sei não senhor, mas dizem que é minha filha! [*Todos riem*] O João Velho tinha uma porção de filhos. Nessa ocasião quando ele foi trabalhar lá em casa ele tinha 3 filhos, já! Então a minha... a minha irmã fez com que ele se casasse. Então, foi um casamento em os 3 filhos foram carregando a calda da noiva... [*Dr. Sertã ri*]

AP - Essa...

SS - Esse João Velho tinha uma característica. Mais tarde, muito mais tarde... talvez... na década de 70 eu fui ao Carmo mais uma vez e encontrei o João Velho ferrando cavalo, ele já não estava mais como estafeta, mas ferrando cavalo, pelas contas ele tinha 110 anos, estava em pleno vigor. Eu perguntei, qual, João Velho qual é a sua idade... É... Eu tenho uns 80... Que 80! Você era muito mais velho que papai, e papai devia estar com, no mínimo, com 100 anos agora [que isso]... Ele estava com 110 anos! Ele morreu no ano seguinte de hemorragia (TI). Mas esse camarada teve uma vida duríssima, compreendeu?! Duríssima... porque era noite e dia que ele ficava a disposição de papai. Ele ia de madrugada buscar cavalo no pasto... Enfim...

AP - Mas ele não era enfermeiro, não!

SS - Não, não era enfermeiro, não!

AP - Ele era mais auxiliar.

SS - Só empregado mesmo. Era... Cuidava de tudo na casa, né! Rachar lenha, tudo, e plantar, e colher...

AP - Além dele, quem mais trabalhava na sua casa?

SS - Ah, o cozinheira, né!

AP - O cozinheira...

SS - O cozinheira e uma copeira. A cozinheira Maria Rosa..., cozinheira.

AP - Também negra?

SS - Também negra. Maria Rosa que eu me lembro muito dela pelo seguinte: quando eu era garoto... tem uma coisa interessante... Quando eu era garoto, lá no Carmo, nós tínhamos... brincávamos muito por ali... e tal... lá pelos meus 7 ou 8 anos mais ou menos nós fomos... Sabe o que é marianeira? Marianeira é uma... é um... um... é um tipo de árvores de arbustos... dá aquelas peças longas que servem pra chamar boi... carrear boi... [tem umas, tem umas peças longas...] três, quatro metros não é, pra carrear boi, chamar boi! E nós, a brincadeira nossa era subir aquilo e (SOM DE LEVE VENTO) cair pro lado, né! Caia lá adiante, não é? E vamos subir! E eu... eu, meu irmão e dois primos. Eu

tô subindo assim... (SOM DE VARA AO VENTO) desabei... E fui... no toco que tinha arreventado lá... Aquilo me entrou aqui... (Dr. Sertã indica o local perfurado)

AP - Aí na sua...

SS - Aqui!

AP - Nas nádegas...

SS - Eu fiquei...

AP - Atravessou!

SS - Atravessou! Eu fiquei espetado!

AP - Faz um ruído com a boca.

SS - Os três que estavam comigo me levantaram... E me levaram. Tiraram, e me levaram para casa. Aí que eu lembro da Maria Rosa!

AP - O sr. tinha quantos anos?

SS - Devia ter uns 7 pra 8 anos...

AP - O sr. era um garoto peralta mesmo, né?!

SS - Não tenho remorsos!!! [*Todos riem*] E aí é que eu lembro da Maria Rosa. E quando... quando... quando papai ia fazendo a limpeza, tirando pedacinhos de pele... fazia aquela... aquela ligação com um líquido, naquele tempo era Lisol, e aquilo ardia... E eu dizia pra Maria Rosa: Abana! Abana! Abana! Que tá ardendo! Aí que eu me lembro dessa Maria Rosa, né!

AP - Muito bem, Dr.! Vamos...

Fita 1 - Lado B

AP - É... Dr. Sertã, como é que foi a sua, seu processo de alfabetização?

SS - Nós começamos lá na... no Carmo, num colégio que foi organizado pelo meu pai. Como, como não havia colégio lá e ele não tinha condições de botar todos os filhos no... no Colégio Anchieta, em Friburgo, foi só o mais velho é que foi pro Colégio Anchieta e a minha irmã no Colégio das Irmãs em Friburgo, então ele formou um colégio no Carmo, arranjando vários professores inclusive uns aqui de Niterói, daquela família Bittencourt: José Bittencourt Júnior, e fez lá o Ginásio Bittencourt... Esse Ginásio Bittencourt tinha até uma... um rapaz, ainda conhecido hoje. Lá em Itaperuna tem um ginásio... tem um estádio Jair Bittencourt... lá em Itaperuna... Esse Jair Bittencourt era... era irmão do diretor do colégio e era meu companheiro, ele tinha mais ou menos a minha idade. Disseram que ele morreu ano passado, compreende, e era meu companheiro. E esse José Bittencourt Júnior é que fez a minha alfabetização.

AP - O sr. fala que seu pai fundou o colégio, quer dizer que o seu pai era o dono do colégio também?

SS - Não, não era o dono do colégio. Ele... ele organizou o colégio, e quem tomou conta foi esse José Bittencourt Júnior.

AP - Era um colégio particular...

SS - Era um colégio particular...

AP - ... que a família Bittencourt é que tomou conta! que era dona do colégio!

SS - Era! Era naquela ocasião, né! Então vários professores, inclusive, inclusive lá da... da... da... engenheiros, advogados do Carmo participaram também, compreende. E enfim ele organizou um... um... um conjunto de professores. E interessante: desse José Bittencourt Júnior eu guardo ainda a primeira lição que... ele... ele foi uma das pessoas mais... mais perfeitas que eu já... que eu já... que eu já conheci. Veja bem, ele diz assim: Temos que formar inteligência. Então ele disse o seguinte: a frase é dele Inteligência é a capacidade de adaptação ao meio. Veja que frase lapidar. Inteligência é a capacidade de adaptação ao meio. Homens e animais... Não é?! Os homens e os animais eles precisam se adaptar. As plantas, as plantas procuram o sol, não é... quer dizer, pra sobreviver o... o ser vivo tem de usar a inteligência, o instinto para poder sobreviver. E o homem precisa da sua inteligência para sobreviver. E essa inteligência que o faz ir se adaptando ao meio, por essa ou aquela razão. Essa foi a primeira lição que eu tive dele impressionante. Como isso me marcou e até hoje eu acho que foi uma das coisas... uma das frases mais perfeitas que eu já conheci.

AP - E o sr. acha que essa... que essa... que o sr. conseguiu ter inteligência pra se adaptar ao meio durante a sua vida?

SS - Eu tenho impressão que isso exerceu... Porque se até hoje eu me lembro disso, eu... eu tive... acho que a gente precisa se adaptar ao meio... quer dizer tem que manejar, tem que procurar ver qual o melhor meio de resolver aquela situação... em tudo na vida, né! Em tudo na vida! Quando é que você deve brigar, quando é que você deve parar... Quando é que deve avançar... Quando você deve recuar, né! É como um esporte, você dá um saque... se você dá um saque com muita força a bola vai fora... se der um saque com pouca força a bola bate na rede... compreende. Então tem de ser com certa força e com certo efeito. E na... e inclusive na clínica. Um médico, isso eu (PI) de dizer a vocês], um médico às vezes muito capacitado mas muito tímido, muito modesto, que cobra pouco, né! E que não se impõe, não é? Vai lá... aquele médico que cobra tanto... a consulta tanto... esse sujeito não deve prestar, cobrando esse preço não deve prestar. Agora, se ele cobrar muito, ele é ladrão... não é?

AP - Aí o saque foi muito forte!

SS - O saque foi muito forte. E ele se dá mal. Tudo na vida tem que ser assim, tem que manejar, porque a inteligência é a capacidade de adaptação ao meio. Isso foi... foi a grande lição que eu recebi desse... desse...

AP - O sr. entrou para o ginásio Bittencourt já criancinha ou com quantos anos que o sr. entrou?

SS - Entrei com uns 8 anos mais ou menos.

AP - Já sabia ler e escrever?

SS - Já sabia! Isso se aprendia em casa, né!

AP - Com sua mãe.

SS - Em casa minha mãe é quem ensinava.

AP - Aí o sr. entrou para o ginásio Bittencourt em que ano? Com 7 anos... em 1914?

SS - Eu acho que deve ser mais ou menos em 15... Eu não posso exatamente dizer.

AP - E o sr. ficou lá de 15 até que ano?

SS - Até... até 20.

AP - E em 20!

SS - É... em 21 o meu pai veio pro Rio.

AP - O seu pai veio morar no Rio? Mudou pro Rio de Janeiro?

SS - É... Mudou pro Rio porque nós íamos acabar o vestibular, o vestibular, os preparatórios... e precisava morar no Rio. E éramos... éramos três... Quer dizer, meu irmão e minha irmã... e... meus irmãos e minha irmã!

AP - Qual era a diferença de idade entre eles e o senhor?

SS - Entre... Do... do... Era 1 ano mais ou menos entre os três do segundo matrimônio.

AP - Certo. E aí ele se mudou... saiu dessa casa do Carmo...

SS - Veio pro Rio, veio fazer clínica aqui no Rio, na Tijuca, lá na... lá na rua Professor Gabizo... Montou um consultóriozinho na Tijuca e fazia uma clínica ali no bairro...

AP - O consultório que ele montou também era na sua casa?

SS - Lá em casa também, fez consultório em casa, na rua Professor Gabizo.

AP - E ele também... O sr. acha que quando ele mudou para o Rio de Janeiro, ele continuou sendo o mesmo médico que era lá no Carmo, ou?

SS - Ele... ele fazia mais uma... a clínica médica só, só a clínica médica. Quando tinha alguma coisa de obstetrícia, ou coisa... ele já não tinha o mesmo entusiasmo! Mas na clínica médica.

AP - E a sala de cirurgia?

SS - Não, isso não tinha... Tinha lá em casa só o consultório.

AP - E a casa lá do Carmo ele... ele vendeu?

SS - Ele vendeu! Ele vendeu a uma família que está hoje ainda em... em... em litígio... pelo que eu pude saber, em litígio de inventário.

AP - Ele veio para o Rio de Janeiro para facilitar a vida de vocês?

SS - (TI) nossa. E a dele também, porque ele manter 3 filhos no Rio, 4 filhos, seria... seria muito dispendioso pra ele.

AP - Manter aqui no Rio de Janeiro... e tudo...

SS - Então ele achou melhor mudar-se pra cá.

SS - E foi fácil ele constituir clínica no Rio de Janeiro?

SS - Não foi difícil, não, sabe? Porque ele era muito... muito afável, muito cordial e tinha bons relacionamentos, então... em pouco tempo ele tinha uma porção de amigos ali no bairro. Então ele fez uma clínica no bairro.

AP - E por que na Tijuca?

SS - Eu não sei se por questão de mercado, se foi mais fácil, né! Noutro dia tive... tive uma... uma... um chamado para um aniversário de um cliente dele naquela ocasião, Nelson Corrêa, que mora lá... lá pertinho (TI)... Eu fui cliente do seu pai, quero que você venha aqui... Está com 90 e tantos anos... E eu fui a casa dele, lá na... na... na Melo Mattos... por ali naquela região, perto do Largo da 2ª Feira. Era cliente dele... do meu pai.

E uma coisa curiosa... quando meu pai, foi o centenário do meu pai nós fizemos uma missa do centenário do nascimento dele, e pusemos no jornal... e apareceram vários clientes antigos dele... vieram ao chamado da missa. Que eu não conhecia, não é, apareceram lá!

AP - A missa foi lá na Tijuca?

SS - Hein?!

AP - A missa foi lá na Tijuca?

SS - Não, a missa foi aqui na Lagoa. Na... na igreja de São José da Lagoa.

AP - É... Dr. Sertã... E... O sr. não tem recordação de por que razão ele veio se instalar na Tijuca, então!

SS - Não! Eu tenho impressão que foi por questão de mercado.

AP - Era perto de... linha de bonde?

SS - Era pertinho da linha de bonde, pertinho da rua Haddock Lobo. Então nós usávamos sempre bonde, pra ir pra... no meu caso pra ir pra faculdade, pra ir pra hospital, pra ir pra esporte..., pra tudo não é?

AP - Isso em 25?

SS - Não, ele veio pra aqui foi em 21.

AP - 21! Ele veio em 21.

SS - É, 21.

AP - E aí o sr. veio acabar o... o secundário no Pedro II.

SS - É. Interessante, a esse respeito eu tenho, do vestibular, eu tenho uma coisa muito... muito curiosa. Nós fizemos... Eu ia fazer vestibular... vestibular não, o preparatório no Pedro II quando houve a gripe... Eu estava me preparando pra... pra em 19 fazer Geografia, é... História do Brasil e História Universal, e houve a gripe em 18. E por consequência da gripe fizemos exame por decreto... todo mundo passou por decreto! Então, nessa altura dos acontecimentos, o papai disse: Bom, em vez de tirar os preparatórios pra isso vamos botar os mais convenientes. Latim era uma barreira tremenda. E papai: Olha, Latim... você não vai ter interesse em Latim na Medicina... Então tirou Latim, Português, Aritmética e Álgebra... De Matemática não vai precisar também. Tirei 4 exames por decreto. Em [19]18. Em [19]19 eu vim aqui fazer no Pedro II... fazer o exame de... de Geografia, História do Brasil e História Universal. Fiz aqui! Quer dizer, estudava lá e vinha fazer os exames aqui. Depois então (TI) esse Vieira Lima... vinha aqui fazer o... no Vieira Lima é que eu fui a estudar a... a... Física e Química, História Natural e... e... Francês e Inglês.

AP - Então o sr. não chegou a estudar no Pedro II.

SS - Não, não! Nós fazíamos preparatórios.

AP - Certo! Estudava no Carmo, lá no Ginásio Bittencourt, e depois vem fazer o preparatório aqui.

SS - Naquele tempo estudava em vários lugares, e os preparatórios eram feitos no Pedro II. Pedro II ou equivalente, em São Paulo era a mesma coisa. Então todo mundo ia fazer os exames no Pedro II porque era apertadíssimo os exames, Pedro II, era uma barra o Pedro II...

AP - O sr. no seu período do Ginásio Bittencourt, o sr. acha que o sr. já despontava como... como líder... liderzinho?

SS - Não, não, nunca fui liderzinho... sempre fui um desordeiro... Nunca fui um liderzinho...

SS - Sempre foi um desordeiro? Por que que o sr. diz que o sr. foi um desordeiro?

SS - Eu era bagunceiro... e tal...

AP - O sr. não era...

SS - ...não, eu era estudioso, gostava de [impor as normas], e tal, mas... Esse negócio de liderança não era comigo. Nunca tive essas aspirações de liderança.

AP - E influência religiosa?

SS - Nós... nós tivemos educação católica, não é, mas sempre doméstica, sempre imposta pela minha mãe e por meu pai. Nós não estudamos em colégio de Padre. Aliás, quando... quando estávamos ameaçados, entre aspas, ameaçados entre aspas, ir para os colégio dos padres lá em Friburgo, compreende eles fecharam pra Seminário.

AP - No Anchieta.

SS - No Anchieta, não é? De maneira que eu escapei do... do Anchieta...não é?

AP - A sua mãe não queria um filho padre não?

SS - Não. Nunca... nunca... Ela nunca fez essa, essa demonstração querer um filho padre.

AP - Por que a sua... O Ginásio Bittencourt era um ginásio leigo.

SS - É, era um ginásio leigo.

AP - Na época que foi fundado lá no Carmo isso não causava certa... certas resistências... certo mal-estar...

SS - Não, não!

AP - Um colégio particular leigo... no início do século?

SS - Nunca, nunca senti essa... essa resistência. [Perguntar], acho que todos gostavam muito porque... Inclusive para o Carmo iam alunos de outras... digamos... rapazes e garotas de outras cidades... De Minas, tinha uma porção de gente de Minas lá... de Além Paraíba... de Volta Grande... pessoal que vinha de lá pra... pro Carmo! E de outro, Cantagalo... Duas Barras... Aquelas cidades vizinhas... muitos alunos foram pra lá no Carmo.

AP - Pra estudar no Ginásio Bittencourt!

SS - Pra estudar no Ginásio Bittencourt!

AP - O Ginásio Bittencourt se transformou num...

SS - É. Num pólo...

AP - Num pólo de formação...

SS - Esse Bittencourt era daquele Colégio... Colégio Brasil em Niterói. Que era um colégio que tinha um, desfrutava de bom conceito. Então tem os professores do Colégio Brasil lá, etc.... Era um ginásio com alunos do Colégio Brasil... com professores do Colégio Brasil!!! Isso foi uma... foi um chamariz. E de fato era muito bom!

AP - O sr. Falou então que o seu pai foi então médico... e o sr. acha que o sr. fez medicina influenciado pelo exemplo de seu pai?

SS - Foi. O... a... o meu desejo, meu primeiro desejo de infância foi Engenharia... Gostava muito de construção de casas, e máquinas... Enfim, era engenharia mesmo... Via lá na fazenda aquelas, aquelas máquinas trabalhando... aquelas engrenagens...etc. não é, na fazenda dos meus parentes, não é? Isso me seduzia. Até que um dia aconteceu um fato que marcou a minha... a minha vida. Era época de férias, eu estava mais ou menos na fase de 7, 8 anos, por aí assim... e veio um chamado para papai atender de urgência uma criança que estava morrendo na estação de Bacelar, que era a estação ao lado do Carmo. Nessa... nessa estação havia, morava um indivíduo chamado Joaquim Simões de Araújo, de uma família que está no Carmo ainda lá. Esse sr. Simões tinha uma porção de filhos. E inclusive uma criança de uns 2, 3 anos... E... quando vieram chamar papai, eu me abolei na (PI), e vou eu passear atrás. Era pertinho... 2 quilômetros mais ou menos. E quando chegamos naquele local uma senhora segurava uma criança negra... a criança estava negra... sufocada... asfixiada... por Klebs. E aquele descontrole todo... Socorro, Socorro! Salvem o meu filho! Salvem o meu filho! E eu só vi papai abrir a... a... uma maletazinha, apanhar um bisturi e: Segurem a criança bem! Apanhar o bisturi, abrir a traqueia, e em seguida pegava uma canazinha e botava a cana na traqueia... e... fú! fú! fú! [sons de sopro]... a criança começou a respirar e depois a criança estava normal.

AP - O que tinha acontecido?

SS - Ele... Ela tava asfixiada por Klebsiella... estava asfixiada! Klebsiella, difteria... O klebs forma um exsudato que... que... entope a garganta, obstrui a garganta... Então tem que abrir aqui a traqueia pra baixo. Faz a traqueotomia... como hoje nas fases difíceis pra respirar, entubação... Faz uma... uma incisão na traqueia, põe um tubo e a respiração se faz tranquilamente, e a criança inclusive pode se salvar. Então... Eu fui ser isso... fazer isso! Nessa hora eu mudei minha chave e fui pra Medicina. Quer dizer...

AP - Vou fazer isso quer dizer "Vou salvar vidas"?

SS - Não, eu achava que... que seria muito melhor ter uma sensação de fazer aquilo que papai estava fazendo... Ele estava, estava salvando uma vida, estava sendo útil à humanidade... Quer dizer, eu queria... eu sentia que... no momento eu queria ter aquele prazer que papai estava tendo. Essa foi a... foi a... a chave do meu destino. Agora vou passar para...

AP - O sr. acha que ele tinha prazer com o trabalho?

SS - Ah, ele tinha um prazer muito grande em fazer aquilo. Muito grande! As lembranças que eu tenho dele atendendo os doentes, fazendo... salvando vidas... enfim ele fazia com amor aquilo e estudava muito. Ele estudava muito. Ele tinha uma biblioteca extraordinária.

AP - Livros estrangeiros?

SS - Livros estrangeiros... naquele tempo só havia livros estrangeiros.

AP - O quê, franceses?

SS - Tudo em francês, né! Livros de obstetrícia... os livros de obstetrícia dele, na ocasião, um dos mais preciosos que haviam e os melhores livros ele tinha. Livros de obstetrícia, livros de ginecologia, livros de clínica médica, de laboratório. Ele tinha uma biblioteca exemplar... exemplar! Que era (TI) que ele lia, não era pra... pra... pra... pra enfeite de estante, não, entendeu! Ele gostava muito de ler e gostava muito de fazer as coisas corretamente. Quer dizer, prum homem fazer o que ele fazia: laboratório... fazia exames... microscópio...etc.. Você manda pro laboratório, não tem essa (TI) não, ele é que fazia, ele corava as lâminas, pesquisava, exame de escarro, etc...

AP - E ele cobrava muito caro?

SS - Não. O meu pai era até... era até muito módico no tratamento. Até aconteceu muito engraçado, uma coisa muito curiosa. Papai cobrava muito pouco, inclusive o Carmo era um lugar pobre. Era um lugar muito pobre o Carmo. De maneira que ele... ele quase não ganhou dinheiro no Carmo. Ele veio do Carmo precisando trabalhar aqui. E... o médico que o substituiu no Carmo, né, passou por grandes dissabores, porque logo em seguida eles foram chamados... esse médico teve um chamado pra... pra ver uma doente numa fazenda, e papai não cobrava contos de réis de ninguém... era 5, 10 mil réis e tal... Naquele tempo, né, era o preço de uma consulta. E... o camarada que foi pro Carmo, médico também, aliás eu não sei se ainda vive esse homem. Estava muito velhinho, já deve ter morrido. Ele cheio de entusiasmo, ele foi logo cobrando 2 ou 3 contos de réis. Coisa que nunca ninguém tinha ouvido falar que se cobrasse no Carmo, compreende! Então o... o... esse camarada, que chamava-se Bernardo de Souza, me lembro bem, ele disse: Olha, vem cá, ladrão de estrada eu bato!! Então o sr. é ladrão de estrada! O dr. Sylvio me cobrava tanto, o sr. me cobra isto! Isso eu não pago! Quer receber o justo? Ele disse: senão a garrucha está ali (TI). Foi o médico que foi pro Carmo depois teve de lutar contra esse problema, porque papai cobrava muito pouco.

AP - O pessoal estava acostumado a não pagar ou a pagar muito pouco. Agora, recebia também... O seu pai recebia também em animais... galinhas... bolo...

SS - Era muito comum isso... levar porco, galinha, é... cabrito e tal... Isso era muito comum, né! Porque Carmo era um lugar pobre, então o jeito de pagamento em... em... em rapadura... Isso era muito comum!

AP - Ele atendia filhos de fazendeiro e a... a...

SS - Atendia tudo!

AP - Pessoas mais humildes também!

SS - Agora, nessa passagem do Carmo há um detalhe muito interessante que é o seguinte: lá havia um farmacêutico, esse que era o anestesista de papai, Alfredo de Andrade Silveira. Era um farmacêutico... era um homem muito... muito curioso; andava sempre de branco, com a gravatinha preta, está entendendo... Sempre de branco, impecavelmente todo branco... assinava o Jornal do Comércio e era compadre de todo mundo, amigo de todo mundo, e todo mundo era compadre dele. Então: "Seu" Alfredo - ele que dava anestesia pra papai! Papai ensinou ele a dar anestesia e... - Seu Alfredo, tô com isso assim! Não sou médico (TI)! Mas ia dando as receitas de papai, ele dava remédio pra todo mundo. Mas esse.. E eu, quando garoto, gostava muito dele, e ia ajudá-lo a... a... a... abrir os caixotes de remédio pra botar nas prateleiras, e gostava muito de rapadura... ele me chamava de Capitão Rapadura... E eu ia almoçar com ele também, né! Era muito meu amigo! Essa amizade que eu tive com ele foi amizade que foi até o fim da vida. Ele... ele, depois que nós viemos do Carmo para o Rio, ele continuou lá no Carmo, continuou na sua farmácia, ele era solteiro, e quando eu voltei ao Carmo, mais tarde... quando voltava, eu ia lá visitá-lo, etc.... Até que na ocasião da guerra me disseram que "seu" Alfredo está aqui no Rio e tá passando muito mal. Onde é que ele está? Tá lá em Quintino. Fui lá ver o sr. Alfredo. Ele já estava com 90 e tantos anos... em cima de uma cama de (TI) uma situação terrível. E um sobrinho dele - não quero dar o nome - que era médico: Não adianta nada, ele vai morrer. Mas o [pobre] tá sofrendo! Pra que gastar dinheiro! [Quer dizer, o pouco que ele tinha, ele ficava]. Isso é um absurdo isso. Não, pra que vou gastar dinheiro. Não senhor, chamei uma ambulância, trouxe ele pra Casa de Saúde São José, ele ficou uns dez dias na casa de saúde São José, (TI) respirando oxigênio... morreu... morreu sem sofrer... morreu sem sofrer! Um dos sujeitos mais interessantes lá do... lá do... do Carmo! (Dr. Sertã se emociona ao relembrar este fato)

AP - A relação dele com seu pai era boa?

SS - Muito boa!

AP - Não havia... Ele não competia com cliente em relação a seu pai?

SS - Não, não! Ele só atendia doentes quando precisavam... Manda chamar o dr. Licínio, não é! Ele gostava muito de papai. E papai dele. Era um sujeito muito bom. Era um bom sujeito. Na farmácia dele centralizava-se o Carmo. Ele tinha telefone pra... pra... pra... umas 4 fazendas...compreende, 4 ou 5, né! Então, quando queria... Quando uma fazenda queria falar com outra, ligava pra ele e ele fazia a ligação. (TI) um pro outro.

AP - Lá na sua casa tinha telefone?

SS - Não, não! Só tinha telefone nele, na casa dele!

AP - Na casa do... do Alfredo!

SS - Na casa do sr. Alfredo.

AP - Do farmacêutico!

SS - Seu Alfredo. Então o telefone dele pra Fazenda da Glória... essa Fazenda do Júlio Terbaque... Já ouviu falar desse menino, Júlio Terbaque, não é?! Júlio César Terbaque, Fazenda Glória... Essa... essa... esse Júlio César Terbaque era nosso parente... nosso primo, não é. Ele é... Fazenda Glória é uma das grandes fazendas do Estado do Rio. Então tinha telefone nessa ocasião! Fazenda da Glória... na Fazenda... Enfim, em várias fazendas ali, compreendeu?! E... A casa dele, a sala da farmácia era o centro de conversa da fazenda e de entrada da cidade. Então sr. Alfredo estava a par de tudo. E era amigo de todo mundo, sabe... era... um dos grandes sujeitos que conheci! Tinha uma conversa extraordinária, contava prosa como ninguém e nunca tinha vindo ao Rio de Janeiro, mas falava que tinha ido ao Pão de Açúcar, que era isso, que era aquilo, ele conversava sobre tudo, fantasiava tudo... mas muito bom sujeito. E morreu... morreu... sem... sem nada praticamente, não é. Morreu precisando desse socorro dos outros. Então... um grande camarada, sabe!

AP - O sr. não pensou em fazer farmácia?

SS - Não, nunca pensei. Medicina pra mim começou e acabou ali. Não pensei mais nisso. Mas esse sr. Alfredo, tem aqui uma passagem interessante. Ele era anestesiologista. Mas uma ocasião aconteceu lá... lá... o nome dessa fazenda era Monte Alegre. Um primo meu, o Valdemar Monerá, ele botou a mão na moenda... de cana... e a moenda moendo a mão dele... e um empregado que estava do lado, teve o expediente de botar o fruejo, sabe o que é o fruejo, aquele cabo, aquele pau grosso do carro de boi... botou aquilo e travou a moenda. Então tirou, travou e puxou pra trás. E a mão dele ficou toda amassada. O Valdemar era um galalau de jogar basquete, compreende, (TI) um grandalhão forte, estava com uns dezoito anos mais ou menos... e foi anestesiado pelo sr. Alfredo... estava anestesiado com essa... com essa maquininha aqui. E... não estava se sentindo (PI) e pra... pra suturar aquilo, pra consertar aquele negócio, tinha uns cinco ou seis pra segurar... [Dr. Sertã ri] (TI)

AP - São 5 ou 6 pra quê?

SS - Pra segurar. Ele estava anestesiado, mas a anestesia nunca era profunda, entendeu? Nunca morreu ninguém de anestesia, porque a anestesia era sempre superficial. Então no caso como daquele que era um sujeito forte que estava sentindo dor, ele... (TI) precisavam tantos pra segurar, então estava todo mundo segurando o Valdemar [Dr. Sertã ri]. Isso eu me lembro... da anestesia...

AP - Por quê? Doía?

SS - Ah, doía! Quer dizer... Quer dizer, ele não estava completamente anestesiado e então ele reagia àquelas manobras que estavam sendo feitas, entendeu? Ele reagia àquilo! Mas era... farmacêutico Alfredo Andrade Silveira!

AP - O sr., na última vez que eu estive na sua casa ,me mostrou alguns dos instrumentos que o seu pai usava para... as cirurgias e pra clínica dele. Será que o sr. gostaria de... aproveitar a oportunidade que nós estamos falando um pouco do seu pai agora e...

SS - Com prazer...

AP - ... e registrar um pouco aqui pra posteridade as experiências que o sr. aprendeu com seu pai?

SS - Aquela máquina de produção de eletricidade, [é pioneira], aquela usina de eletricidade. Eu lhe mostrei?

AP - Mostrou!

SS - Aquela usina produzia eletricidade galvânica para que... permitia eletrochoques, a galvanocautério... retirada de pólipos... Isso era possível graças a produção de eletricidade, naquela época não havia eletricidade.

AP - Lá no Carmo não tinha luz.

SS - Não tinha luz! A luz no Carmo foi mais... 13, 14 mais ou menos foi feita a energia elétrica lá no Carmo... E...

AP - E como é que ele conseguiu essa máquina?

SS - Ah, comprou!

AP - Isso vendia no Rio de Janeiro?

SS - No Rio de Janeiro ele comprou.

AP - Mas era importada!

SS - Todo era importada! Nessa ocasião todo o nosso material cirúrgico era importado. Então ele tinha isso e tinha aquele material de... [*Sons parecendo o Dr. Sertã remexendo material de trabalho médico*]

AP - Acho melhor virar a fita, Sérgio!

Fita 2 - Lado A

AP - ... a... abrindo aqui uma caixa que tem... que instrumento é esse, Dr. Lemgruber?

SS - Material pra galvano..., galvano-cautério. [*Pausa, enquanto Dr. Lemgruber procura em sua bolsa de instrumentos algo*] Aqui é um bisturi elétrico: fazia naquela ocasião o que se faz com o bisturi elétrico hoje, né!

AP - E aqui... e isso aqui liga aonde?

SS - Liga aqui nesse aparelho!

AP - Mas isso não está ligado a energia nenhuma, né?

SS - Que é, que é ligado àquela máquina...

AP - Ah, sim!

SS - Que é ligado àquela máquina (TI), então por aqui ele vai controlando tudo. E no caso de uma... de uma... de uma... de um pólipo, essa alça aqui... conecta aqui dentro... e ele puxa aqui assim e ele degola, tá vendo (indicando o movimento que deve ser feito com a peça)... isso aqui também tá... tá em brasa... né! Quer dizer ele faz inclusive a hemostasia, secciona e faz hemostasia. Quer dizer, esse material todo... isso aqui tudo de platina...todo esse material.

AP - É como se fosse hoje o...

SS - Bisturi elétrico.

AP - Bisturi elétrico.

SS - Bisturi elétrico...

AP - Esse é o lado cirurgião do seu pai.

SS - É... Aqui a máscara de anestesia... (barulho de peças dentro da bolsa, onde estão os instrumentos)

AP - Aqui a máscara de anestesia? Como funcionava essa máscara de anestesia?

SS - Aqui dentro... botava algodão aqui... algodão e clorofórmio... e clorofórmio aqui dentro. Fechava aqui assim... (Dr. Sertã vai indicando o procedimento com a máscara em suas mãos). E ia inclusive abrindo e fechando, e graduando... (TI)

AP - Cheirando o clorofórmio.

SS - Cheirando o clorofórmio. Botava uma... aqui tinha, primitivamente uma borracha aqui né, naquele tempo, não é? Botava um papel ou um pano, uma toalha, né... Isso aqui é um aspirador. Naquele tempo não havia os aspiradores, né. Chama-se aspirador de Lafoir. Com catraca, não é? É amianto... Uma bucha de amianto, não é? É o aspirador de Lafoir. Com isso ele aspirava pus e etc..., sobretudo tórax e abdômen, não é? Fazia aspiração com isso...

AP - E aqui tinha o quê? Tinha um tubinho?...

SS - Tinha um tubinho de... de... de... de... borracha não é?

AP - Borracha!

SS - De borracha, ligado com as agulhas, etc.. [nos locais]. Ele abria, abria, puxava e depois esvaziava aqui... [*Entremeando a conversa, vários sons de aparelhos sendo manipulados pelo dr. Sertã*]. E depois esvaziava para o outro lado! Isso é o aspirador de lafoir, que agora tá tudo diferente, né! Isso é uma peça interessante. Uma peça de museu. De maneira que aqui... mais interessante que é... que fazia a amigdalectomia... Aqui... abria aqui no meio... essa... essa... levanta a amígdala... E agora, aqui óh! Degola. Isso aqui ainda é... alguns... alguns... especialistas ainda gostam disso. Mas é... naturalmente está ultrapassado. Hoje a amígdala é retirada com [sucção], que é muito melhor, né!

Aqui tem uma peça raríssima que é o termômetro... termômetro de superfície. É o termômetro vertical, põe no local, e vê a temperatura local. Isso era naquela ocasião para... invés de fazer a ultrassonografia... naquele tempo (risos)... Pra ver aquele ponto de maior acuidade térmica. Quer dizer: tumor, calor, rubor e dolor. Então, o lugar que estava mais vermelho, o lugar que doía mais, não é, então via onde era maior temperatura... Aí era o local pra fazer punção, pra abrir um abscesso, né! Quer dizer, isso aqui é do século passado. Hoje existe já... com a evolução tecnológica, material capaz de deter na testa... (TI)... a temperatura da testa, não é, com a evolução tecnológica.

AP - E esse aparelho ainda funciona?

SS - Funciona. Funciona direitinho.

AP - Esses aparelhos todos importados o seu pai foi adquirindo aos poucos? Como é que foi isso?

SS - Foi adquirindo aos poucos. Aqui era a Casa Saldanha e a Casa Morena.

AP - Que vendiam instrumentos cirúrgicos...

SS - É. [*Sons de aparelhos sendo abertos*] Aqui os velhos... os velhos... estetoscópios daquele tempo. [*Dr. Sertã ri*]

AP - E esse estetoscópio é... é de quando?

SS - Isso é do século passado... Este aqui é mais recente, né! São as agulhas mais grossas que hoje não se usam mais, né! Material pra fazer cirurgia, não é?

AP - Pra costurar!

SS - Pra costurar... Aqui a chamada ventosa sarjadas... Abria aqui assim... Abria isso aqui... Essas laminzinhas ficavam [de lado] pra... fazia no... no tórax, fazia no rim, pra descongestionar... Fazia isso, depois botava a ventosa... Sabe o que é ventosa. Com copo não é?

Aqui o material da infecção puerperal daquele tempo... O chamado dreno de munchote. A mulher tinha uma infecção e botava esse dreno no útero pra facilitar isso... facilitar a cura. Isso foi... foi numa época da medicina do Brasil, na época de Fernando Magalhães, foi o grande advogado disso. Depois nós conseguimos... Nós conseguimos, que (TI), que aqui no Rio foi o velho Aguinaga que... que iniciou a luta contra isso.

AP - Por quê?

SS - Porque sem isso a mulher se cura mais facilmente do que com isso. Isso aqui prejudica a cura, a mulher que se curava, curava apesar disso... Então quando se acabou com isso... a... a... foi muito mais fácil curar a infecção puerperal. Agora isso vem de uma época em que se fazia curetagem, e a curetagem era uma coisa muito pior. Porque a curetagem, agravava consideravelmente a cura das mulheres com infecção. Inclusive uma tia minha, a irmã de meu pai, compreende, que era casada com o Silva Araújo, ela morreu porque ela pegou infecção e... o médico, que era um grande ... grande médico na ocasião aqui no Rio, ele ia fazer curetagem, e com a curetagem propagava a infecção. Agora, com Fernando Magalhães, com o advento disso, melhorou muito o tratamento, depois com a retirada disso, que foi a luta travada pelo Aguinaga, então...

AP - Isso foi inventado pelo Fernando Magalhães?

SS - Não, não é inventado por ele. Isso é de muito tempo, Munchote, mas que ele preconizou o uso.

AP - Ah, tá!

SS - Tá bom?

AP - Ele que introduziu a utilização aqui no Brasil...

SS - Ele que... ele que introduziu e divulgou. Depois ele mesmo disse a mim: Não, vocês estão com a razão.

AP - Havia uma polêmica...

SS - ...havia uma polêmica, uma luta...

AP - em torno dessa....

SS - em torno disso....

AP - ...da utilização desse instrumento.

SS - Era a escola do Fernando Magalhães contra a escola do Aguinaga, entendeu. Então se escreviam-se trabalhos lado de lá, de outro de outro, de outro de outro.

AP - E essa polêmica estava na Academia?

SS - Chegou a Academia, chegou a Academia. Trabalhos, livros e publicações, publicações muitas, de um lado e de outro, não é? Depois o próprio Fernando se convenceu que estava errado, compreendeu, e depois com a volta docom a chegada dos antibiótico, então não tinha mais nada que...

AP - Que utilizar isso...

SS - ...utilizar isso. Isso é coisa de... de... passou ser...

AP - Quais eram os argumentos do dr. Fernando nesse sentido?

SS - Os argumentos eram... eram fabulosos. Eu tenho esse argumento no livro dele, que era os seguinte: quando.. quando colocava isso na cavidade uterina, o útero se contraía sobre isso e todo material séptico, pus, pi, escoava facilmente. Então a limpeza do útero era garantida por isso. Tudo bem! De acordo inteiramente. Mas quando se retirava esse aparelho, a mucosa uterina que penetrava aqui, ela era arrancada.

AP - Junto..

SS - E cada vez que se retirava isso, se agravava...

AP - A inflamação uterina!

SS - Os argumentos que o Fernando Magalhães invocava para... para a defesa desse aparelho eram os argumentos que nós invocamos para que ele não fosse utilizado. Porque sem isso nós podemos fazer o útero se contrair, de maneira que ele se... que ele elimine, não é, todo aquele material séptico, sem nenhum (PI) sem (PI). Então, os argumentos do Fernando, que foram fabulosos, foram os argumentos que nós utilizamos para combater a ideia dele. Eu tive oportunidade de falar com ele muitas vezes. E o Fernando (TI), Fernando foi um cara fabuloso. Os livros dele são extraordinários. Ele não era bom prático, mas era um grande... um grande literato. Então isso aí foi... foi... digamos... foi uma época que veio salvar muitas mulheres das curetagens, mas matou muitas mulheres por causa dele. Nesse serviço então as coisas melhoraram... (Dr. Sertã tosse)

AP - E como é que os senhores tratavam desse... dessa inflamação intrauterina sem esse aparelho!

SS - (Dr. Sertã tosse) Fazendo, Fazendo o útero se contrair. Então o útero se contraía e na hora que ele se contraía o material caía, sendo que ia pra vagina. Mas era... Uma vez na vagina, era eliminado pela lavagem vaginal. Quer dizer, pela lavagem o material escoava. Então esse útero era protegido... entendeu?! protegido... e... e.... é defesa da mulher.

AP - Mas como é que o sr. fazia o útero se contrair?

SS - Era o chamado (TI) tóxico. Dávamos a engotina, sempre substâncias que provocam a contração do útero. No caso a engotina, a engotina e seus derivados, não é. Com isso o

útero se contraía e se esvaziava perfeitamente. Era muito melhor! Então, o dreno de Muchote, chamado, não teve mais vez...

AP - Essa polêmica era internacional ou era só nacional?

SS - Só nacional.

AP - Mas ela não repercutiu nas academias estrangeiras também?

SS - Não, não! Porque lá também eles lutavam-se por isso. Lá também a luta... a luta, demorou pouco porque não teve ninguém como o Fernando interessado em defender isso.

AP - Ah, tá!

SS - Interessado honestamente. Porque ele... ele era um sujeito honesto. Bom, eu (PI) não, mas o... o... o Fernando era um camarada exemplar na... na sua redação. E ele se tornou um grande orador. Então ele defendia aquilo com entusiasmo. Então eu peguei todas aquelas frases dele, e expunha em aula. E com ele mesmo. (TI) Sr. Fernando, o senhor é quem diz isso. E isso, assim. Isso, exatamente! Pronto, vocês estão com a razão! E era um sujeito honesto, sempre correto, sabe! De maneira que não tenho mais palavras, então vamos deixar de falar nisso! Ele morreu... morreu não renegando essa ideia, essa ideia do Muchote foi uma ideia que, que fez época, que veio prestar um serviço livrando as mulheres de uma coisa muito mais grave, compreende. Mas foi um grande homem o Fernando, sabe. Bom... aqui... o resto que eu tenho aqui é... transfusão de sangue... que nós fazíamos o sangue com... com aparelho de Gibet...

AP - Mas isso foi utilizado pelo seu pai, não é?

SS - Não.

AP - Isso aí não foi utilizado pelo seu pai, não?!

SS - Não.

AP - Foi utilizado pelo sr.?

SS - É!

AP - Isso tudo que o sr. mostrou foi utilizado pelo sr. ou pelo seu pai?

SS - Aquele é do meu pai...

AP - Sim!

SS - Aquele é de meu pai. (TI) Mas isto não precisa, então deixa isso pra lá...

AP - Não, fale do... desse aparelho de transfusão de sangue... O que que tem de curioso?

SS - Esse aparelho de... A transfusão de sangue... Aqui tem uma história interessante sobre a doação de sangue no Brasil. Ainda pouco uma senhora, falando ao telefone que ia ser operada ontem e não... essa que falou aqui a pouco não foi por que teve um problema com sangue, determinação de tipo de sangue. Então ela começou a ser, fazer uma transfusão, pra ser operada (TI) e teve um problema, eu não sei qual é o problema, [mas é um problema]. Até 1920, aqui, a transfusão de sangue era vigiada. E, quer dizer, precisava que colhesse sangue com... com... de várias maneiras não é, e... e injetava; se o camarada reclamasse... parava, se não reclamasse continuava a transfusão. A transfusão era de... de palpite! Quer dizer, não conhecia os tipos sanguíneos. Até que... em... 20 não, 20, 21, o Aguinaga... pegou um aluno dele... - eu não tava no São Francisco nessa ocasião - pegou um interno dele, Aníbal... Aníbal Moreira, um grande sujeito, um dos grandes caras que eu conheci, e... estava fazendo um curso em Manguinhos... um curso em Manguinhos e levava pra Manguinhos sangue do pessoal de serviço... Sangue do Aguinaga, Paranhos - ontem vi a viúva do Paranhos ontem aqui -, Ernesto Paranhos... e levava o sangue desse pessoal... do meu irmão... irmão mais velho que morreu, e levava pra Manguinhos, e via o comportamento de um sangue pro outro. O sangue do meu irmão, por exemplo, recebia todos os sangues. Quer dizer, ele... todos os sangues que eram colocados ali eram recebidos, sem problemas. Agora, o sangue do meu irmão quando era colocado no sangue do Aguinaga, no sangue do Aníbal Moreira, no sangue do Paranhos, coagula... aglutinava. Quer dizer, e não podia dar pra aqueles.

Então esse aqui pode receber sangue de todo mundo. O sangue do Aguinaga pode ser dado pra todo mundo... o meu também. Então nós somos doadores universais. O outro do Paranhos, quer dizer... esse só pode ser dado pra aquele... só pode ser dado pra aquele outro. Então nós tivemos... o Aníbal Moreira conseguiu identificar os dois soros padrões, tipo A e tipo B. Então, pela primeira vez, no Brasil, lá... o Aguinaga estava na Gamboa, nessa ocasião ainda... eu estava ainda no São Francisco. Foi na Gamboa. Eu entrei pro São Francisco de 22 pra 23. Em 22... começamos a funcionar em 22... quer dizer, fins de 22 princípio de 23. Então ele conseguiu determinar os dois soros padrões: Tipo A e B. Daí então começaram a ser feitas as primeiras determinações de soro... de tipo de sangue de um e de outro. Então, conhecendo os dois tipos sanguíneos, foi... foi iniciada a transfusão de sangue no Brasil, sangue corretamente. E... e... eram parentes improvisados... o mais possível. Cada qual fazia uma improvisação. Então, a... Um aparelho que estava em grande voga em todo o mundo era esse aparelho de Gibet, chama-se Gibet, que era um aparelho muito interessante que permite sangue puro. Nós colhíamos o sangue (Dr. Sertã demonstra como era feita a transfusão), colhíamos o sangue por... através de uma agulha, agulhas muitos grossas aqui assim... tá vendo, muito grossas...

AP - Isso ia na veia da pessoa?

SS - É...

AP - Nossa Senhora!

SS - Na pessoa e na coisa. Então nós... nós aspirávamos... isso aqui era parafinado... aspirava de um lado, injetava do outro. Aspirávamos de um lado, injetávamos do outro. Quer dizer, isso aqui... isso aqui funcionava muito bem. Mas tinha um inconveniente: o doador tinha que estar ao lado do receptor. Na hora da operação você não podia dar... e além disso você tinha de fazer isso com uma certa rapidez... a transfusão tinha de ser

relativamente rápida, senão coagulava. Era sangue puro! Coagulava! E outro inconveniente: era esse prego... esse prego é grosso que é danado... Então pra você pegar uma veia fina de um doente, por exemplo um paciente, para fazer cirurgia assim, não é, não fica fácil... Além disso: Ai! (Dr. Sertã imita um grito de dor) Ai tá o doador aqui reclamando. Isso aqui entrou muitas vezes na minha veia!

AP - O sr. foi doador também?

SS - Oh! Eu era doador. E uma vez, uma vez até no serviço... uma mulher tava entrando na enfermaria... até eu tinha ido dar aula... E o interno que tava de plantão saiu. O você pode sair que eu tô aqui e tal, eu aguento, aguento a mão... E entrou uma mulher com uma hemorragia muito grave... E o interno que estava lá eu não tinha confiança nele... Então, eu mesmo espetei aqui... Puxa vida, como doeu rapaz! Isso me fez... me fez então tentar uma maneira melhor, com menor sofrimento, pra dar sangue, viu. Aí que eu fiz aquele aparelhinho, eu mostrei pra você noutro dia, não mostrei?! Um aparelhinho... um aparelho de co-aspiração e o... o sangue era... era mantido... mantido estabilizado sem esse... sem essa agressão! Isso é o aparelho de Gibet. Esse médico que morreu noutro dia... tinha um serviço no (PI) o... agora o nome dele me escapa... (Dr. Sertã fala algo junto com o som das peças). Bom isso é material (TI) que eu tenho aqui, sabe? Isso aqui é um aparelho pra... pra... pra aplicação de rádio... pra aplicação de rádio; quer dizer, quando se faz aplicação de rádio o... câncer de útero: há um foco uterino fica aqui no meio do útero, e isso aqui é colocado na vagina pra abrir irradiar os (PI) laterais, tá compreendendo. Então a gente faz o chamado "fogo cruzado". Isto também já está... já está ultrapassado. As técnicas mais modernas já dispensam isso. Mas na época isso proporcionou grandes resultados!

AP - Porque a corrente passa aqui?

SS - Não! Não! O aparelho de rádio é aqui dentro... é colocado aqui dentro. E isso aqui, isso aqui é um filtro. Isso aqui o aparelho de rádio é colocado aqui dentro, isso abre aqui assim e irradia pelo lado da vagina, entendeu?! E... e aqui no meio fica o... o foco uterino é chamado "fogo cruzado". Isso aqui nos proporcionou grandes resultados! Durante muitos anos nós fizemos isso. Isso foi, aliás, foi da escola do Aguinaga. Nós fizemos muito... muito rádio, e isso... e isso aqui me proporcionou uma das grandes alegrias da minha... da minha clínica... da minha vida clínica.

AP - Por quê?

SS - Em 49... Em 49 nós cuidamos no hospital de uma paciente que veio de Juiz de Fora, trazida pelo dr. Villaça, para... para tratamento de um câncer [e de] gravidez... Câncer de útero e gravidez. Depois eu coloco no lugar (comenta o Dr. Sertã ao cair uma peça do aparelho em suas mãos). E o câncer de útero em gravidez fica muito... muito... muito difícil por causa da agressão ao feto. O tratamento do câncer vai agir, vai mexer com o feto. Mas o Aguinaga desenvolveu uma técnica de... de... de filtração capaz de minorar esse risco, e graças a isso... graças a isso, nós fizemos uma aplicação em uma doente em 49... 48, 49... e acompanhamos essa doente no curso do tempo. E o resultado desse acompanhamento (longa pausa do Dr. Sertã). Vou lhe mostrar uma coisa que você vai ficar empolgado (longa pausa).

O resultado desse acompanhamento é o seguinte: nós acompanhamos essa doente através dos tempos, lá no São Francisco, (Dr. Sertã nos mostra algumas fotos) ela pequenina, aqui assim, foi crescendo, foi crescendo, foi crescendo, crescendo. Um dia, nos convidou para o casamento, essa moça, depois anunciou o nascimento de uma criança. Quer dizer, anunciou o nascimento de uma criança, quer dizer que essa irradiação não afetou o ovário. Sempre se comunicando conosco e... 85... 85... Puxa, o tempo como passa! Estava (PI) na Casa de Saúde São José, ela ainda veio, a mulher com 80 anos de curada, a filha (Dr. Sertã nos mostra a foto desta paciente, sua filha e genro, ri e se emociona com seu relato,) o genro...

AP - Essa que o sr. fez a operação!

SS - Essa que... que... eu fiz aplicação!

AP - Aplicação...

SS - Agora, a filha...

AP - Que nasceu...

SS -Que nasceu, que não foi afetada e os netos, os netos. ... E aqui o genro dela (Dr. Sertã indica na foto). É a coisa mais bonita que isso?! Não é! Você podendo..

AP - E havia a polêmica que afetaria o feto!

SS - Não, todo mundo... quase todo mundo de início faz a histerectomia, acaba com o feto, acaba com a gravidez. Porque o risco do feto é muito grande. Se pegar radiação no feto ali, é muito perigoso.

AP - E aqui o neném nascido. O sr. tirou fotografia do neném na... na maternidade.

SS - É.

AP - A mãe... e o neném.

SS - ... Isso aqui é uma coisa interessante aqui. Isso é... uma vez eu fiz uma plástica de seio, eu sou meio vigarista, uma plástica de seio, ficou só pra implantação de um mamelão em cima, depois ela engravidou e tá mamando no mamelão encantado.

AP - Bom, dr. Sertã, acho que nós podemos interromper nossa conversa de hoje por aqui, voltando... na próxima semana; aí nós conversamos um pouco sobre o seu período na universidade. Tá bom?!

SS - Sobre esse período da universidade... Eu não sei se falei com você que aqui tem uma coisa...

Data: 20/06/1995

Fita 2 - Lado B

AP - Está vendo bem daí Sérgio? Não é melhor você passar para o outro lado? Bom, hoje é dia 20 de junho de 1995, é... estamos aqui mais uma vez na casa do dr.... é Sertã, dr. Sylvio Lemgruber Sertã, aqui em Ipanema, de manhã, eu, André de Faria Pereira Neto, na companhia do Sérgio Rocha e da Jeane. É... Dr. Sertã, hoje nós vamos conversar um pouco sobre seu período na universidade, não é!? O sr. entrou na Faculdade de Medicina em 1923, formando-se em 1928. O sr. poderia nos falar um pouco sobre seu período na universidade?

SS - Pois não! Logo que eu entrei pra Faculdade de Medicina, eu procurei imediatamente tomar contato com hospital. Já no mês de abril de 23, eu fui... ah... para o Hospital São Francisco de Assis, onde... é... comecei a trabalhar no serviço do Dr. Nabuco de Gouveia, professor Nabuco de Gouveia, que era dirigido naquela ocasião pelo dr. Armando Aguinaga. E lá também trabalhava meu irmão mais velho, Licínio de Oliveira Sertã, que foi quem me levou pro hospital. E no São Francisco de Assis, nessa 8ª Enfermaria, eu fiz praticamente toda a minha vida no São Francisco.

AP - Então, vamos... vamos saber um pouco com calma, aí! Quem era o seu irmão?

SS - Licínio Sertã... Licínio de Oliveira Sertã.

AP - Ele também era médico.

SS - Também era médico. Ele estava estudando medicina naquela ocasião.

AP - Naquela ocasião ele já era funcionário do hospital?

SS - Não, não. Ele era interno do hospital.

AP - Mas estava acabando... estava se formando.

SS - Estava se formando ainda. Estava ainda, estava atrasado estava no terceiro pro quarto ano.

AP - Quando o sr. fala que era "serviço do Aguinaga"... "serviço do Gouveia"... o que significava isso em 1923?

SS - Pois é! Em 1923 havia um serviço de ginecologia que tinha uma enfermaria e um ambulatório, e a sala de cirurgia que era comum a todos. Então nos dias... em dias determinados, essas salas de cirurgia do Hospital de São Francisco de Assis atendiam aos... aos diferentes serviços: serviço de ginecologia, serviço de cirurgia, serviço de urologia, enfim servia pra todos.

AP - E o serviço do Gouveia era de ginecologia?

SS - Não. O serviço do Gouveia... o serviço do Gouveia... era de vias urinárias... de Jorge Gouveia...

AP - Jorge Gouveia...

SS - ... Jorge Gouveia vias urinárias. Nabuco de Gouveia era ginecologia. Esses serviços foram...

AP - O sr. trabalhou em qual?

SS - Do Aguinaga... Do Nabuco de Gouveia, que era dirigido pelo Aguinaga.

AP - E que era de?...

SS - De ginecologia.

AP - De ginecologia.

SS - Era 8ª Enfermaria... 8ª enfermaria do São Francisco.

AP - O sr. não era nem formado e já estava trabalhando.

SS - Já tava trabalhando lá.

AP - E que tipo de trabalho o sr. fazia?

SS - Trabalho de interno. Exame de papeletas de doente, fazia papeletas pro doente, fazia curativos, não é? Enfim, o serviço de estudante. E ia aprendendo a examinar doente, a ter contato com doente, ajudava nas operaçõeszinhas, ajudava a fazer anestesia. Quer dizer, as primeiras tarefas de estudante, naquele tempo, era anestesia. Nós... O que é hoje uma... uma atribuição muito justamente dada a profissionais especializados, naquele tempo era, era função do estudante, e do estudante principiante. Então...

AP - E como é que era feita a anestesia?

SS - Nós fazíamos a anestesia ou... ou por inalação, com éter e clorofórmio e cloretila, ou então por anestesia raquidiana... Raquianestesia! A raquianestesia nessa ocasião teve um grande incremento por causa justamente do dr. Aguinaga. A raquianestesia era feita... e sujeita a muitos perigos naquela ocasião. O dr. Aguinaga fez então uma... uma, uma... conseguiu uma fórmula chamada raquianalgina com várias dosagens, tá compreendendo? Então tinha... é... 6, 8, 10, 12 e 14 centigramas. Então, conforme o caso se dava uma dose maior ou menor. Então nós começamos a nossa... a nossa aprendizagem, o nosso aprendizado com a prática da raquianestesia. Então nós fazíamos raquianestesia. E tínhamos então uma prática muito grande em raquianestesia, porque a maioria das operações eram feitas com a raquianestesia. Essa raquianestesia conseguiu nos dar grandes alegrias, grandes satisfações, e hoje ainda é uma anestesia que é... que é... que é... digamos... praticada com muito maior segurança do que naquele tempo. Porque hoje nós podemos fazer a raquianestesia chamada contínua: em vez de dar uma dose maior pra... pra uma operação prolongada, nós deixamos um cateter de... de

demora na coluna, na raquia, e damos doses, dando doses fracionadas, (TI) 10... 12..., aliás, várias horas, até casos de 8 horas com aquela raqui contínua. Então a raqui tornou-se muito... muito mais segura graças justamente ao progresso dado pelo dr. Aguinaga.

AP - E como é que o sr. compatibilizava o horário da faculdade com o horário do serviço lá na... no São Francisco?

SS - Esse era o nosso grande problema! Porque as aulas da Faculdade, naqueles... nos primeiros anos todas na Praia Vermelha. Então nós tínhamos que compatibilizar o horário da Praia Vermelha com... com o horário do serviço. E eu então passei a ser um mau aluno, um mau frequentador da Praia Vermelha. Quer dizer que, em relação a... a... Praia Vermelha, nós escolhíamos quais eram as aulas que mais nos interessavam, e então assistíamos essas aulas. E fazíamos ginástica para... para contemplar um acordo. Tanto que houve até um incidente numa ocasião, com o profissional Alfredo Monteiro que... que me custou... não me custou caro mas me deu grande trabalho. Foi o seguinte: quando fui fazer a... a prova prática de Fisiologia desse Álvaro Osório de Almeida, Álvaro Osório de Almeida, Miguel, Miguel Osório de Almeida, eu não tinha frequência... só tinha duas frequências só... então eu estava... sem condições praticamente até de fazer a prova. E ele me fez a pergunta: por que o sr. não vem aqui? E eu disse assim: Pelo seguinte, porque eu não podendo compatibilizar o horário da faculdade com o horário do hospital, eu optei pelo hospital. Aí o professor Alfredo Monteiro virou-se pra mim e disse assim: Hospital, só pra lavar ferida? O Alfredo Monteiro... E eu... desdenhei o Alfredo Monteiro. E aí o Osvaldo também: Não, o ponto de vista que o sr. tem eu respeito. Daí ele me apertou na parte prática e eu consegui me sair muito bem no exame e fui embora. Mas eu guardei uma... uma... uma briga sem tamanho com este Alfredo Monteiro.

AP - Ele era professor de que disciplina?

SS - Ele era de anatomia. Ele tinha entrado naquela ocasião... entrado por linhas... por linhas tortas. O nosso professor anterior, esse é um episódio muito interessante, chamava-se Silva Santos, o velho Silva Santos. Silva Santos que era querido por todo mundo. Era o "Lulu"... "Lulu", "Lulu", todo mundo gostava do Silva Santos que era um homem dedicado exclusivamente a Medicina. Ele chegava lá... lá uma hora da tarde e ia até o anoitecer ele ainda estava com um cadáver a nossa disposição, certamente. E houve então, nessa fase de... de 24, a reforma do Rocha Vaz, e com essa reforma do Rocha Vaz, o Silva Santos foi... foi... foi reformado. E o Osvaldo de Almeida... e o Alfredo Monteiro ficou com a nossa turma, e na ocasião do exame, houve... houve esse... esse... esse incidente meu com o Alfredo Monteiro. E quando nós fomos fazer o exame, este rapaz, o Heitor Regazzi, que era um... tinha uma cabeça extraordinária, ele era um computador. Regazzi, qual é a fórmula da estricnina? Qual é a fórmula da morfina? Ele tinha uma capacidade extraordinária. E nós estudávamos anatomia, pelo Testi Grande, que era... nós estávamos muito seguros em anatomia. E esse Heitor Regazzi era... é... até certo ponto tímido e muito vulnerável. E quando nós... nós chegamos pra fazer o exame, o Alfredo Monteiro logo reclamou: porque eles tinham feito uma irregularidade na... no estabelecimento das provas escritas. E eu protestei contra aquela irregularidade perante o presidente da banca que era o Osvaldo de Almeida. E o... o nosso amigo, o Alfredo Monteiro não gostou daquilo. E eu fui fazer o protesto acompanhado do Regazzi, meu companheiro. Então, quando fomos chamados

para o exame, ele chamou o Regazzi... em cima do Regazzi e... O sr. não sabe nada e vem reclamar! O Regazzi ficou logo de joelho e tal e perdeu, e fez uma série de perguntas e ele não respondeu nenhuma, ele tirou zero, zero... E cada pergunta que ele fazia ao... ao Regazzi era uma ferroada na minha sensibilidade, né! E eu... e nós tínhamos o Alfredo Monteiro na mão. Nós estudávamos pelo Testigrande... Testigrandi é um livro que está aqui, eu vou mostrar depois... chama-se Testigrande... e o... o... Alfredo Monteiro tinha uma cultura muito sumária, muito superficial. Era um camarada que entrou por linhas irregulares.

AP - O que o sr. quer dizer com isso: que ele entrou por linhas irregulares?

SS - Porque ele não tinha concurso para aquilo.

AP - Com a aposentadoria do dr... Silva Santos...

SS - E com a reforma que fizeram!

AP - Com a reforma que fizeram em 24...

SS - É!

AP - Ele entrou meio pela janela.

SS - É, exatamente! Com a reforma Rocha Vaz. A reforma Rocha Vaz! E aí eu tava uma fera, sabe! Eu entro pro exame. E... e ele me... ele nunca esqueceu da minha cara! (*Pequena falha na fita – estimado em 20m*) Ele morreu meu inimigo sabe? E quando eu cheguei... Ele pergunta: O que isso assim, assim, assim? E... e me mostrou um... um nervo, o lepticogástrico. Nesse momento eu olhei pruma... pruma... pro cadáver em busca de uma anomalia que, em nosso tempo de estudante, sempre nós procuramos e nunca encontramos, que era uma anomalia no... no nervo (PI), chamado gânglio de lobstein. Esse gânglio de lobstein era objeto de pergunta entre os alunos. Péra aí, onde é o gânglio de lobstein (André agradece o café servido pela empregada)? Tá, tá, tá, tá! E... e ninguém... quase ninguém sabia. Mas depois todo mundo ficou sabendo. Nesta hora... nesta hora eu encontro o gânglio de lobstein, que foi o objeto da nossa curiosidade. E (TI) o gânglio de lobstein. Nesse momento, eu disse: Professor Osvaldo de Almeida, o dr. Alfredo Monteiro, o prof. Alfredo Monteiro, acabou com o meu colega aqui que conhece mais anatomia do que ele, porque conhece anatomia do Testi grande, e o conhecimento de anatomia dele não passa do Testi pequeno. E eu lanço o desafio... e nesse desafio eu empenho a sua honra de professor, ele não sabe isso que tá aqui? E não sabe porque isso é letra pequena do Testi grande. Aceitou o desafio!

AP - Quem? O... o... Alfredo Monteiro?

SS - O Alfredo Monteiro! Aceitou o desafio! E foi, olhou, olhou, olhou e não respondeu! Tá vendo?! O sr. não sabe, porque isso é terço inferior do verso da página do Testi grande em letra pequena, anomalias, é o gânglio de lobstein. E ele mordeu o charuto, compreende, me mandou embora, me deu plenamente e aprovou o Heitor Regazzi, que simplesmente não respondeu nada. Ele foi esportista... Aliás ele era... nesse tempo ele corria, ele tinha..., aquele quilometro lançado, numas “fiatizinhas”...

numa Bugatti, ele corria... não, não, não, fiat, era um tipo de Fiat de corrida naquela ocasião... Fazia um quilômetro lançado ali na... no aterro da... do aeroporto.

AP - Dr. Sertã, o sr. falou muitas coisas, vamos ter que... tocar nelas com calma, não é? O sr. falou que o hospital era longe do... da faculdade, não é?. A faculdade era na Praia Vermelha, na Urca, e o hospital aqui na...

SS - .. (TI)

AP - Como é... como é que o sr. fazia pra sair e quantos bondes o sr. tomava, como é que era o seu dia-a-dia?

SS - Nós tomávamos o bonde na... no São Francisco até a cidade. De lá, na Galeria Cruzeiro, pegávamos o bonde Praia Vermelha. O bonde Praia Vermelha que...

AP - Isso tomava quanto tempo?

SS - Ah... Era mais ou menos uns 30 minutos mais ou menos que levava. E o bonde Praia Vermelha tinha aqueles bondes certo no horário, onde a passagem era mais barata, e onde nós fazíamos aquelas farras todas...

AP - Era mais barato por quê?

SS - Porque tinha uma passagem de estudantes...

AP - Ah, sim!

SS - Naquele tempo.

AP - E que farras todas o sr. fazia no bonde?

SS - Pra dizer uma, uma: Defronte a... a... Praia Vermelha, hoje a universidade, ali, não é, reitoria, havia, defronte a reitoria, havia um desvio para um... um embarcadourozinho... onde é o Iate Clube. Havia um desvio, uma rampa, e lá descarregavam tijolo, areia, etc.. Um dia nós tomamos o bonde do motorneiro e despejamos o bonde por ali abaixo. Ele bateu lá... [*Dr. Sertã ri*] naqueles postes... e não foi dentro d'água, né? Mas o... o bonde Praia Vermelha geralmente vinha cercado pela cavalaria.

AP - Por quê?

SS - Por causa da baderna que nós fazíamos. Quer dizer, cavalaria de um lado, cavalaria do outro e tal. O pessoal parava em qualquer lugar e fazia uma farra, sabe? Enfim, era um bonde do pagode. O bonde da Praia Vermelha era o bonde do pagode.

AP - E o sr. falou que escolhia as cadeiras. As cadeiras na Faculdade de Medicina no seu tempo não eram obrigatórias?

SS - Não, não! É o seguinte: nós tínhamos cadeiras, por exemplo, de clínica cirúrgica, clínica médica... uma dada por um professor, outra por outro... então nós escolhíamos aquela que mais...

AP - Ah, tá!

SS - ...nos convinha, aquelas que mais nos convinham.

AP - Mas eram obrigatórias!

SS - Eram obrigatórias.

AP - O sr. não podia escolher não fazer clínica médica.

SS - É!

SS - Todas as cadeiras eram obrigatórias.

AP - Tá certo.

SS - O que era opcional era o professor, e... e... por exemplo...

AP - E o horário também, né?!

SS - E o horário!

AP - Eram horários diferentes também.

SS - É. Então nos... procurávamos aquelas que melhor nos convinham. Quer dizer, algumas cadeiras ficavam com catedráticos titulares e outras ficaram com livres docentes. Quer dizer, eu, como... como... depois que... ir pra faculdade, durante muito tempo, eu dei curso como livre docente. Então iam ter curso comigo aqueles alunos que... que me escolhiam. Era obrigatória a cadeira, mas... mas poderia escolher o... Vocês não tomaram café?!

AP - Não, não! Não tomamos ainda, não!

SS - [Mas vai ficar frio]

AP - Mas, o dr. Sertã. Dr. Sertã, um outro aspecto que o sr. falou nessa sua,, fala inicial... O sr. falou que o dr... Alfredo Monteiro morreu seu inimigo, agora eu ia perguntar ao sr., o sr. pelo seu depoimento, parece ter sido um... cidadão aguerrido, com muitos princípios, comprador de muita briga.

SS - Não, eu...

AP - Essa impressão minha... o que que o sr. acha dessa minha impressão?

SS - Eu... aqui... quando as coisas não estavam corretas comigo eu não aceitava. É aquela história da... da... da mosca no prato, né! No meu prato [não tinha]...

AP - Nenhuma mosca...

SS - Não, nada de anormal entre as moscas!

AP - Há! Mas eu digo isso porque... nessa época que o sr. era estudante, o sr. enfrentou, né, um professor da faculdade, o sr. contestou o conhecimento de um professor da faculdade. Isso... hoje em dia não é bem visto, muito menos em 1923... 1924...

SS - Não era bem visto, mas a segurança que nós tínhamos me permitiu fazer isso. Porque nós acompanhamos as aulas desse professor durante alguns meses. E verificamos... que nós, que já conhecíamos aquela Anatomia, ele estava... ele estava pisando num terreno que... num terreno que já era muito conhecido nosso. Então nós podíamos saber até onde ia o... o... o seu grau de conhecimento naquele assunto.

AP - Não, porque hoje em dia, curiosamente... falando um pouco hoje em dia... tem uns professores que não sabem nada e os alunos aproveitam que ele não sabe nada pra tirar 10, não exigindo do professor que ele saiba mais e nem contestando o conhecimento do professor.

SS - É! O... ninguém pode saber tudo. Quando o aluno toma [pulso do] professor, quando ele sente que o professor é fraco naquele ponto, o aluno tripudia sobre o professor. Foi isso que aconteceu conosco nessa ocasião.

AP - O sr. falou também, aí na sua fala inicial, sobre a reforma... é... Rocha Vaz. O que que a reforma mudou em termos do ensino médico.

SS - A reforma Rocha Vaz modificou o... digamos... alterou o currículo. No nosso caso, por exemplo, nós... nós estávamos no 3º ano e... e... seríamos obrigados a cursar matérias de 3º e matérias de 4º ano. Então, isso no meio do ano, não é, teria uma sobrecarga enorme que iria impossibilitar a nossa boa formação. Então nós fizemos um movimento muito grande, fizemos uma verdadeira revolução estudantil, tá compreendendo, fomos ao Supremo Tribunal Federal, e no Supremo Tribunal nós tivemos ganho de causa, tanto que foi respeitada a... a... respeitado o escalonamento de matéria por ciclo até a nossa formatura. Só os que entraram naquela... naquela ocasião é que seguiram a chamada reforma Rocha Vaz.

AP - E não o sr. que já estava...

SS - Não só nós, como todos os outros!

AP - Tá certo.

SS - É interessante que a... a defesa do nosso direito foi feita no Supremo Tribunal Federal por esse médico, Dias de Barros, esse médico (TI), que era um grande orador, era um grande orador, foi ele que defendeu a... o... o nosso direito de fazer... Nós lutamos muito nessa ocasião, brigas e brigas homéricas.

AP - A reforma Rocha Vaz aumentou o número de disciplinas... o que que ela... o que que ela mudou em termos do ensino médico?

SS - Alterou o escalonamento das disciplinas. Depois... algumas disciplinas (TI)... Quer dizer... Alterou, as disciplinas foram as mesmas, apenas mudou a... a distribuição nos... nos anos letivos.

AP - Muito bem, então o sr. dizia que o sr. fazia uma ginástica muito grande pra conseguir compatibilizar o horário da faculdade com o horário do seu trabalho lá no hospital. Mas o sr. me diga: hoje em dia, como é que o sr. acha... o sr. acha que aprendeu mais na faculdade ou no hospital São Francisco de Assis?

SS - Ah, no hospital, no hospital... Toda a minha formação praticamente em hospital. Porque, inclusive no Hospital São Francisco de Assis nós tínhamos, naquela ocasião, uma grande possibilidade de aprender as outras disciplinas. Quer dizer, na enfermaria de clínica médica. Nós íamos lá e encontrávamos um ambiente muito favorável onde nós estudávamos clínica médica. Clínica urológica, encontrávamos facilidade. Enfim, nós tínhamos lá no São Francisco de Assis facilidades pra... pra estudar as outras matérias.

AP - O sr. fala estudava com a prática ou lendo... livros estrangeiros, ou em círculos de estudo?

SS - Lá no Hospital São Francisco havia [até] esse... um centro de estudo, no São Francisco, aliás muito bom, um centro de estudo muito... muito interessante lá. E... e... e esse aprendizado que nós tínhamos... quando, por exemplo, nós fazíamos uma papeleta, uma observação. Então nós estudávamos tudo que havia naquele doente, aparelho circulatório, aparelho respiratório, tudo que interessava na parte de clínica médica nós... nos atendiam... E pedíamos aos... aos colegas das outras especialidades, não é, para que eles nos orientassem. Quer dizer...

AP - Então o sr. já entrou para o hospital... já na área da Ginecologia Obstetrícia.

SS - É... [naquela] que era uma área altamente especializada. Ginecologia. Obstetrícia veio depois.

AP - Certo! Na ginecologia. Que já era uma área altamente especializada. Agora, por que que o sr. já foi para a ginecologia?

SS - Porque eu tinha o apoio de meu irmão que já trabalhava lá. Fui levado pela mão dele.

AP - Entendi. Ele que conseguiu uma vaga pro sr. lá.

SS - É.

AP - Quer dizer: a ginecologia, não foi o sr. que foi para a ginecologia, a ginecologia que veio pro sr., né!

SS - É.

AP - Não foi uma opção que o sr...

SS - A opção, pelo fato de meu irmão...

AP - ...Opção que lhe foi oferecida!

SS - ... pela facilidade do meu irmão trabalhar lá! E meu pai também frequentava esse serviço como... como... como... digamos... como... pra ir aprendendo.

AP - Mas seu pai já era médico, há muito tempo!

SS - Meu pai veio do interior, não é, e pra não ficar fora e acompanhar a medicina, ele frequentava também esse serviço. Como frequentava antes na Gamboa, não é? Na Gamboa o... o serviço era dirigido, antes do Aguinaga, pelo Arnaldo Quintela. Esse que tem uma rua lá, que foi assassinado lá por uma cliente?.

AP - Mas o... quando o sr. falou que esse serviço de ginecologia era altamente especializado, o que que o sr. queria dizer... o que que o sr. Quer dizer com isso? Em 1924 a ginecologia que era, entre aspas, "altamente especializada"?

SS - Não digo altamente especializada], mas é (TI) especializada. Pode dispensar o... o... o altamente.

AP - Não, para a época, era "altamente especializada". Não diríamos como é hoje em dia... mas para a época era uma especialização.

SS - É, porque em geral, todo estudante procura uma clínica médica... vai começar com uma clínica médica. E em geral, quase todos os estudantes só passam a frequentar hospital depois do 3º ou 4º ano, quase todos, em média... Em geral, eles não frequentam hospital. Poucos estudantes como nós começaram nos primeiros anos. E especializados pelo seguinte, nessa ocasião o Aguinaga já fazia lá a transfusão de sangue... a curieterapia, o tratamento do rádio na cura do câncer, né?! Quer dizer que era uma especialização aos quais nós nos habituamos desde o princípio, desde os primeiros anos. Quer dizer, que era um hospital, digamos, muito especializado.

AP - O Aguinaga dentro da obstetrícia... Vamos fazer a pergunta de uma outra, vamos inverter a pergunta. É... Qual é o papel, que o Aguinaga, no seu entender, desempenhou para a obstetrícia no Brasil?

SS - A meu ver, ele teve um papel muitíssimo importante. Porque ele não só ele dava, ele dava uma boa orientação técnica, como ele... principalmente um grande... tinha um grande poder... é... muita autoridade moral para exercer a profissão. Ele foi um exemplo de dignidade e de moralidade profissional. E ele preferia inculcar esse exemplo e essa autoridade a todos os estudantes. Quer dizer, quando um estudante não... não se portava corretamente, compreendeu, ele ia embora. Não era expulso do serviço. Ele não tinha condição de permanecer, porque o Aguinaga fez uma escola. Depois eu vi... que mais tarde quando fui dar meus cursos. Eu dizia sempre pros alunos: se eu não puder

transmitir a vocês noções de obstetrícia, eu pretendo [transmitir] lições de moral, mostrar qual o comportamento ético de um profissional obstetra, que é a bandeira de Armando Aguinaga. Então o que desfraldo aqui hoje é a bandeira do Armando Aguinaga. Eu quero transmitir a vocês um... as lições de moral e dignidade profissional que eu recebi dele.

AP - Que lições que o sr. recebeu dele, por exemplo?

SS - Lições, por exemplo, de comportamento em relação ao... ao aborto, à cesariana... Quer dizer, que hoje o aborto é uma praga universal né, não é só no Brasil, né, mas a prática do aborto hoje é... rotineira... a prática de... de ligação de trompas é uma rotina. No nosso serviço, no nosso serviço lá no São Francisco, o aborto... nem pensar! Ele não permitia absolutamente o abortamento. Quando, numa ocasião... Eu tive um caso, aliás vale a pena falar sobre isso aqui, isso já não era na faculdade, era no serviço profissional, quer dizer, nós recebemos esse ensinamento dele e... e... divulgamos, e... mantivemos, e... impugnamos por seus direitos. Mas num dia tivemos um caso, foi durante a guerra, um caso de uma mulher recém casada, era recém casada com um oficial de marinha, que... que... foi servir à guerra. E essa senhora recém casada teve uma, tinha um... tinha um reumatismo, uma doença reumática, e com a gravidez... com um mês e pouco ela começou a... piorar, piorou consideravelmente... a situação dela era... era... era dramática. Todos os médicos, que eram três médicos que acompanharam (TI), Olha, essa menina vai morrer, essa menina vai morrer. Se não fizer o aborto terapêutico, ela vai morrer... Então propus à... à família, não é: Olha, só há uma maneira de salvar sua filha e sua mulher. É o abortamento. E a mulher... a mãe: Não, absolutamente, filha minha morre com o filho mas não se faz o abortamento. Eu disse ao marido, que era oficial de marinha: Olha, a situação é essa! E ele: O que que o sr. acha que deve fazer? Eu acho que deve fazer o abortamento. Então vamos enganá-la. E enganamos. Levamos para casa de saúde, naquele tempo a casa de saúde que tinha na rua Marquês de Abrantes, e... fiz anestesia geral... na veia e fiz o abortamento. Tirei um (PI) de um mês e pouco. No dia seguinte, quando eu cheguei na casa, esta mulher me respondeu, a mãe e a filha me responderam com palavrões, palavrões: Assassino! Seu isso, seu aquilo!!! Você matou meu filho! Muito bem, eu fiquei quieto, ela estava com a razão, né, e fui embora.

Seis meses depois ela engravidou novamente, mas já numa outra condição. Passando muito bem. Dessa vez (TI). E quando nasceu essa criança, a... (TI) meu colega Fabiano que... fez o parto e o acompanhamento. Depois ela teve seis filhos... mais... E chegou nesse intervalo, o marido tinha ido lá pro Sul, e digo: Ah, agora quem não quer sou eu! A senhora brigou tanto comigo e agora... Encontrei essa senhora ano passado. (TI) numa reunião de 50 anos de um colega meu! Então, que que eu fiz naquela ocasião? Eu cumpro com o meu dever, com a minha consciência. Aquilo que a consciência me ditava, desobedecendo ao meu velho chefe Aguinaga. (Dr. Sertã se emociona)

AP - Ele não teria feito o aborto?

SS - Ele não teria feito.

AP - Mas ela não estava correndo risco de vida?

SS - Ele mandaria pra outro, mas ele não queria assumir a responsabilidade. Eu divergi dele. E depois eu fui absolvido, porque uns 5 anos depois o Pio XII publicou um trabalho "Mensagem aos Médicos". E nesse trabalho de "Mensagem aos Médicos" ele dizia textualmente... aproximadamente isso, textualmente eu não me lembro mais, quer dizer, quando o médico tiver em dificuldades para resolver, quando ele achar que só aquilo que ele acha que deve ser feito seja capaz de salvar a vida dessa mulher, que ele o faça... Se ele tiver com a consciência tranquila de que está agindo corretamente, ele pode... ele pode dormir... ele pode dormir sossegado. Então eu fui encontrar no Pio XII, depois, uma absolvição pro meu pecado. Como o caso da ligadura de trompa.

AP - Em que ano que o Pio XX publicou essa... essa carta?

SS - Foi em 49... Eu tenho isso aí... Em 49... Mensagem... Tenho o trabalho aí (TI).

AP - Agora, quando o sr. fala que o Aguinaga tinha autoridade moral... o sr. falou do aborto, da ligadura de trompa... Agora, é... Como é que ele via a relação médico/paciente.

SS - Bom, ninguém se dedicava mais ao paciente do que ele. O doente precisava de sangue, não tinha doador? O primeiro a dar sangue era ele. Eu fui... eu fui obrigado a dar sangue muitas vezes por causa dele, porque eu também era doador universal. Porque ele já tinha dado sangue dias antes. Ah, o sr. não vai dar, não pode dar! Então quem vai dar? Sertãozinho vai dar! Quer dizer, que... doente de enfermaria ele tinha um carinho extraordinário pelo seus doentes, doente de enfermaria era doente dele. Ele se dedicava ao máximo e obrigava a todo mundo a... a seguir o seu exemplo. Ele foi justamente um grande... um grande padrão de homem de... de médico.

AP - Mais que o seu pai?

SS - Ele teve muito mais oportunidade de agir do que meu pai, tá compreendendo. Então eu não podia fazer um termo de comparação. Meu pai era um médico do interior trabalhando numa situação muito diferente da dele, tá compreendendo? Eu não saberia dizer "nem mais do que meu pai", porque eu boto meu pai na frente de tudo, mas ele foi o meu segundo pai, tá compreendendo. Ele me adotou! Não... não que eu adotasse ele, ele que me adotou!

Fita 3 - Lado A

AP - Sim, o sr. estava falando do... da sua relação com o Aguinaga.

SS - É! Eu fui adotado por ele pouco tempo depois dele entrar pra enfermaria. Porque nós tínhamos as nossas obrigações. E um interno novo era o interno que... que... que... é... tinha os piores encargos. E nós tínhamos lá numa mulher... me lembro até... Branda Freedman... me lembro dessa mulher... que estava com uma fístula extemporal, saía fezes por todo lado... uma coisa horrível, né?! Então a primeira coisa que nós fazíamos quando chegávamos na enfermaria era cuidar da doente, para que quando Aguinaga chegasse estava tudo limpinho, na próxima visita. Então eu chego lá cedo, limpo o doente e tal, porque eu era o mais moço, pegava o osso, né! E tá prontinho quando chega o Aguinaga para examinar, passar a visita, a doente estava toda suja, porque o

intestino começou a funcionar de novo não é, sujou tudo! [Ele me passa uma tremenda descompostura]. Ele era desabrido. Ele não respeitava ninguém! Ele... ele era tremendo, né! Aí, eu... não gostei nada, virei as costas, fui lá, apanhei, tirei meu jaleco e tal e ia me embora. Onde você vai? Eu vou me embora! "Que isso, menino? Vem cá, vem cá, espera aí eu que eu... eu preciso de você. (Interrupção na fita) Então vamos pra casa, você vai almoçar comigo!" Levou-me pra casa dele e pela primeira vez me levou pra ajudar numa operação na casa de saúde São José. Quer dizer, foi uma... pneumotórax... de uma mulher que era filha daquele Lopes, que era um bicheiro que havia aí... primeira... primeira... primeiro serviço de transportes... de viaturas, eram jardineiras que tinham aí... Lopes Bicheiro. Daquele castelo lá de Petrópolis... na entrada de Petrópolis à direita tem um castelo... Conhece, não?! Aquele castelo é do Lopes. Então ele me levou pra fazer essa primeira... E me adotou! Depois eu fui trabalhar com ele. E depois ele foi, durante toda minha... toda minha vida ele foi sempre muito meu amigo e tal, e sempre me auxiliou, orientou por toda a vida.

AP - Além da devoção ao paciente, que mais caracterizaria o... a maneira de ser médico do dr. Aguinaga.

SS - Ele...

AP - Devoção ao paciente. Esses princípios católicos não é, da... da... contra o aborto, ligadura de trompas, os métodos anticoncepcionais...

SS - É! Muito rigor no serviço para que tudo fosse obedecido, todas as boas regras fossem obedecidas.

AP - E o que eram as boas regras e os bons princípios na década de 20 para um obstetra?

SS - Era a ligação... a relação do paciente com o médico, né! O respeito ao paciente.

AP - Inclusive porque o médico obstetra ele... ele lida muito com a intimidade da mulher.

SS - É, o obstetra e o.. e o...

AP - Ginecologista!

SS - Ginecologista!

AP - Isso!

SS - De maneira que ele era muito... muito rigoroso a esse respeito. A propósito disso, vale contar uma coisa muito curiosa que aconteceu. O Aguinaga estava examinando uma doente, que era uma mulher-moça ainda com 21 pra 22 anos, que estava com uma infecção hemorrágica tremenda, infecção que nós chamamos de progenerarite. O poro genital dessa mulher estava em... pandarecos, sabe? E... e ele disse: "Mas quem, quem... como é que foi isso?" "Foi uma infecção de núpcias". E o marido dela estava internado também no serviço do Jorge Gouveia, serviço de urologia, com uma infecção muito

grave, né. E... perguntando ao doente... e tal... "Fulano de tal... Esse sujeito é sem escrúpulos e tal! Camarada desalmado e tal, você não tem vergonha! É um canalha! E tal!" E começou a... a condenar severamente o... o... marido. E ela disse assim: "Não, dr. Aguinaga, não é assim não! Ele é um [camarada bom], bonitão, assim como o sr...! [*Dr. Sertã ri muito*]. É assim como o sr.!" Não é assim não. Bom, mas enfim e do ponto-de-vista técnico era um camarada muito rigoroso. As operações dele eram impecáveis no seu término. Ele, ele tremia até um pouquinho. Mas a execução do trabalho, da cirurgia dele era impecável. Terminava aquilo estava uma beleza.

AP - Outros entrevistados... que nós entrevistamos aqui nesse nosso... projeto usavam o termo de - para quem trabalhava com cirurgia... o sr. foi uma espécie de cirurgião... um ginecologista também é um cirurgião em certa medida - é... de "fazer a mão". O sr. também fez a sua mão lá no serviço do Aguinaga?

SS - Sim, sem dúvida! Quer dizer eu fazia, não só no... no dia-a-dia, como também no meu treinamento com cadáver.

AP - Mas isso na Faculdade?

SS - Lá no São Francisco.

AP - Também treinava com cadáver no São Francisco?

SS - Lá tinha necrotério. Ele dava aulas e estava aprendendo com eles. Então uma outra face do Aguinaga é o seguinte. Uma ocasião um cliente... é... operado de vesícula começou a passar mal e tal e no dia seguinte e morreu. Por que? É... tinha feito uma ligadura da artéria hepática. A artéria hepática ela se bifurca da direita e esquerda. Depois da direita ele sai para a vesícula, não é? Mas a ligadura tinha sido feita na... na... artéria direita, entendeu. Então metade do fígado... fígado necrosou. Então... Por que isso? Então nós passamos um mês indo às seis hora da manhã lá pro São Francisco para examinar e estudar a anatomia da circulação da vesícula. Então que verificamos que raramente é normal a... a circulação da vesícula. Então... o que acontece muitas vezes é quando se liga... pensa que tá se ligando a vesícula, está se ligando é a artéria hepática. Foi o que aconteceu com um parente do Sarney. Esse Pinotti de São Paulo fez uma cirurgia na vesícula de um parente do Sarney e... e pegou a... ele morreu no dia seguinte, ou dias depois. Quer dizer, deve ter apanhado essa anomalia vascular.

AP - Agora... dr. Sertã, essa sua vida na universidade, como é que o sr. sobrevivia. O sr. morava onde?

SS - Morava na casa do meu pai!

AP - Lá na Tijuca.

SS - É. Morava na casa do meu pai, na Professor Gabizo, na Tijuca, e tinha a minha mesada... que ele dava sempre uma mesada... e eu, desde cedo, comecei a trabalhar, quer dizer, dava injeções, fazia curativos, entendeu, curativos. E o Aguinaga me ajudava muito. Me dava... me dava, digamos... ah, me dava atribuições pra fazer curativo, pra tomar conta de doentes dele, tá entendendo? Tomava conta de doentes

muitas vezes, né! E... E entre esses doentes, [caso] de doentes, eu posso citar alguns episódios. Um deles: o Aguinaga me telefona um dia... era as vésperas do exame do Leitão, um dos mais difíceis que nós tínhamos...

AP - Leitão o quê?

SS - Anatomia patológica.

AP - Mas qual era o nome dele completo?

SS - É... Leitão da Cunha... Raul Leitão da Cunha! Era um dos mais... e veio aqui na Casa de Saúde do Rio Comprido... É onde hoje é o Corpo de Bombeiros. Tratava-se de uma doente que havia sido retirada pelo médico que era da saúde do Porto. Então chegou um navio, da... da... daqueles navios que faziam... vinha Nova Iorque/Rio de Janeiro/Buenos Aires, e tinha uma mulher com um abdômen agudo, uma apendicite aguda. E... esse médico embalsamador e deixou a doente pra morrer pra fazer embalsamamento.. Um outro colega viu a doente vomitando, passou: Que isso? Fulano de tal... E não gostou da história. E chamou o Aguinaga e o Jorge Gouveia. E chamou o cônsul do Peru, era do Peru. É isso assim, assim... E o Aguinaga me chamou pra ir lá dar anestesia. Essa mulher tava lá esperando pra ser embalsamada. Ele abriu o apêndice gangrenado com peritonite. É muito horrível, não é? E ela ficou 24 horas lá até morrer... Nessas 24 horas eu fiquei lá tomando conta.

Um outro interessante... um caso muito curioso. O... o Pedro Ernesto tinha operado um homem, Mister Pulitzer, um homem que veio da Europa... da Alemanha, tá vendo, e que tinha uma fortuna em marcos. Essa fort... Veio pro Brasil e... não tinha mais nada. Então ele tinha uma pensão em Copacabana, na Rua Francisco Otaviano. Ele era diabético e tinha uma... uma... uma amputação de coxa pelo Pedro Ernesto, e ficou com uma osteomielite do coxo de amputação. Então aquela osteomielite estava sempre dando... se curando. Então durante uns dois ou três anos eu ia fazer curativo no Mister Pulitzer lá... lá na igreja, não é. Então, aquilo foi também uma... uma das coisas... que eu sempre ajudava o Aguinaga na Casa de Saúde.

Esse Mister Pulitzer tem uma coisa muito curiosa que vale a pena ser citada. Eu fiquei amigo deles, da família, inclusive da filha dele. E esta filha casou-se com um camarada que era da... Secretário da Câmara de Comércio Britânica, aqui no Rio de Janeiro, John... É... E eu continuei amigo deles. E em 52, 53 ele tinha um problema de estômago. Eu digo: "Olha, oh John, você... você está com câncer de estômago em início, agora se você for esperar a confirmação desse diagnóstico, quando for feito o diagnóstico, você já... já não tem mais... mais jeito". "O que que o sr. acha que deve fazer?" "Eu acho que deve operar!" Vamos operar?! Operei. Era um câncer em início no estômago! Ele viveu. Vinte anos depois ele teve um problema gástrico, um problema circulatório. E... um clínico botou uma ponte de... uma... um marca-passo, no mês de fevereiro... ele ficou com o marco passo. Muito bem! No mês de maio ele tem uma bronco pneumonia e morre. Esse é que o caso interessante da história. Ele morre, e... eu digo. Não, o John não morreu? Lá foi pro cemitério do Caju. Quando chega, no domingo, chego no cemitério do Caju, tava o inglês todo bonitinho, e tal, rosadozinho, dentro do caixão. "Será que ele tá morto, mesmo?" Aí eu me lembrei do enterro da Bahia. Quando o sujeito morre na Bahia, eles vão no enterro... eles vão sacudindo o camarada, e xingando, xingando o defunto pra ver se o defunto acorda ou não! Se não reclamar, pode enterrar. Aí eu telefonei pro médico que havia feito... ah... colocado o marca-

passo, o Junqueira... o Junqueirinha, né, e digo: Olha, Junqueira, estava no cemitério... tá acontecendo isso aqui assim, será que esse marca-passo de repente não pode funcionar e botar a circulação pra funcionar, e ele levanta aqui do caixão, ou levantar da sepultura? É isso é possível mesmo! O que que eu vou fazer? Posso tirar? Então arranji uma gilete, mandei o pessoal sair do velório... [*Breve interrupção na fita*] E mandei o John dormir sossegado!

AP - Mas ele tava vivo ou tava morto?

SS - Hein?

AP - Ele tava vivo ou tava morto?

SS - Tava morto, não é? Mas ele podia... ele poderia... havia aquele risco potencial do coração ter uma reservazinha e... voltar a funcionar.

AP - Dr. Sertã, o sr. se refere muito ao dr. Aguinaga como responsável pela sua...

SS - Formação.

AP - Formação! Agora na faculdade o sr. teve algum mestre, algum orientador, algum professor que tenha influenciado na sua carreira?

SS - Não, diretamente não! Diretamente, não! Tive alguns grandes exemplos, compreendeu. O Silva Santos, por exemplo. Um exemplo... esse professor Silva Santos! Um guru, esse foi... que foi, por exemplo... que foi pra mim um exem... um exemplo, digamos.

AP - Agora... ainda na faculdade... É... O sr. passou a faculdade entre 1923...

SS - E 28!

AP - E 1928... O Brasil e o mundo... é... passavam por um... conflito, é vamos chamar assim, ideológico muito forte, não é? A revolução comunista, a emergência... ou início da emergência dos movimentos nazifascistas na Europa, e o sr. estudante da Faculdade de Medicina. Esses debates... é... ideológicos, de peso ideológico, eles tinham passagem na universidade... não tinham... E como é que o sr. se posicionava diante deles?

SS - Bom, cedo nós tínhamos dentro da faculdade dois grupos. Um grupo que nós chamávamos comunistas, que havia abertamente comunistas; e os grupos democráticos. Então, esse grupo chamado... socialistas, anarquistas, que nome queira dar, era... eu formei abertamente neste grupo contra... contra o comunismo, no grupo democráticos, não é?

AP - Já na faculdade!

SS - Já na faculdade!

AP - Sim, mas esse grupo democrático era anauê?! Era "camisa verde", não?

SS - Não! Não, o Integralismo foi muito mais tarde.

AP - Sim.

SS - O Integralismo foi muito mais tarde! Foi lá na década de... de... lá pra 1928...

AP - Mas o sr. está faculdade.

SS - Sim, mas isso não me atingiu. Nesse momento veio então o golpe de São... São Paulo... Era a revolução de São Paulo. Quando teve a revolução de São Paulo, nós... nós... nós perfilamos a favor do [governo] Artur Bernardes. E eu não conhecia Artur Bernardes, mas tinha por ele uma grande admiração porque ele era um homem correto. Eu sabia que ele era um homem correto. Então... Os bondes da Praia Vermelha, quando paravam ali defronte no Catete, largaram uma porção de estudantes. Entre esses estudantes estava eu, e fomos a hipotecar apoio ao Artur Bernardes.

AP - Contrário a Vargas!

SS - Não, contrário a Vargas, não! Não aparecia nessa ocasião!

AP - Como, em 32?!

SS - Não... Em 23... Em 24...

AP - 24!

SS - 23/24. Deixa eu olhar...

[Nesse momento, o dr. Sertã abre papéis tentando achar algum documento para mostrar ao grupo]

AP - Não se preocupe com isso, não!

SS - Não mas é muito importante isso que eu vou mostrar aqui!

AP - Ele tá pegando pastas aqui pra mostrar algum documento que ele tem guardado no seu acervo, no seu rico acervo! Rico e organizado! A Jeane está completando aqui, que é rico e organizado acervo!

SS - Então na [Revista] Careta, de 16/08/24...

AP - Sim!

SS - A mocidade carioca no Catete! Tá ali o Artur Bernardes, tá vendo? E esse garotão aqui, tá vendo? Hipotecando apoio ao Artur Bernardes... Esse garotão aqui era eu, tá vendo?

AP - O sr. então já tinha uma... uma militância associativa...

SS - É...

AP - ...em 24, dentro da Faculdade.

SS - É... lá dentro, lá dentro, lá dentro do Palácio do Catete... nós formamos lá dentro ao lado Artur Bernardes.. né! Setembrino de Carvalho, enfim, aquele grupo lá, tá compreendendo? Félix Pacheco, não é? Arthur Bernardes...

AP - E o sr. está aqui nessa fotografia?

SS - Não! Não! Essa fotografia é pequena. Nós fomos tirar o retrato lá atrás, no jardim, lá na...

AP - Sei!

SS - Estou segurando o chapéu. Esse aqui era filho do Antônio Carlos, não é? Enfim, eu não conheci o Artur Bernardes, entendeu, mas fiquei admirando o Bernardes.

AP - Essa fotografia foi publicada onde?

SS - Na Careta. Na Careta de 16 do 8...

AP - 16 de... setembro? Não! É... Agosto! 8...

SS - 8!

AP - 16 de agosto de 1924.

SS - É. Foi na ocasião do episódio de São Paulo. Nesse dia então... aí nós fizemos uma... um... coisa de estudante... vamos... vamos dar o apoio ao Carlos de Campos, de São Paulo. Então, nessa noite, saiu um trem especial cheio de estudante ... vieram de outras faculdades, fomos a São Paulo... ficamos três dias em São Paulo. Hipotecando apoio ao Carlos de Campos! No tempo do Isidoro e Zé Lopes, não é? Foi quando começou a Coluna Prestes. Eu passei a admirar o Bernardes. E eu acompanhei a vida do Bernardes. É um assunto muito interessante pra depois!...

AP - Sim.

SS - Para não tumultuar. Tem aqui toda a história relacionada com o Bernardes. Inclusive o manifesto dele a nação depois... a... negócio ligado à previdência social... e quem fez a previdência social foi Artur Bernardes... Na década dele... Houve as leis, inclusive a da previdência social, e agora dizem que foi Getúlio, compreende. Tá tudo aqui! É a relação de todo o assunto. Tá tudo aqui. Mas então nós firmamos posição ao lado do Bernardes e sempre ficamos nesse ponto, sabe? Sempre pautamos nossa... nossos atos, nossas atitudes em defesa daquilo que nós achávamos que era democracia.

AP - E depois em 30?

SS - Em 30... Em 30, nós... nós... nós... houve a convocação... e nós fomos servir e por comodidade nossa, e por causa desse Heitor Rigazzi, o cunhado dele era... era... fazia parte do governo do Estado do Rio. Então nós... nós incorporamos a... a polícia do Estado do Rio como suboficiais. Eu fiquei servindo num quartel lá no Estado do Rio, ali na... onde é a polícia do Estado do Rio, ali na... no Quartel-General e... examinando os doentes, etc., mas só ficamos ali.

AP - Não, eu digo como que o sr. se posicionou diante da chamada Revolução de 30?

SS - Na Revolução de 30 eu tive ilusões a respeito de Getúlio. Tive ilusões a respeito de Getúlio. Mas as ilusões foram muito... foram muito curtas. Depois passei a ver no Getúlio um dos piores políticos que o Brasil já produziu, apesar de muita coisa ele ter feito. Mas os males que ele trouxe pra esse país foram incomensuráveis.

AP - O sr. começou a se iludir com ele quando?

SS - Logo no princípio, quando ele começou a... a não corresponder a... a tudo que dele nós esperávamos.

AP - E o que que o sr. esperava dele?

SS - Que ele fosse um homem, digamos, condutor da... da... das leis etc.. E nada disso ele... Ele apenas encheu esse país do que havia de pior no Rio Grande do Sul. Ele trouxe pra aqui a escória do Rio Grande do Sul. Cedo nós verificamos isso! De maneira que eu pude muito cedo de desiludir dele!

AP - Já em 32?

SS - Já em 32.

AP - Como é que o sr. se posicionou diante da chamada Revolução Constitucionalista?

SS - Ao lado dos paulistas. Aliás quase todo mundo defendia São Paulo, né! Quase todo mundo, era... era... nesse tempo, era a favor de São Paulo. Todo nosso... todo nosso grupo era a favor de São Paulo.

AP - No tempo da sua faculdade existia Centro Acadêmico, algum tipo de organização estudantil, já naquele tempo?

SS - O Centro Acadêmico começou justamente... Tem uma passagem muito curiosa. Quando nós éramos... Diretório Acadêmico... Diretório Acadêmico... surgiu quando nós estávamos no 6º ano. Então, interessante! Nós levamos aquilo na brincadeira. Bom, há outra passagem... depois eu conto a outra passagem. A festa do Termômetro, né!? sobre a Festa do Termômetro, não é? Bom! Primeira, a primeira Festa do Termômetro foi muito curiosa. Nós estávamos no primeiro ano de Medicina quando eles... eles... é... é muito curioso isso! Quando... Eu tinha me esquecido desse fato! Quando eles idealizaram a Festa do Termômetro. Então foi o reitor da universidade, altas autoridades da República... compareceram à Festa do Termômetro, uma banda do Corpo

do Bombeiro... é... aquela mesa de... de... de refrescos, e comestíveis, etc.... Enfim, uma festa, [pra comemorar]! A Festa do Termômetro! E nós, calouros, estávamos lá... observando aquilo, do 5º pro 6º ano, não tinham nada com aquilo, mas estavam lá de assistentes. Nisso, começava o camarada do 6º ano a fazer discurso. Pá! É isso assim, assim, e isso assim! E os calouros começaram a dar aparte. E o camarada do 6º ano começou a se enfezar... começou a se aborrecer... E aí respondeu malcriadamente a um aparte e tal. Enfim. Em seguida... Parece que eu tô vendo aqui. "Era uma campina verdejante a perder de vista". Aí, o calouro disse assim: "Era lá que você pastava, hein!" Aí acabou tudo! Foi um imbróglio... Aquele bumbo do... do... do Batalhão Naval foi por água abaixo... Acabou a festa! Essa foi a primeira Festa do Termômetro! Foi justamente em 23... "É lá que você pastava!"

AP - Mas a Festa do Termômetro tem alguma coisa a ver com o Diretório Acadêmico, não?!

SS - Não, o Diretório Acadêmico surgiu mais tarde... nós estávamos no 6º ano!

AP - Sim, aí o sr. ia contando do Diretório Acadêmico.

SS - É. Aí o diretório acadêmico... e nós então achamos que... Diretório Acadêmico era para estudantes, nós já somos doutores e tal. E nomeamos pro Diretório Acadêmico um camarada que era um dos sujeitos mais ridículos que já apareceram pela Faculdade de Medicina. Era um negro chamado Pedro Jardim. Então nós... Vamos botar o Jardim! Vamos botar! Pro Diretório Acadêmico! Representante, né! E o Jardim ficou todo eufórico e... e... no fim daquilo era brincadeira, não é? Não valia nada, nós não demos nenhuma importância ao Diretório Acadêmico, na ocasião. Depois então é que ele passou a ter maior força, etc.. Mas naquele ocasião não era nada, o Diretório Acadêmico.

AP - O sr. falou que era um negro... No seu tempo na faculdade... O sr... Eu vou até registrar aqui na nossa gravação... O sr. presenteou aqui a... o Departamento de Pesquisa da Casa Oswaldo Cruz com um... belo álbum dos doutorandos de 1928. É... dentro... Quantos se formaram com o sr. nesse ano?

SS - Eram quatrocentos e tantos. Tem o número aí.

AP - Tem o número aí?

SS - Depois tem a biografia de todos eles lá.

AP - Ah, é?!

SS - É, lá. (Dr, Sertã indica o fim do álbum)

AP - Certo! No final tem a biografia de todos eles... quando que eles nasceram, os pais...

SS - É, [Estado], tem tudo, tudo, tudo.

AP - Tá certo!

SS - Tem a biografia de todos lá!

AP - São quantos que o sr. falou?

SS - Era um.... Eu não sei exatamente. Nós entramos 480, e formaram-se quase que cem menos.

AP - O que aconteceu com esses "cem menos"?

SS - Ou desapareceram. Ou abandonaram o curso.

AP - O que levava eles a abandonar o curso?

SS - Motivos pessoais ou então transferência para outros lugares.

AP - Mas nesse... em 1928 tinha faculdade de medicina aonde mais?

SS - Tinha... tinha no Rio Grande do Sul, tinha em São Paulo, tinha na Bahia... na Bahia, seguramente isso. Não sei se havia em Minas Gerais... não, em Minas Gerais não havia não! Era Rio Grande do Sul, Bahia e... e São Paulo.

AP - Esses... O sr. falou agora um pouco antes de nós iniciarmos a nossa entrevista de hoje que tem dois que não estão aqui na...

SS - É o Amado Benigno e o... o... Fernando... Fernando Paulino Soares de Souza.

AP - E esses dois não estão por quê?

SS - O Amado Benigno, por razões pessoais talvez, ele sentia-se mal no meio dos alunos. Depois é que nós fomos, fomos descobrir isto. Quer dizer, ele era da música, acompanhava tudo... Eu tenho outra passagem interessante da escola que eu quero dizer... Mas o...

AP - Qual é a outra passagem que o sr. tem a dizer? É melhor o sr. falar agora, senão o sr. acaba esquecendo!

SS - Em seguida. O Fernando Paulino, porque era um camarada... um dos maiores cirurgiões que o Brasil já teve... um grande sujeito, um grande médico, sabe? Mas ele já tinha lá seus "senões" pessoais. Então, eu não sei por quê, ele não quis entrar na turma, mas a outra passagem da faculdade muito curiosa é o seguinte: Nós tínhamos um professor da faculdade chamado Bruno Lobo. Pai desse Bruno Lobo... que tá aí hoje! E esse Bruno Lobo era o que nós chamávamos de um vassourinha. E havia uma assistente da faculdade, era... Beatriz Gonzaga. E essa Beatriz Gonzaga é... gostava de prestar favores, não é? E... e ela era conhecida também como muito amiga do Bruno Lobo, e no fim do ano era usual nós fazermos festas, dávamos festas na hora de encerramento do curso. E no dia em que foi feito o encerramento do curso do Bruno Lobo, um... um colega nosso que foi saudar o Bruno Lobo, é... tomou a palavra e tal, assim: "Beatriz e Bruno... Beatriz e Bruno são dois amantes! Beatriz e Bruno são dois amantes! Sim, são

dois amantes..." A Beatriz começou a se mexer na cadeira... todo mundo vermelho e tal... "Amantes... amantes do ensino, amantes da ciência... amantes...". [*Todo mundo ri*] Uma passagem interessantíssima a respeito do Bruno Lobo, sabe?

AP - Eu vejo aqui nesse álbum que o sr. tá nos oferecendo, que existiam estudantes de vários estados do Brasil: Espírito Santo, Minas, Goiás, Alagoas, Sergipe... Esses estudantes, é seus colegas de turma, eles vinham pro Rio de Janeiro... por quê? Qual era o conceito que a Faculdade Nacional de Medicina tinha quando o sr. foi estudante de medicina?

SS - Foi porque, era a melhor de todas. Era a melhor das faculdades, a melhor equipada e... os melhores professores de que... dispunha dos melhores professores. Então era... era a Meca do estudante do Brasil nesse tempo. São Paulo estava iniciando, não tinha ainda um bom conceito. Tanto... O número de estudantes de São Paulo aqui era muito grande... de São Paulo!

AP - Pois isso que eu ia perguntar pro sr.: Por que tem tanto estudante de São Paulo aqui nesse seu catálogo?

SS - Porque eles não tinham confiança lá na Faculdade de Medicina de lá naquela ocasião. Ela não tinha...

AP - Mesmo do Rio Grande do Sul também!

SS - Também! Não tinha aquele... da Bahia também. Embora a da Bahia fosse a mais antiga...

AP - Tem pouco da Bahia, eu não vi aqui da Bahia!

SS - ...Embora fosse a mais antiga, ainda havia muito baiano por aqui.

AP - E tem também estudantes estrangeiros: Itália, Rússia, Síria...

SS - Mas muito poucos estudantes, muito poucos!

AP - Tem alguns falecidos...

SS - É!

AP - E os outros que abandonaram.

SS - É!

AP - Agora... E mulheres?

SS - Havia uma ou duas... Pedrina e uma outra... Naquele tempo era muito raro a mulher aqui.

AP - Por quê?

SS - É... questão de evolução, tá compreendendo? A mulher foi ganhando terreno nessa ocasião justamente. Quer dizer: mesmo no tempo de internato no Hospital, nós tínhamos um... um número relativamente pequeno de mulheres, depois é que foram aumentando normalmente.

AP - E negros, além desse que era membro do diretório, mas esse membro do Diretório não era da sua turma, era mais novo que o sr.!

SS - É.

AP - O... Havia algum negro aqui na sua... na sua turma?

SS - Havia, sim, mas muito poucos. Muito poucos negros!

AP - Esse Arlindo Santiago era negro? O sr. não lembra! Falecido...

SS - Eu não me lembro, não!

AP - A... Os seus colegas de turma... eles também, como o sr., eles também eram filhos de médicos?

SS - Muitos eram! Muitos eram! Era... era muito comum... Quer dizer... O médico procurava sua profissão primeiro: por... por indicação familiar, que eles queriam seguir o exemplo do pai, compreendeu? Outros não, outros eram tangidos pela... digamos, pelo orgulho que ele tem um filho médico.

AP - Era uma coisa que dava orgulho ter um filho médico!

SS - Era. Ter um filho médico era motivo de orgulho. Os médicos... os médicos tinham, sobretudo no interior, um conceito muito bom. O médico... ter um filho médico, ter um filho advogado, tá entendendo... é... pra um fazendeiro era... era motivo de muita satisfação e muito orgulho, ter um filho médico.

AP - Era uma profissão que dava prestígio.

SS - Dava prestígio.

AP - E... os seus colegas, na maioria deles, eram filhos de fazendeiros também?

SS - Eu não... não cheguei a verificar isso, mas muitos eram filhos de fazendeiros. Havia muitos filhos de fazendeiros.

AP - E esses filhos de fazendeiros, normalmente, eram os filhos mais velhos ou os filhos mais moços?

SS - Bom, eu não pude fazer esse estudo, verificação. No caso, por exemplo, do meu avô... dos meus avós...

AP - Sim!

SS - Quer dizer, o meu avô materno teve um filho médico, teve um filho dentista. Quer dizer, que ele formou um médico e formou um dentista. Os outros foram fazendeiros, não é? Do lado do meu avô paterno tinha um filho médico tá compreendendo, um filho... dois dentistas e um filho advogado.

Fita 3 - Lado B

AP - Mas esse... esse... essa... Você fez... O sr. fez uma comparação entre a sua família de parte de mãe e de parte de pai situando os filhos médicos. Da parte de mãe e da parte de pai esses filhos médicos eram o primeiro ou o segundo filho... o mais velho? Na ordem do mais velho pro mais novo!

SS - No caso paterno, o meu foi o mais velho.

AP - O primeiro filho.

SS - É... É... E do lado materno, o... o médico foi o... o antepenúltimo.

AP - Mas nenhum dos dois avós do sr. eram médicos.

SS - Não, nenhum eram médicos!

AP - Eram os dois fazendeiros!

SS - Fazendeiros. Não, um... o materno era fazendeiro, era criador de zebu], e o... e o paterno era negociante.

AP - Comerciante!

SS - Comerciante!

AP - Ta certo. Agora... Ainda falando aqui desses... desses seus colegas de turma... Desse catálogo... Nós fomos interrompidos aí pelo telefone, mas vamos voltar então aqui ao seu catálogo de colegas de turma. O sr. Pode se lembrar assim, o sr. seguiu a ginecologia... é... os seus colegas qual eram as tendências... é... majoritárias dentro da medicina entre os seus colegas?

SS - Eu não cheguei a... a fazer uma estatística, sabe!, mas eu tive muitos colegas brilhantes em várias especialidades. Sendo que o Fernando Paulino foi a maior expressão da... da cirurgia no Brasil. Até aconteceu um fato muito curioso. Em 71, quando nós fomos a Nova Iorque, a um Congresso Internacional de Explosão Demográfica e tal, o Fernando Paulino foi lá passear. E nós estávamos no rol do hotel Hilton quando, conversando com Hélio Aguinaga, com o Fernando... vimos chegar a diretoria da... do Colégio Americano de Cirurgias... e: cadê o dr. Fernando Paulino? Vamos chamá-lo! "Dr. Fernando Paulino, cadê suas malas? Não já estou alojado. Não, não. O lugar do maior cirurgião de gastroenterologia do mundo é no Colégio de

Cirurgiões Americano... Eles consideravam o Fernando a maior expressão da cirurgia. E de fato ele era um grande cirurgião.

AP - E ele foi seu colega de turma?

SS - Foi meu colega de turma!

AP - Agora... Naquela época, em 1928, né?! Que o sr. se formou em 28... é... os drs. eles eram ainda majoritariamente clínicos gerais ou eles já começavam... já quando se formavam já tinham optado por uma especialização?

SS - A maioria era clínica geral. A maioria era clínica geral. A tendência a especialização era muito pequena.

AP - Certo!

SS - Eu mesmo...

AP - E dentro da especialização... tinha a ginecologia, a pediatria já era uma especialização, não?!

SS - Já! Mas a maioria fazia de tudo. Eu mesmo em princípio não fazia clínica médica, mas fazia cirurgia geral... fazia contração, fazia... fazia cirurgia de estômago... Esse homem que eu ope... esse... esse... John, esse inglês, não é? E câncer de estômago, fazia intestino... fazia vesícula... e fazia cirurgia geral... até amputação! E a tendência no princípio era fazer de tudo. Depois então é que eu fui...eu fui limitando... limitei a minha faixa de atuação e ficando mais ginecologia obstetrícia. Mas inclusive mexendo com a cirurgia gástrica e a cirurgia de vesícula... era a... minha maior alegria. Até aconteceu uma coisa muito engraçada. Quando a minha neta, essa que é médica em São Paulo, estava estudando, eu digo: "Olha, o... Jane, eu vou operar uma vesícula amanhã na casa de saúde, e você vem cá, quer dizer vem assistir, você nunca viu". E levei-a. Quando eu ia começar a operação: "Ué, vovô, é você que vai operar?[Ela mesmo estava achando que... não estava acreditando que eu fosse operar!" Na sua ingenuidade de estudante... Tava achando! Ela agora tá em São Paulo. Tá muito bem fazendo pediatria.

AP - Porque ela achava que o sr., como ginecologista, não faria uma operação dessas.

SS - É. É. Ela não estava nem amadurecida ainda com as minhas atividades. Achava... Tá em São Paulo fazendo pediatria, ela agora tá muito bem em São Paulo.

AP - Aqui na sua... Voltando aqui pelo seu álbum, o sr. na época o diretor da Faculdade era o professor Abreu Fialho. Que tipo de lembrança o sr. tem do dr. Abreu Fialho?

SS - Eu tive muito pouco convívio com eles não é? Ele... ele foi diretor da faculdade no fim do meu curso. No princípio era o Aluísio de Castro. Mas o... o... esse Abreu Fialho foi uma grande expressão em Oftalmologia. Já o Aluísio de Castro não tem a mesma coisa. O Aluísio de Castro era mais um dilentantista, não é? Ele era... era um poeta. Quer dizer, ele era um mau clínico. Não era uma boa figura não... era um... um vaselina!

AP - E o paraninfo da sua turma era o Prof. Álvaro Osório de Almeida?

SS - Um grande homem... um grande homem, um grande estudioso, um caráter, um... um grande cidadão. E ele, foi... inclusive andou fazendo uns estudos interessantes, logo depois que nós nos formamos, a respeito do tratamento do câncer, com ar... com oxigênio sob pressão: botava o camarada dentro de uma bala, cilindro de oxigênio sob pressão. Mas... coisas que foram sugeridas na ocasião mas que não tinham o menor fundamento, né?!

AP - E o Dr. Cardoso Fontes foi o homenageado especial da sua turma?!

SS - Esse foi o grande estudioso da tuberculose, sobretudo do bacilo da tuberculose, não é? Nesse tempo em que tava começando o BCG. E a propósito do BCG, uma coisa curiosa: o BCG era uma vacina contra a tuberculose, que foi... que foi... que nasceu no fim da década de... de... no princípio da década de 20... Isso foi produto de dois franceses, Calmette, que era um médico, e Guérin, que era... que era... um... veterinário... Eles chegaram ao estudo de uma vacina pra prevenir a tuberculose... ela se chama BCG: Bacilo Calmette Guérin. E lançaram essa vacina em 21, 22... Então o mundo... o mundo recebeu a vacina da tuberculose. Logo que chegou aqui no Brasil, foi em 26... 27..., com o início da nossa maternidade que foi const... feita a maternidade para atender a Ana Nery... A maternidade foi para atender o ensino da Ana Nery... o Aguinaga começou a utilizar a vacina BCG, que... que o... da qual o... esse... esse... Cardoso Fontes teve grande influência... com a qual ele teve grande influência e depois Lavínio de Assis. E começamos a fazer a vacina BCG no São Francisco e na maternidade Laranjeiras com... com o.. Fernando Magalhães. Mas nessa ocasião houve uma coisa chamada "O drama de Lubeck". Os alemães começaram a combater a vacina BCG, achando que aquilo era... era perigoso e podia contrair tuberculose. E uma belo dia apareceu nos jornais de todo o mundo o chamado "Drama de Lubeck". Quer dizer... esse... o Hospital de Lubeck... a Maternidade de Lubeck apresentou... deu uma notícia de que 24 crianças vacinadas com a BCG tinham contraído a tuberculose e tinham morrido. Então... Os... os médicos lá: Tá vendo, nós achamos que era perigoso, por isso não deveríamos fazer. Mas os pais das crianças acionaram esses médicos porque eles seriam os responsáveis, sabendo que... que [não podiam fazer como fizeram.] Então, se tornaram responsáveis. Então isso foi a julgamento e o juiz, de Lubeck absolveu esses homens...

AP - Os médicos!

SS - É! Absolveu os médicos. No dia seguinte... foi em 25, 26... por aí assim... No dia seguinte ele amanheceu morto.

AP - O juiz.

SS - O juiz. Suicidou-se. E escreveu uma carta ao mundo dizendo que foi obrigado a proclamar aquela sentença pelo governo do Reich, que queria com isso demonstrar que o método do Além-Reno não servia. Foi a paixão política... e a paixão racial desses homens. E aqui no Brasil isso teve grande percussão, mas o Aguinaga e o Fernando Magalhães continuaram a... fazer.

AP - Com a vacina.

SS - Com a vacina. E nós nunca nos arrependemos disso. E a vacina BCG teve então grande impulso aqui no Brasil, tá compreendendo, e o Aguinaga teve uma grande responsabilidade, porque mandou fazer, e eu fiz em todo... todo... Você tomou BCG?

AP - Claro.

SS - Todo o meu pessoal passou BCG. Todo pessoal tomou BCG. Todo...

AP - Ele tá falando que você tomou BCG, porque eu não registrei aqui na gravação, o dr. Sertã foi quem fez o parto do meu nascimento.

SS - É. Mas, então, todos os meus filhos nascem com BCG. Então o BCG...

AP - Seus filhos, é... consanguíneos e seus filhos que nasceram nas suas mãos, né Dr. Sertã!

SS - Todos [faziam] BCG! E depois, num estudo em São Paulo, mais tarde... feito em São Paulo, onde eles também adotaram esse programa e... e... melhoraram até, está compreendendo, foi verificado depois que entre... entre o... o... o universo vacinado pelo BCG (Dr. Sertã pronunciou bechege), BCG não foi encontrado nenhum caso de lepra. Então o BCG, além de prevenir contra a tuberculose, ele também parece oferecer um, digamos, um campo de resistência ao... ao bacilo de hansen, a lepra.

AP - Sim, falando do dr. Cardoso Pontes, pra nós fica um pouco... é... necessário que eu faça a pergunta pro sr. seguinte: no seu período da universidade, a saúde pública era um tema, né, muito presente, tanto a medicina preventiva quanto a assistência pública... Fala mais um pouco da medicina preventiva... do Instituto Oswaldo Cruz... O sr. não teve nenhum tipo de atração pela medicina preventiva quando o sr. era estudante, ou o sr. teve... Como é que o sr. via em seu tempo de estudante a medicina preventiva?

SS - Eu nunca tive tempo de me dedicar, me dedicar a essa medicina preventiva. Estava fora do meu raio de ação. Eu me dediquei mais aquilo que era minha... de meu interesse imediato.

AP - Que era o internato lá no São Francisco de Assis.

SS - É. São Francisco de Assis

AP - Mas o sr. Não, não se viu atraído por isso.

SS - Não, não me senti atraído!

AP - Tá certo! Então voltando aqui ao...

SS - ...pra esse lado, e... pra questão do câncer, né!? Pela questão do câncer, não é?

AP - Como é?!

SS - O câncer feminino, né?! Câncer feminino!

AP - Sim!

SS - O câncer de útero, né! Foi atraído mais por isso por causa do Aguinaga. Então nós fazíamos o tratamento do câncer das mulheres, e depois fazíamos o controle dessas mulheres.

AP - Sim, mas isso sempre do ponto de vista clínico, não é?!

SS - Sim, do ponto de vista clínico!

AP - Não do ponto de vista de uma educação, para-sanitária, de uma campanha...

SS - (TI) campanha, o Aguinaga já em 23, 24 ele instituíu um programa que hoje tá toda hora aparecendo aí. Ele distribuiu folhetos para as mulheres que frequentavam o ambulatório, dizendo quais são os sinais de câncer... as possibilidades de câncer... tendo câncer... aparecendo uma perda de sangue, um corrimento, procure um médico que pode ser câncer... Em 24 ele já fazia essa... essa...

AP - O sr. tem esse folheto também?

SS - Tenho.

[Pausa]

AP - Ele tá agora folheando aqui... O que que o sr. está folheando, dr. Sertã?

SS - Leia com atenção!

AP - Ah! Esse é, esse é o folheto!

SS - É o folheto (TI).

AP - É o folheto que o Aguinaga distribuía.

SS - Distribuía para os doentes.

AP - E esse livro o que que é? Era um livro dele!

SS - É.

AP - "Câncer do Colo Uterino - Diagnóstico e Tratamento", publicado em 1925, Dr. Aguinaga, Assistente do Serviço de Ginecologia do Hospital de São Francisco de Assis. Ao Sertã um abraço amigo do Aguinaga. 1927. E dentro do livro tem aí o... uma reprodução do papelzinho... a propaganda que ele fazia:

‘O CÂNCER DE ÚTERO É MUITO FREQUENTE. MOLÉSTIA LOCAL E PORTANTO CURÁVEL NO PRINCÍPIO. PROPAGA-SE RAPIDAMENTE, TORNA-SE INCURÁVEL E

MATA EM POUCO TEMPO. TODA SENHORA QUE TIVER PERDA DE SANGUE FORA DA ÉPOCA DAS REGRAS OU DEPOIS DESSAS TEREM ACABADO, MESMO QUE A QUANTIDADE SEJA PEQUENA, SUFICIENTE APENAS PARA DEIXAR UMA MANCHA NA ROUPA PROVOCADA PELO COITO, POR UM ESFORÇO QUALQUER, OU SEM CAUSA, DEVERÁ PROCURAR UM MÉDICO ESPECIALISTA PARA EXAMINÁ-LA PORQUE SE ISSO ÀS VEZES É INDÍCIO DE OUTRAS MOLÉSTIAS MUITÍSSIMO OUTRAS É O PRIMEIRO SINAL DE UM CÂNCER EM INÍCIO. NESSE PERÍODO NÃO HÁ DOR NEM EMAGRECIMENTO E A SAÚDE É PERFEITA. QUANDO ESSES SINAIS APARECEM E A DOENTE EMPALIDECE, JÁ A MOLÉSTIA ESTÁ ADIANTADA. É MAIS FREQUENTE DEPOIS DOS QUARENTA ANOS, MAS SE OBSERVA EM QUALQUER IDADE. NÃO DEVE PERDER TEMPO EM EXPERIÊNCIAS DE REMÉDIOS ACONSELHADOS OU ANUNCIADOS. PROCURE IMEDIATAMENTE PESSOA CAPAZ DE RESOLVER O CASO. QUANTO MAIS CEDO SE TRATAR, MAIORES PROBABILIDADES TERÁ DE CURA. TODA DEMORA PODERÁ TER CONSEQUÊNCIAS FATAIS. NO AMBULATÓRIO DE GINECOLOGIA DO HOSPITAL SÃO FRANCISCO DE ASSIS EXAMINA-SE GRATUITAMENTE’.

O sr. não acha que esses... essa propaganda aqui é... em termos muitos sofisticados? A clientela que assistia... que era assistida pelo dr. Aguinaga era alfabetizada, letrada?

SS - A maioria não sabia ler!

AP - Porque isso aqui [foi criado] num português bastante... sofisticado.

SS - Mas isso é o jeitão dele de ser. Isso é autoria dele.

AP - Tá certo! Agora, e esses remédios "aconselhados ou anunciados", como era o curandeirismo aí na área da ginecologia?

SS - Como ainda há hoje... Como ainda há hoje! Há muita gente que cura câncer com... com espiritismo, não é? Há muita gente fazendo isso, né!

AP - E o Aguinaga com relação a isso, como é que ele se posicionava?

SS - Como relação a...

AP - Com relação ao espiritismo, ao curandeirismo...

SS - Radicalmente contrário. Radicalmente contrário. Isso era um absurdo querer tratar o câncer. Então voltando a esse... então nós tratávamos essas mulheres e fazíamos o controle desses casos, quer dizer que nós só podemos dizer que um câncer está curado depois de 10 anos. Antes de 10 anos não é possível dizer que... Assim mesmo nós tivemos um doente que com 13 anos apareceu um câncer, mas é diferente, mas um outro câncer. Então nós tínhamos um serviço de controle dessas doentes. Nós íamos, nós íamos a toda parte ver as doentes que não voltavam à consulta. Quer dizer que elas... elas vinham sempre... Quer dizer às quintas-feiras era os dias que o Aguinaga... ele fazia questão dele mesmo controlar todo movimento das quintas-feiras... pra... pra ver as doentes de câncer. Então quando as doentes não vinham, nós íamos procurá-la.

Então houve um episódio muito engraçado, muito curioso comigo. Nós íamos de automóvel, naturalmente, numa doente numa rua das Escadi... Travessa das Escadinhas, atrás da Central do Brasil. Uma doente desapareceu. E... Vamos procurar... O

endereço... Mudou-se pra tal lugar. (TI) Rua das Escadinhas. E... Quando cheguei lá, nessa Rua das Escadinhas, atrás da Central do Brasil... [era uma doente que] chamava-se Angelina Ricelli, Angelina Ricelli, era italiana... Já estava com mais de 10 anos de curada... pensei que estivesse morta, né! Bati na porta e tal... veio um italiano. Sr. Ricelli e tal, o sr. se lembra de mim.. D^a Angelina, como vai?! Eu quero vê-la... falar com ela. Eu digo: Eu sou do rádio... lembra-se do rádio... E ele: Pode pegando esse rádio e indo embora, eu não quero saber desse rádio... E me tocou... Me tocou pra fora da sala! Vai embora, não quero saber de rádio. Não Dona Ricelli. Aí ela, Não, Dr. Sertã! Tava lá viva e forte, [inteira]. Então nós tínhamos de fazer também esse tipo de controle...

AP - O senhor ia na casa do doente?

SS - Na casa do doente. Nós íamos... pegamos todo esse Rio de Janeiro atrás dos doentes. Porque nós só podíamos dizer que a doente estava... estava curada depois de um certo tempo. Depois nós publicamos estatísticas, etc. E várias estatísticas de sobrevivência de doentes. E nós tínhamos estatísticas iguais às melhores dos grandes centros organizados. Na França, nessa ocasião, era... era... era onde melhor se fazia isso! No serviço de (TI).

AP - Aqui no seu catálogo... no seu álbum de formado também tem uma menção ao dr. Lincoln de Araújo.

SS - Era um parteiro modesto, mas muito correto.

AP - Não era médico.

SS - Era médico, sim, mas... médico parteiro.

AP - Como médico parteiro?

SS - Fazia só obstetrícia.

AP - Ah, o médico parteiro era chamado... só obstetrícia.

SS - É. Só obstetrícia.

AP - Não fazia ginecologia.

SS - Fazia muito pouco. Pra você ver. Ele... ele era um homem bom, um homem direito. Dirigia a maternidade da Santa Casa, está entendendo, que era muito respeitada em sua dignidade profissional. Sem brilho, mas um homem muito correto.

AP - E o dr. Teixeira Mendes.

SS - Teixeira Mendes era um clínico também. Muito... Eu não tive muito contato com ele, não! Mas era um clínico muito respeitado também.

AP - Quem é que escolhia esses homenageados?

SS - Era eleição da turma.

AP - Sim..

SS - A turma escolhia quais...

AP - Por votação.

SS - Por votação.

AP - E o sr... pleiteou que candidato para ser homenageado?

SS - Eu não me lembro.

AP - Fernando Magalhães?

SS - Talvez, talvez eu tivesse [escolhido], porque eu... eu... eu tinha por ele grande admiração por causa dos livros dele, que ele tem. Fernando Magalhães tem uns livros aqui de obstetrícia que eram... é

AP - Verdadeiros manuais.

SS - É. É... Esses livros de Fernando Magalhães. Tem um livro aqui que é... Ele era um grande escritor, compreende? Muito inteligente, compreendeu? Mas não era um grande prático. Mas eu tinha por ele um grande respeito, grande admiração. De maneira que eu não sei se votei nele mas teria votado se fosse hoje, não é?

AP - E o Renato Souza Lopes?

SS - Esse... Esse...era um médico otorrinolaringologista e... e eu o conheci muito pouco, sabe?

AP - E o Oscar Clark?

SS - Também não.

AP - E o Vieira Romero?

SS - O Romero tinha, tinha um livro... que era um livro que era maravilhoso: uma propedêutica, "Propedêutica Médica". Era um livro maravilhoso. Ele pessoalmente dando aula não era bom, mas o livro dele era fabuloso.

AP - E o Dias de Barros?

SS - Dias de Barros... Dias de Barros... Esse foi o... Microbiologia... de... de Histologia, era... foi um dos grandes professores que nós tivemos compreendeu? Era um sujeito extraordinário, inteligente, falava muito bem. Inclusive eu fui a poucas aulas dele

porque era difícil para mim, e eu tinha mais um curso particular em outras horas na... na... no Drefiz... no curso Drefiz... que foi um grande professor também: André Drefiz.

AP - Mas o sr. teve curso particular?

SS - Particular! Era um curso particular de Histologia.

AP - Lá na sua casa?

SS - Não, não, eu tinha um curso particular... Como tem esse curso Vieira Lima e tal. Curso... lá na cidade... Ele dava cursos particulares histologia. E esse era um grande professor, esse André, seu xará... André Drefiz, né! E... (TI) Eu tenho lembranças memoráveis dele, sabe? Me lembro quando ele dava histologia e fisiologia... dizendo sobre glândulas de secreção interna, as glândulas de secreção interna... o exemplo que ele dava era do... dos... dos poder dos hormônios sobre os instintos... quer dizer a atividade das células... Então ele dava como exemplo o seguinte: na Casconha, os camponeses dançavam, e ao dançar colocavam lenços debaixo do braço, diziam que a secreção desses... desses lenços depois quando passasse pelo nariz das donzelas era irresistível... [*Dr. Sertã ri*] despertava o instinto sexual das donzelas com... com o odor do sovaco... entre parênteses axilas... [*Dr. Sertã ri*]

Uma outra... E falando sobre... sobre... sobre atividade genital... : " A Cada ejaculação - dizia ele assim - cada ejaculação contém espermatozoide suficiente pra fecundar todas as virgens do mundo... São milhões de espermatozoides... Então tinha espermatozoides para todas as virgens do mundo". Era um grande orador tá entendendo? E era um grande... E foi ele que foi defender a nossa causa no Supremo Tribunal para... para... para acabar com a reforma do Rocha Vaz.

AP - E o Nascimento Gurgel?

SS - O Nascimento Gurgel teve muito pouco contato com ele, porque ele era da Pediatria. Mas tive muito pouco contato com ele.

AP - E o Nascimento Bittencourt?

SS - Nascimento Bittencourt, era um grande sujeito, um grande professor. Nós aplicamos, no primeiro ano, compreendeu, no primeiro ano de medicina... e ele dava, digamos, a parte de... urologia clínica, era muito querido da turma sabe? Um homem muito querido da turma. E da lembrança que eu tenho dele é assim, que ele dava... ela dava composições, eu herdei até um pouco disso dele, eu dava, isso no tempo da faculdade, eu dava temas pros alunos fazerem estudos, né! E ele deu um estudo pra que cada um fizesse o que quisesse. E um deles foi "Palmeiras", me lembro bem, do Londres, José Londres, irmão de Genival Londres, lá da casa São Vicente, né! José Londres. Depois foi pra marinha, médico da marinha... Ele morreu há uns 3 ou 4 anos... E o Londres fez um trabalho assim "Palmeiras", me lembro disso. E fez um trabalho todo cheio de... floreado, poético, etc.... E esse trabalho foi um trabalho premiado. E quando ele foi dar o prêmio, o - eu me lembro disso - o Londres disse: "Diante dessa Ciência eu me curvo, diante do seu Pálio eu me ajoelho".

AP - Diante do quê?

SS - Pálio... O pálio da ciência. Quer dizer ele era representante da ciência, não é? Era o símbolo da ciência... E ele se ajoelhava perante isso. De modo que a última vez que eu vi o... o Londres, isso deve ter uns quatro ou cinco anos, ainda lembrei esse episódio a ele sabe?

AP - É... O sr. mostrou pra nós aqui até uma fotografia da sua formatura em que o Presidente da República estava presente. O sr. podia nos contar um pouco como é que foi esse dia da sua formatura?

SS - A formatura, naquela ocasião era uma coisa assim, hoje ainda é, mas não tão solene como antigamente. Antigamente nós dávamos muita mais importância, não só nós mas todo mundo dava importância a formatura de uma Faculdade de Medicina, de uma Faculdade de Direito, na Escola Politécnica. Então, essa importância era tão grande que até as altas autoridades compareciam. Então o Presidente da República é que se convidou pra ir lá, nós não... ninguém tinha insistido para que... para que o Washington Luís fosse lá. Quer dizer, a ida dele foi uma surpresa pra nós, e nos sentimos muito honrados com isso.

AP - Onde foi a formatura?

SS - Na Praia Vermelha.

AP - Na própria faculdade.

SS - Na própria faculdade. A Praia Vermelha foi uma das coisas mais bonitas que eu já vi. Você não chegou, não conheceu lá o edifício da Praia Vermelha, né?! Lá por dentro aquilo era uma maravilha. Aquilo foi... Até hoje eu não compreendo como é que se destruiu aquilo. A Praia Vermelha era, era um monumento aquilo!

AP - Mas do que que o sr. se lembra?! O sr. se lembra alguma coisa que possa ser registrada sobre a cerimônia da sua formatura?

SS - Não! De... especial não, apenas o discurso de... de... do nosso colega, do nosso colega de formatura, que era de São Pau... de Minas... do sul de Minas... Ele dizendo que...

AP - Quem é que foi o orador?

SS - Sabe que eu nem.... não lembro o nome dele agora, mas vendo a lista eu... eu descobro...

AP - ... sim e ele dizendo?...

SS - Ele dizendo que o ideal dele seria maquinista da... da Central do Brasil... motorista de trem... Porque quando ele via o trem apitar na curva quando passava perto da casa dele... Então eu um dia hei de apitar aqui. E um dia eu... eu... esse apito será tocado por mim. Quer dizer, o ideal dele era ser maquinista! Isso é o que eu me lembro da... da...

AP - E por que que ele se tornou médico então?

SS - Como?!

AP - Por que que ele se tornou médico então?

SS - Naturalmente foi por isso. Quando era garoto, quando criança, né! Mais tarde, então, outros ventos sopraram e ele... veio a ser médico.

AP - O sr... o sr... falando de ideal, né... o sr. acha que esses seus colegas é... em 1928, quando se formaram, tinham um ideal de ser médico... ou faziam da medicina um ideal?

SS - Eu acredito que a maioria sim. A maioria... a maioria... tornou-se inclusive bons profissionais. Quase todos os colegas que eu tive oportunidade de acompanhar foram bons profissionais. Poucos... poucos... poucos é... digamos, renegaram o seu juramento. Muito pouco mesmo. A maioria foi de... de bons elementos.

AP - Esse... Esse ideal, essa dedicação, esse altruísmo, essa entrega ao paciente, essa devoção ao... ao serviço... o sr. acha que isso eram... eram princípios que orientavam a esses seus colegas de formatura?

SS - Esses princípios eram... eram mais... eram mais almejados e preservados do que hoje. Os médicos de... do meu tempo eles procuravam a... a medicina para servir. Hoje, infelizmente, as coisas estão mudando. Eles estão procurando a medicina para se servir. Antes os médicos clinicavam, hoje os médicos pensam mais em faturar.

AP - Naquela época eles não faturavam?

SS - Faturavam, mas não era assim. Tanto que nesse... nesse... nesse trabalho que eu lhe dei há uma referência a atividade profissional. Quer dizer, um médico no princípio do século, ele... um médico muito conceituado... professor da Faculdade de Medicina... quando ele atendia a um chamado, ele... e quando ninguém perguntava "quanto é, quanto é a consulta, quanto que lhe devo, quanto é a visita", ele dizia: Quem é que paga, quem é que paga a visita? Então um colega dele perguntou: Mas, escuta, professor, o sr. não fica assim um pouco avexado, um pouco encabulado... contrafeito em fazer essa cobrança direta? E ele respondeu: Eu prefiro ficar de vergonha... vermelho de vergonha um minuto do que amarelo de fome o resto da vida! (Dr. Sertã ri)

AP - Esse é médico de que tempo? Do seu tempo?

SS - Não, esse é médico do fim do século passado e princípio desse. Era... Torres Homem. Era um médico de grande prestígio na ocasião. E ainda... E ainda... uma outra... um outro verso de um poema... de um poeta inglês, Alexandre Poppe... Isso está naquele papel, "O Médico de Ontem e de Hoje", que ele dizia assim, foi... foi traduzido por um português: "A Deus e ao médico adoramos quando o frio terror da morte nos alaga; depois de passado o susto só sorte igual recebe: Deus esquecido e o médico sem paga". Isso se aplica a tudo na vida. O homem é, por natureza, um animal ingrato. Querer esperar gratidão, é... é... perder tempo, né! Enquanto..., muito bem! Mas passado aquilo...

AP - O sr... O sr... Nós não vamos, é... avançar no período da sua... da sua atividade profissional, que nós estamos hoje nos restringindo aí a esse período da faculdade, não é!... Então... O que que nós podemos mais perguntar, Sérgio?! Porque senão essa conversa aí já... começaria a evoluir para o seu período já no seu consultório... Nós vamos ter oportunidade de voltar a falar sobre esse tema. Eu gostaria só de perguntar mais uma coisa pra encerrar, que é o seguinte: essa clientela que se servia do Hospital São Francisco de Assis qual era o perfil socioeconômico dela?

SS - Em linhas gerais, era indigente. Era quase tudo indigente.

AP - Pessoas de... abastadas não iam, não iam ao Hospital São Francisco?!

SS - Era muito raro... Era muito raro uma pessoa, digamos, de maior recurso aparecer lá. Por exemplo, esse caso da... da paciente da fístula estemporal, que... que fez com que o dr. Aguinaga me adotasse como... como filho, era filha de um... era amante de um advogado de grande renome, que eu não vou citar por razões pessoais. Compreendeu! E... o Nabuco de Gouveia levou lá pra ser operada no serviço, numa ocasião, duas filhas do Ministro Exterior do Paraguai, tá compreendendo. Foram operadas no serviço! Entende... Quer dizer... Esse paciente não indigente era muito raro. Quase tudo era indigente! Porque nesse tempo, inclusive, tinham surgido as Caixas de Pensões e Aposentadorias, mas não havia nenhum hospital, digamos, como existe hoje: INPS e tal... Não havia, entende?! De maneira Praticamente era doente sem recurso que ia pra lá.

AP - Tá Certo! Sérgio quer falar mais alguma coisa?

Sérgio - Não, eu queria saber um pouco... O sr. falou um pouco do seu cotidiano na... na faculdade, não é?

SS - Senhor?

Sérgio - No seu cotidiano na Faculdade, o sr. alternava as suas aulas na faculdade com o trabalho no São Francisco. E os seus outros colegas também mantinham uma rotina similar a essa?

SS - Muitos mantinham essa... essa rotina. Muitos, muitos colegas meus tinham uma atividade igual a minha. Agora, no próprio primeiro ano eu tive uns 3 ou 4 colegas que começaram comigo... também no primeiro ano. Quer dizer que nesse tempo havia muita dificuldade para hospital... Não é igual a hoje, hoje tem hospitais à vontade.

Fita 4 - Lado A

AP - O sr... o sr. estava falando e a... a fita acabou. O sr. estava dizendo que... no seu tempo... o Sérgio perguntou sobre... se todos os seus colegas é... tiveram a mesma trajetória dentro da faculdade como o sr.

SS - É exatamente!

AP - O sr. estava dizendo que tinham poucos hospitais no Rio de Janeiro.

SS - É, eram muitos poucos hospitais.

AP - O São Francisco...

SS - É, o São Francisco. Tinha a Santa Casa, a Gamboa, a Policlínica de Botafogo e... no momento eu não me lembro mais. E a Assistência Municipal, né?! E a Assistência, os hospitais da assistência municipal.

AP - Mas isso mais na década de 30, né?!

SS - Não, nesse tempo já havia Assistência Municipal.

AP - Como é que era essa Assistência Municipal no seu tempo de estudante?

SS - Quer dizer, eu era estudante, quer dizer, o estudante fazia o concurso também ou era nomeado para... para Assistência Municipal. E tinha o posto central, ali onde na... na... onde é o Souza Aguiar, e outro no Méier, um posto no Méier. Tinha apenas esses dois. Posto central e posto no Méier. Então os acadêmicos eram também auxiliares acadêmicos trabalhando e saindo nas ambulâncias. Quer dizer que a... e... e trabalhando nos hospitais! No Méier eles tinham as salas de operações, como tinha um pronto-socorro lá no Souza Aguiar.

AP - E os hospitais de emigrantes?

SS - Não, não tinha nada!

AP - A Beneficência Portuguesa...

SS - Bom, isso é particular, isso é....

AP - Os estudantes também estudavam lá? Também trabalhavam lá?

SS - Haviam internos lá como haviam internos na Casa de Saúde São José. Na Casa de Saúde São José eu trabalhava lá com o Aguinaga, mas depois ela teve lá internos que era o Cortes e o Carlos Silva. O Cortes que ainda está lá até hoje como diretor da Casa de Saúde.... Esse era... era o interno da Casa de Saúde.

AP - Sim! Existiam os estabelecimentos públicos... Mas a Santa Casa da Misericórdia era particular também?

SS - Bom, era particular, mas era pra atender a todo mundo.

AP - Era ordem... existiam os estabelecimentos de ordens religiosas...

SS - ...ordens religiosas...

AP - ...como a Santa Casa... a Casa de Saúde São José?

SS - Hospital... Não, a Casa São José era particular.

AP - Mas era de ordem religiosa.

SS - Mas era um estabelecimento particular. Era de uma ordem religiosa alemã até, [era ordem alemã]. Depois então é que foi nacionalizado durante a guerra. Isso foi uma coisa... um negócio muito... muito curioso, né, porque a Alemanha trouxe aqui várias casas de saúde: São José, no Rio, Santa Catarina em São Paulo; outra no Paraná, no Rio Grande do Sul e em Juiz de Fora e em Vitória. Iniciou essas casas de saúde todas aqui. E durante a Guerra o governo quis passar a mão nesses estabelecimentos. Então, um advogado que foi esse, o... [depois eu te digo o nome dele...] faz tantos anos... a minha memória está ficando fraca, né! Ele que... Ele que... fez um contrato, um aditamento qualquer que livrou, livrou essas casas de saúde do confisco em 39...

AP - Mas no caso, o que o sr. tava querendo dizer, acho que um pouco em resposta ao que o Sérgio tava falando, era que nem todos os estudantes de medicina tiveram a mesma sorte que o sr.

SS - Não!

AP - Era difícil já no primeiro ano já entrar e trabalhar direto em hospital.

SS - É. Ah, era muito difícil.

AP - Normalmente eles... ele entrava no hospital já no final da faculdade.

SS - É.

AP - Não é!

SS - É.

AP - Talvez no início da faculdade fizessem uma experiência num local ou noutro mas... de maneira constante, cotidiana, acompanhando as enfermarias.

SS - Isso eram poucos, assim!

AP - Eram poucos assim!

SS Eram poucos assim... [que] ficaram desde o princípio comigo...

AP - Na enfermaria lá do... do hospital que o sr. trabalhou, é... quantas... quantos leitos tinham?

SS - Nós tínhamos... tínhamos ah... uns 22 leitos.

AP - E sempre ocupados?

SS - Sempre ocupados. 22 leitos lá na... na ginecologia.

AP - Agora no seu tempo lá de estudante, é um tema aí muito... controverso e muito atual, como é que era o problema da gestão da enfermaria? Eu digo isso em termos da... não só no dia a dia dentro da enfermaria, mas também com relação aos medicamentos, há tudo que era usado com os doentes, não é? Porque hoje em dia muito se fala aí, até nós entrevistando o dr. Abunahman, não é, lá em Niterói, que foi fisiologista durante algum tempo, ele falou que chegou a querer num certo momento da vida dele a querer ser diretor de hospital mas depois desistiu, porque era tanta roubalheira, tanta ladroagem de roubar esparadrapo e gaze, e a dificuldade enorme na gestão do funcionamento da enfermaria e, no caso, do hospital. No caso do sr., o Aguinaga se ocupava disso também?

SS - Não, absolutamente não! Não tínhamos nenhuma interferência com isso. Isso era um problema administrativo, era lá da direção do hospital. Ele só tinha que ver com a parte clínica. Quer dizer, quando queríamos um medicamento qualquer, então nós requisitávamos esse medicamento. Então, eles compravam, o hospital comprava. Não tinha nada com isso! Nesse particular, até vou lhe contar dois fatos. Um... um companheiro meu, amigo, Fabiano, que morreu há dois anos, ele foi, no tempo do Mendes de Moraes, ele foi nomeado diretor do Souza Aguiar, Mendes de Moraes... Mendes de Moraes era muito amigo dele, tinham relações, Nomeou o Fabiano pra diretor do pronto-socorro. Dois, três, quatro meses depois foi demitido. Foi dispensado! Por quê? Porque ele ia ver: fornecimento de carne! Quatrocentos quilos de carne de primeira! Tinha quatro quilos... quatrocentos quilos de pelanca. [Então ele verificou que estava havendo] uma coisa tremenda lá dentro. Então não pôde se aguentar... Quer dizer, ele foi demitido porque queria trabalhar direito. O outro, esse Quintelinha, que eu falei há pouco... esse Quintelinha, ainda no tempo do Mendes de Moraes... o Quintelinha, Fernando Quintela... Ele, era diretor do Miguel Couto, e um dia o Mendes de Moraes chega no Miguel Couto pra fazer uma devassa, e esse Quintelinha era tremendo ele não... [*Trecho interrompido levemente na fita*] E entrou pela cozinha. E da cozinha mandou um recado pro... pro Quintelinha: "Eu tô aqui na cozinha!" E o Quintelinha: "Olha, o gabinete do diretor é aqui! [Quando... ele deve se dirigir primeiro pro diretor] pra depois ir pra cozinha. Vem aqui que eu estou lhe esperando!" Foi demitido! Mas ele era correto. É que o Mendes de Moraes quis instaurar lá um regime de favoritismo, é político, né! Depois eu tenho coisa para contar do Mendes de Moraes.

AP - O Mendes de Moraes era prefeito na época que o sr. era... (a fita apresentou um pequeno problema)

SS - Não, não, foi em 50.

AP - Pois é! Eu tava vendo. Eu não tava...

SS - Não, mas isso é outra coisa pra contar... Isso é outro assunto.

AP - É outro, outro...

SS - Outro departamento.

AP - Tá certo! É... Talvez fosse... Já que o sr. está falando nesses hospitais tanto da filantropia religiosa quanto as Caixas que começavam a aparecer, não é? quanto aos hospitais de ordens religiosas, quanto aos hospitais da municipalidade... todos eles, de uma maneira ou de outra, atendiam é... de maneira gratuita ou com uma pequena e... contribuição, não é? contribuição relativamente pequena... não é? Hospitais de... de ordem das caixas havia uma contribuição descontada em folha do funcionário e os hospitais de ordens religiosas atendiam de forma gratuita. Como é que o sr. percebia, quando o sr. era estudante, esse avanço da medicina gratuita?

SS - Bom... Praticamente, como disse a pouco, tudo era indigente, ninguém pagava nada. Quer dizer, então não havia nenhum, nenhum estabelecimento que cobrasse. A própria Santa Casa também era tudo gratuita. As Caixas de Aposentadorias e Pensões ainda não tinham hospital nessa ocasião. Esse é um assunto que tá aqui no caso Bernardes, né! Foram criadas no governo Bernardes, no quadriênio 22 a 26, as Caixas de Pensões e Aposentadorias com todas as vantagens que eles têm hoje, menos hospital. Então para as Caixas de Pensões e Aposentadorias, tão as leis aqui, concorriam o patrão e o concorria empregado. Tinham direito a férias, aposentadorias... tudo isso! Tudo!! E o governo não tomava parte da história. Depois quando veio o Getúlio ele incorporou essas Caixas de Pensões e Aposentadorias aos Institutos e passou a contribuir o patrão, o operário e o governo, e o governo passou a administrar. O governo nunca contribuiu e tomou dos que contribuía. Essa é a grande diferença entre a... entre a, a legisla... o que o Bernardes fez e o que o Getúlio veio a fazer. Então, hoje, por que que a Previdência, hoje, tá falida? Tá falida porque o governo nunca contribuiu e tirou de todas as maneiras que ele pôde. (Dr. Sertã bate na pasta com o material referente a Arthur Bernardes) Isso é uma... Então o São Francisco de Assis recebia do governo verbas federais da assistência hospitalar. Nesse particular tem um assunto muito engraçado. A nossa maternidade, essa maternidade Thompson Motta, foi construída com dinheiro, digamos, irregular. Não havia, não havia dinheiro... não havia dinheiro pra construir a maternidade que era necessária para a Escola Ana Nery. Então, o Aguinaga, que era médico da família do Ministro da Educação, conseguiu com ele e com o diretor da Assistência Hospitalar, Thompson Motta... é...

AP - Esse Thompson Motta, quem era?

SS - Era médico lá do São Francisco de Assis.

AP - Obstetra também?

SS - Não, era clínica médica. Que era diretor do hospital. Conseguiu que o dinheiro, a verba do Alcool, do Imposto do Alcool é... do Alcool e Açúcar, era depositado no Banco do Brasil e ficava parado lá. Então esse João Marinho, que foi diretor da Assistência Hospitalar, João Marinho, ele pegou esse dinheiro e botou numa conta especial rendendo juros. E com esses juros, com a renda dessa verba ele construiu a Maternidade Thompson Motta. Foi construído sem um tostão de verba oficial. Quer dizer, foi uma verba até um pouco, vamos dizer assim, um pouco irregular.

AP - O Fernando Magalhães é que foi diretor da maternidade?

SS - Não, era Aguinaga. Fernando Magalhães era de Laranjeiras, maternidade de Laranjeiras.

AP - Qual é a maternidade das Laranjeiras?

SS - Ali na Maternidade Laranjeiras... ali na Maternidade Escola, ali na entrada do túnel Santa Bárbara.

AP - Mas ali não é Thompson Motta?

SS - Não, ali é... é... ali é... Laranjeiras!

AP - E a Thompson Motta, onde é?

SS - Maternidade São Francisco de Assis, ao lado do São... ao lado da Ana Nery. A Thompson Motta foi construída para a Ana Nery, para servir ao, ao... local de ensinamento e de treinamento das alunas da Ana Nery, como foi o São Francisco, né?!

AP - Sérgio. Jeane quer perguntar alguma outra coisa? O sr. deve estar cansado, estamos aqui quase duas horas conversando...

SS - Não! Não!

AP - Apesar desse vigor, dessa saúde toda!

SS - Não, não, não!

AP - Que lhe faz viver.

SS - Olha aqui...

AP - Vamos interromper então a nossa gravação e... voltando depois... já pegando o momento já do seu início da sua carreira é... profissional. Muito obrigado!

Data: 27/06/1995

Fita 5 - Lado A

AP - ... abertura oficial, né, abertura formal! Hoje é dia? 27?

SS - 27.

AP - Hoje é dia 27 de junho de 1995. Estamos aqui, é... mais uma vez na casa do dr. Sylvio Lemgruber Sertã, em Ipanema. Eu, André de Faria Pereira Neto, Sérgio Rocha e Jeane...

JS - Azevedo!

AP - Azevedo Souza. Dr. Sertã, antes de começar a entrevista, ele solicitou contar um caso que ele considera muito curioso.

SS - É o seguinte: quando nós vínhamos do Carmo pra o Rio de Janeiro para estudar Medicina, o meu irmão que já tinha experiência nesse... no estudo, na ocasião no estudo, da faculdade, mostrou que, que havia grande dificuldade de conseguir ossos para estudar. Então sugeriu que nós trouxéssemos ossos do Carmo. E... dada a intimidade que tínhamos com o coveiro de lá, ele nos arranjou um esqueleto grau 10, perfeito, os ossos estavam muitíssimos bem conservados, e o indivíduo se chamava Parada, cujo esqueleto já tinha sido abandonado há muito tempo por lá. Mas como ele era muito bonito e muito bem conservado, ele achou que nós devíamos trazê-lo. E trouxemos esse esqueleto pro Rio. E estudamos eu, meu irmão e minha irmã, né, estudamos o esqueleto do Parada. Depois, terminada a... a necessidade do Parada, seus ossos foram colocados num caixão, num caixote de querosene e colocados lá na, na... no sótão lá de casa, na Rua Professor Gabizo. Depois de terminado tudo isso, esquecemos do Parada. Quando meu pai mudou-se da Professor Gabizo para a Aluizio de Mendonça, quando minha mãe casou-se, quando minha irmã casou-se... Ah, os ossos do Parada estavam no Carmo! Onde é que vamos colocar os ossos do Parada? André, meu irmão que morava em Petrópolis, que era dentista em Petrópolis: "Manda pra Petrópolis, porque eu quero ter uns ossos da cabeça e tal, e quero estudar umas coisas aqui. Então a minha mãe chamou o Hugo, comissário, para levar este caixote para... para Petrópolis, a rua Floriano Peixoto, onde morava meu irmão. Muito bem! Esse caixote foi entregue ao sr... ao comissário Hugo e levado para Petrópolis. Mas no curso da viagem, ele não foi deixado em Petrópolis. O caminhão continuou viagem e foi para, é... Pedro do Rio, Areal, depois Sapucaia, Porto Novo do Cunha, e depois tinha... a viagem terminava no Carmo. Quando chegaram no Carmo, com todas as mudanças, o caixote se desmanchou e os ossos se espalharam pelo chão do carro. Aí o chofer disse: "Eu estou, eu tô levando defunto, eu tô levando cadáver!" Não, isso é pra deixar em Petrópolis. Não, não vou deixar isto em Petrópolis. Mas como, é...isso? é pra Petrópolis. Não, não eu não vou deixar isto. Então, o que que eu vou fazer? Vamos deixar no cemitério. Então foram mais ou menos uns 16 anos depois, os ossos do Parada que haviam sido retirados do cemitério do Carmo voltaram pela mão do destino pro cemitério do Carmo. Isso foi, foi um acontecimento!

AP – Essa, essa história que o sr. está contando, que é muito curiosa, é... nos faz perguntar o seguinte: era difícil naquela época que o sr. começava a estudar medicina a ter ossos pra estudar?

SS - Não era muito fácil. Nós comprávamos!

AP - Ah, comprava-se ossos!

AP - Comprávamos os ossos no necrotério, aliás, no Instituto Anatômico. Nós comprávamos ossos como comprávamos cadáveres! Nós comprávamos cadáveres.

AP - Nós quem? A faculdade ou os estudantes?

SS - Os estudantes.

AP - E pegam o cadáver e punham aonde?

SS - Não, nós íamos lá na, na... O cadáver ficava lá. Às vezes nós trazíamos uma mão, um pé, pra fazer em casa, conservado em formol.. trazíamos um coração, trazíamos um rim... pra estudar em casa. Mas era comprado lá no necrotério naquela ocasião. No necrotério, não, no Instituto Anatômico.

AP - E onde era o Instituto Anatômico?

SS - Santa Luzia, rua Santa Luzia, onde está hoje ainda, ao lado da Santa Casa.

AP - Tá certo.

SS - ... ali, ali é que era parte a... a da escola, a Escolha velha, a faculdade velha!

AP - Quem era o Parada?

SS - Era uma pessoa desconhecida. Um homem do século passado. Nós nunca tivemos conhecimento de qualquer parente dele.

AP - Mas como é que o sr. sabia que o osso dele tava bom?

SS - Ah, porque o cozeiro o, o... o Joaquim Sacristão, que era o cozeiro e tal, nos mostrou: Olha, tem um esqueleto muito bonito aqui e tal! E mostrou o esqueleto. Quer dizer, oferecia, quer dizer, existe isso aqui há uma porção de tempo, nunca ninguém veio procurar, assim fico livre disso!

AP - Isso no tempo do sr. de estudante.

SS - Tempo de estudante.

AP - Aí o sr. comprou os ossos do Parada ou ele emprestou, ele deu?

SS - Ele deu, ele deu... Ele livrou-se dos ossos do Parada, não é, porque aquilo tava... era pra ele um empecilho. Desocupava lugar. E trouxemos os ossos do Parada pro do Carmo, e em 36 mais ou menos os ossos do Parada voltaram pro seu lugar de origem. Interessante o que é a mão do destino. Não e? Como é que...

SR - Essa compra de ossos, na sua época, era considerada uma coisa normal?

SS - Era normal.

SR - Pros estudantes de...

SS - Normal entre aspas, né! Era comum!

AP - Habitual

SS - É, era habitual.

SR - Era um procedimento lícito?

SS - Não, não era um procedimento lícito, né?! Era um procedimento... Quer dizer... quando um, um... um funcionário do Instituto Anatômico vendia um osso, ele estava evidentemente cometendo um ato ilícito, mas que era, que era... que era aceito por todos na ocasião, não é?

AP - Mas na faculdade, como que eram as aulas de anatomia?

SS - As aulas de anatomia eram...

AP - Como é que eram os corpos que vocês trabalhavam? Eram doados, eram comprados?

SS - Não, naquele tempo... naquele tempo os indigentes eram todos postos à disposição do Instituto Anatômico. De maneira que nós tínhamos cadáveres à vontade. Não faltavam cadáveres. E quando nós chegávamos... no dia, era sorteado, um número de, digamos, de "x" alunos ficava com o cadáver e tal... outro, na mesa tal, com outro cadáver. Quer dizer, os alunos eram distribuídos pelas mesas onde estavam os cadáveres. E cada um ia fazer sua dissecação. Por exemplo, eu ia fazer a dissecação de um braço, o outro fazia dissecação do outro braço, outro com a perna, outro ficava com a cabeça, outro ficava com o abdômen. Quer dizer, os alunos eram repartidos. E os professores, naquele tempo o Leitão, o... o professor, o... o... o... o professor... Silva Santos... Luís Silva Santos, ele acompanhava os alunos. E duas horas da tarde, quando terminava a aula, até... até o anoitecer, ele ficavam com os alunos.

AP - Vendo a dissecação!

SS - É. acompanhando a dissecação!

AP - Agora, dr... Sertã, quando o sr. fez uma dissecação pela primeira vez, como é que foi a sua reação?

SS - Não me recordo, mas era uma coisa natural, porque eu tava tão habituado [com aquilo já, com a medicina] que, que já... já não, já não me impressionava.

AP - Por causa do hábito lá na sua casa, com o seu pai?!

SS - É. Em casa, é...

AP - O sr. já tinha visto uma dissecação com seu pai?

SS - Já, já, eu tinha acompanhado muitas vezes cirurgia aqui em casa. Acompanhava! Aquilo pra mim era, aquilo já era... já era habitual!

AP - Não, porque muitos estudantes de Medicina, é... desmaiam, outros baixam a pressão, outros...

SS - Ah, com frequência.

AP - Com frequência?

SS - Com frequência. Até aquele, aquele episódio... pra entrar pra, pra ser médico precisa... não ter escrúpulos, não ter nojo. Então, olha, dizia-se pro calouro assim: "ponha o dedo no cadáver assim e depois bota [ele] na boca!" E o aluno, o calouro e tal, desacostumado fez a mesma coisa, não é? Fez como ele fez. Pôs o dedo no cadáver, depois botou o dedo na boca. Eu digo: "Oh, calouro, você é muito bobo, você não tem golpe de vista: ponha um dedo no cadáver e o outro dedo na boca!" [*Todos riem*]

AP - Isso é a brincadeira com o calouro...

SS - Era brincadeira com calouro!

AP - Pra testar o calouro?!

SS - É. Mas era muito comum o calouro sentir-se mal, não só com isso, como com sangue também.

AP - Ah, sim!

SS - Ver sangue pela primeira vez... Muitos alunos, muitos estudantes quando chegavam a ver sangue pela primeira vez desmaiavam. Depois então tornavam-se excelentes profissionais. Mas no primeiro contato com sangue nem sempre era... era... tranquilo, era pacífico. Isso é muito frequente isso, sabe?

AP - Podemos começar então?! Hoje a nossa, o nosso plano, a nossa ideia, era começar a nossa entrevista conversando um pouco sobre a... a vida do dr. Lemgruber como profissional. E nós estaríamos situando aí, num primeiro momento, não é, entre 1925 e 1945, esse, esse primeiro marco se o sr. Justifica por ter sido, em 1928, desculpe, em 1928 e 1945. 1928, que foi o ano que o dr. Lemgruber se formou na faculdade de medicina...

SS - 28.

AP - ...28, e 1945 foi quando foi criado pela primeira vez o Conselho e o Segundo Código de Ética, que é objeto da nossa investigação, não é?! Com relação a trajetória profissional do dr. Lemgruber, em 1928 ele já era professor da Escola de Enfermaria... de Enfermeiros Ana Nery. E também, é... o que mais o sr. fazia como atividade profissional logo que o sr. se formou?

SS - Logo que eu me formei a minha atividade profissional era muito limitada, e... comecei com umas consultazinhas e etc. e nesse tempo eu tive um auxílio muito grande do Dr. Aguinaga, que me pôs o seu consultório, à Rua da Assembleia, 29, a minha disposição, de maneira que podia atender já alguns... alguns pequenos clientes neste local. E era... era muito auxiliado pelo dr. Aguinaga, que me delegava... atividades como seu auxiliar, como seu assistente, né, não só na... não só na... Casa de Saúde, fazendo operações, como para atender alguns clientes particulares. Isso foi pra mim

uma... de grande valia. E eu... por outro lado meu pai também me ajudava muito, compreendeu, me delegando funções de assistência. E as... minhas primeiras preocupações foram voltadas para o magistério. E... com os primeiros... o primeiro dinheiro que eu consegui, eu mandei importar um manequim obstétrico, manequim de Pinart, através da Casa Morena, porque eu tinha muito interesse em estudar é... obstetrícia para poder ensinar. Então esse... esse manequim obstétrico me permitia estudar bem a obstetrícia, o mecanismo de parto sobretudo, entendeu, e... depois ensinar. E logo em seguida à chegada do manequim, nós conseguimos um feto injetado, feto morto, injetamos o feto e executávamos todas as... todas as manobras no manequim, não só diagnóstico etc. como... como intervenções, como fórceps, distensão etc. E comecei cedo a dar cursos de... de... cursos práticos aos, aos médicos recém formados e estudantes. E isso foi me dando algum resultado financeiro. Fui ganhando também algum dinheiro com isso, né?! (André responde a alguém). Nessa fase... nessa fase primeira as coisas eram muito difíceis.

AP - Sim, mas... Dr. Lemgruber, desculpe interromper o sr., mas o que que é um manequim obstétrico?

SS - Manequim obstétrico (risos) é uma mulher...

AP - Inteira ou só a parte?

SS - Só a parte de tórax e meia-coxa...

AP - Tá!

SS - Atrás da coxa...

AP - Sem a cabeça e sem os braços!

SS - Sem a cabeça e sem os braços. Tinha.. tinha uma... o tórax não é, tórax e abdômen, e... e... o períneo e vulva, que eram de... de material elástico.

AP - Isso em plástico?

SS - Não, não, era elástico. Não, era madeira, toda parte fixa era de madeira, naquela ocasião, era de madeira, e a parte de, digamos, de parede abdominal e períneo era de... de... de borracha. Era elástica! Então permitia distensão do períneo, a passagem do feto e todas, todas aquelas manobras. Esse era o manequim obstétrico de Pinart, naquela ocasião.

AP - E isso quanto custava na época, o sr. lembra? Se era caro, se era barato!

SS - Não era muito barato, não. Eu talvez possa... Depois vou ver o preço...

AP - O sr. tem esse manequim de Pinart até hoje?

SS - Não, quando eu terminei a... eu me aposentei eu deixei para a Escola Ana Nery.

AP - Está lá?

SS - Está lógico. Deve estar na Escola Ana Nery! Deixei porque... esse manequim obstétrico é o seguinte: ele permitia, primeiro, fazer um diagnóstico; fechava, botava o feto numa determinada posição e mandava examinar. Qual é... qual é a apresentação? É a cabeça? É a cabeça!. Qual é a posição? Posição... direita, anterior, esquerda. Quer dizer, aquilo dava ao aluno uma, uma possibilidade de fazer... de... de aprender bastante, de praticar bastante o toque. Porque em vez de fazer esse toque num vivo, não é? ele aprendia no manequim. Quer dizer que era... era mais fácil fazer num manequim do que... do que num vivo. Então, depois de praticar bem no manequim, o aluno, o estudante não tinha nenhuma dificuldade de... de... ver. Porque esse manequim era muito bom, não só na parte de diagnóstico, para o estudo do mecanismo do parto. Os médicos hoje, na sua quase totalidade, não conhecem mais o mecanismo do parto.

AP - Mecanismo de parto!

SS - É. Resolvem tudo com cesariana... Quer dizer, o mecanismo de parto hoje é quase desconhecido pela grande maioria dos médicos.

AP - Por que se chamava Manequim de Pinart?

SS - Pinart era um parteiro francês que idealizou esse manequim... idealizou e fez... fez construir esse manequim.

AP - Ele idealizou isso quando?

SS - Foi no princípio do século. Pinart, foi um grande parteiro francês, um grande nome da obstetrícia francesa, um dos grandes nomes da medicina francesa. Esse manequim chamava-se Manequim Pinart.

AP - Hoje em dia o estudante de obstetrícia não... não lida com manequins como o sr.?

SS - Ele não lida. Ele não lida.

AP - Como que ele.. como que ele faz esse... esse... essa... toda essa sensibilização para o toque e para a posição?

SS - No vivo.

AP - No vivo.

SS - No vivo. Então, isso tá muito, hoje, hoje está muito digamos muito relegado a plano secundário, porque o estudante hoje está mais preocupado... o médico hoje está mais preocupado em fazer cesariana do que assistir a um parto normal. Infelizmente é isso que está acontecendo! E há até uma coisa muito curiosa, no tempo do Pinar, um médico americano foi fazer um curso em Paris, acompanhar um serviço em Paris e era um parto difícil... E esse parto foi se prolongando, prolongando, prolongando, e durou quase três dias. E ao cabo de três dias o parto teve um desfecho normal. E o médico americano tava muito preocupado com aquilo: "Como é que o senhor está esperando,

está esperando, está esperando... Não, porque ainda pode acontecer isso assim, assim!" Enfim, invocava uma série de razões para esperar. E esse médico americano então [colocou] da seguinte maneira: "É preciso saber muito para não fazer nada". Então, em Obstetrícia, o saber esperar é muito importante. Agora, os médicos que não sabem esperar, não têm conhecimento, não pode... Então... aí aparece a cesariana com uma... uma frequência extraordinária que existe no Brasil. O Brasil é o país onde mais se faz cesariana hoje.

AP - "Saber esperar" é... aguardar o tempo próprio da mulher...

SS - É. Agora pra saber esperar é preciso conhecer... conhecer o mecanismo de parto, saber como é que as coisas estão evoluindo. Sem esse conhecimento ele não pode operar... ele não deve esperar.

AP - Ou então saber que não deve esperar...

SS - Não deve esperar.

AP - De acordo com a evolução...

SS - Se ele não conhecer, é preferível fazer cesariana, não é, se ele não conhecer, porque é menos perigoso para a mulher e para o feto.

AP - Então nesse... voltando então ao início de sua carreira profissional, o sr. é... usava certos momentos o consultório do Dr. Aguinaga, alguns momentos o Dr. Aguinaga passava clientes para o sr...

SS - Me delegava poderes...

AP - Lhe delegava poderes! As vezes o sr. trabalhava com ele na sala de parto também? Fazia parto com ele?!

SS - Trabalho de parto, trabalho de parto e... sala de... sala de operações. Até numa ocasião, numa sala de partos, quando foi inaugurado o Hospital Alemão, teve lá um drama... um caso terrível de uma mulher que teve uma hemorragia em seguida ao parto, e... eu estava no hospital, e ele me telefonou: Sertã venha cá que eu preciso de você. Porque era um parto normal, mas em seguida ao parto normal a mulher começou a perder sangue, a perder sangue, a perder, hemorragia, hemorragia... E ele não conseguia debelar aquela hemorragia. Então fui auxiliá-lo. Nessa ocasião até foi um.. foi um caso muito grave. O Fernando Magalhães foi, inclusive, lá em conferência, e essa mulher teve, num intervalo de umas duas horas foram quase três... quase cinco litros de sangue. Quer dizer, tirei sangue dele, ele tirou o meu, o... o Rato que tinha um serviço de sangue foi lá fez... Enfim, tudo que foi feito... não deu resultado. E essa mulher, era uma mulher de 21 anos, gente até de porte, depois morreu inexplicavelmente. Quer dizer, foi o chamado "choque obstétrico". E foi justamente esse caso veio provocar em mim a necessidade de estudar esse assunto do choque obstétrico. Isso, então foi.. foi uma motivação para um trabalho meu, mais tarde, quando mais precisamente uma tese de 35, quando fiz um trabalho sobre choque obstétrico. Então, aquilo que estava sendo feito naquela ocasião, nós verificamos mais tarde, estava errado. Aquele... Aquela mulher

talvez tivesse sido salva se nós, em vez de transfusão de sangue, nós tivéssemos feito plasma, porque as modificações que... o sangue vai ficando cada vez mais concentrado com as transfusões. Então isso vai... vai resultando num... prejuízo pra paciente.

Então, depois que nós conseguimos entender bem o problema do choque foi nessa fase, que ficou bem compreendido, muitos trabalhos apareceram nessa ocasião, eu fiz uma tese sobre isso, né, o choque obstétrico, E desde essa ocasião nunca mais nós perdemos um doente de choque, porque nós passamos a fazer, em tempo oportuno, o plasma. Quer dizer, na... na existência do choque, o plasma é que é o medicamento, é o recurso principal. A transfusão é um recurso acessório, não é? Então o choque obstétrico... depois eu vou lhe mostrar o livro de choque obstétrico... que posso lhe dar pra você até levar pra sua... pra seu acervo, não é! Veio permitir a mim e ao meu grupo recursos fabulosos para compreender bem o choque. Depois ficou disseminado nessa ocasião, no princípio de 40, muitos trabalhos, não é?! e hoje o mecanismo do choque é bem compreendido, não é, e... por todos e a maioria das pessoas atende bem o choque. Mas custou... custou... nesse caso custou uma vida e pra outros também, né!

AP - Claro. Dr. Sertã, essa tese a que o sr. está se referindo é a sua tese de livre-docente?

SS - Não, é uma tese que eu apresentei pra... pra titular na Hahnemanniana.

AP - Ah, o sr... o sr. apresentou tese para ser titular na... na... Faculdade Homeopática?

SS - Também. Também.

AP - Na Hahnemanniana?

SS - Também!

AP - Isso foi em que ano?

SS - Foi em 1945.

AP - O sr. não vai tomar café?!

[*Nesse momento, todos tomam café!*]

SS - Vou. [E tomem] o café que está... está esfriando aí.

AP - Pois é. Acho que o seu é sem... sem açúcar.

SS - O meu é sem açúcar. Esse aí, esse aí tem açúcar.

AP - Bom, então, isso... isso da Hahnemanniana foi em que ano?

SS - Em 45.

AP - 45. Essa da... da tese do choque obstétrico foi em 45. Então, é... vamos... vamos começar pelo início.

SS - É!

AP - O sr. poderia falar um pouco sobre sua experiência como professor da Escola Ana Nery? Em 1928, logo que o sr. se formou?

SS - É...

AP - ... Por que que o sr. foi pra lá e como é que foram as suas primeiras experiências lá?

SS - Quando eu era estudante ainda, em 1928, o Aguinaga vinha dando curso na Escola Ana Nery até então, desde o início... desde os primeiros cursos. Mas em 28, eu estudante ainda é que fui dar o curso na Ana Nery. Então, o primeiro curso na Ana Nery eu dei como estudante, como “sexanista”, e... e gostei muito daquela atividade, não é? E daí em diante eu passei a ser... oficialmente a ser considerado professor da Ana Nery, desde... desde essa época mas já como, como médico.

AP - Era um trabalho remunerado?

SS - Muito pouco remunerado, era uma mixaria, era... era uns 15 “merréis” por aula, por... por curso. Era uma mixaria, não dava nem pra... pra tinta. Era uma coisa ínfima, no princípio. Depois então, passamos para extranumerários, compreendeu, e passamos a... mas ainda com... com... muito pouco. Mais tarde então é que melhorou, na... na... na... no Estado Novo, com extranumerário, mensalista, etc. e passou a ganhar um pouquinho mais. Mais tarde, então, é que veio a... a... a universidade, aliás, a Escola Ana Nery passou a estabelecimento de ensino superior...

AP - Ah, não era?!

SS - Não, não era.

AP - Era o quê?

SS - Era, era uma... era uma escola auxiliar. Não sei se o título era exatamente auxiliar, mas era... era... na prática era escola auxiliar.

AP - Quando... quando a Ana Nery foi formada não era um curso de nível superior... era um curso...

SS - Era um curso auxiliar... Eu não sei se... se o termo técnico era auxiliar... é fácil ver!

AP - Sim!

SS - Mas era... era... ela tinha, digamos, um... a condição de ser um auxiliar... da universidade, um curso auxiliar.

AP - Tá certo! E o... e o... Ela não tinha um estatuto universitário. Um reconhecimento como uma faculdade!

SS - Não. Não. Era unidade da universidade mas unidade auxiliar... A expressão não sei se é exatamente auxiliar. E só passou a ensino superior lá em 48 ou 49. Aí então que ela passou a... a fazer parte do... do... do grupo de... de, digamos, de estabelecimentos da universidade, curso superior. Foi em 48 ou 49. Ocasão justamente da Dona... Dona Laís Netto dos Reys.

AP - E quem se formava nesse curso, o curso durava quanto tempo?

SS - O curso durava 2 anos e meio aproximadamente. O da Ana Nery?

AP - Isso!

SS - É, acho que dois anos e meio aproximadamente!

AP - E quem se formava lá virava o quê, enfermeira?

SS - Enfermeira... enfermeira diplomada!

AP - Enfermeira diplomada!

SS - Enfermeira diplomada.

AP - E naquela época existia, como hoje em dia, auxiliar de enfermagem... técnico de enfermagem, enfermeiro...

SS - Naquela ocasião havia apenas... apenas esse curso de enfermagem. Depois então veio o de auxiliar de enfermagem.

AP - Lá na Ana Nery também.

SS - Lá na...

AP - Mas depois dela virar faculdade? Depois...

SS - Ainda naquela primeira fase.

AP - Sim!

SS - Ainda na primeira fase, não é? Depois então é que tivemos técnico em enfermagem, etc.. E depois quando veio a incorporação à... instituto superior, então tinham as enfermeiras diplomadas, compreendeu, que faziam o curso de especialidades, inclusive de parteiras. Eram então consideradas como parteiras. Quer dizer, até então, na universidade, não havia o título de parteiras. Parteiras ou obstetrizas... Ficaram discutindo, brigando muito aqui e em São Paulo se iriam chamar de parteiras ou se iam chamar de obstetrizas. A esse propósito, eu queria... eu queira... queria fazer referência a um fato muito curioso aqui. As primeiras parteiras diplomadas do Brasil o foram a cerca... pouco mais de duzentos anos. No tempo do Marquês de Pombal o governo português delegava poderes, por intermédio de um édito, de um ato formal das cortes portuguesas, às escravas do Brasil. Então as primeiras parteiras do Brasil foram escravas

da Bahia que, por... por consentimento do senhor, elas que estavam com muita prática de assistir partos, elas faziam partos na Bahia. Essas parteiras, inclusive por esse... por esse ato das... das cortes portuguesas, elas tinham direito de cobrar 4 oitavas de rolo... Quando em 65... 66... eu tinha um cliente que era da... da casa da moeda, eu pedi que ele convertesse isso em... em moeda atual, então fiquei assustado porque as escravas portuguesas tinham direito de cobrar por cada... escravas baianas... de cobrar por cada parto, cerca de, nessa ocasião, 10 mil cruzeiros!!! Veja como o trabalho profissional foi desmoralizado no Brasil! Então essas primeiras escravas... essas primeiras parteiras eram escravas, esse...

AP - Mas não tinham nenhuma habilitação profissional?

SS - Não, era... a habilitação deles era a prática que tinham de...de ver nascer negrinhos.

AP - Mas apesar de não terem nenhuma habilitação profissional, elas eram muito bem remuneradas comparativamente a hoje em dia.

SS - Muito mais do que hoje em dia. Nessa ocasião nós estávamos, justamente, estudando a remuneração dos professores da universidade. Então elas ganhavam muitas vezes mais que um professor universitário então. Isso em 67... 6, mais ou menos... Bom...

AP - O sr. dar aula em faculdade de enfermagem... isso era uma coisa bem vista, mal vista, meio... como uma coisa assim meio...

SS - Não, muito bem vista. Não, muito bem vista. Porque o conceito da Escola Ana Nery foi sempre muito bom. Porque as primeira turmas da Ana Nery eram constituídas de pessoas de alta, digamos, é... qualificação social, de alto nível social.

AP - As alunas ou os professores?

SS - As alunas. Os professores todos eram... eram dos melhores. Quer dizer, todo aquele... o melhor grupo de professores... Ana Nery. Havia um conjunto muito bom de... de professores na Ana Nery. Então era... era uma atividade honrosa ser professor da Ana Nery, porque nós estávamos lidando com um pessoal de alto gabarito.

AP - As alunas eram de... de classe social elevada?

SS - As primeiras eram de classe social muito... muito elevada. Todas elas eram damas, não é? Era gente da, da melhor extirpe.

AP - E então... era... o sr. ficou dando aula lá até quando?

SS - Eu fiquei...Toda minha vida. Até a aposentadoria. Dando sempre. Sempre dei curso na Ana Nery.

AP - O sr. falou uma oportunidade aqui, não gravando na nossa entrevista, que o sr. criou o curso de parteira. Isso foi em que ano?

SS - O curso de parteira tem... o curso de parteira foi... eu tenho elementos aqui. Vamos ver depois disso, não?

AP - Vamos ver depois disso.

SS - Eu... eu tenho todo o material...

AP - Só pra gente ter uma ideia aqui da cronologia. Foi mais ou menos em que ano?

SS - Foi em 60, aproximadamente em 60.

AP - 60, então mais... mais adiante um pouco.

SS - É. É.

AP - Agora... o... Dr. Lemgruber é... a... como que o sr. via essa enfermeira parteira e a relação dela com o médico obstetra?

SS - Qual enfermeira parteira?

AP - Essa... a enfermeira que se formava e que trabalhava no parto, tanto quanto um médico que trabalhava no parto. Como é que se delimitam as esferas de ação de um e de outro?

SS - A enfermeira parteira tinha, por lei inclusive, é... a autoridade para atender todos os partos normais. Logo que... aparecesse uma anormalidade, a chamada distocia, ela era obrigada a chamar o médico. Ela não podia fazer um fórceps por exemplo, não podia fazer cesariana... Mas podia fazer uma Perineorrafia, podia dar pontos. Tanto que todas elas... todas as minhas alunas estavam muito capacitadas para fazer Perineorrafia, para dar os pontos no períneo, fazer incisão, episiotomia chamada, isso era atribuição delas. Agora fazer um fórceps, isso não! Agora, elas estavam... estavam preparadas para fazer certas manobras obstétricas. Por exemplo: no parto pélvico que... que precisa às vezes com a cabeça obstétrica, ou com a cabeça derradeira ela precisa estar preparada para... para fazer a manobra para salvar o feto, mas surgindo uma anormalidade ela era obrigada, e é obrigada por lei, a chamar o médico.

AP - Haviam conflitos, o sr. tem... presenciou algum tipo de conflito dessa ordem, ou seja, um momento em que a enfermeira tivesse ultrapassado aí o sinal vermelho aí do negócio?

SS - Nunca tive conhecimento! Esse pessoal que fazia esse curso de aperfeiçoamento, em geral, era um pessoal bom, pessoal responsável, e não queri... não queria correr o risco de fazer... deixar de chamar o médico e acontecer um desastre, de acontecer um acidente. De maneira que, de modo geral, o... esse pessoal se comportava muito bem. Eu não tive conhecimento, não chegou ao meu conhecimento nenhum fato que, que, digamos, que... desmoralizasse essa, essa atuação.

AP - Quer dizer, de 28 até 45, além da Ana Nery e desse... ocupar algumas horas no consultório do dr... Aguinaga, o que mais o sr. fazia profissionalmente?

SS - Bom, até tem uma coisa muito curiosa, que é a seguinte. Em 32, nós tivemos a oportunidade de... de fazer um projeto, isso aqui em 32, Assistência Médico-Cirúrgica Farmacêutica. Um grupo de médicos nossos, aqueles nossos médicos do São Francisco, nós procuramos a... sindicatos é... de diferentes atividades, então formei um Plano de Assistência Médica e Farmacêutica. Um plano de assistência, enfim, né! E... tava tudo bem combinado, etc., com uma... metalúrgicos, o Sindicato dos Metalúrgicos, lá na rua... da... Frei Caneca, e um grupo da Construção Civil. Então acertamos com todos eles fazer um contrato de acordo com essa... com essa... se você quiser pode ficar que é curioso, eu tenho cópia disso... Isso em 32... Esse papel ainda é de 32, né! Mas acertamos com todos eles, (falha na fita)... essas duas associações, e fomos celebrar... fomos celebrar a assinatura do convênio na... no... na Praça Marechal Âncora, onde está o Sindicato dos Estivadores... Mesas... com flores... etc.... e solene: "Vamos então assinar o contrato de prestação de serviços!" Nessa ocasião um... um funcionário, um associado pede a palavra e diz: "E o assunto tal e tal... assim... assim... como ficou resolvido? Foi a meu favor ou contra?" "Ah, foi contra o sr. e tal... Nós não pudemos confirmar". Então eu vou convocar uma assembleia pra derrubar essa decisão!" Aí eu perguntei ao... ao diretor da... dessa associação: "Escuta uma coisa: isso que nós vamos decidir hoje, aqui, pode ser revogado amanhã ou depois? "O moço: "Pode!" "Então não vamos conversar mais!". E assim, esse primeiro plano de assistência particular nosso, daqueles médicos lá do São Francisco...

AP - Mas como é que era a ideia... Os médicos.... do São Francisco... Espera só um instantinho, vamos virar a...

Fita 5 - Lado B

AP - A... a ideia era que os médicos do São Francisco...

SS - Esses médicos lá do serviço... esse nosso grupo...

AP - Isso!

SS - Ia... ia fazer numa casa, numa casa que nós íamos alugar ou comprar, né?! íamos fazer um pequeno hospital pra dar atendimento a eles.

AP - Isso é uma, uma caixa, como se fosse uma Caixa. Uma Caixa de Aposentadoria e Pensão.

SS - É.

AP - Uma parte da caixa, a parte de assistência ia ser com vocês!

SS - Exatamente!

AP - Para que categoria profissional?

SS - Para os operários sindicalizados de um modo geral.

AP - Certo.

SS - Pra todo mundo, mas principalmente para os que estavam na construção civil e o... e o... sindicato dos metalúrgicos, na ocasião.

AP - E... mas não foi a frente por quê? Eu não entendi! Qual foi a polêmica que teve lá na tal mesa...

SS - Porque aquilo que estava sendo decidido naquele momento autorizando a... essa concessão podia ser derogado, derrotado mais tarde se alguém convocasse uma assembleia para obstruir aquilo. Quer dizer que não havia nenhuma garantia. Da nossa parte nós assumimos o compromisso de uma casa, etc. para amanhã ou depois não ter nenhum valor aquilo.

AP - Agora deixa eu perguntar, então, uma outra coisa: por que que vocês lá do serviço se interessaram fazer esse tipo de atividade?

SS - Exatamente eu não posso dizer porquê... Talvez pela necessidade que nós tínhamos, de todo aquele grupo jovem de prestar serviço, porque a clínica era... estava muito difícil. Então nós queríamos prestar serviço.

AP - Quer dizer: não... não deixava de ser uma oportunidade de mercado de trabalho também, né!

SS - [Pra mercado], exatamente. Nós queríamos um mercado de trabalho.

AP - Agora, esse... Nesse modelo que vocês bolaram, que vocês idealizaram, mas que não foi a frente por estas razões que o sr. apresentou, é... como é que era a relação de... como é que estava prevista a relação dos médicos com esses sindicatos, do ponto de vista salarial? Recebiam salário fixo?

SS - Não, não, não.

AP - Recebiam por consulta?...

SS - Não!

AP - Como é que era?

SS - Cada um... Era um seguro. Cada um, nessa ocasião, pagava 5 réis por família...

AP - Cada funcionário!

SS - Por família!

SS - Cada funcionário pagava 5...

SS - ...5 réis e tinha direito a tudo, tudo isso...

AP - Tudo isso!

SS - E nessa ocasião era 5 réis.

AP - Entendi! No caso, o funcionário pagava diretamente à clínica.

SS - Pagava diretamente à clínica.

AP - E a clínica deveria somente...

SS - Nós já éramos um seguro saúde, né! Nós tínhamos já... já éramos uma Golden Cross.

AP - Entendi! É, como... as Caixas foram também, de certa maneira, não é?

SS - É.

AP - ...um seguro saúde pra uma categoria particular.

SS - Pra uma categoria. Exato!

AP - E aí com isso a família toda podia ir lá.

SS - Podia ir lá!

AP - Fazer todo tipo de serviço.

SS - Serviço médico, odontológico e farmacêutico.

AP - E esses...5... contos de réis, esse cinco...

SS - 5 mil réis!

AP - Esses 5 mil réis... era o quê? Era mensal, era anual?

SS - Era mensal.

AP - Mensal! E esses 5 mil réis eram suficientes para sustentar tudo?

SS - Cobrir tudo isso.

AP - E pagar vocês também?

SS - É... E... Nós éramos, nós íamos fazer uma espécie de cooperativa, como é uma cooperativa hoje.

AP - Entendi!

SS - Como é uma cooperativa médica de hoje! As cooperativas, entendeu, hoje, desses seguros saúde... Esse é um problema também que eu estudei muito, sabe! Tem o seguro saúde, tem a... a cooperativa que é a mais interessante, e tem mais outras formas. Esse... No caso aqui é da cooperativa.

AP - E a cooperativa iria funcionar como? Como é que seria o conceito de cooperativa que vocês estavam pregando aqui?

SS - Quer dizer, que nós... nós íamos prestar todos os serviços (leve falha na fita) era recebido, depois o saldos... o saldo seria distribuído entre os médicos.

AP - Mas distribuído como? Igualmente ou ia variar de acordo com algum critério?

SS - De acordo com a participação de cada um.

AP - Quantas horas dedicadas de trabalho.

SS - É. E com a participação... Um assunto que até certo ponto... depois não chegava a outro assunto e...

AP - Mas então essa clínica não foi à frente.

SS - Não foi à frente por isso, na clínica... na clínica não havia garantia.

AP - Tá certo.

SR - E da onde, da onde os senhores tiraram essa ideia. Antes já existia, na prática isso...

SS - Nada, não! Foi bolada na ocasião por nós mesmos.

AP - Os médicos tinham... tinham esse hábito de formar hospitais para atender clientela particulares?

SS - Não, não.

AP - Seria isso, não é? Um hospital atendendo clientela particular em troca de uma contribuição mensal fixa.

SS - Não havia isso.

AP - Não havia isso.

SS - No interior... no interior do Brasil, havia, não sei exatamente o nome que eles davam, entendeu, quer dizer, nas fazendas do interior, no princípio do século, sobretudo, tinha com... com os médicos, lá com papai não havia isso, com meu pai não havia isso, eles pagavam aos médicos um... um tanto por mês pra ele atender a todo o seu pessoal. Havia isso. Eu não sei o nome exato que eles davam! Mas houve isso no interior do Brasil em muitos, muitas áreas, um contrato de médicos com um grupo de fazendeiros.

Davam ao médico um... um percentual fixo por mês, e ele ficava com aquilo para atender. Mas isso... é... quando tomaram conhecimento disso, já tinha acabado.

AP - É... Dr. Sertão... É... O sr. na outra vez nos emprestou algumas fotografias, é... e era bom que... o sr. fez vários comentários na vez passada, e nós não registramos. Essa fotografia aqui, que é de que ano? Esta assinada como sendo de 29...

SS - 29. É.

AP - É logo que o sr. se formou.

SS - É.

AP - O sr. está aqui no fundo...

SS - Foi quando eu...

AP - Então deixa eu colocar aqui a título de registro, na gravação o número um, na fotografia de...que esta assinada como 1929...

SS - É. Armando Aguinaga.

AP - A fotografia é... é... tem um grupo de pessoas reunidas e no centro com um... jaleco branco comprido o dr. Aguinaga.

SS - Que é... Cujas fotografia estava sendo inaugurada nesse dia.

AP - Ah, sim! Essa... essa cerimônia foi a propósito de quê?

SS - Da inauguração da... da fotografia dele e da maternidade... da nova maternidade, da 19ª Enfermaria...

AP - Que ele era o dire... era o chefe!

SS - Era o chefe, é.

AP - Certo! E esse sr. aqui de terno escuro, calvo...

SS - Esse aí é... nesse tempo era o Embaixador Nabuco de Gouveia, que foi o chefe da missão militar médica do Brasil na, na guerra e era senador da República, e nesse tempo era embaixador se não me engano no Paraguai.

AP - E por que razão ele foi nessa cerimônia?

SS - Pra prestigiar o Aguinaga.

AP - O sr. está aqui ao lado direito do dr. Aguinaga de óculos.

SS - É.

AP - E essas outras pessoas que estão aqui, o sr. reconhece algumas delas?

SS - Reconheço! Essa aqui é... é... a mãe do Ernesto Paranhos, a Madame Paranhos, a velha... é a... é a... é a chefe do clã dos Paranhos.

AP - E o que que... qual é o... por que razão ela está nessa cerimônia?

SS - Porque ela era mãe do Ernesto Paranhos, que está aqui atrás...

SS - Ela é mãe do Ernesto Paranhos!

SS - É! Mãe do Ernesto Paranhos.

AP - Esse que está bem atrás dela aí!

AP - E ele era obstetra também.

SS - Também. E aqui está senhora dele, D. Diná Paranhos, que eu vi a... na semana passada, encontrei no... no Bradesco.

AP - E essa aqui é filha dele? Essa criança?

SS - Essa aqui deve ser... Deve ser a filha dele, sim!

AP - Ele era mais velho que o sr.?

SS - Ah, era bem mais velho do que eu. Era bem mais velho do que eu.

AP - Era... comum a inauguração de fotografias de pessoas vivas? Porque isso é uma inauguração, uma homenagem ao dr. Aguinaga...

SS - Era frequente, inaugurasse a fotografia de um... homenageasse o... o... uma pessoa com uma enfermaria, com um retrato. Aqui está! D. Zulema Murtinho Amado, uma das enfermeiras da primeira turma da... escola de enfermeiras... D. Zulema. É... é das pioneiras, era casada com um advogado... Ela tinha uns 2 ou 3 anos.

AP - E o que que significou a abertura dessa maternidade para a história da obstetrícia no Rio de Janeiro?

SS - É... Permitiu ins... instalar o curso... instituir, instalar o curso de obstetrícia na Escola Ana Nery, porque antes não havia o curso de obstetrícia.

AP - Tinha curso de que na Escola Ana Nery?

SS - Não, tinha quase todos os cursos menos Ginecologia e Obstetrícia.

AP - Curso de obstetrícia dentro da... da Escola Ana Nery.

SS - É. Tem o currículo todo da Escola Ana Nery [deixei pra outra vez].

AP - Entendi!

SS - Mas esse currículo... A obstetrícia fazia parte do currículo, e não podia ser dada por falta de observações.

AP - Não tinha maternidade?

SS - Não tinha maternidade.

AP - E a maternidade da Escola Ana Nery foi dirigido pelo dr. Aguinaga.

SS - Pelo Aguinaga. Ele que era o professor. Antes ela... ela pode... era feita numa enfermaria na 14ª que era pequena e em condições muito precárias.

AP - No São Francisco?

SS - No São Francisco.

AP - Entendi.

SS - Mas passou... quer dizer, era feita precariamente no hospital.

AP - E como é que o Dr. Aguinaga conseguiu fazer uma maternidade?

SS - Ele conseguiu fazer essa maternidade da seguinte maneira: ele era médico do... do Ministro da Justiça, o Viana Castelo.

AP - Que era quem?

SS - Viana Castelo... médico da família dele! E tinha muitos amigos na... na... no hospital, inclusive o João Marinho que era diretor da Assistência Hospitalar. Então a assistência hospitalar tinha a seu... a seu... sua disposição toda a renda do Álcool e Açúcar. Aquilo ficava numa conta do Banco do Brasil, uma conta corrente! O João Marinho botou essa conta pra render juros, no banco. E esses juros foram contabilizados e renderam parece que 190 mil contos de réis... contos de réis, não é mil não, contos de réis... e com esse dinheiro ele deu ao Aguinaga pra fazer... pra fazer essa maternidade. Então foi construída a maternidade com... com, digamos, com meios escusos até certo ponto, né!?

AP - Sei!

SS - A construção da maternidade foi feita assim, dessa maneira, toda ela!

AP - E dessa cerimônia quem mais que o sr. se lembra?

SS - Dessa cerimônia de que?

AP - Essa aqui, de abertura, da inauguração da maternidade...

SS - Tá aqui o Odilon Barroso, diretor do hospital... aquilo.

AP - O Odilon Barroso é diretor de qual, do São Francisco?

SS - É.

AP - Esse de terno branco aqui.

SS - É! Odilon Barroso! Odilon Barroso!

AP - Como é que o dr. Aguinaga...

SS - Aqui o Monteiro de Carvalho, um médico que morreu há pouco tempo, um grande médico aquele Monteiro de Carvalho. Ele fazia ginecologia obstetrícia mas depois foi pra clínica médica e... e... e... e aqui esse Epifânio... esse aqui Epifânio Filho...

AP - Sim!

SS - Esse eu fiz contato com ele há pouco tempo, no princípio do ano, ele mora em Morada Nova, em... em Fortaleza. Eu tive contato telefônico com ele. E há uns dois meses, eu telefonei de novo, ele já tinha ido embora... morreu com 94 anos... E aqui estão vivos... Essa aqui é a Dalva, Dalva Launds, casada com aquele Launds, que era banqueiro... Essa é Dona Zulema, já falei né... É... o mais importante aqui... aqui era o irmão do... do Paranhos, Mário Paranhos!

AP - O Paranhos está aqui por trás, né?!

SS - Certo, o Paranho tá aí por trás.

AP - Atrás da mãe dele.

SS - Atrás da mãe dele.

AP - A mãe e a esposa.

SS - É. A esposa tá aqui.

AP - E essa de blusa... Ah, essa é a Dalva!

SS - Essa é Dalva Aguinaga. Dalva Aguinaga casou-se com o Launds.

AP - Todos obstetras!

SS - É! Não, esse Mário era engenheiro.

AP - E o que ele estava fazendo lá?

SS - Ele estava acompanhando a mãe e o irmão, né!

AP - Sim, mas como é que... Foi ele que fez a obra?...

SS - Não, não, não! Eles eram... foram companheiros de infância do Aguinaga.

AP - Ah, sim!

SS - Engenheiro... muito amigos, compreendeu? Aqui tem um outro aqui... esse é Guizarro, J.J. Guizarro, irmão daquele Rufino Guizarro. Esse era médico. É... esse... É...

AP - E o dr... Aguinaga, quando ele... como é que ele dividia o tempo dele, entre agora a maternidade... Ele largou então a enfermaria do São Francisco? A partir de 29 passou a assumir só a maternidade ou trabalhava nos dois lugares?

SS - Não, não. Ele... ele trabalhava nas duas.

AP - Nas duas!

SS - E distribuía os serviços com os seus assistentes. Então um assistente, no caso... no princípio, eu ficava... passava dois meses na maternidade e dois meses na 8ª enfermaria, de ginecologia, onde estava sendo inaugurada esse retrato. E nós nos revezávamos.

AP - Ah, esse retrato estava sendo inaugurado dentro da maternidade?

SS - Não, não! Dentro da 8ª Enfermaria!

AP - Ah, tá bom!

SS - Dentro da 8ª Enfermaria!

AP - Eu tava achando que esse retrato estava sendo inaugurado dentro da maternidade!

SS - Não, não! Dentro da 8ª Enfermaria! Dentro da maternidade tem vários daqueles retratos, de maneira? Que lhe mostrei só da maternidade.

AP - Sim, mas essa... essa...

SS - Essa aqui é da 8ª Enfermaria...

AP - Essa cerimônia aqui é por ocasião...

SS - Não, não! É na 8ª Enfermaria!

AP - ... da... da colocação do retrato dele...

SS - É!

AP - ... dentro da 8ª Enfermaria.

SS - É, 8ª Enfermaria.

AP - Onde está esse retrato hoje em dia?

SS - Tá com o filho, o Hélio... Tá com o Hélio Aguinaga.

AP - Ele é médico também?

SS - Médico, é! O Hélio, é. O Hélio, o Hélio nesse tempo não era formado ainda, nem... nem tinha ingressado... Ele formou-se, formou-se dez anos depois... O Hélio Aguinaga. O... Bom, vamos em frente!

AP - Vamos em frente! Aqui então nós temos a fotografia da maternidade, né?!

SS - Da maternidade. Mais ou menos ela que foi inaugurada...

AP - Que é essa história que o sr. estava contando agora do... do Açúcar e do Álcool. E Thompson Motta?

SS - Thompson Motta é... Thompson Motta foi justamente o... o... foi diretor do hospital e era... também da Assistência Hospitalar e fez toda essa... toda essa engenharia, engenheira financeira para permitir essa... essa... a construção da maternidade. É o Thompson Motta.

AP - Aqui a... o sr. também nos emprestou uma fotografia que eu tô botando aqui nº 3, que é uma fotografia... o sr. aqui já... é de.. 29 também!

SS - Esse mesmo... nesse dia!

AP - Ah, é desse dia também!

SS - É!

AP - Desse mesmo dia da inauguração da... da fotografia do dr. Aguinaga.

SS - É!

AP - Dr. Aguinaga aqui num grande grupo... Dr. Aguinaga sentado bem ao centro...

SS - É.

AP - Aqui ele tá sorrindo. Estava satisfeito ele nesse dia!

SS - É, como (risos) estava realizando um sonho.

AP - Qual o sonho que ele tinha?

SS - Fazer essa maternidade.

AP - Sim, mas a... a... o sr. me explica então aqui um negócio: essa fotografia é no mesmo dia da abertura da maternidade?

SS - É.

AP - Mas a fotografia é na 8ª Enfermaria.

SS - Na 8ª Enfermaria!

AP - Entendi. Aqui essa fotografia é dentro da maternidade ou na enfermaria?

SS - Não, não! É num grupo da... fora do... no hospital. Entre duas enfermarias. Aqui era enfermaria do Gouveia, a do Batista, quer dizer, era um grupo dentro, dentro da área do São Francisco.

AP - Tá certo! E aqui o sr... localiza quem? Quem é que o sr. identifica aqui?

SS - Ah, esse pessoal todo aqui! Aqui tá o Paranhos...

AP - Paranhos é aquele de... com a cabeça abaixada.

SS - É. Aqui o Garcia Júnior, grande médico também, Serviço de... Foi diretor do IPASE. Chefe do Serviço de Cirurgia do IPASE. Gastão Sampaio.

AP - Garcia...?

SS - Garcia Júnior! João Garcia Júnior! Foi um grande médico! Aqui eram duas enfermeiras atendentes em torno dele, compreendeu?! que eram... trabalhavam na 8ª como atendentes. Nós tínhamos lá dentro do hospital atendentes... não tinha nada com a Ana Nery, compreendeu? Quer dizer que eram enfermeiras práticas, praticamente eram atendentes, né!

AP - E elas estão bem ao lado dele!

SS - Elas estão bem ao lado dele! Eram da 8ª.

AP - Ele tinha uma boa relação com as atendentes.

SS - Muito boa! Eram muito boas essas enfermeiras, pessoal muito bom. Aqui era a Dr.^a Rebecca Burnstein.

AP - O sr. está entre duas atendentes também.

SS - É! Não, essa era atendente e essa aqui era doutora, era médica, Dr.^a Rebecca Burnstein, isso era uma figura legendária.

AP - Por que legendária?

SS - Negativamente.

AP - Negativamente?

SS - É.

AP - Como assim?!

SS - Essa... essa criatura...a ela eram dadas... em termos de... funções de pouca importância. Um dia ela escreveu numa papeleta no ambulatório, assim: "A paciente se acha ligeiramente grávida". Daí você pode avaliar o que era a evolução mental dessa criatura. Acabou, atravessando a rua... veio um automóvel... foi sacrificada. E houve uma coisa muito curiosa com ela, um pouco antes dessa fotografia: o dr. Aguinaga estava examinando uma doente que tinha um cálculo de fígado e... ele verificou, pela radiografia, que esse cálculo de fígado podia ser triturado e retirados pela... pela via endoscópica. Então colocou o endoscópio e começou a triturar o cálculo... triturar pra extrair, para facilitar, né?! Quando estava quase terminada a extração, verificou-se que aquilo era, que aquele cálculo tinha sido consequência de... de sedimentação daqueles cristais em torno de um grampo... Um grampo como esse aqui! [*Dr. Sertã ri*]

AP - Um grampo, um "grampo" mesmo?

SS - Um grampo, um grampo, um grampo! E os cristais foram formando e tal, e formou a placa desse tamanho! Nessa ocasião, estava a Dr.^a Rebecca empolgada: Como é que esse grampo foi parar aí? O Aguinaga que era de uma pudicícia proverbial. O Aguinaga disse assim: "Mas, doutora, esse grampo foi parar aí... Porque a mulher quando está penteando o cabelo não bota... às vezes não bota um grampo na boca?!" Pois é! Então, "Ela engoliu, dr., ela engoliu o grampo!". Mas engoliu? Engoliu!! E ao lado estava o Aníbal Moreira, que não está aqui nessa foto, foi anterior a isso, e disse: "É, Dr.^a Rebecca, engoliu, mas como é que foi parar no rim?! Não ela engoliu (TI) no rim não tem, no rim tem umas chamadas alças de Henle, microscópicas, não é?! Ah, então foi muito mais fácil, porque, a alça de Henle, a alça de Henle aquilo passou, foi para o... foi embora para o rim. (TI). E ela aceitou a explicação.

AP - Ela achou a explicação seríssima!

SS - (TI)

AP - Ele estava gozando da cara dela. Tá certo!

SS - [*Dr. Sertão ri*] Esse foi um lance pitoresco dessa ocasião.

AP - E quem mais [aqui], dr. Sertã?

SS - Aqui o [Harlem] Passos.

AP - À direita da.. da Dr.^a Rebecca!

SS - Irmão daquele Edson Passos, que tem aqui!

AP - Essa Dr.^a Rebecca era médica?!

SS - Era médica.

AP - Nesse seu... nesse seu comentário não há nenhum tipo de preconceito contra a mulher médica, não?

SS - Não. Nós tivemos um pessoal muito bom lá.

AP - Mulheres médicas.

SS - Não, tivemos um pessoal muito bom lá...

AP - Como é que uma mulher como essa consegue se habilitar como médica?

SS - Razões inexplicáveis.

AP - Como razões inexplicáveis?

SS - Ela não se formou pelo Rio não, formou-se fora do Rio. Não sei onde, mas formou-se. Aqui o Seixas.

AP - Ao lado do... do Nei está o Seixas!

SS - É, tá o Seixas! Aqui o Fabiano. Fabiano é esse meu colega que morreu ano passado!

AP - Fabiano o quê?

SS - Fabiano, Aníbal Fabiano Lopes. Esse foi meu colega que morreu ano passado. E aqui esse Epifânio, que também morreu esse ano com 94 anos. O Epifânio.

AP - Todos eram obstetras?

SS - Ah, todos eles faziam obstetrícia, é. E todo esse pessoal é...

AP - E aqui na... nessa segunda carreira aqui atrás? Esse aqui ao lado do Fabiano?

SS - Ao lado do Fabiano, deixa eu ver quem é este aqui?!... Eu não estou reconhecendo bem esse. Esse aqui era o Guizarro...

AP - Esse é que é o Guizarro?!

SS - É. Essa aqui é uma enfermeira também]. Esse aqui eu não lembro o nome dele... Esse aqui era um baiano... Paulista... Esse paulista, também é interessante, ele quando... quando foi de férias, não me lembro o nome dele, foi de férias e quando voltou trouxe uma propaganda de um médico lá de São José do Rio Preto, propaganda tipo de... anúncio de "circo de cavalinho".

AP - De quê?

SS - Circo de Cavalinho... Ah, dia tal vai chegar o Circo de Cavalinho, tal, tal e tal...! Anúncio, né. Dr. Fulano de Tal, vai chegar aqui no dia tal, vai ficar durante 20 dias, ele é especialista em doença do coração, especialista em doenças de pulmão, especialista de garganta, especialista de ouvidos, especialista de laringe... Especialista em crianças, especialista em obstetrícia, de partos, especialista em ginecologia... Laboratório, de Raio X... Depois embaixo assim: "Especialista de todas as especialidades em geral". Quer dizer, não escapava nada! "Especialista de todas as especialidades em geral!" Esse rapaz eu não lembro o nome dele agora!

AP - Mas essa... essa... essa propaganda era muito frequente no seu tempo?

SS - Não. Aqui não. Isso no interior de São Paulo, em São José do Rio Preto.

AP - Não, porque o... o... Uma das coisas que a gente tem lido muito aí na década de 20, na década de 30, até oportuno que o sr. tenha feito menção a essa... essa reportagem, é que era toda a crítica que muitos médicos faziam na imprensa médica mesmo, é... contra, o que eles chamavam dessa... essa propaganda espalhafatosa...

SS - Havia muito sim! Nós tivemos um colega de turma... Pires, Pires Ribeiro, que aliás é muito meu amigo. No dia seguinte a nossa formatura, ele botou anúncio no jornal: Dr. PIRES, ESPECIALISTA EM BELEZA. PRÁTICA NOS HOSPITAIS EM PARIS, LONDRES E NOVA YORK. E um consultório lá na... na... onde ficava o Jornal do Brasil. E o Pires... O Pires dentro de pouco tempo estava rico. Quer dizer, ele... consertava nariz de rinoplastia, fazia... tirava pele do nariz, ele... era tipo beleza, cirurgia de beleza. E ficou rico. Era o Pires. Outros anúncios eram comuns assim. Havia até um médico que anunciava a cura de cálculo biliares. Ele dava uma medicação a base de glicerina, e a glicerina ingerida depois com os sais biliares formava umas [concreções], uns nódulos. Então ele dava aquilo, o cidadão eliminava aquilo, evacuava aquelas pedras. "Oh, os seus cálculos saíram". Isso era comum. E esse cidadão chegou a anunciar durante algum tempo, inclusive, no Edifício A Noite] CURA DE CÁLCULOS BILIARES SEM OPERAÇÃO E SEM DOR. Só com a medicação.

AP - Aqui na fotografia o sr. teria condição de lembrar de mais alguém importante que o sr. gostaria de fazer menção?!

SS - Aqui é o Cid Ferreira Jorge.

AP - Esse aqui de cima?

SS - É. Deixa eu ver aqui... o... o Carvalho... O Monteiro Carvalho aqui... O Paulo Garcia aqui...

AP - Paulo Garcia é quem? Monteiro de Carvalho, quem é Monteiro de Carvalho?

SS - Monteiro de Carvalho é esse aqui. Ele tava na outra fotografia. Ele foi um grande clínico, foi professor da Hahnemanniana! Mário Moreira... esse Mário morreu ano passado.

AP - É o que?

SS - Mário Moreira. Aqui o Guaci, Guacimirim Teixeira esse que... Esse aqui, esse aqui. Ele ficou atrás dessa enfermeira, a Lourdes...

AP - Guaci?!

SS - É o Guacimirim... Guacimirim Teixeira!

AP - Ele ficou atrás da Lourdes por quê?

SS - Porque ele era baixinho, então ficou na ponta dos pés...

AP - Ah, é?!

SS - E depois.... com a fotografia, 'O Lourdes você saiu daí me deixou...' Ele ficou nas pontas dos pés e apareceu ele aí...

AP - É, aqui na fotografia aparece ele na ponta dos pés.

SS - É. Ele, ele dizia que tinha praga de madrinha. Botou o nome de Guacimirim e ele não cresceu.

AP - Mas ele era do Norte?

SS - Não, é de São Paulo! É de São Paulo.

AP - Mas de onde vem esse nome?!

SS - Não sei... de São Paulo... Guaci é nome comum por aqui mesmo, sabe! Eu tenho um companheiro aqui de praia... Guaci, também é Guaci e é um bruta montes.

AP - Dr. Lemgruber, vamos, então é..., tentar aqui adiantar um pouco aqui... a nossa conversa. O sr. ficou como professor da Escola Ana Nery. O sr. ficou utilizando horários lá no consultório do Dr. Aguinaga e quando é que o sr... passou a ter o seu próprio consultório?

SS - Eu passei a ter meu próprio consultório em... 35. Quando fui pro Edifício Fontes!

AP - Não precisou nem 10 anos para o sr. ter o seu próprio consultório.

SS - É, eu tive consultório em 35, no Edifício Fontes, e depois do Edifício Fontes eu passei em 38 para... alugado para o... para o... Edifício Porto Alegre... pra onde o Aguinaga também se mudou, mas ele tinha consultório... consultório juntamente com o Fabiano aqui com o Vítor Guizar.

AP - O sr. dividia o consultório!

SS - É.

AP - Em 35 também?!

SS - Em... Não... Em 35 também!

AP - Em 35 o sr. dividia com quem? Vamos conversar primeiro sobre 35 e [depois sobre] 38.

SS - Com o Fabiano!

AP - Em 35 só o sr. e o Fabiano!

SS - É!

AP - E como era o seu consultório?

SS - No Edifício Fontes!

AP - Sim, mas como era? O tamanho dele...

SS - Eram... eram duas salas pequenas e... e... e dispunha também da sala de espera comum ao dr. Aguinaga.

AP - Ah, tá. Então o sr... eram duas salas pequenas e uma terceira sala do dr. Aguinaga, e uma sala de espera.

SS - É!

AP - Entendi. O sr... o sr. mudou junto com o Aguinaga!

SS - É. Depois, em 38, nós passamos para o Porto Alegre, em frente à ABI, aí então e eu fiquei com um conjunto, um conjunto só para nós: eu, o... o Fabiano e o Guizar, Vítor Guizar.

AP - Toda clínica obstétrica.

SS - Toda a clínica... Não o Guizar era clínica médica.

AP - Tá. Então tinha o Guizar clínica médica, o sr. obstetrícia e o dr. Aguinaga obstetrícia.

SS - É! E o Fabiano também!

AP - E o Fabiano na obstetrícia!

SS - E o Fabiano, é.

AP - Então eram 4 médicos!

SS - É!

AP - E tinha secretária?!

SS - Não, o dr. Aguinaga em...

AP - Em 38 já não estava mais!

SS - Em 38, ele... foi pro Porto Alegre.

AP - [Ah, ele foi pra Porto Alegre?!] Foi pro Edifício Porto Alegre!

SS - Edifício Porto Alegre. Aí estávamos em edifícios separados? Aí eu separei do Aguinaga. Aguinaga ficou num andar e eu fiquei noutro.

AP - Quer dizer, então, na verdade, quando o sr. se separou do Aguinaga é que o sr. construiu seu consultório próprio.

SS - É, é...

AP - ... Por que em princípio o sr...

SS - ... Alugado ainda, alugado ainda. Em 42 é que eu fui comprar sala no São Borja...

AP - São Borja é nome do prédio também!

SS - Nesse tempo chamava de Asteca... Edifício Asteca.

AP - Era onde esse edifício?!

SS - Onde é o São Borja hoje! Mas depois, por razões muito, muito peculiares ao... ao Getúlio, esse edifício passou de São.... de Asteca a São Borja.

AP - Razões peculiares!

SS - É uma coisa muito curiosa. Vale a pena citar isso. O... o... Veio a guerra e... eu comprei... assinei... naquele tempo a gente comprava a prazo, tabela Price 10%... Enfim, era uma beleza, né?! E o edifício chamava-se Asteca, tinha 29 andares. Aí criou-se o Ministério da Aeronáutica... e aí veio a guerra. Então o Ministério da Aeronáutica queria, queria o edifício, queria um edifício. Era guerra, esta construção está parada e tal. Vamos... vamos desapropriar isso e vamos fazer aqui um Ministério da Aeronáutica. Isso foi um... digamos, uma... um grito de alarme no Lar Brasileiro que era o incorporador. Diante da eminência de nós perdemos tudo aquilo, o Lar Brasileiro fez um acordo: primeiro, tirou... cortou 10 pavimentos; de 29 passou para 19; mudou a planta, e fez concessões: primeiro, que o nome do edifício que era Asteca passou para

São Borja; segundo, deu o 3º pavimento ao PTB; o Lar Brasileiro... terceiro, o grupo 10, um grupo grande, ficou com o nome de Benjamin Vargas e um outro grupo grande com o nome de Getúlio Vargas...

AP - Deu...

SS - Deu..

AP - ... um "cala a boca". Deu um "cala a boca"...

SS - Deu um "cala a boca"... Então, eles ficaram em cima do Edifício São Borja ainda para desapropriar sim, no dia aprazado para o habite-se, mesmo que ele não estivesse pronto. Então no dia do habite-se, isso foi em 1º de maio de 44, se não me engano, o meu consultório já estava com telefone e luz ligados, e eu já pude trabalhar nesse dia. Então, quando o patrimônio da união chegou lá, já tinha o telefone no andar. Durante bastante tempo eu trabalhei quase que sozinho no consultório, graças a isso. E as outras unidades foram feitas posteriormente. Mas o Vargas cumpriu a... a sua palavra.

AP - Quer dizer, uma negociação na planta, ainda, né?

SS - Na planta! [Estava, estava em construção ainda].

AP - Mas, então, vamos... vamos voltar um pouquinho então aí ao primeiro, ao primeiro consultório de 35. O sr. falou que teve um, eu anotei aqui, em 35 no Edifício Fontes, em 38 no Porto Alegre e em 42 no Edifício São Borja. Qual é a diferença entre os três consultórios?

SS - O... no Porto Alegre eu estava em situação... no Edifício... Fontes eu estava numa situação, digamos, pouco cômoda. Já no Porto Alegre fiquei muito bem. Era uma situação muito boa, estava muito bem instalado. Mas tinha o problema era que todo mês aumentava... todo ano aumentava o aluguel, lá com o Lowndes. Então... era Lowndes e filho, não é? Aí então resolvi comprar o São Borja, num pagamento que me permitia a mim ficar livre disso.

AP - O sr. já tinha... uma clientela grande.

SS - Em... 42.

AP - O sr. se formou em 1928, em 42 o sr. já estava... o sr. considera que já estava estabelecido no mercado.

SS - É. Nesses primeiros tempos de vida eu... eu consegui alguns recursos com aulas... já dava cursos particulares de aperfeiçoamento com ginecologia e obstetrícia com cadáveres, né?! com cadáveres e manequins. De maneira que eu tive muitos alunos.

AP - O sr. dava curso aonde?

SS - Lá no São Francisco. Lá na maternidade. Na maternidade e no necrotério. No necrotério os alunos podiam fazer cirurgia no cadáver à vontade. A gente chegava cedo

ali e ia pro cadáver. Aliás nessa ocasião houve uma coisa muito interessante, um caso muito curioso. Foi... foi em... eu tive vendo aqui ontem... foi em 15 de fevereiro de 33... Um colega meu que tava trabalhando em Petrópolis, Otacílio Camará Martins, ele me telefonou e disse: "Olha, tem aqui um compadre meu de quem eu gosto muito, tá numa situação difícil, com abdômen agudo e está com a plastrona, no lado direito, apendicite aguda e tal. E ela está muito ruim, teve febre, pulso rápido e tal, e vai morrer. E porque que você não opera? Aqui em Teresópolis não tem condição nenhuma de operar. Mas não tem nada? Nada, aqui em Teresópolis você não tinha nada para operar?. Que, que... O que que você pode fazer?" Olha, eu não posso fazer nada, aí. Você não pode dar um jeito de... é um sujeito que eu gosto muito, muito, um bom sujeito, um homem muito bom. E vou ver se posso... que, que posso fazer por você, está bem? Eu vou ver se arranjo um material na Casa de Saúde São José pra ir operar ele aí em Petrópolis... em Teresópolis. Pedi a irmã na Casa de Saúde, pra me arranjar o material uma... uma... tambor com material esterilizado, para laparotomia com tudo, e o material cirúrgico todo para laparotomia. E, dois companheiros meus, internos meus, naquela ocasião, que eram Grelly, Francisco Carlos Grelly, que morreu a pouco tempo, veio ser professor da... de obstetrícia em Niterói, e Egberto Silva, não é, que era irmão daquele Carlos Silva, que morreu é... esse ano, que era... que era... da Casa de Saúde São José, eles eram meus internos e estavam em férias em Teresópolis nesse dia, em Petrópolis, [estava] no mês de fevereiro, e eu [falei bem] pra eles:

Fita 6 - Lado A

(A fita não está em boas condições)

AP - Bom, nós interrompemos a... o seu depoimento por causa do problema técnico aqui da fita, o sr. estava dizendo...

SS - Eu telefonei: Amanhã, às 7 horas, mais ou menos, vou passar por aí e apanhar vocês pra irmos a Teresópolis fazermos um cirurgia..., [num homem] que tá]... segundo as informações, com apendicite aguda e com abscesso perpendicular. E assim fiz. De manhã apanhei o Egberto Silva e o... e o Grelly e fomos pra Teresópolis. Chegando na casa do Otacílio Câmara Martins. Onde é a casa do doente? "Ah, não é aqui não é em Bonsucesso..." Bonsucesso é adiante de Teresópolis. Mas não é aqui? É em Bonsucesso, é aqui pertinho. Pertinho, alguns quilômetros... E fomos para lá! Chegamos em Bonsucesso: "Não, não é aqui não, é... ele mora no interior". Então andamos um quilômetro mais ou menos, numa estrada muito estreita, e chegamos num casebre... num casebre de... rústico... E... "É aí que mora o sujeito?!" É aqui! Essa casa... o casebre tinha dois cômodos: um que era a sala de visita, sala de estar, na entrada, tá, tá, tá. E outro, que era o quarto onde estava o doente e um depósito de batata. Estava o homem na cama, com plastrona¹ direita e tal, com aquele abscesso de peritonite. Enfim, um caso típico de... de... de uma apendicite grave. E agora? Operar aqui? E levar o sujeito daqui pro Rio ele vai morrer... nessas estradas, naquele tempo só tinha estrada de terra, era velha, antiga estrada de Teresópolis, não é. Ele vai morrer na certa, né?! Não tem condição! Vamos, vamos operar.

E... conseguimos improvisar uma mesa de operações colocando tábuas em cima da cama que ele estava... quer dizer, uma... uma plataforma... servindo de mesa de cirurgia, e empurramos as batatas pro lado... E deslocamos as batatas pro monte, lá pro

¹ Marca de um tipo de atadura gessada.

canto. E [vamos] preparar a cirurgia. Aí, o Otacílio exclamou: “Ah, eu não podia ajudar a operação?” Não, mas o Grelly vai me ajudar. Não, mas eu queria operar, [queria... deixa, a muito tempo que eu não mexo nisso e tal. Pois não! Dado a sua insistência, eu fiquei com o avental e luvas e ele ficou com o outro avental. Fiz a raquianestesia. E o Grelly e o Egberto ficaram espantando as moscas, perto havia moscas, não é?. Quando eu abri... era um abscesso apendicular, e um abscesso apendicular, abscesso do aparelho digestivo tem um mal cheiro horrível, então quando aquilo... mal cheiro chegou e atingiu o nariz do Otacílio ele desabou...

AP - Desmaiou...

SS - Desmaiou em cima do doente. Quando ele caiu em cima do doente, eu pego os ombros dele assim... e joguei para as batatas [*Dr. Sertã ri*] ele rodopiou nas batatas. Eu abri... tava aberto, não é, botei um dreno etc.. e pronto, o sujeito ficou bom. E o Grelly e que ficou lá, me ajudando depois, arregaçou as mangas. E o sujeito ficou bom. Isto foi uma das minhas aventuras cirúrgicas nesse tempo.

AP - Mas, vamos... vamos... é... tentar, dr... é... Sertã, falar um pouco do... do seu período lá no consultório. Nesse primeiro consultório seu... o sr. disse que trabalhou junto com, trabalhou junto com o dr... Aguinaga... O sr. dividia o consultório da frente com o dr. Aguinaga...

SS - Dividia só a sala de espera.

AP - É, dividia a sala de espera. Mas de qualquer maneira...

SS - E a secretaria!

AP - O fato de o... o sr. fazer um consultório com o dr. Aguinaga é uma coisa que lhe dava prestígio, não?

SS - Dava, sem dúvida!

AP - Se o sr. tivesse montado o primeiro consultório sozinho, talvez o sr. não conseguisse...

SS - Inclusive o Aguinaga foi à Europa, nessa oca... nessa época, várias vezes, e me entregou toda a sua clínica... ele me confiou toda a clínica dele a... a... mim, sob minha confiança...

AP - O sr. montou o seu primeiro consultório em... em 35, né?! Já com o dr. Aguinaga. Como é que o sr. dividia o seu tempo entre a Escola Ana Nery e o consultório? Como é que o sr. dividia o seu dia a dia?

SS - O consultório era à tarde. Quer dizer, a parte da manhã era o hospital e a... a Ana Nery. Agora, a Ana Nery... as aulas Ana Nery eram à tarde também. Então eu ia perfeitamente essas atividades, né! Não havia problema.

AP - Os seus clientes em geral como é que eles eram? Qual o perfil socioeconômico dos seus pacientes lá no consultório?

SS - É! Na primeira fase, né, era em geral modesto, né? Depois foi melhorando gradualmente, né? Mas em princípio era modesto. Isso acontece com todos os médicos que se formam, né?! São as pessoas mais... e... menos evoluídas, quer dizer, economicamente, né, que procuram o médico novo, né?

AP - Quantos anos foram necessários para que o sr. pudesse sentir que o sr. pudesse dizer assim: Bom, agora eu tenho minha clientela? Quando é que o sr. sentiu que tava estabelecido no mercado?

SS - Em 45 pra 46... Porque foi nessa ocasião que eu consegui comprar casa pra morar, porque até então eu morava em... em casa alugada. E nessa ocasião aconteceu uma coisa extraordinária comigo... extraordinária! O seguinte: eu... eu... morava na rua Professor Saldanha, ali perto onde é hoje o... Prontocor... Prontocor da Lagoa, ali. Na Professor Saldanha! Eu morava... morei ali vários anos! E estávamos muito mal instalados. E na época eu pagava pouco, ganhava pouco... Morava em casa alugada e ganhando pouco. Mas nessa ocasião, em 1945, eu queria dar um salto. Então vi um anúncio de casa pra alugar na rua Maria Angélica, fomos ver a casa, a casa pra mim era uma beleza. Você conhece a casa, né?!

AP - Não!

SS - Sua irmã mora lá. Morou lá. Na Maria Angélica ao lado dela.

AP - Meu irmão.

SS - Seu irmão, é. Morou ao lado desse apartamento. Casa tinha 350 metros de área construída. Três pavimentos. Bom essa casa tá ideal pra mim. Dois filhos pequenos, ia nascer... três já, já tinha... o terceiro já tinha nascido. O ideal. E eu ofereci é... 800 mil cruzeiros. E o cidadão não me deu resposta. Eu passei mais um mês e a casa estava anunciada. Vamos procurar essa casa. Vamos procurar. E nova proposta, e sem resultado. Até que um dia um amigo nosso... até depois]tinha vindo de Belo Horizonte e falou sobre a casa... tem uma oferta até hoje, mas eu não obtive resposta. Ora, mas... eu estive com sr... Porto, Alfredo Porto, em Belo Horizonte, ele está preocupado, porque até agora não recebeu nenhuma proposta pra compra da casa. Eu falei com ele... fiz 3 propôs... 3 vezes eu [fiz] essa proposta. Vamos para o telefone.

Nós estávamos numa festa de bodas de prata de um amigo nosso ali na rua... ali na... na... Praia Vermelha e pegamos o telefone. Então, eu estou aqui com um amigo meu, e tal... de absoluta confiança, fez uma proposta e até hoje não teve uma resposta. Ele tá aqui, quer conversar com ele?! (TI) A minha oferta é essa: 300 contos por ano, a juros de 10%. Ah, mas essa proposta me interessa! Então podemos fechar o negócio. Pode ser amanhã mesmo! Mas eu... Vai apanhar a chave com ele. Amanhã... O Artur Ribeiro Júnior... E ele vai se entender com o sr...

E ele confirmou: "Isso é um absurdo, eu tenho uma oferta de 1.500 contos à vista!" Ah... isso é ridículo, vale muito mais a casa. O sr. Porto disse assim: "Olha, a casa é do dr. Sertã. Já fiz negócio com ele. A casa é dele!".

AP - Mas porque que o sr. Porto não quis vender a casa para o sr.?

SS - Ele achava que a casa valia mais, mas eu não tinha condições de pagar.

AP - Dr. Sertã, vamos voltar aqui ao seu consultório então. O sr. tinha prático clínica obstetra lá na 8ª Enfermaria e lá no seu Consultório. O sr. acha que tinha o mesmo tipo de trabalho, de dedicação, de profissionalismo nos dois lugares, ou como num lugar era pra indigente o sr. tinha o mesmo tipo de compromisso e no outro era das classes que tinham condições de pagar uma consulta e mantinha um outro tipo de compromisso?

SS - No meu consultório ia muita gente que não podia pagar e eu os tratava com a mesma dedicação. Eu tinha muitos amigos sem recursos. Às vezes vinha um que precisava operar, e eu dizia: não tem problema, não! Eu queria era trabalhar. Antigamente eu carregava comigo uma velha frase que dizia: "É no osso que se serve o músculo!"

AP - "No osso" significa que o sr. pegava qualquer tipo de serviço.

SS - É, um cliente bem atendido era um fator de promoção pra nós.

AP - O sr. acha então que quando o sr. trabalhava na Enfermaria e no Consultório o sr. tinha o mesmo tipo de relação com os clientes.

SS - É.

AP - Os da Enfermaria eram pacientes de origem popular.

SS - Era. Mas com o passar do tempo essa indigência foi se reduzindo. Mais tarde passou a ser raro aparecer um indigente.

AP - O sr. era aquele médico que não tinha hora para a família, ou seja, aquele médico que tocava o telefone qualquer hora do dia, da noite, sábado, domingo, feriado... não tinha hora pra nada?

SS - Não tinha hora pra nada!

AP - Era o paciente em primeiro lugar.

SS - É! Tem até uma história interessante de um paciente que foi abordado por um paciente português que queria contratar o seu serviço profissional. E perguntou: "Dr. quanto é que vai custar esse parto... e tal...?" Aí o médico: Ah, varia! Pode ser de noite, pode ser com tempo bom, com tempo ruim... isso varia muito!" Quando chegou na hora do parto, o português perguntou: "Tá na hora, Maria?" E a Maria não sentia as dores. De dia tava um tempo bom, mas de noite desabou um temporal. E a Maria: "Ai, estou sentindo a dor que vem... estou sentindo que vem... Vai chamar o doutor!"

AP - Como lhe chamara? O sr. não tinha telefone celular?

SS - Autofalante.

AP - Autofalante chamava o sr. no Maracanã!

SS - Era Flamengo e Fluminense. Eu era torcedor do Fluminense.

AP - No meio da festa: "Dr. Sertã, casa de saúde tal..!"

SS - Isso mesmo.

AP - O pessoal achava o sr. em qualquer canto. O sr. não tinha teletrim, não tinha bip, não tinha telefone celular mas conseguiam chegar até o sr.

SS - É. Era comum no meio de uma festa. Minha patroa chiava: "Poxa, que isso?!" Mas o médico tem de estar sempre à disposição do cliente.

AP - O sr. acha isso.

SS - É.

AP - Mas às vezes o cliente não escraviza o médico, não?!

SS - Olha, quando a gente sente que aquilo tá demais, aí a gente tem de frear, né?!

AP - Inclusive o sr., como obstetra, lidava essencialmente com mulheres! E, às vezes, as mulheres acham que tá pra nascer... acham isso... oscilam humores... Como é que o sr. lidava com esse lado psicológico feminino?

SS - Uma, na Casa de Saúde São José, o Aguinaga estava atendendo uma paciente que era, aliás, funcionária do hospital. Ele achava que devia fazer uma cesariana. Nisso o Nabuco ficou preocupado com a gente, e chamou o Fernando Magalhães. Este examinou o caso e disse: "Ah, a paciente vai morrer... faz cesariana...!" O Garcia de Almeida, que era o professor... Todo mundo lavando as mãos... se preparando... Aí a enfermeira gritou: vem logo que a criança está nascendo! Aí o Garcia de Almeida disse: "É, não são só os clínicos que erram".

AP - Essa frase "Não são só os clínicos que erram!" me dei a deixa pra fazer uma outra pergunta pro senhor: como é que era, nesse seu tempo de recém formado, nesses seus primeiros tempos, a relação entre os médicos? Eu digo isso no seguinte sentido: É conhecido do sr., é claro, naturalmente que na primeira metade do século XX a gente observa um profundo processo de especialização na medicina, e um processo muito rápido. Em questão de 30 ou 40 anos essa especialização se deu de forma muito intensa. E o sr. participou desse processo. O sr. tem aí obstetrícia, clínica geral, pediatria... Hoje em dia existem especializações das especializações. Mas nesse momento, no princípio do século, quando o sr. está se formando... como é que era essa relação entre o clínico, o obstetra e o pediatra? Eram relações harmoniosas ou relações conflituosas?

SS - Eram harmoniosas. Porque os obstetras procuravam de preferência os clínicos de confiança, e também o seu pediatra de confiança.

AP - Eu digo isso porque... por exemplo, um médico como foi seu pai. Seu pai era pediatra, obstetra... ele fazia tudo. Ele era um clínico geral no sentido mais amplo da palavra.

SS - E era o único médico do lugar.

AP - O seu pai que era o único médico do lugar e um clínico geral. Esse modelo de ser geral, de ser tão abrangente perde progressivamente espaço, prestígio dentro do mercado médico. Isso não gerou uma certa tensão.

SS - Aí... O quê que eu posso dizer dessa sua pergunta? É o seguinte: o médico que se forma tem uma boa base clínica. Se não tiver uma boa formação básica na medicina, ele não pode exercer nenhuma especialidade corretamente. Se ele escolher ser um cirurgião, ou um otorrino, qualquer que seja a escolha dele, ele tem de ter uma boa base clínica. Isso é fundamental. Lá no São Francisco de Assis isso era possível. Hoje está mais difícil. Mas no São Francisco de Assis era possível. Porque nós tínhamos as várias enfermarias de clínicas médicas que estavam a nossa disposição. Então a nossa formação era muito vasta. Nós examinávamos um doente e tínhamos que fazer aparelho circulatório, aparelho respiratório... tínhamos de fazer tudo. Então, em todos os serviços, procurávamos outros médicos para nos orientar. E hoje o estudante que não tiver essa boa formação básica ele vai fracassar. Porque essa formação básica é necessária antes da especialização. Eu comecei cedo em ginecologia e obstetria por razões pessoais, né! Mas a gente tem que fazer esse básico.

AP - O sr. falou nesses três prédios de antigamente como consultório, o Edifício Fontes, Porto Alegre e São Borja. Essas mudanças de prédio se deveu a quê?

SS - No meu caso, a questões peculiares. No caso do primeiro, ele estava a cada ano aumentando de aluguel...

AP - O negócio é o seguinte: entre esses três prédios havia uma diferença de prestígio?

SS - [*trecho ininteligível*] Até hoje o São Borja é de maior prestígio.

AP - O que seria um "São Borja" entre aspas hoje pro senhor?

SS - A tendência hoje é de se ir para lugares de mais fácil acesso. [*trecho ininteligível*]

AP - Dr. Sertã, por que, na década de 30, de 40, os médicos tinham consultório no centro da cidade?

SS - Porque o centro da cidade centralizava tudo... Era gente de Niterói, da Ilha do Governador... Era a facilidade de acesso, fácil estacionamento... Havia até consultórios que ficavam dentro de farmácias...

AP - Como é que o sr. via o fato de haverem consultórios dentro de farmácias?

Fita 6 - Lado B

AP - Bom, agora... graças as pilhas do dr... Sertã, vamos continuar a entrevista aqui. A... Dr. Sertã, o senhor estava falando da diferença entre os alunos do Instituto Hahnemanniano e da Faculdade Nacional de Medicina.

SS - É. Eu tinha um bom relacionamento com os alunos. De maneira que procurava nos meus cursos...

[André Pereira interrompe a fala para conversar com o rapaz que controla o gravador]

SS - Eu procurava... procurava nos meus cursos os alunos que estavam interessados em aprender, interessados em trabalhar, e não pra... pra marcar frequência!

AP - Ah, sim, o sr. falou que era... que era livre escolha, não é, que o aluno tinha.

SS - Livre escolha!

AP - O sr. fez um comentário sobre isso uma vez!

SS - Livre Escolha. Então eu tinha... eu tinha o melhor pessoal de uma e outra... outra área, de maneira que seria difícil pra mim dizer uma... por lado ou para o outro, qual era... qual era o melhor.

AP - Mas entrar na Faculdade Nacional de Medicina era mais difícil ou mais fácil do que no Instituto Hahnemanniano?

SS - Era mais difícil! Era mais difícil! Mas isso não impede que muitos elementos menos capacitados tivessem ingresso na Faculdade... na.. na... na Faculdade de Medicina, mas de um modo geral o pessoal da Faculdade de Medicina era melhor que o da Hahnemanniana, mas o grupo que eu tinha na Hahnemanniana era um grupo muito bom. Sempre teve grupos muito bons. Agora, teve um certo momento... depois eu fui obrigado a parar com hahnemanniana por falta de tempo, inclusive. Eu dei curso até 38, 39... depois parei. Porque não tinha mais condição... não tinha mais tempo...pra... pra...

AP - Também o consultório foi aumentando...

SS - É! Não tinha mais tempo!

AP - O sr. trabalhando no consultório, o sr. operava onde?

SS - Casa de Saúde São José. Sempre na Casa de Saúde São José. Eu só saía da Casa de Saúde São José em condições... é... anormais. Só em condições anormais! Como aquele caso do aborto, eu fui na Casa de Saúde São Geraldo, lá na Marquês de Abrantes, né... Porque eu não ia internar uma doente pra fazer aquela intervenção na Casa de Saúde São José, eu não queria brigar com as irmãs... Não ia internar uma doente pra... fazer uma intervenção que... que era proibida na Casa de Saúde, né! Então nesse caso foi na Casa de Saúde São Geraldo, lá na rua... rua Marquês de Abrantes.

AP - Os professores que davam aula no Instituto Hahnemanniano e que davam aula na Escola de Medicina eram os mesmos... Não eram?...

SS - Não, não, não! Alguns eram, outros não. Por exemplo: obstetrícia era ... era o Rodrigues Lima que era professor da Hahnemanniana e também foi da... da Praia Vermelha.

AP - E nas outras disciplinas?

SS - Nas outras disciplinas havia alguns comuns, outros não... diferentes. Mas havia... havia uma certa coincidência de um e de outro... Mas não a totalidade.

AP - Quando é que o Instituto Hahnemanniano foi fundado? O sr. tem notícia?!

SS - Não, não tenho notícia! Só pesquisando lá. Poderia verificar nos meus... nos meus arquivos.

AP - E... O número de alunos de uma para outra variava? Era o mesmo?

SS - A... a... Faculdade de Medicina sempre teve um número bem maior, né. O número da faculdade era sempre bem maior, né?! A Hahnemanniana tinha um... uma capacidade mais limitada de alunos.

AP - Tinha limite de vagas?

SS - Havia limite de vagas. Essas vagas, eram estabelecidas anualmente por uma autoridade superior, não é?

AP - Do Instituto Hahnemanniano!

SS - Do Instituto Hahnemanniano e.. também da... do Conselho Federal de Medicina, enfim.

AP - Sim, mas a faculdade não havia limite de vagas. Tinha?

SS - O limite de era dado de acordo com as condições... com o orçamento. Eles faziam orçamento para tantos alunos... Quer dizer, havia essa... essa previsão orçamentaria. Quer dizer... Isso... isso depois. Agora, no meu tempo não, no meu tempo, quando nós entramos para a faculdade, foram... no primeiro ano foram 480...

AP - 480 alunos!

SS - É! No primeiro ano. Saímos trezentos e oitenta, mais ou menos... Mas entramos 480.

AP - Isso quando o sr. fez a faculdade.

SS - É.

AP - Muito bem! O sr. fez menção no seu currículo a Cursos Equiparados. O que é isso: Cursos Equiparados?

SS - Curso Equiparado é isso, curso de livre docente! O livre docente faz o curso e é equiparado ao curso oficial... na Hahnemanniana e na... Há o Curso Equiparado e curso de aperfeiçoamento. Curso de Aperfeiçoamento é que nós abrimos... abria inscrição pro curso de aperfeiçoamento... de manobras obstétricas, na faculdade de medicina. Então... então concorrem para esse curso tais e tantos alunos, limitados a tantos alunos. Quer dizer: eles pagam tanto e desse tanto [vem] um percentual para o professor.

AP - O sr. nesse meio tempo continuou lá no São Francisco?

SS - Sempre no São Francisco.

AP - Bom, então o sr. Deixou eu me entender aqui. O sr. dava aula nos 3 lugares, trabalhava no São Francisco e ainda tinha consultório particular... era isso?

SS - É. Depois acabei com... com a Hahnemanniana e por um certo tempo, em 39, foi obrigado a... a... a acabar com... o Curso Equiparado por causa da acumulação, horário pelo Arnaldo Moraes, e fiquei só com... com a Ana Nery. Foi o tempo em que eu comecei a me preparar para o concurso...

AP - Concurso de?!

SS - De 45.

AP - Que foi?! O sr. podia encerrar hoje a nossa fala, falando um pouco sobre esse concurso e da sua experiência na Ana Nery, né?! O concurso de 45 era para titular, não é isso que o sr. falou?

SS - É. Para titular! Esse concurso... todos os concursos... eu concorri a Ana Nery e concorri a Hahnemanniana. No concurso para a Hahnemanniana, eu... eu... eles fizeram uma... uma banca constituída de 3 sujeitos inconfessáveis... e... e eu então...

AP - Inconfessáveis quer dizer o quê?

SS - De caráter... De caráter e de propósitos... Então eu escrevi, fiz um protesto e impugnei a banca. Impugnei a banca e... fui até o fim impugnando a banca, sempre derrotado, sempre derrotado, não é, até foi engra... até foi interessante! Essa... essa minha... minha... esse meu pleito foi encerrado na... na véspera do nascimento de um... de um neto do Leitão da Cunha, que era Ministro da Saúde... da Educação, na Casa São José... Na véspera ele deu despacho indefinindo o meu... o meu pedido, e... e eu falei na hora que nasceu o garoto e tal, foi filho do Graça Couto, Nelson Graça Couto... Então, o sr. ontem me... me deu um despacho... o meu caso é assim, assim, assim... "Ué, por que você não me disse? isso é um absurdo!" Bom, o senhor que decidiu. Não, eu não ia procurar o sr. pra pedir nada, né?!

Então, nesse dia seguinte, eu fiz um requerimento na Hahnemanniana cancelando a minha inscrição e pedindo a devolução dos documentos, porque eu não ia entrar numa banca de gente daquela... daquele tipo. Então essas pessoas, que eu vou

pedir licença pra não citar, até hoje elas permanecem ímprobas. Então eu tenho até um documento aqui no meu arquivo, quando eu entrei para o conselho de 78, de um camarada pleiteando a... mudança de idade... Quem queria ficar mais tempo no serviço público, então pleiteava a mudança de idade, invés dele ter x anos ele teria menos 3, ficava mais tempo na faculdade de medicina. Esses dois sujeitos, cujo nome eu peço [pra não declinar], tá certo, eles fizeram o seguinte: um médico... titular da Faculdade de Medicina e outro assistente, apresentavam um documento na faculdade dizendo o seguinte: fulano de tal, não tendo sido registrado em tempo oportuno pede agora [seu registro civil]. Baseado no seguinte atestado de nascimento: Fulano de tal, filho de fazendeiro, morando à rua Princesa Isabel, número tanto, assim, assim... tendo nascido no dia tal, assim, assim... na rua... na rua... ali perto da Praça da República, número tá, tá, tá. Então esse camarada pegou tudo isso, e entrou na Faculdade de Medicina e chegou pro... pediu uma retificação de idade, não é, e depois pelo Conselho. Quando cheguei no Conselho, um já tinha escapado; o outro eu peguei e fui à junta, na praça e registrei assim, assim. Isso é um absurdo! Então... Fui às penas da lei. Esse eu tive conhecimento. O outro era do Amazonas, então eu fui direto à autoridade do Amazonas... "Nunca me deram o recibo correto do nascimento dele no Amazonas"... Ficou uns três anos ou mais. Então foi essa gente... que me... até o fim da vida... fez isso!

AP - Então o sr. era um... era um combatente da moralidade.

SS - Ah, sempre fui! Então esse... estão aqui... na gaveta...

AP - O seu problema com esses membros da banca lá do instituto era...

SS - Por causa desse camarada.

AP - Desse tipo de coisa.

SS - Desse tipo de coisa. Então pedia...

AP - Falsear documentos pra ficar mais tempo no serviço... Eles não eram bons profissionais.

SS - Eu não quero dizer que eles sejam... fossem maus profissionais, eu não vou a tanto! Mas eram pessoas ímprobas. Então... aí vamos pro outro concurso, que é o concurso da Faculdade de Medicina.

AP - Aí o sr. desistiu do Instituto Hahnemanniano?

SS - Desisti do Instituto Hahnemanniano e pedi devolução dos meus documentos, inclusive essa tese... essa tese do choque obstétrico. E eu tinha me preparado pros dois... pros dois concursos. Não foi um só. No concurso de obstetrícia... aconteceu (aí que entra o... o Arnaldo Moraes em cena) O Arnaldo Moraes já estava na minha gaveta, porque ele vinha fazendo uma série de coisas, entendeu, irregulares, compreendeu, e quando ele foi incluído na banca examinadora, nessa banca examinadora, o... para o concurso, o concurso já estava programado, estava feito... já era... a cadeira já era pro Rodrigues Lima, que era da Hahnemanniana, ele era professor da Hahnemanniana. O

Rodrigues Lima tinha méritos sobejos]para ser o professor. Eu sou o primeiro a reconhecer, como reconheci, compreende? Mais velho do que eu, bem mais velho... Mais tarimba... Era um bom nome.

Mas a banca foi constituída de tal maneira que... esse Arnaldo Moraes tinha sido colocado na banca em condições muito irregulares, que quando ele fez o concurso pra Faculdade de Medicina, em 36 ou 37, ele foi colocado em 3º lugar no concurso. Era no tempo do Capanema com... com o Getúlio Vargas. Então a banca de dissolveu: um foi pra São Paulo, outro foi pra Belo Horizonte, e os três daqui inclusive... fizeram uma nova ata e indicaram o... o... o Arnaldo Moraes pra... pra banca... pra... pra titular. Foi um negócio... escândalo! De maneira que apareceram o... uma meia dúzia de recursos contra aquilo. Inclusive com a confissão de alguns... que aquilo foi uma vergonha e tá tá tá... Mas o Arnaldo Moraes foi nomeado. Então havia da parte do Rodrigues Lima, que foi confessado, a... a... digamos, a promessa de que ele seria... de que a vaga em 45 seria dele... aliás, quando houvesse, seria dele. Então a banca foi constituída com esses elementos. Quando nomearam pra isso um camarada que eu não conhecia, o Raul Briquet, que era professor de São Paulo e ele me avisou, não me conhecia, me procurou no consultório e dizer: Olha, eu vim avisar que eu fui... fui convidado para participar dessa banca para... escolher o... Rodrigues Lima. Quer dizer, já fui com essa condicional, e eu recusei. Então eu vou fazer concurso porque eu estou estudando, eu quero me projetar, e é isso... o meu objetivo é me projetar. E assim entramos, né!

O meu recurso com o Arnaldo foi... foi... foi indeferido pela faculdade... E o Arnaldo: Ficarei aqui até o fim mas hei de fiscalizar essa eleição... essa... essa... essa banca examinadora; estarei nela até o fim. Aí eu peguei todos aquela documentação que eu tinha, aqueles processos todos... com a confissão do Rodrigues Lima... do recurso de... de vários professores, de vários concorrentes de então... e apresentei ao Conselho Universitário. Quando eu entrei aqui no Conselho Universitário, eu digo: Vergonha pra ele, aí ele saiu da banca. Então entrou uma nova banca, e com essa nova banca eu entrei no concurso. Entrei certo de que... que... que o... que o lugar era do Rodrigues Lima, porque tava tudo arrumado, né?! Inclusive por... mais títulos que ele tinha! Então nesse concurso do Rodrigues Lima, não é, a coisa... primeiro concurso de títulos... Rodrigues Lima tinha muito mais título do que eu. Então o Rodrigues Lima... 10, 10, 10, 10, 10... E pra mim 7, 7, 7, 7, 7... Acabou o concurso, né!

Mas quando chegou nas provas... nas provas escritas, aí foi uma vergonha! Porque caiu... por acaso caiu pra mim um assunto que era do meu domínio, da minha experiência, que era Racotina, anestesia caudal em obstetrícia. Aquilo pra mim era... Eu teria escolhido aquele assunto pra... pra tese. E o Rodrigues Lima e o Nuno Magalhães, que era filho do... do Fernando Magalhães, não conheciam absolutamente nada daquilo. De maneira que a prova escrita pra eles foi um fracasso, foi uma vergonha. Não escreveram nada daquilo porque não conheciam. Resultado: deram 10 nas provas do Lima e deram 8 pra mim. Uma vergonha! Mas eu já esperava por aquilo. E eu tava entrando naquele concurso, primeiro, pra estudar, como estudei na ocasião, depois pra me projetar. Que também foi muito bom pra mim, esse concurso pra mim foi ótimo em matéria de projeção pessoal, compreende? E... fui classificado em segundo lugar.

A parte prática, a... comissão chegou a escrever lá: "Fomos obrigados a... fazer com que o doutor.. doutor... que o candidato... que o candidato refizesse as suturas porque aquelas não inspiravam confiança. Estava escrito lá. Aquilo pra mim estava... estava resolvido, né?! Então fiquei em segundo lugar, com um trabalho sobre fórceps. História de fórceps. E fiquei com o título de aprovado num concurso superior. Aquilo pra mim me... me abriu as portas depois para o... para o para a... para efetivação como

professor titular. Esse concurso foi pra mim muito útil porque me permitiu essa... essa... a titularidade mais tarde.

AP - Muito bem. Ser professor da U... da Universidade... do Brasil isso au... fazia com que o sr. tivesse mais cliente no consultório?

SS - Não.

AP - Isso dava pro sr. nome, prestígio...

SS - Não! O ser professor não dá prestígio a ninguém. O ser professor não dá prestígio a ninguém. Dá prestígio o que ele faz. E eu tenho uma prova disso aqui ao lado. Esse aparelho que tá aqui é um aparelho para a pressão arterial, esfigmômetro... Esse aparelho eu comprei na Casa de Saúde São José, foi onde o... na Casa Moreno, Casa Moreno quando eu ia lá pra comprar material eles... Dr. Sertão, tem aqui um material deixado pelo Aluísio de Castro... Ele mandou vender isso aqui por uma mixaria... foi duzentos merréis na ocasião... O sr. não quer?! Compra? Quer dizer, o Aluísio de Castro tinha um grande nome, mas não tinha prestígio... nenhuma... Quer dizer, o... o professor, ele não tem a clínica porque ele é professor, ele tem a clínica porque ele se fez. Não é o título que dá a clínica... não é o título que... Ele tem prestígio social, mas prestígio clínico quem faz é a sua atividade. É isso que eu posso dizer a você.

AP - Então não há... não há uma... uma... uma consequência...

SS - Não...

AP - ... do prestígio na universidade com o prestígio clínico, são dois universos diferentes.

SS - É! Quer dizer, quando um professor tem uma atividade boa, que faz jus a... a...ao reconhecimento de seus méritos, muito bem, não é?!

AP - Da mesma maneira, trabalhar em hospital público, como o sr. trabalhou no hospital São Francisco de Assis e ter por isso um aumento de clientela, também não é uma relação direta também!

SS - Não! Há uma relação, sim!

AP - Nesse caso há!

SS - Há uma relação porque no hospital você atende uma porção de gente, e essas pessoas que saem... tão no hospital... quer dizer, essas empregadas quando são bem atendidas, vão falar! Fulano de tal me atendeu assim, assim, assim! Quer dizer, essas clientes no hospital acabam, bem atendidas, acabam fazendo propaganda daqueles que a atenderam! Quer dizer, elas... elas não esquecem... pelo menos tardam a esquecer! Porque... o esquecimento é automático, né?! Eu não sei se tive a oportunidade de falar com vocês de uma... um velho poema em inglês... o que é a gratidão humana, falei?

AP - Falou.

SS - *A Deus e ao médico adoramos quando / o frio terror da morte nos alaga / Mas depois de passado o susto, sorte igual recebem: / Deus esquecido, o médico sem paga.*

Quer dizer, isso... a ingratidão é peculiar ao homem, não é? Enquanto tá fresquinho: Ah, meu Deus, e tal! Promessa e tal... Mas depois esquecem... esquecem da promessa, não pagam a missa, esquecem o médico. Então... isso é... isso é...

AP - O sr. fala isso com ressentimento?

SS - Não. Falo isso como uma coisa natural. Esperar gratidão... da espécie humana é um erro... em tudo! Inclusive na relação de pai e filho. O filho precisa de uma coisa recorre ao pai. Pai... Pai... O pai tá sempre ali. O dia que o pai não pode atender ao filho, ele acha ruim, esquece tudo aquilo que recebeu foi oferecido a ele. Isso... isso... isso é normal, isso é natural... Isso é do... é do homem. O homem é um animal ingrato por excelência.

AP - Não sei se o pessoal aqui quer fazer alguma pergunta, porque da nossa parte... é... Eu gostaria de agradecer ao sr. O sr. fez aí uma relação de temas para conversar com a gente hoje aí. O que é essa lista aí?! Eles fez uma lista de assuntos. Tem algum assunto aí, dentro desse período que nós estamos hoje, parando em 45, que o sr. acha que não falou e que o sr. gostaria de falar?

SS - Em 45?

AP - Até 45!

SS - Aqui tem um caso de fêmur... Isso em Botafogo, na década de 34... 35... mais ou menos... um jogador do Botafogo, saindo do... do... da sede do... quebrou a perna. E o Guizar, Guizar disse: Olha, o Botafogo está sem dinheiro, não pode chamar um médico, você quer atender esse caso. Então levou pra Casa de Saúde São José e eu fui... fui... fui o ortopedista... o traumatologista! Aí comprei o tal estribo de fibras e botei...

AP - Estribo de quê que o sr. falou?

SS - De fibra, fibras... E botei o homem na Casa de São José. Aquilo era uma extensão, durante um mês e meio, mais ou menos, [com um peso]. E depois tava bom pra voltar a jogar futebol.

AP - Mas o sr. Fluminense, o sr. fez isso?

SS - Ah, o Guizar era muito meu amigo. O Guizar, era.. o Vítor Guizar era muito meu amigo, e ele e o Carlito Rocha é que manejavam o Botafogo...

AP - Carlito Rocha manejou o Botafogo durante muitos anos.

SS - É. Ele... e ele... ele técnico... ele era médico e era o técnico. Então ele estava a par de tudo aquilo, né?!

AP - Mas o... Eu falei um negócio brincando... comentei com o sr. mesmo Fluminense tratar de um jogador do Botafogo... Eu tô falando no seguinte...

SS - Nesse particular, aliás eu tenho uma coisa dolorosa pra contar. O Botafogo em 32, 33... tinha um grande craque chamado Paulinho Largue, Largue... era um jogador fenomenal, um rapaz de 22 anos mais ou menos... Um cara extraordinário, compreendeu? E o Guizar me telefona: Olha, Sertã, vem aqui. Preciso de você com urgência... E me levam pra rua... Copacabana esquina com Elizabeth... Era casa dos Goulart, família Goulart. Tinha um rapaz novo e tal, encolhido lá. Fui fazer a pulsão lombar, ele tá com sinais difíceis, né?! Meto agulha na... sai pus: era meningite supurada. Morreu horas depois, né! Dolorosa. Agora, tem um caso muito interessante também...

AP - Mas eu... eu ia perguntar para o sr. o seguinte: o sr. acha que o sr. atendia... é... o sr. atendeu alguma vez criminosos? Assassinos?

SS - Não, nunca tive oportunidade.

AP - O sr... o sr... atendia pessoas que o sr... é... que tinha algum tipo de impedimento que o sr. atendia com a mesma atenção?

SS - Impedimento, como?

AP - Não, digo por exemplo: é... é... a gente fala aí na linguagem da sociologia "o ideal de serviço": o sr. atendia indiscriminadamente, da mesma maneira...

SS - Ah, sim!

AP - A pobres, ricos, pretos, brancos, mulheres...

SS - Ah, sem dúvida!

AP - Botafoguenses...

SS - Até botafoguenses!

AP - Flamenguistas!

SS - Até flamenguistas!

AP - Até flamenguistas!

SS - [Dr. Sertã ri]

AP - Ou o sr. aproveitava que era um botafogo... um jogador do Flamengo... vou aproveitar aqui pra...

SS - Nunca tripudiei.

AP - ...pra...

SS - Nunca tripudiei.

AP - ... pra amarrar um nervo errado aqui que é pra ele não jogar e não fazer gol no Fluminense?!

SS - Nunca tripudiei. Mas teve nessa ocasião, teve um caso muito curioso, do ponto de vista histórico. É que um camarada tentou suicídio com... com [mercúrio e álcool]. Materiais corrosivos. E fechou o rim. E tava numa situação difícil e tal. E o Guizar, que tava na Casa de Saúde... Casa de Saúde lá de Pernambuco, ali na Álvaro Ramos, tinha uma casa de saúde ali, né! Casa de saúde de... de... de nervosos. Então fizemos nessa ocasião a primeira, que eu saiba, a primeira transfusão sanguínea. Com aquele aparelhinho ali a gente tirava sangue... tá... tá... de 500 miligramas... 500 mililitros... injetava outro... Fizemos assim de 10 doadores. Quer dizer, em torno de 5 litros de sangue. E o sujeito melhorou. Melhorou! Quer dizer, foi a transfusão! Em 32... por aí assim! E foi curioso que um mês depois voltou a subir a ureia do rapaz. E nessa ocasião... então [vamos aproveitar] os mesmos doadores. E quando fomos fazer o primeiro doador, quando começa a transfusão... começa a incompatibilidade de sangue. Quer dizer, esse que tinha recebido sangue um mês antes tranquilamente, agora reagiu contra esse. Então, mais tarde é que eu fui saber: a reação era o Rh... o sujeito era o Rh negativo, ele foi sensibilizado, então o outro veio... ele reagiu. Mas nesse tempo não sabíamos do Rh. Rh só em 39 que ele apareceu, entendeu? Bom, deixa eu ver agora... que tinha um caso aqui... Agora, tem um caso aqui muito interessante pra contar. Isso já foi em 50 e tantos...

AP - 50 e tantos, deixa pra outra vez agora.

SS - É.

AP - Deixa a sua listinha aí... pra outra vez.

SS - É.

AP - Bom, dr. Lemgruber, muito obrigado e voltamos na outra vez.

SS - Deixa eu ver... deixa eu ver se eu tenho uma...

Data: 04/07/1995

Fita 7 - Lado A

AP - É... Hoje é dia 4 de julho de 1995. Estamos aqui mais uma vez em Ipanema, na casa do dr... é... Sertã... dr. Sylvio Lemgruber Sertã. Eu, André de Faria Pereira Neto, Sérgio Rocha e a Jeane, nossa estagiária no projeto alusivo aos 50 anos de... é... fundação do Conselho de Medicina. Hoje é a nossa 4ª entrevista, nossa 4ª conversa, e nós vamos conversar um pouco com o dr. Sertã sobre o que a gente chama de Conjuntura de... 45 e o Código de 45. Bom, em 1944 o sr. tinha 37 anos de idade, o sr.

já tinha 16 anos de formado, o sr. se formou em 28. O sr. atuava profissionalmente como assistente de clínica do serviço de Ginecologia e Obstetrícia do Hospital São Francisco de Assis, também era professor, não é, da... Escola de Enfermagem Ana Nery, da Faculdade Nacional de Medicina da UFRJ, hoje UFRJ, não é? e do Instituto Hahnemanniano. Além disso o sr...

SS - Livre docente...

AP - Livre docente do Instituto Hahnemanniano...

SS - E da UFRJ.

AP - E da UFRJ também. E além disso o sr. tinha o seu consultório particular. Antes da gente entrar... é... especificamente no... momento do IV Congresso Médico Sindicalista, que foi realizado no Rio de Janeiro em 1944, eu gostaria de fazer umas perguntas pro sr., sobre... nesse momento na década de 40... é... como que se organizava, como é que era... como é que era a composição e as características da profissão médica na década de 40? Eu digo isso referindo-me especificamente, por exemplo, a pletoira médica. Se no seu entender na década de 40 já existia a pletoira médica ou não? Se muitos... se formavam-se muitos médicos... é... um número excessivo de médicos em relação às demandas do mercado, como que se organizava o mercado médico na década de 40 no Rio de Janeiro, quais eram as principais especializações... é... dentro da área da medicina, é... qual era o perfil socioeconômico dos médicos, se ser médico na década de 40 era algo que dava prestígio, era uma profissão que tinha um reconhecimento, é... é... o que que significava ser médico na década de 40 e um pouco um quadro mais geral da profissão médica na década de 40, antes da gente entrar especificamente... é... no IV Congresso Médico Sindicalista e depois então no Código de 45?

SS - Bom, o... Vamos por partes. Primeiro: não, não havia pletoira de médico. O número de médicos que se formavam realmente era considerável, mas ainda muito aquém das necessidades do país. Como ainda é hoje... hoje há uma, há sobretudo, uma má distribuição de médicos no país, uma grande concentração de médicos no Rio de Janeiro e em São Paulo e uma falta no interior. [Há] grande deficiência de médicos no interior, isso em outros tempos, e ainda hoje é... é aguda. Há um grande número de... de... de... de municípios sem médicos no interior. Então a tendência dos médicos que se formava era ou ficar no Rio, ou em São Paulo, ocupando cargos públicos, sobretudo quando havia bons padrinhos políticos, né, ou então ir pro interior, ganhar a vida no interior. Para isso muitos... muitos alunos, muitos médicos eram formados com base muito boa e muitos foram... tiveram grande sucesso no interior fazendo clínica médica ou clínica cirúrgica. Então, houve nessa ocasião... nessa... nessa fase um grande número de médicos que foram fazer sucesso em cirurgia em clínica no interior do país, sobretudo no Paraná... e no... interior do Paraná... interior de São Paulo e interior de Minas. Fazendo Casa de Saúde. E... e... se cons... constituíam de grandes médicos, de grande conceito. Quer dizer, houve nessa ocasião formação de médicos de bom padrão que foram pro interior, onde fi... fizeram fortuna. Foram muito bem sucedidos, porque foram bem preparados. Então esses médicos que iam pro interior com um programa de... de... e bem formados, eles tiveram grande sucesso. Aqueles que ficaram no Rio em... em cargos públicos, ou... eles tinham méritos e faziam sua clínica e ganhavam bem porque a concorrência era pequena nessa ocasião, ou então eles ficaram em cargos

públicos e... e não tinham estímulo pra progredir. Porque o cargo público muitas vezes ele... ele comprometia a... a... o futuro do médico. Ele se acomodava naquele ca... cargo público e não tinha interesse em ir pra frente. Inclusive... muitos até nem tinham consultório, ficavam no cargo público. Esse era... era...

Agora, outros... outros... muitos dos meus companheiros tinham aspirações maiores e iam para o ensino e o magistério, faziam seus concursos, suas docências, porque achavam como eu, na ocasião, nessa ocasião, eu... eu achava que a melhor maneira de constituir uma clínica aqui no Rio, no grande centro, era o magistério, para se projetar como professor, como docente, porque ele aparecia perante os seus alunos, a sua clientela, será formada pelos seus alunos, e foi o que aconteceu comigo. A... a... a minha formação de... de clientes foi, principalmente, entre meus alunos. Os alunos é que... é que...

AP - Indicavam o sr., né!

SS - Indicavam. Eu tive um grande número de alunos... de... de clientes mandados pelos alunos.

AP - A cadeira que o sr. dava era Ginecologia.

SS - Não, era obstetrícia.

AP - Obstetrícia.

SS - Ginecologia era na Ana Nery... ginecologia e obstetrícia.

AP - Na Ana Nery era ginecologia e obstetrícia. Na Nacional era ginecologia.

SS - Não, era obstetrícia.

AP - Obstetrícia. E...

SS - É, obstetrícia!

AP - E... essa era uma matéria obrigatória, todos os alunos tinham de fazer ou não?

SS - Todos os alunos tinham de fazer obstetrícia, agora: eles escolhiam os professores.

AP - Ah, tá!

SS - Uns escolhiam os docentes, outros escolhiam os catedráticos. Enquanto o... o... os docentes tinham liberdade de dar os seus cursos, compreendeu. O número de docentes era muito grande, né? Agora, depois houve, por intermédio do Arnaldo Moraes, uma lei que considerou... considerou acumulação à docência... então eu ganhava uma mixaria... né?! digamos, era uma importância vil que se recebia por aluno... né?! mas mui... muitos docentes deixaram de... de... de dar curso por causa da acumulação.

AP - O sr. já lecionava há alguns anos... é... nesses três estabelecimentos que nós fizemos referência aqui. O sr. acha que... já na década de 40 o perfil socioeconômico dos médicos mudou ou não em relação à quando o sr. começou a lecionar?

SS - Não, eu... eu acho que melhorou o perfil dos médicos, o perfil econômico dos médicos, depois que nós começamos a... a trabalhar, não é?! Eu senti que isso ia melhorando consideravelmente. E sobretudo graças ao conceito que eles iam adquirindo. E não havia nesse tempo a grande concorrência dos Institutos. De maneira que os médicos... os pacientes ou eram indigentes, né, ou se tinham recursos mo... moderados, vamos dizer assim, procuravam um médico. Hoje a maioria vai para o Instituto, né?! Os institutos e agora os planos de saúde. Naquele tempo não havia.. Quer dizer, que... o.. a... o mercado... o mercado de trabalho era maior, bem maior para o médico da clínica civil do que hoje.

AP - O sr. acha então que o... a criação dos institutos, como o sr. está dizendo, restringiu o mercado de trabalho?

SS - Veio restringir o mercado de trabalho...

AP - E não ampliar...

SS - E não ampliar! Quer dizer que se ampliou pelo lado de empregos públicos, tinha empregos funcionários dos institutos. Agora, a clientela que... que procurava os médicos, sobretudo os menos... os de menos renome, né, esse... essa... esse foi vencido.

AP - O sr. acha que a criação dos institutos, é... além de restringir o mercado de trabalho, que outras consequências teve pra profissão médica?... Além de restringir o mercado de trabalho?!

SS - Para a profissão médica?

AP - É.

SS - Eu diria... eu diria que, profissão médica em si criou uma série de... de empregos, nesse ponto foi benéfica. Quer dizer, mui... muitos médicos encontraram emprego e apoio nos institutos. Porque eles não tinha outro, a não ser naquelas Caixas... Caixas de Pensões e Aposentadorias... já falei sobre isso?!

AP - Já!

SS - Já. Então aqueles... essas caixas eram em pequeno número, e agora com os institutos apareceram muitos e muitos empregos. Então, esses empregos, não só nos seus consultórios, como nos hospitais que apareceram... Hospital do IPASE, da Lagoa... né! Enfim, os hospitais do... do Instituto. Eles proporcionaram um grande mercado de trabalho para os médicos.

AP - Não, eu fico sempre querendo interrogar o sr. no seguinte: daquele exemplo que o sr. tem como tão forte na sua vida, do seu pai, que na... na sua própria casa... é... tinha

tudo, ele... ele... não só clinicava, ele operava, ele fazia exames de laboratório... tudo na sua casa... ele era um... uma pessoa que...

SS - Fazia tudo!

AP - Fazia tudo. Desse modelo do seu pai a esse... a essa realidade dos institutos-hospitais, onde é... o médico já não faz mais tudo, não é, onde o médico faz uma parte, e tem uma equipe, tem enfermeira, tem técnicos... tem... não é?! O que que... O que que... Como que o sr. vê essa transformação?

SS - Por um lado, benefícios; por outro lado, malefícios. Porque o médico hoje passa a atender só nu... só numa faixa de doenças, depois manda pra outro, pra outro. Enfim e... ele fica com a sua... com a sua atividade limitada àquele campo. O que outrora a faixa de atendimento era... era muito mais ampla. E com isso o médico vai ficando muito... muito especializado, muito... muito localizado... é... numa determinada doença inclusive. Médico era só de tuberculose. Outro médico só de... de..., digamos, de vias urinárias. Houve... houve uma... uma radicalização, especialização mui... muito grande. E isso de um lado foi bom, mas por outro lado foi mal, porque a especialização muito intensa leva inclusive o médico a ficar olhando prum... pruma... prum... campo muito estreito, sabe, e ele perde a noção do doente, ele fica com aquela doença e esquece o doente.

AP - O sr. acha que nesse... nesse momento que nós estamos falando agora na década de 40... é... havia... havia resistências à especialização ou os médicos em geral aceitavam bem a ideia da especialização?

SS - Não, não havia resistência. Os médicos aceitavam bem aquilo porque inclusive era mais cômodo pra eles, não é? Mas é... essa especialização, né? Digamos, é... é prejudicial ao médico e ao doente, porque o... o médico fica... fica sem saber o que está acontecendo fora da sua área de atuação... Por exemplo, o médico que não... não... o obstetra que não sabe fazer uma ausculta, sabe, ele é um mal profissional, porque no curso de um parto surge uma porção de problemas de ordem médica, de ordem clínica, e ele precisa estar preparado para decidir num... num momento, digamos, num... num caso de emergência. Por isso que, inclusive, eu fiz a minha... a minha... a minha... formação profissional me cercando de tudo isso. Eu lhe disse até, que fiz um trabalho preparatório de... de... de Propedêutica Médica com Teobaldo Viana, passei dois anos com ele... estudando, praticando... ficando apto a poder fazer um diagnóstico de um... de um... de uma cardiopatia... de uma pneumopatia... Isso o médico precisa estar apto pra isso. Estar apto pra isso.

AP - E o sr., depois que o sr. entrou pra faculdade até a década de 40, com relação a ginecologia, o que que o sr. acha que se modificou nesses seus primeiros... é... 20 anos de... médico?

SS - A... a... O... o... Nesse... Nesse período algumas coisas apareceram e... muito importantes. Primeiro... na primeira fase. Primeiro, a... a parte de hormônios. A... a evolução do... do... da... do conhecimento dos hormônios foi muito importante. Então, nós ficamos sabendo mui... muito mais sobre o funcionamento das... das... das

glândulas... é... genitais. Segundo, é... ao lado dessa parte do hormônio, há... o... certos fatores, como por exemplo a... a diatermia.

AP - O quê?

SS - Bisturi elétrico. O aparecimento do bisturi elétrico foi muito importante, muito importante. Depois vieram os antibióticos. A... e relacionado com... com... com os hormônios a questão do diagnóstico biológico de gravidez; esse... esse diagnóstico, diagnóstico biológico de gravidez é muito curioso, eu queria até contar um fato interessante. Em 1932 foi decifrado um papiro guardado no Museu de Berlim. Dentro desse papiro, que é de 3.500 anos a.C., contava que já... que eles já faziam diagnóstico biológico de gravidez utilizando a urina da mulher. Eles irrigavam covas onde eram colocadas sementes de trigo, centeio, cevada, semolina, era um feijãozinho, e... covas-testemunhas. Então as covas onde eram plantadas as sementes de trigo e tal... elas... elas... se desenvolviam mais, a semente muito mais rapidamente do que nas covas-testemunhas. Por que? Porque na urina da mulher havia alguma coisa, e essa alguma coisa era o hormônio. E... esses são hormônios que fazem hoje o diagnóstico biológico de gravidez em... em alguns minutos.

AP - E esse papiro é de quando?

SS - 3.500 anos a.C.

AP - Certo! Descoberto na Alemanha.

SS - Na Alemanha, no Museu de Berlim. E... e mais ainda: eles faziam o di... o... o diagnóstico do sexo pela velocidade de crescimento... de germinação e crescimento dessas várias plantas. Entende? Chegaram até a 84% de... de rigor no diagnóstico do... da... do sexo em evolução. Nessa ocasião eles fizeram em Berlim o... a... a contraprova. E semearam a... as sementes e controlaram o... o sexo do feto em evolução e confirmaram exatamente as estatísticas de 3.500 anos antes... a.C.

AP - Esses estudos hormonais a que o sr. está se referindo eles... eles... eles foram mais ou menos em que época que...?

SS - A década de 20, foi a década de... de digamos... de grande explosão dos hormônios.

AP - Do estudo hormonal? Aonde foi isso? Na Alemanha, nos Estados Unidos?

SS - Na Alemanha e na França, sobretudo. Nos Estados Unidos também. Mas sobretudo Alemanha e França... é que houve a grande... o grande boom hormonal, não é?! Sobretudo na Alemanha e França. Agora, nos Estados Unidos também houve um grande... um grande surto!

AP - E esse, esse surto de estudos hormonais, ele demorava muito tempo pra repercutir no Brasil ou a repercussão era imediata?

SS - A repercussão é... é... era muito rápida. Porque já havia na década de trin... de 20 um... um grande... um grande é... intercâmbio cultural. Todos nós tínhamos revistas

francesas, revistas alemãs, revistas inglesas e americanas... de maneira que o conhecimento era muito rápido. Não havia o rádio nem televisão mas havia esse... esse... esse contato através das revistas.

AP - E o bisturi elétrico é de quando, mais ou menos?

SS - O bisturi elétrico é do fim da década de 20. Aí que apareceu o bisturi elétrico, né?! E... e... agora, quando ele se desenvolveu muito foi na década de 30... Mas... na década de... no fim da década de 20 que apareceu a diatermia com bisturi elétrico, né?! Então na parte de ginecologia ele desenvolveu um papel muito importante, porque quando se fazia na... na... inflamações do colo do útero, a chamada cervicite, era um campo... havia um campo fácil para a eclosão do... da... do câncer do colo do útero. E... com... com a... o aparecimento do bisturi... da... termi... da termocontração do colo, o... a incidência do colo do útero, foi muitíssimo menor. Houve então uma grande redução do aparecimento do câncer do colo de útero, como a prática da diatermia que se fazia então largamente. Quer dizer, mas foi... foi o aparecimento da diatermia que trouxe um grande... um grande impulso a..., digamos, a prevenção de câncer de colo do útero.

AP - O sr. como professor, é... é... quando essas novidades, vamos chamar assim, surgiam... e as novas publicações... e os novos artigos na Europa, nos Estados Unidos surgiam..., isso leva o sr. a reformular o seu curso?

SS - Não.

AP - De graduação?! O sr. introduzia essas novidades na faculdade?

SS - Claro. Evidente. Evidente. Tudo que aparecia de novo nós estudávamos... quer dizer, nada... nada é... era aceito assim passivamente, tacitamente. A gente analisava o que havia de lógico e de ilógico. A parte boa era aceita e propagada. (tosse). E esse bisturi elétrico, lembra muito aquele aparelho que eu tenho ali que é... meu pai usava com... com a... com a galvano... com o galvanocautério. Ele só usava o bisturi elétrico, né, com... com o galvonocautério. E tem inclusive um bisturi, eu mostrei da próxima vez, da... da última vez, aquele material, né! E o bisturi elétrico trouxe também um grande... um grande progresso no curso da operação porque esse fazendo não só a dissecação como a hemostasia. Então no campo operatório, no ato operatório se ganhava muito tempo coagulando o vaso, em vez de amarrar, coagulava o vaso.... Quer dizer, só se... só se ligavam grandes vasos, os pequenos não.

AP - Como é que o sr. fazia isso, ligava os grandes vasos?

SS - Os grandes vasos ligava com o catiguiti, quer dizer, apertava, aplacava o catiguiti, ou linha ou algodão. Enfim, amarrava-se, não é? Fazia-se a ligadura... a ligadura mecânica. Com aquelas agulhas, a gente passava as agulhas. Agora, aqueles vasos pequeninhos a gente ia coagulando... coagulando... e fazia homeostasia.

AP - Tá bom! Vamos então... é... passar a conversar então sobre esse IV Congresso Médico Sindicalista. O sr., pouco antes da nossa entrevista iniciar-se hoje, o sr. fez menção a... a origem... é... do Conselho e do Sindicato e do associativismo médico já na década de 30, não é! O sr. queria fazer alguma referência a isso?

SS - Eu gostaria de fazer uma... uma [referência seguinte]: o... a Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro data de 1886, já é uma sociedade centenária. E em 27 foi fundado o sindicato médico aqui... E... isso por causa do... do... já tinha o seu código de... de... de deontologia, que foi aprovado pelo II Congresso Médico Latino-Americano em Havana, em 26. Quer dizer, com o aparecimento dos primeiros códigos de medicina, né! E... em 1931, o ministro da Educação, Belisário Pena, é... decretou a criação do Conselho de Disciplina Profissional regendo... regendo as atividades dos médicos, e o Osvaldo de Oliveira, que era um professor de grande conceito, foi... foi o presidente desse conselho. Mas isso teve uma vida efêmera e um... e sem... e foi muito criticado inclusive pelo Fernando Magalhães, esse Fernando de Magalhães que era obstetra, e... e não teve nenhum... nenhuma, digamos, uma ação importante no comportamento dos médicos.

Agora é interessante ressaltar o seguinte: a Ordem dos Médicos... dos Advogados no Brasil eles tiveram a... o reconhecimento de sua Ordem em 1930, não é, por um decreto, é... e... foi consolida... foi consolida... foi consolidado em 33 com seu Código de Ética. Quer dizer, a Ordem dos Advogados ela apareceu... apareceu em 1930 e contemporaneamente com a Ordem dos Médicos na França, porque a França também estava às voltas com o mesmo problema de comportamento dos médicos. E lá na França, nessa ocasião, era muito... muito agudo, havia muito problema no comportamento dos médicos.

AP - O sr. não vai tomar seu café?!

SS - E... então apareceu a Ordem dos...

AP - Sem açúcar.

SS - É. Apareceu a Ordem dos Médicos na França e então a Ordem dos Advogados no Brasil.

AP - Ao que que o sr. deve... como que o sr. explica essa, entre aspas, coincidência da preocupação ética na década de 30 entre os médicos, entre os advogados, na França?... Quer dizer, havia um... havia um contexto, um momento voltado para a questão ética. Como o sr. explica essas coincidências?

SS - É... por causa da... Eu acredito por causa da... da... digamos, da evolução do trabalho médico. Então com essa... nessa evolução, problemas graves surgiram na França, inclusive de concorrência, concorrência desleal de médicos. E isso aparecia lá como aparecia aqui também. Problemas que inclusive de ordem policial. O problema do abortamento... Enfim esses problemas que levaram os franceses a fazerem a sua Ordem dos Médicos também preocupavam os brasileiros.

AP - O que era a concorrência desleal naquela época? Na década de 30?

SS - A concorrência desleal é a seguinte... Quer dizer, os laboratórios... os laboratórios... é... a... davam... davam propinas aos médicos, né, para aceitar os seus produtos. As farmácias ofereciam vantagens aos médicos que mandavam suas receitas pra lá. E... a... agentes... agentes de... para trazer doentes pra determinados pacientes... determinados

clientes. Eu falei até sobre... sobre a... o anúncio de um médico lá em, em São José do Rio Preto em São Paulo na década de 30, quer dizer, médico especialista disso, de garganta, nariz, embaixo: "Especialista em todas as especialidades em geral". A ultravioleta... faziam ultravioleta, não é, com a lâmpada comum pintava aquilo de violeta, dizia que era ultravioleta. Enfim, havia uma série de coisas... E anúncios de médicos que anunciavam a cura de cálculos biliares, compreendeu?! Havia um que fazia esse anúncio até no Edifício d'A Noite... dava glicerina... uma pedra de glicerina... a glicerina com... com a bÍlis formava com as compressões, os cálculos davam como curado o doente... Enfim... A apendicite por... por... é... sem... sem cicatriz, operando por espiritismo... Enfim, uma série de coisas desse tipo, não é?! Como ainda hoje existe, né?!

AP - Mas o sr. acha que hoje em dia qual é o comportamento dos médicos diante dessas... evidências, dessa concorrência desleal, dos curandeiros...

SS - Ah, hoje. Hoje melhorou muito. Hoje isso... isso já não existe...

AP - Mas como é que os mé... como é que os médicos se comportam com relação a isso? Como é que as associa... as associações médicas reagem a isso hoje?

SS - Hoje o comportamento dos médicos é infinitamente melhor do que naquele tempo. Hoje já não existe... já não existe essa concorrência, isso... isso não... se observa mais. Inclusive o público está melhor educado, né! Não existe mais!

AP - O sr. é... se formou em 28... quer dizer, um ano... um ano praticamente de fundação também do Sindicato. O sr. fez menção, agora no início da sua fala, sobre... é... a criação da Sociedade. É... No ano que o sr. se formou, já existindo a Sociedade, por que que foi criado o Sindicato?

SS - Eu... eu sempre me desinteressei desses movimentos de classe até 50... 52... quando fui convidado pelo... pelo... pelo... pelo Augustinho Monteiro e Duque Estrada pra participar dessa... do Conselho Regional, compreendeu. Sempre me desinteressei disso, sempre fui avesso a esses movimentos, sempre fiquei no meu canto trabalhando, no meu hospital trabalhando, no meu consultório, na minha casa de saúde. Sempre... Nun... nun... Nunca pertenci a essas sociedades.

SR - O sr. fez menção ao Código de 31, ao Conselho de Medicina e às críticas que o dr. Fernando Magalhães teria feito a esse primeiro Conselho. O sr. se recorda do teor desse...

SS - Não, não conheço o teor não. Nem encontrei referências a esse teor nem a esse código, né! Eles foram... foram relegadas ao esquecimento por... por ineficiência... por falta de interesse mesmo, que morreu.

AP - Bom, então vamos ao IV Congresso Médico Sindicalista que foi realizado em 1944. O sr. teve notícia desse evento?

SS - Esse... esse congresso ele foi muito... muito badalado mas foi muito combatido, muito combatido, né! Na ocasião se falava muito, não esse Congresso Sindicalista... isso

aí... isso interessa pouco aos médicos, quer dizer, era mais uma questão trabalhista, tá compreendendo. Havia mais problemas trabalhistas envolvidos naquilo do que problemas praticamente de... éticos, de maneira que eles... eles não tiveram eco na classe médica de um modo geral. Isso é o que se sentiu na ocasião. E fiz até... houve até uma Federação de Sindicatos, que aquilo era mais problema sindical, e essa Federação dos Médicos naquela ocasião... um... era... teve uma vida efêmera e... Depois então o governo criou um Conselho Federal Provisório dessas federações. E quem... quem era o presidente foi o Roberto Cordeiro de Farias... Roberval Cordeiro de Farias, compreendeu, que também só... só... só cuidava de... de... de problemas sem maior interesse. Pera aí um momentinho!

AP - Qual era a relação desse... Roberval Cordeiro de Farias com a categoria médica?

SS - O... o Roberval... ele era chefe do Serviço de Fiscalização da Medicina... do Exercício da Medicina. E era um funcionário correto, compreendeu! Esse Roberval...

AP - Ele era médico?

SS - Era médico... era médico... era médico ligado ao inclusive, muito ao Laboratório Silva Araújo... ligado ao Laboratório Clínico Silva Araújo, e... e... e ele... e ele foi o... iniciador de... desse conselho.

AP - E esse... E o que fazia esse Conselho de Disciplina Profissional?

SS - Praticamente nada. Não tinha a menor influência, a menor repercussão na classe. Era uma... entidade abstrata.

AP - Sim, mas qual é o seu... é... teoricamente...

SS - Teoricamente seria fiscalizar a medicina. Quer dizer, e... Ele fiscalizava a medicina lá no exercício da parte trabalhista, tá compreendendo? Mas na parte ética não tinha a menor influência, a menor repercussão. Não foi um conselho de ética, foi um conselho de atividade profissional. Sabe se tá... se o diploma tá legalizado ou não... Só cuidava disso. É! Não tinha... não tinha nenhuma influência na parte ética.

AP - O sr. acha que... é... havia na década de 40, na oportunidade da realização desse Congresso... é... Como é que é a ideia da criação da Ordem era recebida? Havia consenso ou não?

SS - Ha... Havia consenso.

S - Um momentinho!

Fita 7 - Lado B

SS - Todos... todos achavam que era necessário um... um... um órgão controlador... como... como todos não, uma grande parte! É! Porque havia uma parte que achava que isso viria cercear a liberdade dos médicos, seria policiar os médicos, seria punir os médicos, que os médicos deveriam ter liberdade absoluta para... para trabalhar e... para

agir. De maneira que havia reservas... Como... como até pouco tempo ainda existia, né! Tinha muita gente que...: É, isso só serve pra policiar a classe, só serve pra punir! Mas na verdade, o Conselho... o Conselho de Medicina tem funções muito elevadas, muito nobre.

AP - O sr... o sr. diz que havia essa polêmica entre o, vamos dizer, entre o caráter fiscalizador, punidor...

SS - É.

AP - Alguns achavam que se fosse assim que não deveria ser...

SS - É. Exatamente!

AP - Não havia também uma polêmica sobre... é... é... que essas atribuições... é... do Conselho já estavam nas mãos do Sindicato e que não havia necessidade de criar uma outra instituição?

SS - O sindicato nunca foi... nunca foi olhado com muita simpatia pela classe médica. Nunca foi olhado. O sindicato sempre teve o seu lado antipático, né?! Isso aqui é pra trabalhador, é pra operário médico... Tanto que o número de médicos sindicalizados sempre foi muito pequeno. Eu só fui ao sindicato, só me filiei ao sindicato numa certa fase da... da... da parte política, quando foi preciso lutar no sindicato, pela democracia... Aí eu pas... eu fui sócio do sindicato e tive no sindicato durante, durante alguns anos. Mas o sindicato era... era..., vamos dizer, entre aspas, um antro de atividades políticas... De maneira que eu...

AP - Mesmo com o doutor Álvaro Tavares de Souza?

SS - Eu não estive no sindicato no tempo do dr. Álvaro Tavares de Souza, que é um homem que... que eu respeito muito... que sempre trabalhou pelas boas causas, sempre trabalhou inclusive na formação do Conselho. Um homem a quem o Conselho deve muito. Inclusive foi em salas dele, é... de... de... de uma firma que era dele que o Conselho funcionou durante quase todo tempo. Isso vamos falar ainda.

AP - Sim porque, é... pelo que a gente tem visto nos documentos que a gente tem lido, é... a gente constatou, e o sr. mesmo falou, que em 1931 o sindicato fez um... o primeiro código de ética.

SS - Código, é!

AP - Então as atribuições éticas estavam, desde 31, pelo menos formalmente, nas mãos do sindicato, por isso que eu perguntei ao sr. se o sr. não acha que a criação do Conselho da Ordem em 45 não... não... não criava, não gerava resistências naqueles que achavam que esse... que esse privilégio, que essa atribuição deveria continuar nas mãos do sindicato e não passar para uma outra instituição. Esse... esse assunto não era...

SS - O sindicato era mui... muito, entre aspas, mal visto, contestado principalmente por causa da... do... da... desses artigos, quer dizer, coercitivos da atividade profissional. O

sindicato não tinha uma boa imagem na grande maioria dos médicos. Por isso que ele tinha muito poucos... muito poucos... é...

AP - Mas ele exercia esse papel coercitivo na verdade?

SS - Teoricamente apenas. Teoricamente. Não tinha nenhuma influência, digamos, positiva, não é, cerceando a liberdade de ninguém. Ele... o... o sindicato nun... nun... que eu saiba, nunca puniu ninguém.

AP - Mas a imagem dele era uma imagem coercitiva.

SS - É.

AP - Agora um outro assunto que a gente tem visto aí nos artigos, nos documentos de época era se a filiação a esse... a essa Ordem a ser criada deveria ser ou não... é... obrigatória. O sr. lembra de alguma coisa nesse sentido, se havia verdadeiramente essa... essa polêmica?... se era voluntária ou era compulsória?

SS - A minoria achava... a maioria, uma grande parte achava que devia ficar livre disso, imune disso. Tanto que quando a... a... criação do Conselho tornou obrigatória essa filiação, houve uma revolta muito grande. Revolta, muita resistência, né! "Por que vou me inscrever num Conselho que vai me punir, vai me policiar, né?" Houve grande resistência da classe médica. Mas acabou se submetendo, né?!

AP - Acabou se submetendo por quê?

SS - Por força de lei. Porque sem... sem... sem inscrição no Conselho você não podia fazer nada, quer dizer, seria exercício legal da medicina. Então todos tinham de ter sua carteirinha, né, tinha sua inscrição, sobretudo pra... pra... receituário, receituário de entorpecentes, não é! Quer dizer, a inscrição no Conselho era... era obrigatória. Inclusive em todas repartições públicas, os médicos não podiam... é... receber seus honorários se não estivesse inscrito no Conselho, compreendeu? De maneira que tornou-se uma coisa obrigatória, e a inscrição no Conselho é... foi tranquila.

AP - Então, mas isso já na década de 50, né?!

SS - É!

AP - Na década de 40 ainda não?

SS - Ah, não! Ninguém queria nada com o Conselho, ninguém não, quer dizer, a maioria não queria nem Conselho nem com o sindicato. Eles estavam no seu canto quieto, não queriam saber disso.

AP - Muito bem. É... Logo depois que acabou o IV Congresso Médico Sindicalista... uma das resoluções do IV Congresso Médico Sindicalista foi exatamente a criação do Conselho e foi... foram indicados pelo IV Congresso Médico Sindicalista 28 nomes para compor a primeira Diretoria Provisória do conselho. Desses 28 nomes o presidente da República... é... escolheu sete efetivos e sete suplentes, né! Então eu... eu... nós fizemos

aqui um esforço, dr. Sertã, para... uma relação grande aqui de nomes de médicos que estiveram envolvidos naquilo que nós estamos chamando aqui de "três fases, aí, de criação do Conselho em 45".

SS - Sim!

AP - Uma primeira, o IV Congresso Médico Sindicalista. Uma segunda, ah... os 28 nomes que compuseram a primeira diretoria do Conselho. E uma terceira, que foram os sete nomes escolhidos pelo presidente da República para...

SS - Pro Conselho...

AP - efetivo... é...

SS - o Conselho Fed... Provisório...

AP - ... Provisório. 7 efetivos e 7 suplentes, não é! Alguns médicos participaram da organização do IV Congresso Médico Sindicalista, e nós temos as atas do IV Congresso Médico Sindicalista e os nomes dos médicos que participaram da organização do IV Congresso Médico Sindicalista. Alguns desses ou outros foram indicados pra compor a primeira Diretoria Provisória, 28 nomes, e desses 28 nomes 7 foram escolhidos... 14 no caso... 7 efetivos e 7 suplentes em 45. Eu fiz aqui... nós fizemos aqui uma... uma relação... é... por ordem alfabética de alguns desses médicos. E como o sr., em 1944, já era uma pessoa de... é... apesar de o sr. ter frisado que não tinha ainda na década de 40 uma atuação no movimento associativista médico...

SS - Interesse...

AP - Já tinha?

SS - Não tinha interesse.

AP - Não tinha interesse e nem tinha uma atuação.

SS - É!

AP - O sr. não se envolvia por essas... por essas problemáticas, o sr. veio a se envolver mais em meados da década de 50... Mas de qualquer maneira eram médicos com quem o sr... é... eventualmente deva ter tido algum tipo de relação profissional ou pessoal. Ou ouvido falar, ou algum tipo de referência, não é?! Então a gente fez aqui uma... uma relação desses médicos que participaram desse momento aí... é... de criação do Conselho. A gente tá chamando aqui de composição do Conselho. Por exemplo o dr. Abias Vieira...

SS - Não conheci.

AP - O dr. Abelardo Marinho...

SS - Conheci muito bem. Um homem mui... muito ligado a essas... a esse trabalho de Saúde Pública sobretudo, não é?! E movimentos também de política... política... é... política médica... política de classe... Um homem direito, um homem correto, muito bom!

AP - O sr. diria que nessa época, já em 45, é... com o fim da Segunda Guerra Mundial, é... havia entre os médicos as... as diferenças... é... entre médicos... é... comunistas e não comunistas? Ou não? Favoráveis ao nazismo... ou não!

SS - Já havia. Já havia bem nítida essa diferenciação entre democráticos e... e esquerdistas...

AP - Já na década de 40?

SS - Já.

AP - E essa diferença, ela aparece no IV Congresso Médico Sindicalista?

SS - Eu não participei dele e não posso dizer, compreende? Mas, pra citar um fato só, um colega nosso, que foi depois conselheiro aqui em seguida, depois te falo, falar sobre ele, João Barbosa Melo, que foi conselheiro daquela chapa, da primeira chapa do conselho regular, ele escondeu nele, escondeu em sua casa, aquele casal de russos que era amigo do Prestes... Berg... Berg... Berg... Lá na... na rua Santa Clara... Eles descobriram lá o camarada lá e deram uma surra no Barbosa Melo, coitado, tá compreendendo? Ele apanhou porque ele era co... ele era comunista... Era o ideal dele! Como um amigo meu, o José Marques Gomes, esse que é... Paulo Roberto... ele era socialista... Paulo Bastos, meu companheiro, quer dizer, eles tinham aqueles ideais. Achavam que aquilo era a melhor coisa no mundo e tal, aquele regime, né?! E lutavam por aquilo. Eles pregavam aquilo... Mas a organização só foi melhor depois, aí fala, em 50, com a criação da Associação Médica Brasileira... a Associação Médica do Estado do Rio de Janeiro...

AP - Mas isso... A... a... AMB... AMDF...

SS - Isso foi em 50!

AP - Foi isso! Então... O dr. Abelardo Marinho foi... é... diretor do Sindicato Médico de Campinas, Presidente da Federação dos Sindicatos Médico do Brasil, ele foi Vice-Presidente de Honra do Congresso... do IV Congresso Médico Sindicalista, ele fez parte da... dessa comissão de organização do Congresso, ele foi indicado entre os 28 nomes pra compor a comissão... a diretoria provisória e ele foi nomeado pelo Presidente da República um dos integrantes da diretoria provisória. Qual era a área de especialização dele de trabalho?

SS - Ele era de saúde pública... Era médico de saúde pública, era... Enfim, um sanitarista. Quer dizer, pelo que eu sei a atividade dele era essa.

AP - E ele trabalhava aqui no Rio de Janeiro?

SS - Eu acho que ele trabalhava aqui no Rio de Janeiro, sim! Eu acho que ele era funcionário daqui no Rio.

AP - Ele era um homem afeto a... envolvido com a política trabalhista?... Varguista... esses movimentos?!

SS - Eu nunca tive muita intimidade com ele... mas que eu saiba não! Que eu saiba, era um homem de atitudes moderadas.

AP - O dr. Afonso Taylor da Cunha Melo?

SS - Não, esse era profundamente esquerdista... Vermelhinho da Silva... Esse, eu [me lembro dele]. Esse era um diabo rubro... O Cunha Melo era um sujeito que não escondia os seus sentimentos, compreendeu? Mas que lutava por aquilo que ele achava que era correto, né!

AP - E ele... qual era a área de especialização dele?

SS - Não sei! Nunca tive intimidade com ele... Conhecia através dos seus... dos seus... das suas palavras... enfim

AP - Ele era muito... muito engajado...

SS - Muito... público... atuante...

AP - Atuante?

SS - É!

AP - Ele era médico do IAPTEC.

SS - IAPTEC, é.

AP - O IAPTEC onde era o IAPTEC, na década de 40?

SS - IAPTEC... IAPTEC... Era ali em Bonsucesso.

AP - Onde é o atual Hospital de Bonsucesso.

SS - É! É!

AP - É o Instituto dos Comerciários!

SS - Não, não Transportes e Cargas!

AP - Ah, Transportes e Cargas. Tá certo! E ele chegou a ser indicado para a diretoria provisória, entre os 28 nomes mas não foi escolhido pelo presidente da República.

SS - É... naturalmente por causa do seu... do seu... do seu "colorido"...

AP - E ele... Mas ele era militante do Partido Comunista?

SS - Não sei... Não posso afirmar.

AP - O dr. Alberto Lupieri?

SS - Esse eu não conhecia.

AP - O dr. Alberto de Oliveira.

SS - Alberto de Oliveira era um sujeito correto, era um clínico aqui do Rio de Janeiro, um clínico muito respeitado. Morreu há pouco tempo!

AP - Ele era médico do Banco do Brasil...

SS - É... médico do Banco do Brasil.

AP - ... representante do Sindicato Médico de Ribeirão Preto. Por que que ele era representante do Sindicato Médico de Ribeirão Preto?

SS - Não sei... Ele clinicava aqui no Rio de Janeiro, inclusive na Casa de Saúde São José. Ele morreu há um ano ou dois... Há pouco tempo.

AP - Agora recentemente.

SS - É!

AP - Também foi indicado para compor a diretoria provisória mas não chegou a ser nomeado pelo Presidente da República. O dr. Alberto Recamie de Sá?

SS - Não conheço.

AP - Dr. Alexandre Boavista Moscoso?

SS - Alexandre Moscoso era um clínico aqui no Rio... que tinha... É... era, digamos, um nutricionista de grande renome clínico aqui no Rio de Janeiro. Eu não o conheci pessoalmente. Mas ele era um sujeito que tinha muito bom conceito. Era um bocado respeitado aqui no Rio.

AP - Ele foi clínico e membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia e... chegou a ser indicado entre os 28 nomes, mas foi daqueles porque, no caso, a gente tá fazendo uma distinção entre os que foram... é... que se engajaram na organização do Congresso, os que foram nomeados pelo Congresso para compor a diretoria e os que foram efetivamente... é... nomeados pelo Presidente da República. O dr. Alintor Silveira Werneck de Carvalho?

SS - Não conheço também! Nome estranho pra mim!

AP - Almansor Alves?

SS - Também estranho pra mim.

AP - Aluízio Veiga de Paula?

SS - Aluízio de Paula, daqui do Rio, ele era... ele era fisiologista... fisiologista... foi professor da... da... em Niterói, da Fluminense, e era... e era... da docente da UFRJ.

AP - Quer dizer, ele era... ele era... Ele era mais...

SS - ... clínico ...

AP - ... clínico ou ele era sanitarista também?

SS - Eu não sei se ele era sanitarista, ele era um fisiologista muito respeitado, um profissional muito respeitado.

AP - Mas ele estava preocupado também com a... com a campanha pública com relação a apreensão da tuberculose...

SS - Ele se dedicou a vida dele foi quase toda a tuberculose! Ele foi muito dedicado ao tratamento da tuberculose.

AP - É... O dr. Álvaro Barcelos Ferreira?

SS - Não conheci.

AP - Dr. Álvaro Tavares de Souza?

SS - Tavares de Souza era justamente um dos que mais trabalharam para... para esse movimento. Ele não tinha... não era... não tinha... não era conhecido como um profissional médico.

AP - Ele era ginecologista, né?

SS - Não sei. Como profissional médico eu... eu... eu nunca ouvi falar dele, só ouvia falar dele como militante do... do... do Sindicato Médico e... e lutando por essa causa. Como profissional médico, eu não conheço nenhuma atividade dele.

AP - Mas ele...

SS - Não.. não... não é que não a exercesse, quer dizer... eu não... não é do meu conhecimento.

AP - E... agora ele... Ele... quer dizer, ele era membro do sindicato mas ele não tinha um... uma... um prestígio acadêmico.

SS - É, é... prestígio popular na classe.

AP - Mas ele continuava sendo eleito presidente do sindicato!

SS - Eu estava fora do sindicato, não estava naquele círculo que me desinte... sempre me desinteressei das atividades do sindicato.

AP - Como é que o sr. via a relação do dr. Álvaro com o Vargas?

SS - Ah, não sei! Não conheço!

AP - Contam aí que o dr. Álvaro era chegado a... ao "Anauê", ele era integralista também.

SS - Nunca, nunca ouvi falar.

AP - Nunca ouviu falar! Ele também foi presidente do Sindicato Médico... ele também foi, ele foi presidente do Sindicato Médico e era presidente efetivo do Congresso, participou intensamente da organização do congresso, foi indicado entre os 28 nomes e depois foi nomeado pelo presidente da República a ser um dos membros efetivos do Conselho Provisório.

SS - Ele trabalhou muito pra isso.

AP - Ah... O dr. Antônio Ferrari?

SS - O... o Ferrari era de São Paulo, eu conheci só de... só de nome...

AP - Era muito famoso?

SS - Não, pelo menos eu não tenho nenhuma referência a... a... a respeito.

AP - Qual era a especialização dele?

SS - Não sei.

AP - Ele também acabou compondo... foi um dos sete nomes que compôs a diretoria provisória do Conselho.

SS - Ele era de São Paulo, daí o meu desconhecimento dele.

AP - Antônio Pinheiro de Ulhoa Cintra?

SS - Eu acho, eu acho que é de São Paulo também. Mas, não conheço nada dele.

AP - Átila de Mello Xerife?

SS - Também não conheço.

AP - Arlindo Lemos Júnior?

SS - Também... Lemos?... Arlindo?... Não!

AP - Armando Assis?

SS - Também não conheço. Armando... É Arlindo de Assis?

AP - Arlindo de Assis?

SS - É. Deve ser Arlindo de Assis.

AP - Que que tem Arlindo de Assis?

SS - O Arlindo de Assis foi justamente... participou disso. O Arlindo de Assis era um camarada muito dedicado ao estudo da tuberculose, ele foi de Manguinhos inclusive, tá compreendendo, e trabalhou muito sobre a tuberculose, e sobretudo na BCG. E... e... ele que começou a fazer a BCG aqui no Brasil. Ele que preparou as primeiras vacinas de BCG no Brasil. Trabalhou muito também no programa da tuberculose. Deve ser Arlindo de Assis, compreendeu? Porque o Arlindo de Assis estava envolvido nesse movimento. Verifique lá nos seus... nos seus... documentos.

AP - E o dr. Armênio Flores?

SS - Armênio Flores Soares!

AP - Eu tenho só Armênio Flores... Se for Armênio Flores Soares o sr. está complementando a nossa informação...

SS - Eu...

AP - Quem foi Armênio Flores Soares?

SS - Eu vou verificar isso. Depois lhe dou a informação.

AP - Não, não tem problema não. O dr. Arnaldo Cavalcanti já é nosso conhecido.

SS - Já!

AP - Foi seu... um dos seus... adversários na vida sindical.

SS - Arnaldo Cavalcanti?!

AP - É. Não?

SS - Não!

AP - Não?

SS - Arnaldo Cavalcanti era... era um clínico que [tinha] aí, [que tinha] pouca expressão. Arnaldo Moraes foi... foi... foi com quem eu briguei...

AP - Arnaldo Moraes foi com quem o sr. brigou.

SS - É.

AP - O dr. Carlos Renato Grey?

SS - Carlos Grey? O Carlos Grey foi interno lá no São Francisco, quando eu trabalhava lá, ele era sobrinho do Jorge Moraes Grey, né?!, fazia urologia, e... também bem vermelhinho, sempre foi... lutou... lutou muito pelo... pelo... pelo PC, compreende, e... na profissão ele nunca apareceu assim com certo destaque, compreende, e... mas sempre atuante no sindicato e depois na Associação Médica do Estado da Guanabara, sempre foi muito atuante nisso. Eu me dou muito bem com ele. Ele é meu amigo, né! Aliás todos aqueles esquerdinhas, tiveram um convívio muito grande comigo.

AP - O sr. teve boa convivência com os esquerdinhas como o sr. fala?

SS - Muito boa sempre.

AP - Eles não a... Eles não rivalizavam muito com o sr. não?

SS - Eu sempre tive um comportamento muito amistoso com eles.

AP - Hum!

SS - Sempre, sempre! Como o Fluminense e o Flamengo, compreendendo. Assim, sempre tratei com pão de ló e eles a mim, sabe?

AP - É, nem sempre os tricolores se... se encontram bem com os flamenguistas, né!

SS - Não... Sempre se encontram... Eles só não gostavam muito quando eu... quando eu brincava com eles que a AMEG era... era o símbolo da Associação dos Médicos Esquerdistas da Guanabara... [Dr. Sertã ri] E eles não gostavam muito, mas me aceitavam! Depois, quando agora mais recentemente, quando houve a eleição e eu encontrei com o Chabor... E... "Como vai assim!... Não vai... não vai... [votar com] a nossa chapa, né?!" Eu digo: Não sou médico do tempo do categuti. Sabe o que é categuti, não sabe? Categuti é aquele fio com que se ligava antigamente né? Sou médico do tempo do categutie. Agora os médicos são gatos da CUT... [dr. Sertã ri] Mas me dou muito bem com eles todos, não é?!

AP - O dr. Renato Grey chegou a ser... compôs a mesa diretora da organização do Congresso, teve uma atuação muito intensa na organização do congresso, foi um dos... indicados entre os 28 nomes e acabou compondo como suplente a primeira diretoria provisória.

SS - Justamente essas atuações, como a do Renato Grey e outros ne... ne... nesse Congresso, que eram marcadamente esquerdistas, isso afastava muitos médicos que

estavam trabalhando, que não queriam saber nada disso, compreendeu? Eles davam uma conotação muito... muito vermelha a... a esses trabalhos.

AP - O... dr. Carlos Vieira de Lima?

SS - Carlos Vieira de Lima... Eu não... eu não conheço!

AP - Dr. Clóvis Correia da Costa?

SS - Clóvis Correia da Costa foi justamente aquele que eu briguei no... no... no... no Concurso para Titular, tá compreendendo? Era um sujeito forte, etc., etc.. Era um homem correto, compreendeu?! Sujeito de muitas injunções, etc., era professor da... era livre docente da faculdade, e foi professor da... da... Escola de... de... Estadual, lá do Pedro II... do Pedro Ernesto, não é... professor da Escola de Medicina... da Escola de Medicina e Cirurgia.

AP - A Escola de Medicina e Cirurgia era no Pedro Ernesto?

SS - UERJ!

AP - UERJ!

SS - UERJ! UERJ! [Escola de Cirurgia] é... é da UERJ.

AP - E o... qual era especialidade do dr. Clóvis?

SS - Obstetrícia... ele era parteiro. Escreveu alguns livros, aliás, muito bons. Era um camarada que, sobretudo, que escrevia bem.

AP - O sr... o sr. é daqueles que acham que se o médico tem uma atuação muito grande no movimento associativo ele não consegue... é... ter um destaque muito grande no meio acadêmico!

SS - Não, não... pode perfeitamente...

AP - Pode conciliar as duas coisas?

SS - Pode, pode perfeitamente, pode perfeitamente... [O principal] é que ele não se comprometa, né, fazendo coisas inconfessáveis.

AP - É, porque no caso do dr. Grey e do dr. Álvaro, os dois tinham um envolvimento muito grande, como o sr. diz, no movimento associativo médico, mas como o sr. diz também eles não tiveram o mesmo destaque no meio acadêmico.

SS - Porque não interessaram pe... pe... pela medicina, se empolgaram mais com os trabalhos, digamos, sindicais, né?!

AP - O dr. Cornélio Rosemburg?

SS - Não conheci.

AP - O dr. Elias José Grego.

SS - Elias Grego também ele... ele... ele se dedicou muito a esse trabalho do sindicato, né, e também muito voltado para o lado vermelho, tanto que ele foi impugnado na primeira chapa... na primeira eleição... foi impugnada... e depois perdeu o.. a... a... o recurso impugnatório. Foi a primeira chapa do conselho.

AP - Mas na década de 50.

SS - É! Isso... isso foi já em 58.

AP - Mas nós estamos ainda lá na década de 40...

SS - Mas ele... [digo]... participou dentro do movimento mas sempre com essas... com essas atitudes contestatórias.

AP - Mas co... como é que... como é que se traduzia a atuação de um vermelho, como o sr. diz, na década de 40?

SS - É, contestando!

AP - Contestando o quê, dr. Sertã?

SS - Tudo. Eles achavam que a sociedade estava errada, que tinha de mudar, e tinha de ser o socialismo, o comunismo e tal que... nós tínhamos que pegar o exemplo da Rússia, não é. Enfim...

AP - Qual a especialidade do dr. Grego?

SS - Eu não o conheci pessoalmente!!

AP - Ele era... ele trabalhava no Hospital Grafée Guinle. Ele co... participou da organização do congresso e foi indicado como um dos 28 nomes... é do... pra compor a lista pro presidente escolher, mas não foi escolhido. Dr. Emilio Vidal?

SS - Ele foi indicado é?

AP - Ele foi indicado entre os 28 nomes, o dr. Grego, pelo congresso, mas não chegou a ser escolhido pelo presidente da República.

SS - Eu não sabia! O Emilio Vidal foi nosso interno. Conhecia bem o Emílio Vidal, era bom sujeito. Ele casou-se até com aquela...

AP - Esse era mais moço do que o sr.?

SS - Ah, era mais novo... muito mais novo. O Emílio Vidal foi nosso interno bastante tempo, bom rapaz, nunca foi brilhante como médico, não é? Foi se... acomodou-se...

AP - Ele é vivo ainda?

SS - Não. Ele morreu... ele morreu talvez há uns... uns 8 anos talvez! Até a senho... a viúva dele me procurou. Eu atendi a viúva dele no consultório, compreende?! E... e... Ele era casado com aquela Ilka Labarte. Tem uma explicação. Ele era casado com a Ilka Labarte, que foi gaúcha, né, que teve um acidente, ficou parálitica em Brasília, ele a acompanhou durante muitos anos. Ela veio a morrer e depois ele casou-se com outra, depois ela me telefonou comunicando a morte dele, e pedindo que eu a atendesse na Casa de Saúde São José. Isso deve ter uns 10 anos aproximadamente. O Emílio Vidal... Emílio Vidal era muito bom companheiro mas nunca... nunca passou de um modesto cidadão. Bom sujeito! Inclusive o comportamento dele com a Ilka Labarte foi muito correto. Ele foi... viveu muito anos acompanhando a cadeira de rodas dela.

AP - E qual era a área de atuação dele... de especialização dele?

SS - Bom, ele foi nosso interno em ginecologia e obstetrícia.

AP - Ah, sim!

SS - Depois não sei, né!

AP - Quando o sr. fala nosso interno, é lá no...

SS - No São Francisco...

AP - Na enfermaria do... do Aguinaga.

SS - É! É. Mas, um bom sujeito. Um... um médico que nunca teve...

AP - Ele... era médico do Hospital de São Francisco, chegou a participar da organização do Congresso e depois veio a ser indicado entre os 28 nomes.

SS - É... é... A explicação é essa... a Ilka Labarte...

AP - O que que tem isso a ver com a...

SS - Que... a Ilka Labarte era muito ligada não só a esse partido como aos próprios gaúchos...

AP - Qual partido a que o sr. se refere?

SS - PC.

AP - Ah, sim!

SS - Compreende?

AP - Como aos gaúchos também. Ao Vargas...

SS - É! Labarte ela... sobretudo a ligação dela com os gaúchos do... do Vargas era muito grande. Ela participava até de programas de Hora do Brasil, coisas assim desse tempo, né!

AP - Ela era atriz?

SS - Do DIP... DIP.

AP - Ela trabalhou no DIP.

SS - É... no Departamento de Imprensa e Propaganda, compreendeu... Ela era muito conhecida na ocasião.

AP - O dr. Frederico Lopes Nora?

SS - Não conheci.

AP - Dr. Guilherme de Souza?

SS - Também não conheci.

AP - Henrique Doeque?

SS - Henrique Doeque é... era aqui do Rio, fazia ginecologia também. Eu conhecia pouco, mas era um camarada de pouca expressão, mas respeitado.

AP - Dr. Hermógenes Pereira?

SS - O Hermógenes também... nessa faixa.

AP - Nessa faixa quer dizer o quê, dr. Sertã?

SS - De pouco conhecido. Nem fede, nem cheira.

AP - Mas ele chegou a trabalhar em que área da Medicina?

SS - Eu não sei, porque ele não... não estava no nosso círculo. E eu não tive oportunidade de conhecê-lo bem.

AP - Mas ele chegou a ser nomeado pelo presidente da República membro da... primeira diretoria provisória do Conselho.

SS - Não conheço nada da atuação dele.

AP - Dr. Hugo de Brito Firmeza.

SS - Hugo de Brito Firmeza trabalhou conosco inclusive... mas... o Hugo Britto Firmeza trabalhou na.. na... no Regional...

AP - Depois da década de 50...

SS - É... Depois da década de 50, né!

AP - Sim, mas ele já está... atuando desde a década de 40.

SS - É... ele participou... O Hugo Firmeza é também um camarada também modesto, tímido... não tinha... não se manifestava muito, entende? De maneira, que o meu conhecimento dele lá no... no Conselho Provisório, não é, foi pequeno. Ele não se manifestou muito, ele não era... não era um sujeito de se... de se... expandia. E dentro da área médica ele era pouco conhecido.

AP - Ele parece que era também sanitarista.

SS - Não sei, eu não...

AP - Porque ele era médico do... Departamento Nacional de Trabalho, Chefe da Seção de Higiene do Trabalho...

SS - É, eu não o conheci bem, não!

AP - Participou da organização do Congresso e foi indicado entre os 28 nomes e depois foi nomeado pelo presidente da República membro da primeira diretoria provisória...

SS - É... E lá na nossa diretoria regional provisória ele ia muito pouco. Ele é citado aqui várias vezes...

Fita 8 - Lado A

AP - É... Continuando aqui... O dr. José de Castro Goiana?

SS - O Goiana era urologista, pai desse Goiana que está agora... Um Camarada correto. Tinha um muito bom nome como urologista. E um bom sujeito. Um camarada respeitado na clínica, né!

AP - Ele chegou a ser presidente do Sindicato.

SS - Do sindicato, trabalhou muito no sindicato. Ele foi um dos grandes alavancadores do sindicato. E deu prestígio ao sindicato quando foi presidente.

AP - Diferente do dr. Álvaro!

SS - Eu não diria isso, porque e... e... ele tem... tinha clínica, era conhecido como clínico, como urologista de prestígio, compreende, então ele... ele tinha o seu nome antes de ser presidente do sindicato, ele era o... Goiana... Como é o filho dele, atualmente!

AP - Tem gente que vai para o sindicato para fazer nome também?

SS - Eu... eu não diria isso, sabe. Vai-se para o sindicato mais para lutar em prol do seu ideal.

AP - O dr. Castro Goiana chegou a ser presidente do sindicato, depois foi membro da Sociedade de Medicina e Cirurgia, participou intensamente da organização do congresso, foi indicado nos 28 nomes e depois veio a ser nomeado pelo presidente da República. O dr. José Joaquim Pereira Júnior?

SS - Esse também é... é um clínico que veio... veio para a nossa... nossa... é... nossa primeira chapa aqui, era um clínico muito correto, um homem muito correto. Clínico!

AP - Também, é... trabalhava na Beneficência, participou intensamente da organização do IV Congresso Médico Sindicalista, foi... um dos 28 nomes indicados pelo congresso, depois veio a ser componente da primeira diretoria do conselho.
José... J., eu acho que é José, Pereira Viana.

SS - Não consigo identificar esse...

AP - João Mendonça.

SS - Não, não conheço!

AP - Jorge Lacerda.

SS - Também não conheço.

AP - Júlio Sanderson de Queiroz.

SS - Esse era vermelhíssimo, era um dos mais... sujeitos inteligentes... vermelhíssimo... Ele morreu há pouco tempo, morreu há pouco tempo e...

AP - Morreu já, o dr. Júlio Sanderson?!

SS - Já! Morreu há pouco tempo! Não... Eu tô matando o homem... Eu encontrei com ele noutro dia na... na... naquela festa do Conselho, ele estava lá no Conselho de Medicina, né... Eu tô, eu tô... eu fiz uma confusão agora. Ele estava no... no... ele até... ele que saldou o... o... os... os conselheiros lá, os antigos presidentes na festa do Conselho de Medicina...

AP - Na inauguração do...

SS - Na inauguração dos retratos...

AP - Dos retratos!

SS - Dos retratos dos presidentes. Puxa, eu agora fiz uma confusão... [Dr. Sertã ri] o Sanderson...

AP - Não, o sr. ia me dar uma notícia nova, porque até hoje, que eu saiba, ele...

SS - Não, não, desculpe que eu tava matando o homem. Ele inclusive ele era muito amigo de um... de um... de um amigo meu, que eu conheci o Sanderson, sabe... principalmente por esse meu amigo, o amigo... o amigo Fabiano... eles eram muito amigos... amigo do Fabiano, que faleceu o ano passado. E... eles falavam muito no Sanderson, né! Júlio Sanderson!

AP - Mas ele era vermelhíssimo" como o sr. diz?

SS - É. Ele era vermelhíssimo. Da... da linha de frente, da linha de ataque, da tropa de choque... do PC!

AP - E sempre foi atuante na área da associativa médica?

SS - Muito, muito atuante. Sempre foi dos mais atuantes.

AP - O Dr. Lineu Jucá de Queiroz?

SS - Esse eu acho que é de São Paulo, eu não conheço, não. Deve ser de São Paulo.

AP - O dr. Lourenço Pereira da Cunha.

SS - Também não conheço, não!

AP - Dr. Matos Barreto?

SS - Não, é Barros Barreto, né?

AP - Barros Barreto?

SS - Deve ser. De Saúde Pública... é.. é... Barros Barreto... sanitarista... Vê se não era...

AP - Dr. Manuel Villaça?

SS - O Villaça era de fora... não sei se era de São Paulo ou de Minas... Não que eu saiba.

AP - Dr. Milton da Costa Pinto?

SS - Não conheço, não!

AP - Dr. Paiva Ramos?

SS - Também não conheço.

AP - Dr. Peri Correia Lima?

SS - Também não conheço.

AP - Dr. Roberval Cordeiro de Farias?

SS - Conheço, que... do Departamento Nacional de... de... de Saúde Pública [e da] Fiscalização de Medicina.

AP - Agora, é curioso - e vai aqui um comentário meu...

SS - Mas, escuta, já terminou a lista?

AP - Não, não acabou ainda não, nós estamos na letra R, vai até W. Faltam mais 5 nomes, só! É... É curioso porque o presidente da República nomeou pra presidente do Conselho exatamente aquele que exercia o cargo de diretor do Serviço Nacional de Fiscalização do Exercício da Medicina...

SS - Roberval Cordeiro de Farias...

AP - Isso!

SS - Péra um bocadinho! Aí não tem... fala no Augustinho Monteiro?

AP - Aqui, Augustinho Monteiro não tá aqui não! O que que tem o Augustinho Monteiro?

SS - O Augustinho Monteiro que era senador... nessa ocasião. Só se ele foi depois. E que é... que é... que estava praticamente na direção desses... desses trabalhos todos, isso depois de 50.

AP - Pois é, mas estamos lá em 44, ainda...

SS - Ah, bom!

AP - Eu tenho o nome de Augustinho Monteiro muito na época da década de 50.

SS - Pois é, exatamente.

AP - Já com a AMB... AMDF...

SS - É, exatamente! Eu estava sentindo falta do Augustinho Monteiro.

AP - Isso. Mas o Augustinho Monteiro era médico também?

SS - Era.

AP - Era?

SS - Era! Ele era médico no Pará.

AP - Pois é, mas o... o que eu ia comentar com o sr. é que eu acho curioso... é... não é uma... não é uma coincidência que o dr. Roberval Cordeiro de Farias tenha sido nomeado pelo presidente da República presidente do Conselho Provisório de Medicina ocupando cargo de diretor do Serviço Nacional de Fiscalização do Exercício da Medicina.

SS - É cargo honorífico!

AP - Sim, era cargo honorífico... mas o que... o que que o sr. acha que o presidente da República, no caso... em 45 já era o Presidente Dutra...

SS - Sim, porque... porque.

AP - ... queria com isso?

SS - Com isso ele queria, a meu ver, dar ênfase ao serviço de fiscalização da medicina através do Conselho... de Medicina, o que aliás muito correto, muito correto. Quer dizer, o Conselho Regional de Medicina... o Conselho de Medicina foi... foi programado pra exercer os problemas de... de... éticos e também de fiscalização do exercício da medicina. Esse [serviço] de fiscalização da medicina foi posto em prática... em prática, na realidade, é... por mim em... em... em 83, na... na... na diretoria provisória, eu tenho aqui toda a documentação... e hoje ele já tá sendo exercido plenamente.

Quer dizer, que além da parte ética... ética, o... o... o Conselho de Medicina exerce também uma atividade dos médicos, inclusive os hospitais. Sendo que essa última... a penúltima... a penúltima... hum... é... diretoria, com... com esse... com esse Vaz Melo, andou até... se excedendo, né, atuando aí nos hospitais, e por isso perdeu eleição. Eles se desmandaram! Tá bom, quer dizer... vamos fiscalizar, mas em termos, e não da maneira como eles fizeram. De maneira que eles contrariaram muita gente, prejudicaram muita gente, e prejudicaram inclusive a imagem do Conselho e por causa disso essa... essa... essa... é... essa chapa, que era a chapa oficial do Conselho, foi derrotada por uma das... eram 3 chapas... por uma das chapas de oposição... que é a atual.

AP - Sim, mas o que eu acho... o que eu acho... é... curiosa essa nomeação do dr. Roberval Cordeiro de Farias, em 1945, é porque... é... ainda hoje a temática de hoje é qual deve ser a relação entre o Conselho e o governo... entre o Conselho e o Estado. Quando o presidente da República nomeia alguém que não participou do IV Congresso Médico Sindicalista, que não representava nenhuma instância... dos médicos, era pessoa do Estado, era pessoa com cargo... é... público, com cargo do Estado: Diretor do Serviço Nacional de Fiscalização do Exercício da Medicina. Pra ser o presidente... é... do Conselho, o sr. não vê aí uma... uma... uma... um atrelamento, uma vinculação muito direta do Estado, do governo Dutra, com o Conselho?

SS - Não, eu vejo aí a indicação de uma pessoa... no meu modo de entender... que esti... estivesse afeita com esse problema de fiscalização da profissão. Tenho a impressão que ele viu no... no Roberval Cordeiro de Farias mais a pessoa conhecedora desse problema de fiscalização.

AP - Mas isso não fez com que o Conselho passasse a ter essa fisionomia de fiscalização?

SS - Isso passou a ser percebido. Quer dizer, no momento... é... a imagem do Conselho como... como... como fiscal direto, não é, ela não foi, digamos...é... foi a tônica do Conselho. Ela era mais como um órgão fiscalizador da... da ética, zelador da ética, embora estivesse bem explicitada a ação fiscalizadora dele. Mas ela só ficou bem... bem... bem patente quando foi iniciado o serviço de fiscalização, posto em prática o serviço de fiscalização, já em... em... oitenta e... oitenta e... 83. E isso... isso também denota um pouco da... da... do pouco interesse que tinha o governo em... em... em dar prestígio aos... aos vermelhinhos da [chamados], àqueles que eram muito atuantes, né, naquelas ideias reivindicatórias. Eu vejo nisso, nesse ato, que... não... não tinha apreciado bem essa intenção do governo em deixar uma pessoa dele... É isso que me pareceu!

AP - E os tais vermelhinhos, como o sr. fala, acaba que não tiveram tanto... apesar de terem atuado na organização do Congresso Médico Sindicalista, não tiveram cargos...

SS - ... de influência é...

AP - é... de influência na nomeação.

SS - É! Não tiveram influência!

AP - O dr. Prisco dos Santos?

SS - Não conheci.

AP - O dr. Sylvio Frederico Brauner?

SS - O Sylvio Brauner era um médico da... da Assistência Municipal... cirurgião também, pertenceu a essa nossa chapa primeira, era um camarada muito correto, Sylvio Brauner. Bom cirurgião. Cirurgião da Assistência... Assistência Municipal. E... e... bom sujeito! E... inclusive também ele era livre docente também, o Sylvio Brauner. Ele era um bom cidadão!

AP - Ele não teve uma atuação muito... grande na organização do Congresso, mas chegou a ser nomeado como um dos 28 nomes pra compor a diretoria.

SS - É! E depois e... ele foi nomeado também pra compor a Regional aqui.

AP - Já com...

SS - Já com nosso tempo.

AP - Com o seu tempo, né!

SS - É!

AP - O dr. Tomáz da Rocha Lagoa?

SS - Tomáz da Rocha Lagoa é... é... era um... era um médico... era um médico... é... ligado a Faculdade de Medicina, justamente... ligado a Faculdade de Medicina... que eu conheci pouco. Vim, conheci mais o filho dele que foi... foi ministro... Rocha Lagoa... Mas que ele eu não conheci, conheci à distância.

AP - E qual era a área dele de atuação profissional?

SS - Eu acho que ele era professor de Anatomia.... Mas não tenho certeza, não! Ele era professor de Anatomia na... na... na Universidade, como livre docente, mas não... não... não dou certeza, não! Eu tenho a impressão que era isso... o Rocha Lagoa era conhecido como um anatomista, um cirurgião, ele estava nessa área... mas eu... não... não estou certo, não!

AP - Ele chegou... ele não participou da organização do Congresso mas chegou a ser nomeado... indicado como um dos 28 nomes e depois veio a compor a diretoria provisória... a primeira diretoria provisória. O dr. Vicente Cardoso Spíndola?

SS - Também não conheci.

AP - E o dr. Waldemar Timóteo?

SS - Waldemar Timóteo?!... Timóteo da Costa?

AP - O que tem o dr. Timóteo da Costa?

SS - Timóteo da Costa participou também da nossa chapa, foi diretor do... durante muito tempo... do... do Hospital da Lagoa... Ele era Waldemar... Timóteo da Costa? Se é o que eu que eu sei foi médico de grande prestígio como diretor da Lagoa, do Hospital da Lagoa... Foi lá do São Francisco de Assis. Ligado também ao magistério, né! Era... assistente do professor Lopes Pontes, lá no São Francisco de Assis. É, deve ser o Timóteo da Costa. Deve ser ele.

AP - Agora a gente vai passar a conversar um pouquinho... sobre o texto de 45, quer dizer, o Código de 45. O código que foi aprovado pelo IV Congresso Médico Sindicalista e depois... é... virou lei com o Decreto mil... 7.955. O sr., quando ele foi aprovado, ele teve algum tipo de... esse código teve algum tipo de interferência na sua vida profissional.

SS - Passou inteiramente despercebido do ponto de vista prático. A classe não tomou conhecimento disso, a não ser de vez em quando alguém falando mal. Quer dizer que aquilo não... não teve acolhida na classe médica.

AP - Como é que o sr. explica essa... essa falta de acolhida?

SS - Houve um desinteresse completo por isso. Olha, o Congresso Sindicalista falou isso assim... Ah, deixa pra lá! Ninguém tomou conhecimento, a classe não tomou conhecimento disso. Só aqueles, entre aspas, vermelhinhos... entre aspas... é que

falavam, propalavam... o resto não se interessou. Do ponto de vista prático aquilo passou sem que... sem que ninguém tomasse conhecimento. E... E... E de vez em quando se... se ouvia um... um... digamos, uma... uma palavra contra. Mas, pra mim aquilo não teve nenhum significado. Não influenciou em nada na minha vida, nem daqueles que nos cercavam. No nosso... no nosso hospital, a gente... nos... tínhamos uma sociedade do São Francisco... uma sociedade médica, e esses problemas vinham ecoar naturalmente... nunca ninguém falou sobre isso?

AP - Tinha sociedade médica do Hospital?

SS - É.

AP - E o que fazia essa sociedade?

SS - A Sociedade Médica do Hospital São Francisco de Assis foi fundada já em... 25, 26... Nós tínhamos... é... nos reuníamos de 15 em 15 dias... conforme a... a matéria, conforme os casos, não é, para serem apresentados determinados assuntos. Às vezes apresentando doentes, doentes... casos interessantes... eram levados a sociedade médica do São Francisco, não é! E... o movimento era muito grande. Nós tínhamos um... [nos reuníamos lá] no anfiteatro é... eu nunca vi lá o Carlos Chagas, mas Jorge Gouveia, um... um Aguinaga... um Eugênio Porto... enfim, os chefes de serviço frequentavam assiduamente essas reuniões, porque nós conversávamos somente sobre problemas clínicos. Agora, problemas dessa natureza nunca foram cogitados lá. E dessa Sociedade Médica é que resultou primeiro um boletim. Porque depois aquela revista o hospital. Essa revista o hospital é uma das minhas... minhas mágoas. Ela tinha toda circulação no hospital. Quando fechamos a maternidade, eu levei isso tudo pra... pro Fundão, tá lá pra biblioteca do Fundão. E depois não tive conhecimento nem uma... uma cartinha deles dizendo que receberam...

AP - Sua mágoa é que o sr. não recebeu a cartinha.

SS - Não, só isso! A comunicação do recebimento, quer dizer... não só do Hospital como das outras revistas todas que nós tínhamos e que eu levei pra lá.

AP - Nós separamos aqui alguns itens, alguns pontos que estão presentes nesse código de 45, que apesar de o sr. ter ressaltado que ele teve muito pouca influência na vida dos médicos, mas de qualquer maneira cabe talvez um comentário do sr.. É... Nós separamos aqui, no caso... 4 ou 5... itens, não é? O primeiro se refere a relação entre os médicos. O Código de 45 faz... é... muita... advertência com relação ao que ele chama, abre aspas, de concorrência desleal, fecha aspas. É... é... Em 1945 o que que isso significava a concorrência desleal.

SS - A concorrência des... desleal significava o seguinte. Primeiro, anúncios. É... Um anúncio... digamos, é... feito de uma maneira i... irregular, anunciando curas disso, daquilo, daquilo outro. Segundo, o agenciamento do doente. Agenciar doente para um determinado cirurgião, né, inclusive levando comissões. Isso é que era con... concorrência desleal, naquele tempo! Que era chamada de concorrência desleal.

AP - Há uma... uma referência muito forte também ao chamado médico assistente. O médico assistente era o que exatamente?

SS - O médico assistente era o médico que auxiliava... auxiliava o... o... o digamos o cirurgião. O cirurgião tinha o seu médico assistente. Então... no meu caso... no meu caso! Eu... Um assistente meu ia cuidar de um doente. Quer dizer, eu operava um doente, se era um caso grave... nós não tínhamos UTI naquela ocasião, então deixávamos o assistente tomando conta daquele... daquele caso... do doente... Quer dizer, era um assistente neste sentido e um assistente a... ajudando a operação, ajudando na cirurgia, ou ajudando um parto. Isso nunca houve problema. O único problema que havia com [um] assistente é que determinados médicos, e eu peço licença para silenciar o nome dos médicos, né... o nome do médico..., ele, digamos, cobrava X uma cirurgia digamos: 10 contos de réis.. e dava 50 mil réis ao assistente. Segundo, isso aconteceu com um colega meu. Um colega meu mandou pra... pra... A irmã... a irmã para um médico operar a paciente. E quando esse colega foi falar com ele... "Ah, [quanto é que eu devo pela minha irmã]?" "Não, absolutamente nada! Absolutamente nada! Você dá um conto de réis pra cada um dos meus assistentes". E deu um conto de réis pra cada um dos seus assistentes.

Depois quando esse meu colega encontrou um desses assistentes, e... Ah, muito obrigado pela minha irmã, e... vocês receberam? Como recebeu? Não recebi nada! Não, mas eu... você... fulano disse que... que ia entregar a vocês... Então ele ficou com os dois contos de réis dos assistentes. Esse médico, aliás, eu não vou dizer o nome, tem uma coisa muito curiosa. Um colega meu, esse Fabiano que eu disse a pouco, amigo do Sanderson, dizia que esse médico, que se dizia muito religioso, né, ele tinha... tinha o seu... o seu... o seu rosário, quando ele... depois da operação, inclusive na Casa de Saúde São José, quando ele passava as contas do rosário, ele não dava Maria (TI), 2 e 2 = 4, 4 e 4 = 8... ele fazia as contas... (*dr. Sertã ri*). E esse médico, foi uma coisa muito curiosa numa ocasião, ele operou um baiano com cálculo de besí... de besí... de bexiga, e... pela radiografia mostrava uma... uma... um cálculo grande, uma sombra grande. Pelo exame ele verificou que esse judeu baiano tinha vários cálculos. E que ele...disse assim, bom vai ficar 5... 5 contos de réis a operação. "Mas, doutor, vamos fazer o seguinte: 1 conto de réis por cada cálculo, tá bem?" Não, mais pode ter muito mais... mais cálculos aqui, tem mais (TI)." Ele estava convencido que era 1 cálculo só! Não... Vamos fazer... 1 conto de réis cada cálculo, tá bem?" Tá bem! Então ele fez com anestesia local, com raquio, e abriu a bexiga e começou a tirar: Olha, tem um aqui, oh! Pá! Tem mais! E pá! E os cálculos iam caindo na... na... na bacia... Olha, tem mais hein, 10, 15, 20, 21... "Tem mais." Deixa ou tira?! E tirou 27 cálculos... Esse médico... que era um grande cirurgião, que tinha um grande nome... fez isso, fazia isso!

AP - E o sr... o sr. contando esse caso nos leva imediatamente a pensar no... no mercenarismo, não é, da profissão médica. Esse caso desse médico era... era... era uma exceção ou não era tão excepcional assim?

SS - Eu acredito que não fosse tão excepcional, que houvesse outros, compreendeu?! Mas o número de médicos que exercia corretamente a profissão era predominante.

AP - Mas qual era a atitude que o Conselho, aí em 45, tinha com relação a isso?

SS - Ah, nenhuma. Não tinha nenhuma. O Conselho não... não tinha nenhuma ação sobre isso. Nunca exerceu... O Conselho nem existia, o Conselho passou a existir, né, depois de 60. Antes ele nunca teve atuação.

AP - Esse... Porque esse... esse... esse mercenarismo se contrapõe muito a... atitude, por exemplo, do seu pai, não é?! Que era um idealista, altruísta... abnegado...

SS - A grande maioria dos médicos dignifica a profissão. Mas e os outros faziam isso, né! Agora, este homem a que me refiro, ele tinha ao lado disso grandes comportamentos. Mas é... esse caso... da irmã do meu colega fez com que os dois assistentes dele... rompessem com ele, deixaram de ser assistentes.

AP - É... Dr. Sertã, até que ponto o sr. acha que nessa época, aí na década de 40, o processo de especialização da medicina... é... colocou novos dilemas éticos? Novos problemas éticos? Ou o sr. acha que as duas coisas estão dissociadas?

SS - Bom, a... a especialização trouxe problemas. Pelo que eu pude entender da sua pergunta... da sua pergunta... é que... na... ele se dedica aquela especialização. Num determinado momento, ele na... dentro daquela especialização, aparece um outro... um... um outro problema fora dela. Então surge o dilema: eu vou fazer ou eu não vou fazer? Eu acho que aí depende muito de cada um, de cada qual. Por exemplo: o sujeito vai operar uma... uma... uma cesariana. No curso da cesariana aparece um problema... di... digamos, intestinal, um problema que não é da... da obstetrícia. O que fazer? Ele... ele tem que operar... ele tem que operar. Digamos] um tumor de intestino... tem que operar... entendeu?! Dentro do campo... do campo obstétrico. Então ele se... Eu vou... eu vou... entrar... vou chamar um outro cirurgião? Ou fazer aquilo que eu posso fazer? É uma questão de consciência. Quer dizer, eu já vi caso de pessoas que estavam operando uma cesariana, e foi chamado um outro cirurgião pra completar o ato operatório. Isso vai da consciência de cada um. Se ele se sentir capaz de fazer aquilo. Tanto que eu acho justamente que... que a especialidade, muito... é muito rígida, é má! Quer dizer, então quem vai fazer uma cesariana... o cirurgião que vai fazer uma cesariana, ele tá... preparado pra fazer tudo que é da... todo... todo o campo abdominal. Ele pode encontrar um baço... um baço roto... Enfim... ele precisa estar preparado pra tudo! Tudo que estiver dentro da... do ventre deve estar... ele deve ser capaz de resolver.

AP - Uma outra menção que... presente no... Código de 45... é... se refere às conferências médicas. As conferências médicas eram habituais no seu tempo de profissional, na década de 40?

SS - Não eram muito habituais não. Eram raras! Eu pessoalmente tive muito poucas conferências, muito poucas vezes eu solicitei conferências ou fui chamado algumas vezes às conferências. Mas eu, pessoalmente, muito poucas conferências. E... na conferência, então, é que a... questão da ética profissional é muito importante. Eu tinha até no nosso campo um problema: Sou... sou chamado para uma conferência e... precisava fazer uma cesariana... E o médico, um colega: Quer me ajudar nessa cesariana? Quer dizer, eu... eu... O médico ficou, implicitamente, responsável por aquela cesariana. Quando o colega é de confiança, né: Vamos, eu vou ajudar você e vamos fazer. Até eu tenho que... lembrar duas coisas: uma, eu tive um colega, Aníbal Moreira, esse nome eu já... já citei. Aníbal era aquele que primeiro determinou o tipo sanguíneo

aqui entre nós em Manguinhos. Aníbal Moreira me chamou pra ver na residência um... um parto que ele estava acompanhando. Era na [pessoa] de um homem que tinha uma grande repercussão no Brasil, um dos juristas mais respeitados no Brasil, genial. E... quando eu examinei... pro Aníbal fazer o parto... Para fazer o fórceps... Ele queria fazer um fórceps. Ao examinar a doente, lá na... na rua Bandeirantes, na Mariz e Barros, ele disse: Aníbal, esse colo tá muito fraco, por isso que essa criança não nasce. Mas se empurrar esse colo pra cima a criança nasce imediatamente. Calça a luva e vem... vem fazer isso! Não, não vou calçar a luva, não. Você reduz o colo... Mas Aníbal a criança nasce aqui imediatamente e como é que você fica? Não, o doente está em primeiro lugar! Então... eu empurrei o colo pra cima, o rebordo do colo e [*palavra onomatopaica significando velocidade*] e o garoto nasceu imediatamente. Então na... na conferência, quando tudo está direito, quando tudo... todos trabalham bem, tá certo. É... Na conferência os dois têm que ter... têm que ser corretos. A esse propósito... eu contei a história do... Henrique Roxo, quer dizer, conferência da tinta? [*Dr. Sertã ri*] Ele deixou o colega em situação muito difícil, né!

AP - O sr... No código de 45 também há menção ao médico perito. O que era o médico perito na década de 40?

SS - O... o médico perito da década de 40 é aquele que vai dar opinião sobre o... sobre o... uma demanda. Então ele era nomeado pelo juiz... pelo juiz para opinar se aquela... se aquele fato... na maioria das vezes é a conta... outras vezes é sobre... sobre um fato, digamos, um... uma operação, uma cirurgia se foi bem ou mal feita, se aquilo... implicou num erro, numa falha do médico... Mas geralmente é a conta. Nesse particular, teve um caso em que eu fui perito... eu fui perito e... tratava-se de um... de um médico de grande conceito, um grande sujeito, era um médico extraordinário, era um grande homem... e ele... ele atendeu uma doente, câncer de estômago, que veio de Minas, uma família de recursos. Ele atendeu esse doente na Casa de Saúde São José e... teve um carinho extraordinário com esse doente. Fez tudo pra ele, mas era um caso incurável. Ele ficou dois ou três meses cuidando do homem até que ele morreu. Quando ele mandou a conta, ele mandou uma conta... Em suma, mi... mixaria... E... o advogado do espólio, querendo fazer serviço... "Vamos contestar essa conta! Tá muito cara!" E... na conta estava ex... ex... explicitado o número de visitas, de consultas, curativos, estava tudo devidamente explicitado... e eu fui nomeado pelo juiz pra ser o perito. Então, o perito das duas partes. E o meu... meu depoimento foi o seguinte... meu parecer: eu analisei todas aquelas consultas, todos aqueles curativos, todas aquelas visitas, pelo... pelo preço em vigor dum clínico modesto e não de um cirurgião com a expressão dele... Então, na minha avaliação, isto aqui vale tanto, era muitas vezes o que tava sendo... o que ele havia cobrado.

Fita 8 - Lado B

AP - O sr. podia voltar um pouquinho atrás contando então que o sr... que o sr... foi fazer a perícia então.

SS - É. Fui julgar o processo, né! E...

AP - Por indicação judicial.

SS - Por indicação do... do juiz.

AP - Onde foi isso?

SS - Foi, foi... aqui no Rio.

AP - Mas em que lo... em que estabelecimento?

SS - Isso... esse fato passou-se na Casa de Saúde São José, tá compreendendo. E desde dessa época. E... depois de mostrar que aquelas taxas cobradas pelo... pelo... pelo médico eram muitíssimo inferior aquelas em vigor naquela ocasião...

AP - Às mais baixas em vigor, né...

SS - É.

AP - ... ao valor mais...

SS - Então ele tinha cobrado muitíssimo menos do que os outros colegas normais cobra... cobriam. Então fiz o cálculo, mostrei o normal que esse... que a maioria dos médicos cobravam tanto, muitas vezes o que ele havia apresentado. Então, mostrei até o que acontece com os médicos lembrando o poema de Alexandre Poppe, há dois séculos atrás: "*Ao médico adoramos quando o frio terror da morte nos alaga... A Deus e ao médico adoramos quando o frio terror da morte nos alaga. Mas depois de passado o susto sorte, igual recebem: Deus esquecido e o médico sem paga*". Isso é o... o que é a ingratidão, né! Então o juiz deu lá o parecer a... a favor dele.

AP - Mas por que... por que motivo houve essa ação judicial?

SS - Porque o advogado do espólio, tá vendo e... sem inclusive aprovação da família, quer dizer... aprovação... é... sem aprovação não teria feito, mas sem... sem interesse da família, ele querendo mostrar serviço, querendo defender o espólio contestou a cobrança. Transformou a cobrança em caso judicial.

SR - Essa indicação do perito pelo juiz podia recair sobre qualquer médico?

SS - É, qualquer médico. O juiz é que... Quando... numa ação dessas o... o... uma parte apresenta o seu perito, a outra o seu, e o juiz um terceiro, que é uma espécie de desemp... desempataador. E o juiz, via de regra, a... adota o seu, né! O seu... seu perito! Salvo se há uma grande contradição, não é?!

SR - Quer dizer, não eram pessoas que participavam dele, médicos funcionários públicos que fossem exclusivamente peritos!

SS - É! Não! Não! Não... eram... eram peritos a... a... avulsos escolhidos pelo juiz, não eram peritos da... da... oficiais, não. Podiam, inclusive, ser. Um perito do Instituto Médico Legal... podia ser um perito tipo.

AP - Um outro... item aí dentro do Código de 45 se refere a relação entre médicos e farmacêuticos.

SS - Nessa ocasião havia..., menos do que antes, havia ainda uma... uma..., digamos, um conluio muito... muito triste: médicos, inclusive médicos de um certo renome mandando consultas pra... pra tal farmácia; ele mandava a consulta diretamente, vai pra farmácia tal. Isso havia muito. Havia muito isso, nessa época ainda! Hoje é menos, porque hoje é... hoje já... acabou a... manipulação, é só remédio comprado em drogaria, né. Mas mesmo assim ainda há médicos que mandam pra drogaria tal. Ainda há hoje!

AP - E com isso ele tem algum tipo de retribuição?

SS - Ah, pecuniária! Eles participam daquela... daquela... uma comissão daquela receita. Isso... isso havia... havia... antes havia mais, porque antes o laborató... o médico antes mandava pro laboratório a lista dos remédios que ele havia... que ele havia receitado. O laboratório não contestava aquilo, mandava "x" pro médico. Inclusive um médico de uma certa projeção, que eu conheci, entrava nesse conluio. Na década de 30 então isso foi muito comum, mas hoje ainda existe. Ainda existe isso! Ainda há pouco tempo me falaram sobre um... sobre um certo... um certo médico aí que mandava: Olha, vai na farmácia tal, assim... assim... Mas cada vez isso é menos... menos frequente!

AP - Ha... Havia um terceiro item muito presente no Código de 45 referente ao combate ao charlatanismo, ao curandeirismo, ao espiritismo, à homeopatia... tudo isso era tido como atividade não profissional... na década de 40?

SS - Atividade não profissional?

AP - É... era combatido? era denunciado? era...

SS - Não, a homeopatia nunca foi... nunca foi con... condenada.

AP - Não?!

SS - Não. A homeopatia... o... o... a homeopatia era uma atividade legal, o homeopata ele pedia licença pra receitar seu... a... sua medicação à vontade. Não é ilegal o exercício da homeopatia. O exercício do espiritismo é ilegal. O charla... o curandeirismo é ilegal. É ilegal mais é o que eu mais ... é o que mais se vê. O curandeiro... tem até... até uma coisa curiosa que aconteceu, realmente, nessa ocasião em Minas. Um camarada formou-se em medicina e...e... foi para Belo Horizonte, compreendeu, e não tinha clínica. O que que ele fez? Ele se... foi pra uma localidade próxima já de Belo Horizonte, compreendeu, escondeu seu diploma e começou a ser curandeiro. Como curandeiro ele... ele começou a granjear... a granjear uma grande... grande simpatia, um grande crédito. Então filas se formavam na... na frente da sua casa... como curandeiro! Ele, conhecendo alguma coisa] de clínica, dava os seus remédios. E teve grande sucesso. Então o exercício fiscalizador da medicina... O exer... o ser... de Fiscalização da Medicina foi lá atrás dele. "O sr. não pode, exercício ilegal da medicina, o sr. tá preso". Na hora de ser preso,: "Não, não estou no exercício legal da medicina... Por que, o sr. o sr. não é médico. Sou sim, olha o meu diploma aqui!" Então acabou-se a clínica dele. Quando verificaram que ele era médico e não curandeiro, ele perdeu a credibilidade... E

isso... isso se vê muito em toda parte. E aquele camarada de Minas... que era... do espiritismo em Minas... o dr. Fritz que faz cirurgias aí... faz ponte de safena sem... sem abrir o tórax... Existe em toda parte, né!

Inclusive eu tive há algum tempo, há alguns anos atrás um colega meu que foi meu aluno e muito... muito meu amigo que precisava fazer ponte de safena, estava com problema circulatório, e... Não, não, eu vou fazer com o dr. Fritz. E lá foi pra ele! Um dia ele voltou e: "Olha, fui operado, tô muito bem de safena!" Dias depois, ele teve pá, um enfarte e morreu. Ele acreditava piamente naquilo, piamente. De maneira que isso... isso, infelizmente, isso aí tá muito fora de controle... o que o espiritismo faz... pros doentes... quantas... muitas pessoas... muitas doentes de câncer eu fui atender já em situação irremediável, porque ficavam se tratando por espiritismo, lamentavelmente. Quer dizer que a influência deletéria disso é terrível. Agora, em relação a Homeopatia, não!

A homeopatia é de situação [é muito] diferente. É uma questão... Eu até disse sempre: a homeopatia faz... tem grandes resultados, faz grande efeito... do ponto de vista clínico. A homeopatia não prejudica a tendência à cura natural de todas as doenças... todas as doenças... todas, têm uma tendência natural à cura espontânea, pela formação dos seus... seus anticorpos como [meios] de defesa, inclusive o câncer. Então a homeopatia tem o dom de não prejudicar a defesa do doente. A alopatia, muitos remédios são prejudiciais e... e... e , digamos, dificultam a reação normal do organismo. Agora, no caso do câncer, por exemplo, há doentes que se curam, por quê? Porque... Muito raros, né, mas que há uma formação de anticorpos de defesa e o doente acaba se curando. Na homeopatia, não... Na homeopatia o doente... o doente que tem uma tendência grande, se cura! Nas gripes, etc.... A homeopatia tem uma tendência... respeita a... a defesa do doente.

Tanto que lá na minha terra, naquela zona lá da beira do Paraíba, há um ditado: "Meu Deus, livrai-me dos médicos e dos remédios, que dos males eu me defendo!". Eu sempre discuti esse conceito: então... remédio e médico quanto menos melhor. Isso é o... A meu ver isso é muito sábio: quanto menos remédios nós dermos, melhor o doente se cura. Mais facilmente ele se cura. Isso não quer dizer que nós... deixemos de... de medicar o doente, né! Mas [não vamos dar], remédio quanto menos melhor.

AP - O sr. acha que na década de 40 a... a procura por... por métodos não científicos era muito grande?

SS - Não, tanto naquela ocasião como ainda há agora hoje... e em todo mundo! É conhecido o fato da... da... da rainha Guilhermina, da Holanda, é.. é... tinha lá um curandeiro cuidando dela, não é? Enfim, todo o mundo... Enquanto o homem for homem vai acreditar no "Sobrenatural de Almeida"...

AP - Sobrenatural o quê?

SS - De Almeida.

AP - Ah, de Almeida!

SS - Nós tricolores, não é?!

AP - Agora, é... é... O sr. acha que é da natureza humana ou é da incapacidade da medicina resolver os problemas da...

SS - Não. É da natureza humana, né! Natureza humana! A incapacidade de... resolver... a maioria dos casos têm um tratamento... o tratamento oportuno dá resultados. Então se... o doente chegar ao médico em tempo útil pra ele... pra ele cuidar do seu, no caso o câncer, de seu, enfim, do seu cálculo biliar, né!, Ele vai se salvar, né! Então, a natureza humana dele. Não nós vamos protelar. Vamos fazer nada... Vamos fazer isso... Vamos tomar uma homeopatiazinha... Vamos tomar o seu... Vamos fazer o seu... o seu espiritismo... Como é que chama aquele sujeito lá de Minas?... O... Aquele... Aquele mineiro lá de...

AP - Chico Xavier!

SS - Chico Xavier... Vamos no Chico Xavier, e tal! Ele... que ele vai curar!

AP - Agora, os médicos, na década de 40, eles também aconselhavam o paciente a ir ao espiritismo?

SS - Não. Nenhum... nenhum médico, que eu saiba, né, a... fazia isso... a não ser médico como esse meu colega, que ia fazer... operar o... ponte de safena com o dr... dr... Fritz.

AP - Não, porque... é... é...

SS - Não, mas o médico não. O Médico de forma alguma.

AP - É... Não dá pra a gente deixar de registrar que... não sei se o sr. leu... nesse final de semana, parece que há um médico espírita em Jacarepaguá que tem uma grande clientela, inclusive de artistas da televisão, e pessoas aí de renome na alta sociedade carioca, entre os seus pacientes, vamos chamar assim... se encontra..., e admiradores, se encontra o atual secretário municipal de saúde. Como é que o sr. vê isso?

SS - Eu vejo como a esse meu colega.

AP - Mas ele é paciente do espírita.

SS - Não, mas ele era médico... ele era médico... ele era médico! Conhecia exercia bem a medicina, no entanto ele estava convencido de que tinha se curado da... da... da sua... da... das suas coronárias pelo... pelo dr. Fritz, que tinha sido operado pelo Dr. Fritz. Convencido, meu apêndice! Foi operado de apendicite. Cadê a cicatriz? Não tem a cicatriz! Isso... Isso é um fenômeno universal, não é só aqui não, hein, em todo o mundo o homem é... capaz disso... de... de acreditar mais no sobrenatural do que... que no real.

AP - Existe...

SS - Olha, nos Estados Unidos...

AP - Sim...

SS - ...nos Estados Unidos, quando eu tive que examinar, vendo esses problemas, o número de consultórios, consultórios, escritórios... é... na 5ª Avenida é enorme. Há um caso até de um parente, entre aspas, de um parente meu... mas não deixa de ser parente... um tal Roberto Lemgruber, um vigarista que apareceu por aí em Copacabana. Esse cidadão ele fazia tudo por espiritismo, e por passe de mágica. Ele tinha um consultório em Copacabana, tinha um consultório em Campo Grande e tinha... e ia a Nova Iorque fazer suas mágicas... Entortava garfo, etc., né! Pois bem! Esse camarada eu denunciei ao Conselho de Medicina várias vezes, né?! Não consegui nada! Ele só foi preso lá na... é... em São Paulo, quando ele participava de um programa de televisão, um cidadão lá que fazia coisas num... ao vivo, então ele foi preso lá como... como chantagista, mas já foi solto e já tá trabalhando por aí. Esse camarada ele é filho de um primo longe, né, lá daquela zona de Itaperuna... Madalena... lá de cima. Sr. Roberto Lemgruber. E, justamente, era um nome de... comum a nossa família... E ele tinha um irmão, Ronaldo, Ronaldo? que era... que era do Comando Vermelho, compreendeu? O Bagulhão, que morreu há pouco tempo... O jornal deu a notícia: Morreu o Bagulhão! Lemgruber, o Bagulhão, esse sujeito! [Dr. Sertã ri]

Então, essa... essa... credence popular... Esse camarada... esse Roberto Lemgruber, ele tá rico, ele tá rico, e ele ganhou mais dinheiro no Estados Unidos, e Nova Iorque, compreende, e nunca conseguiram prendê-lo. Porque ele tinha... ele tinha um consultório ali na... em Copacabana, depois da Princesa Isabel, ele dava um pedaço da consulta, um terço da consulta era dele, um terço era da... da dona da casa onde ele tinha o consultório, e o outro terço era da polícia. Durante muitos anos ele teve essa proteção. Como um bicheiro!

E um dia foi engraçado, sabe! Essa minha tia que ainda tá viva, tá com 95 anos, nessa ocasião ela estava com problema de coluna, e tal. E ela "Vamos ver se esse primo, entre aspas, vai... vai dar jeito!" Vai nada! Ela, coitada, aqueles problemas de mulher muito grande, alta, pesada é... foi lá! Eu sou sua prima, assim... assim... Ele não quis conversa com ela não. [Dr. Sertã ri]

Bom, isso é credence popular. Isso em todos os tempos isso sempre, sempre houve, compreende. A... o poder de sugestão é impressionante, compreendeu? Quer dizer, o... o indivíduo por sugestão ele faz muita coisa sabe. Até anestesia se faz por sugestão. Eu não sei se tive oportunidade de falar sobre um... sobre um caso que eu tive dentro do hospital em que a mulher não podia fazer... tomar anestesia geral, tinha de fazer anestesia em doses muito pequenas, né! O velho Aguinaga ia fazer uma... uma tiroide num doente. Tiroide é doença de grande risco se... não, tiroide não, era uma... abdominal. E... e... Sertã, você faz uma dose pequena, e tal...

Então eu fui tomar conta daquela anestesia porque era de grande risco. Naquele tempo eu era anestesista também, né! E pusemos o... o... o éter na... na máscara, na máscara de Oberdan. E... digo: Olha, vai respirando... devagarzinho... devagarzinho... E ela foi respirando... respirando... E eu não abri a máscara! Ela não respirou nem um pouquinho de éter anestésico! O Aguinaga operou, abriu a barriga dela... tranquilamente, na sugestão! Sugestão coisa da mente! Então, por sugestão a gente faz... faz muita coisa! Mas não tudo, não é? A sugestão pra curar uma doente, né, não dá!

AP - Vamos passar então a falar um pouco do... do segredo médico. Segredo médico é outro item presente no Código de 45. O sr. acha que o segredo médico era cumprido?

SS - O segredo médico era muito relativo, muito relativo... mas de um modo geral todo homem, todo médico procurava zelar pe... pelo segredo. Quer dizer, aquilo é... era natural, né! Quer dizer: nós tínhamos aqueles livros de medicina legal, naquele tempo, que já falavam sobre segredo médico. E aí nós... nós... nós éramos educados sobre o segredo médico, a necessidade de manter o segredo médico. Eu até lhe mostrei aquele livro... aquele... o jornal da minha terra, de 1906, onde saiu publicado com os nomes as operações que... que meu pai... meu pai fazia de janeiro a junho de 1906. Aquilo minha mãe contou, depois quando eu descobri aquele jornal, que um camarada lá, amigo da, tinha invadido o consultório... tá... e apanhado aquilo e publicado, e meu pai tinha ficado zangado com aquilo. Mas... aquilo não tinha nenhuma consequência, sobretudo porque era no interior.

AP - O sr. falou que o segredo médico é relativo. O que o sr. quis dizer com isso?

SS - Relativo?

AP - É, o sr. falou: o segredo médico é relativo, o que que o sr. quer dizer com isso?

SS - É... é o seguinte: eu... eu...

AP - Explica um pouquinho melhor pra nós, por favor!

SS - Quer dizer... o... o... por exemplo, nasce uma criança e.. que que essa criança tem? É menino ou menina? Muito bem: pode ser menina. Mas depois quando chega um... um, vamos dizer... um defeito... essa criança tem um defeito, tem uma má formação... Deve-se falar ou não deve-se falar sobre essa má formação? Aí é uma coisa que... é relativa. Eu vou citar um exemplo dentro disso. Eu tive um caso de uma doente, de uma paciente que tinha uma má formação. O feto estava vivo... Era uma... nessa época! Era uma... falta de... só tinha a base do crânio... é... anencefalia... não tinha encéfalo. A criança estava... Era o primeiro filho, estava... sofrendo! E a mulher em situação difícil também. Precisava tirar aquele feto. Era uma eminência de cérvico-uterina. Então... o que fazer? Se fosse fazer por cima, uma cesariana, seria muito arriscado para ela, pra vida dela. E o feto ainda estava vivo. Então o que eu... o que eu fiz? Aí é... Eu acho que é isso que você tá querendo saber! Então, eu falei com o marido: olha, a situação é essa... tem que sacrificar esse feto. Então... dissemos a ela que o feto estava morto... morto, e fiz a... a... a... vasoasepsia. Introduzi no crânio um perfurador, né, o feto, coitadinho, balançou na minha... lança e eu esmaguei a base do crânio. Ela nunca soube que esse feto estava... era... era mau formado, era doente, mau formado... Daí o segredo médico aqui foi pra preservar a... mente dessa mulher...

AP - O sr. chegou a falar com o pai?

SS - Não, o pai foi...soube antes. Chamei o pai e disse: vou fazer isso... isso... assim... assim... Porque fazer uma cesariana aqui, porque tá com, um risco é muito grande. Naquela época ainda estava aparecendo o antibiótico, então a cesariana naquele tempo era muito grave. Então, eu tive a oportunidade depois de fazer o tratamento dessa... dessa senhora, né, e os dois outros filhos dela nasceram... nasceram normais. De maneira que o segredo aí é... era necessário pra ela e não pra ele. Isso atende ao seu... ao seu... a sua pergunta?

AP - Claro, perfeitamente! Um outro item presente no... no Código de 45 se refere aos anúncios. O Código faz menção a indústria dos agradecimentos. O que que ele queria dizer com isso, o Código: a indústria dos agradecimentos?

SS - Porque era... era... era e ainda usual... usual... o doente... o doente o cliente... grato se manifestar com um anúncio no jornal. "Agradeço ao dr. Fulano de Tal por isso, isso e isso. Eu agradeço por ter feito isso e não sei o quê". Mas era comum também os a... os agradecimentos encomendados. Então um camarada interessado em fazer sua propaganda, ele arranjava agradecimentos nos jornais. "Agradeço ao dr. Fulano de Tal assim, por que fez isso, me curou do olho. Eu era cego, fiquei bom!" Enfim, ele... ele... ele anuncia uma série de curas miraculosas feitas pelo médico tal. Isso era comum. Hoje já não é tão comum assim. Hoje não se... Mas... mas naquele tempo era muito comum. Esses aciden... Esses agradecimentos encomendados, sobretudo em oculistas.

AP - É engraçado que o sr. fala que esse Código que foi feito pelos vermelhos, mas é um código que... preserva muito o médico... é... liberal, não é, ele não tem nenhuma... referência ao... ao médico assalariado, ao médico da saúde pública. Ele defende a... condena a indústria de agradecimentos, ele critica o charlatanismo, né, o curandeirismo, o espiritismo, não é? Ele condena a concorrência desleal, ele condena os médicos que fazem... é... acordos ilícitos com os farmacêuticos... De onde vem essa... essa não aceitação desse Código? Ele nos parece, aos nossos olhos hoje, 50 anos depois, um código relativamente correto, vamos dizer assim, né... Porque ele tá... tá tocando nos temas mais...

SS - Eu acredito que... a... que seja por desinteresse absoluto dele, desconhecimento. Ele não teve... ele não teve nenhuma repercussão na classe, a classe não tomou conhecimento desse código, porque o... as noções... as boas noções de ética profissional vinham do berço, da formação profissional.

AP - Do professor!

SS - Do prof... Do médico! Então... Até aliás tem uma frase do Miguel Couto, que foi um dos grandes arautos da ética médica, né... E que o... "Acompanhe um médico de boa formação moral e boa... boa formação profissional". Quer dizer: a... atuação desse médico é um tratado de ética. Quer dizer, acompanhando um médico correto, um médico... um médico de boa formação, você está vendo, está assistindo o código de ética. Então é... o bom exemplo profissional é que... é que... comandava a ética, não é? Até, há boas lições memoráveis do Miguel Couto sobre isso. Miguel Couto e do Fernando Magalhães... sobre ética!

AP - Não, porque o sr. falou num certo momento hoje da nossa entrevista que esse código e esse congresso... IV Congresso Médico Sindicalista teria sido quase que protagonizado por médicos... é... vermelhos, ou médicos de esquerda, ou médicos...é... afetos... é... mais engajados...

SS - Mais voltados, mais engajados por problemas profissionais... sindicais...

AP - Pois é! Mas esses problemas sindicais... é... não me parecem ser problemas, entre aspas vermelhos!

SS - Não, não, não! Mas e... e... eles abrangiam também o conceito... o conceito de ética que era dominante entre nós. Ele não deduziu] nada daquilo que já... que já era vigente entre nós.

AP - Ah, sim!

SS - Esse princípio de... de ética profissional já era vigente.

AP - Ele, por exemplo, condena quem oferece serviço gratuito para agremiações cujos associados possam remunerar o serviço.

SS - É.

AP - Ele... ele condena quem ofereça serviços por salários inferiores aos fixados.

SS - É. Mas isso já era vigente aqui.

AP - Não, eu tô falando no sentido de que ele é um... um código que...

SS - ... quer dizer, ele condensou esses conceitos!

AP - Isso! Ele não era tão... é... em oposição ao que... os médicos tentavam fazer em geral.

SS - A origem... a origem é que tornou... desinteressante para os médicos. Os médicos ou originários do sindicato que não tinham prestígio nenhum... nessa época... prestígio no grosso da classe... Ele só estavam interessando mais aquele grupinho do sindicato. O resto não queria saber de nada!

AP - O sindicato, ou os médicos que atuavam no conselho em 45... é... não conseguiram... é... convencer a categoria da importância, do significado do código.

SS - É. Eu... Talvez... talvez por causa dessa... dessa marca, vamos dizer... vamos chamar de luta reivindicatória de... desses elementos, esse Cunha Mello, o Sanderson, compreendeu? Eles marcavam muito a... a coloração deles a... esse documento.

AP - Apesar do documento em si não ter tanta essa coloração. Mas o fato de eles estarem lá...

SS - Marcaram esse documento. Daí talvez o desinteresse da maioria. Eu tô tentando justificar o desinteresse disso. Porque ninguém falava nisso... Ah, isso... deixa pra lá... Esse pessoal do sindicato... do Cunha Mello... Deixa pra lá... O Cunha Mello é que era mais conhecido nessa ocasião, né?! O Sanderson já apareceu mais tarde, né! Com sua atuação mais marcante, né?! Eu acredito que tenha sido isto, né... es... essa origem... essa conotação... a falta de interesse do... decoro. E, depois, pelo que eu tô vendo, o governo foi afastando esses elementos mais... mais corados, né?!

AP - Mas não adiantou também, né, porque... quando ele nomeia os sete membros do Conselho... provisório, mesmo assim... é...

SS - E botou o Roberval pra lá!

AP - É isso! Mesmo botando o Roberval pra lá, o Conselho... é... parece que não saiu do papel.

SS - Mas depois os... Conselhos seguintes da época do Getúlio já... é... apareceram outros...

AP - Isso! Aí já na década de 50.

SS - É, 50! Já foram... já foram outros! Embora eles estivessem presentes ainda.

AP - Tá bom! Eu acho que é isso! Alguém mais quer fazer alguma pergunta? Dr. Sertã, o sr. queria de falar mais alguma coisa a respeito dessa época da década de 40?

SS - Não, sobre isso não tenho mais nada assim de...

AP - Porque a... na nossa próxima... terça-feira vamos falar então exatamente desse período da década de 50... com a AMB... Com a criação do conselho que o sr. teve uma atuação tão destacada.

AP - Tá bom! Muito obrigado!

SS - [Até logo].

Data: 11/07/1995

Fita 9 - Lado A

AP - Bom, hoje é dia 11 de julho de 1995. Estamos aqui mais uma vez na casa do dr. Sylvio Lemgruber Sertã. É... nessa terça-feira. São 10 horas da manhã. Eu, André de Faria Pereira Neto, Sérgio Rocha, nosso auxiliar de pesquisa, e a Jeanne, nossa estagiária.

Dr. Sertã, é... o nosso assunto hoje é o assunto talvez mais importante, vamos dizer assim, da nossa entrevista porque nós vamos tratar exatamente do momento em que o sr. é... foi tesoureiro do conselho e depois participou da primeira diretoria do conselho em 1957, já com a nova... com o novo decreto, o novo código. Vamos falar um pouco hoje então da... de 1950, da década de 50.

Em termos profissionais, no início de 50 o sr. trabalhava ainda no Hospital Escola São Francisco de Assis, o sr. era professor da Faculdade Nacional de Medicina, do Instituto Hahnemanniano, é... na Escola Ana Nery e o sr. é... em 54 se tornou tesoureiro da diretoria provisória do Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal, e em 58 o sr. foi eleito membro da... membro efetivo do Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal, não é?

SS – Correto.

AP - É... então é... a gente poderia, poderia começar essa conversa falando um pouco ainda um pouco antes de 54. Em 1951 o dr. Sylvio Frederico Brauner, que era presidente do Sindicato dos Médicos, seguindo uma determinação do Conselho Federal de Medicina, organizou as eleições para a diretoria do primeiro Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal, em 51. Foram eleitos 5 efetivos e 5 suplentes.

Em 52 desenvolveu-se o debate em torno da modificação do Decreto-lei 7.955. É... o advogado Cícero Martins de Carvalho redigiu o anteprojeto de modificação desse Decreto-lei e redigiu também o novo Regimento Interno. Durante o ano de 52 esse Regimento Interno foi objeto de debates e reuniões no Conselho Regional. O sr. já estava em 51... o sr. era um desses é... 5 membros nomeados pelo dr. Sylvio Brauner em 51 não é isso?

SS - Não! Não! Não! Eu só tomei parte mais tarde como a...

AP - Em 54.

SS - Em 54, num grupo maior...

AP - Tá bem...

SS - Não é, em que estavam Roberto Duque Estrada, o Spinosa Rutier, o Jorge Bandeira de Melo, Ernâni Cunha, o... Yvens Freitas de Souza, Manuel Leitão Novaes Melo, Hugo Brito Firmeza e Sylvio Frederico Brauner.

AP - Certo! Então, (Dr. Sertã tenta falar algo) vamos falar um pouquinho exatamente desse período anterior ao sr. Assumir a diretoria. O sr. se recorda que críticas eram feitas ao Decreto-Lei 7.955? Como foi a atuação do dr. Cícero de Carvalho? Quem era o senador Augustinho Monteiro? É... e como que era a atuação do conselho nesse momento anterior a sua entrada?

SS - Anterior a minha entrada?

AP - É, a entrada... sua entrada na Diretoria, o sr. entrou em 54...

SS - Sim.

AP - Nesse período aí de 51, 52, 53...

SS - Houve uma série de reuniões em lugares variados e na maioria das vezes no... no Sindicato Médico, outras vezes na... na residência dos integrantes dessa comissão, não é, e também na casa do Tavares de Souza, também tomou parte muito ativa nessa... é neste estudo, para apresentar o projeto provisório. E o senador Augustinho Monteiro, que era senador pelo Pará, médico, senador pelo Pará, também teve uma atuação muito destacada. Ele se interessou muito para levar todas essas sugestões aos seus colegas no Congresso, para... e vencendo resistências onde pudesse havê-las. E... essas reuniões... dessas reuniões eu tomei parte de umas duas ou três só. Nunca, estava por que? Minhas

atividades eram mais voltada mais para a clínica e não tinha muito tempo, e... eu não tinha mesmo interesse no momento. Eu não tinha despertado ainda pela... pela... pelo Conselho. Depois então que a Diretoria ficou constituída, aí então nós tivemos uma participação mais atuante. Aí, essas reuniões eram feitas na casa de... do Iseu, Iseu, na casa do dr. Augustinho Monteiro, no Sindicato Médico e ainda na... no escritório da ... da Avenida Churchil, escritório de uma firma do Tavares de Souza, onde trabalhava esse Cícero, Cícero de Carvalho. Então essas questões eram levadas à discussão, à apreciação, cada um apresentava a sua sugestão e assim correu este período.

Nessa ocasião, eu fui então designado pelo tesoureiro e as despesas eram feitas com uma verba que vinha, se não me engano, pelo... pelo sindicato, quer dizer, pelo imposto sindical. Havia uma verba qualquer que era destinada às nossas despesas que eram poucas: manter a hora de expediente e... e os advogados, Cícero. Era uma verba, digamos, digamos... mais, digamos, *pro forma*, era uma insignificância que se dava a estes funcionários, ao Cícero e ao... aos demais funcionários, dois ou três funcionários, funcionários entre aspas, servidores, não é? E... quando... quando da promulgação da lei, tá compreendendo, aí as coisas tiveram maior ímpeto. Mas nessa ocasião, nessa ocasião, aconteceu um fato extremamente porque o dr. Clóvis é... de Souza, era filho do Tavares de Souza, que era... estava se formando em advocacia, me mandou uma carta, isto está registrado aqui com a carta, encaminhando um... uma folha de pagamento de funcionários do conselho, funcionários pra ele sim, mas pra nós entre aspas, funcionários do Conselho, com importâncias descabidas, descabidas pra nós. Era...era... já era a homologação de um quadro de funcionários do Conselho, contador de primeira classe, contador de segunda classe, tesoureiro e funcionários... de tudo... era um quadro completo de funcionários públicos. Diante daquilo eu... eu procurei o dr. Cícero: "Mas dr. Cícero, isso... o que que é isso, o que que significa isso? Isso é um plano de... de cargos já aprovado pelo conselho. Mas quando... como? Em várias... várias sessões nas quais esse... esse quadro foi aprovado. E eu digo: Mas eu desconheço isso. E ele: Não foram feitas essas... sessões foram efetuadas".

AP - Posso fechar ali a porta? Está um barulho na cozinha a gente não consegue entender... tem medo que isso fique registrado. Desculpe interromper.

SS - Foram efetuadas estas reuniões. Diante disso, eu fui com o dr. Spinoza Rotier ao escritório do advogado onde os livros estavam, estavam guardados. Estavam... é depositados. E então eu pedi o livro de atas. Cadê o livro de atas? Então me mostrou o livro de atas. Aí eu verifiquei que essas atas, que ele dizia terem sido realizadas foram todas forjadas por eles, por ele Cícero de Carvalho. Cícero... Cícero Martins de Carvalho, não é? Cícero de Carvalho.

Então, diante disso eu apanhei o livro de atas, e me aposssei dele até... à força, não é, e levei embora. Mas o senhor não pode levar. Isso é... do... do arquivo do Conselho. Não, eu sou tesoureiro do Conselho, o dr. Spinoza é... é secretário do Conselho e... preciso desses livros. Eles são do Conselho, e eu... eu sou responsável por eles. E levei para a casa, e me reuni com... com o dr. Duque de Estrada e: 'Olha, o sujeito falsificou documentos, assim tais e tais. E mostrei a ele, eu tenho as atas todas aqui. Eu tenho... tenho xerox dessas atas. Então na... no livro de atas está registrado o seguinte: até então nenhuma ata teve significado maior, eram atas inexpressivas, sem significado maior. Está registrado isso, numa ata. E depois as atas... digamos, formando esse... esse corpo de funcionários, não é: é contador de 1ª classe, 2ª classe, 3ª classe, com as nomeações já feitas, tudo aquilo falsificado. Ou sem assinatura, ou com

assinatura falsificada. Imediatamente nós promovemos uma... promovemos uma reunião, foi feita lá em casa, na rua Maria Angélica, eu morava nesse tempo na Maria Angélica, e resolvemos tomar providências, denunciando o caso à polícia. Então foram denunciados à polícia esses indivíduos.

Nessa ocasião o dr. Clóvis, filho do dr. Tavares de Souza, imediatamente se eximir de qualquer responsabilidade. Escreveu uma carta pra nós dizendo que ele não tinha nada com aquilo que... eximia daquilo... e de início ele... ele se eximia de qualquer responsabilidade e pediu demissão. Dr. Tavares, o filho do Tavares de Souza, não tinha nada com isso, era somente o dr. Cícero, o Cícero e o tesoureiro mancomunados. Então foi... foi feito um inquérito policial, provada a falsidade de tudo isso. Foram condenados, como bandidos, foram condenados! Apelaram até a última instância e perderam sempre. Então o Conselho ficou livre...

AP - Quem é que foi condenado?

SS - Dr. Cícero. O Cícero e o... o tesoureiro Carlos Afflalo. Esse Carlos Afflalo, depois foi ser tesoureiro do Conselho Federal. Mas, o comportamento dele no Conselho Federal foi... foi correto, que eu saiba, mas ele foi... foram condenados, e foram até instâncias superiores, perdendo sempre. Parar na prisão, falsificação de documentos. Então consta um processo, nós temos todos os elementos aqui, xerox de todas essas exceções, e assim nós ficamos livres da... de... desse prejuízo, que seria a constituição de um quadro com funcionários, digamos regiamente pagos sem nós termos recursos.

Além disso o dr. Cícero cometeu um outro ato é digamos... ilícito. Ele fez descontos, recolheu... recolheu o IPASE as contribuições desses funcionários desse programa. Recolheu isso no IPASE. E as nossas prestações de contas, que eram feitas regularmente e entregues a ele, para que ele levasse a autoridade superior, ele reteve, não apresentou. De maneira que um belo dia aparece no... no Diário Oficial a situação do Conselho e a ameaça de prisão para o... para o presidente e tesoureiro se ao... 24 ou 48, enfim, num prazo curto não apresentasse justificativa.

Então, nós fomos ao Supremo Tribunal, ministro Pereira Lira, que estava lá ocasião, e que era amigo do... do... do Duque Estrada, e o... o Antônio Vicente Costa, era o Antônio Vicente Costa, que era meu amigo, meu colega, o irmão dele houve uma época que era assistente meu, Adelson Costa, eles viram logo o problema e verificaram que tinha havido má fé e omissão desse funcionário, do Cícero. Então, no mesmo dia Pereira Lira resolveu tudo, as contas foram apresentadas diretamente a ele e tudo ficou solucionado.

Esse foi o problema que... maior que tivemos no Conselho. Nessa ocasião, então, nós decidimos tirar o conselho cuja sede era lá na Av. Churchill, no escritório desse Cícero, numa firma que era do Tavares de Souza, tiramos de lá e levamos para o São Borja, perto do meu consultório, onde eu tinha mais proximidade. Fomos pro oitavo andar do edifício São Borja. Aí então o Conselho começou a funcionar, com... provisoriamente ainda (tosse) no São Borja até a eleição. Foi... nessa ocasião foi promulgada a lei definitiva do Conselho e nós... a executar todos os atos já de acordo com os princípios legais

AP - Muito bem, isso já o sr. na diretoria, isso entre 54 e 57, não é isso?

SS - É.

AP - Muito bem. Mas nós estávamos querendo voltar um pouquinho atrás ainda é... lembrando, vendo se o sr. podia lembrar alguma coisa pra gente, sobre... ainda na década de 50, não é, um pouco antes de 54, é... foi criada a Associação Médica Brasileira.

SS - Foi em 50, se não me engano.

AP - No nosso entender, não sei se o sr. concorda conosco, a criação AMB foi muito importante pra criação do novo Código de Ética, do Código de Ética de 57 e da própria Constituição da nova legislação que vigorou para o Conselho de Medicina.

SS - O código de ética da AMB era o código de ética do Sindicato. A AMB adotou o código de ética do Sindicato.

AP - Sindicato. Qual era o do Sindicato? O de 45?

SS - Sindicato Médico. É.

AP - O de 45?

SS - É. O Código de... do Sindicato é que foi adotado pela AMB.

AP - O sr. acha que não havia diferença entre o código de ...

SS - Não, era... era, pessoalmente, era... era o mesmo código. Depois então é que ele foi modificado pelo federal, que criou... criou todos os regionais, propostas de todos os regionais. Aí então que veio o código definitivo.

AP - Agora, por que foi criada a AMB?

SS - A AMB... AMB foi criada depois da... da Associação Médica do Estado da... da... do Distrito Federal. Ele foi criado no Distrito Federal numa fase de grande atividade reivindicatória dos médicos. E essa... esse exemplo da Associação Médica do Distrito Federal, tá compreendendo, foi seguida pelos outros estados, sobretudo por São Paulo. Daí então resolveram fazer a Associação Médica Brasileira. Mas a Associação Médica do Estado da... da... do Rio de... do Distrito Federal foi pioneira, tá entendendo, por comodidade... era reivindicatória, naquele tempo salário dos médicos, etc. foi lutando por isso.

AP - É a greve da letra O.

SS - É. A Maria Candelária, tudo isso.

AP - O que que o sr. lembra dessa... dessa... desse movimento de criação da AMDF e da greve da letra O?

SS - Esse... esse movimento foi um movimento muito contestatório também, sabe? Quer dizer, havia muitos que não concordaram, outros que discordavam, sobretudo aquele problema da greve dos médicos, que surgiu nessa ocasião, suscitou muita animosidade.

Porque aos médicos é... a... fazer uma greve, por parte da grande maioria dos médicos, era odioso. Era... parecia incompatível, ao meu ver parece mesmo, que o médico vá fazer greve quando ele tem obrigação de atender ao doente, compreendeu? Mas nasceu sob esse signo de uma sociedade reivindicadora.

AP - O senhor acha que a AMDF é... Qual era a receptividade da AMDF e da greve junto aos médicos na década de 50?

SS - Não era boa não. Ela encontrou eco, sobretudo naquele... naquele grupo mais reivindicador, mais contestatório, não é? Fora disso má a receptividade, muitos acidentes ocorreram quando os médicos faziam piquetes para impedir que os outros participassem do seu serviço.

AP - Médico fazia piquete também?

SS - É, fazia piquete. Não queria que... não queria permitir que o serviço funcionasse, funcionasse. Então o médico que achava que... que era seu dever atender os pacientes nos hospitais do IPASE, sobretudo destes... hospitais do Governo, eles então... muitos incidentes ocorreram. Porque eles achavam que deviam atender, que... que era obrigação que era... e os doentes tinham direito de ser atendidos e os outros da... da... da Associação Médica achavam que não. Eram grupos...

AP - O sr. pensava como outros, de que o médico não deve fazer greve. Como é que o senhor [tá falando agora], de ser uma coisa incompatível com o próprio ato profissional?

SS - Não, eu... eu acho que a greve... a greve é um desrespeito ao nosso juramento. E sobretudo pelo seguinte, que quando um médico faz greve no serviço público, ele só faz do serviço público, então ele prejudica a quem? Ele prejudica ao pequeno, ao pobre, ao necessitado. Porque que ele não faz uma greve também no serviço particular? Só faz o piquete na... no hospital do pobre. Quer dizer que o único sacrificado nisso é o pobre, é o... é o necessitado. Aquele que tem recurso não sente a greve.

AP - Não, o sr. dizia que o ato médico é incompatível com a greve.

SS - Eu acho.

AP - Por que que o senhor pensa assim?

SS - Não, porque o mé... o médico... no... no juramento médico ele se compromete a atender o doente em qualquer circunstância. Quer dizer que ele... ele... dentro da suas possibilidades, dentro dos conhecimentos, da... da sua técnica, enfim, da sua capacidade profissional ele tem obrigação, ele jura servir, servir ao próximo. Então num determinado momento por razões pecuniárias, políticas, ele deixa de prestar serviço. Então vários hospitais, em vários lugares, compreendeu... em Friburgo, teve um caso de um doente com hemorragia interna morreu porque o médico estava em greve. Isso não... não... eu não posso conceber isso. Não posso conceber. Isso ocorreu, e ocorreu em muitos lugares, não é? De maneira que a greve teve contra si essa... essa... esse grande fator, não é?

AP - O que que o sr. acha que denigre mais a imagem do médico: ele ganhar pouco no serviço público ou no serviço particular como empregado, ou ele não atender ao paciente?

SS - Não, eu... eu acho que ele não atender ao paciente é um ato... é um desrespeito ao seu juramento. E ganhar pouco, aí é uma questão de... ele fazer todo o possível, e ele pode, para conseguir salários melhores. Agora o que tá acontecendo com o Adib Jatene. Ele tá gritando: “A saúde não tem verba. As verbas pra saúde são insuficientes”, não é? Então o que que ele está fazendo, agora ele tá lutando para conseguir recursos. Com o seu prestígio, ele vai conseguir verbas para a saúde. Então que o médico tem... que o... o médico tem, apesar de tudo, um certo prestígio social, então... No Congresso mesmo o número de médicos é muito grande. Então eles têm que lutar para conseguir melhores salários, lutar pelos meios... pelos meios apropriados. E aí eu acho que a greve não é um meio apropriado, no meu modo de entender. E sobretudo se essa greve fosse feita, greve geral, onde o... poderoso também não tivesse serviço... serviço profissional, aí todas querem respeito... quer dizer, se houvesse uma greve nos consultórios, dos poderosos, dos fortes, dos influentes, essa greve teria surtido efeito, mas quando é feito só no pequeninho, essa não faz efeito nenhum!

AP - O sr. falou da criação da AMDF como tendo sido... precedeu a criação da AMB. Agora, porque que foi criada a AMDF então?

SS - A... AMB...

AP - A AMDF. A AMDF precedeu a AMB, não é, o senhor está falando. Então porque que foi criada a AMDF. Eu.. eu falo isso dr...

SS - A AMDF foi criada justamente para... foi como uma atividade reivindicatória, tá entendendo, no caso, paralela ao Sindicato.

AP - Sim. Por que que foi paralela ao sindicato?

SS - Questões de políticas pessoais. É... Uns achavam que o sindicato estava... estava pouco atuante. É porque... na verdade aquela atuação [ainda] era atuação do sindicato. O sindicato é que tinha que pro... é... atender essas necessidades. Então esse grupo achava que o sindicato estava omissa, ou pouco interessado. Foi uma questão de política profissional.

AP - O sindicato talvez tivesse a mesma concepção que o sr. com relação a greve?

SS - Eu não posso responder.

AP - O dr. Álvaro Tavares de Souza pensava dessa maneira também com relação a greve?

SS - Eu não conheço o pensamento dele.

AP - Porque o... uma das... uma das perguntas que nós fazemos a todas as pessoas que a gente conversa nesse nosso período aqui de... de pesquisa é esse, né: é... existia já a Academia Nacional de Medicina, a Sociedade de Medicina e Cirurgia, Colégio Brasileiro de Cirurgiões, Sindicato Médico Brasileiro e ainda vai ser criada a Associação Médica do Distrito Federal. O sr. não acha que é muito associação?

SS - Acho que é muito, tanto que minha opinião no congresso que houve de Conselho de Medicina... na minha opinião era que houvesse só uma organização como existe nos Estados Unidos. A *American Medical Association* ela cuida de tudo. Ela tem uma parte ética e tem uma parte, digamos, trabalhista, sindicalista. Mas é... é uma... é uma organização só que tem uma força extraordinária. Associação médica... medical... a... a... associação médica americana tem um poder extraordinário... de polícia inclusive. Quando ela proíbe um médico de trabalhar... um médico por exemplo que faz uma... inflação do seguro saúde... esse médico tem que mudar de vida. Ele não pode clinicar mais nos Estados Unidos. Ele tem um poder extraordinário de polícia... a Associação Médica A... Americana... ah... Quando, quando um médico apresenta uma conta ao seguro saúde... uma conta de cirurgia. Uma periseptomia, manda... manda a conta sem o laudo, sem o... sem o... exame patológico comprovando aquela cirurgia, ele vai ficar em situação muito difícil. Ele tem que comprovar toda sua... toda sua... todo o seu desempenho. Do contrário, ele é punido severamente e ele [saindo dos contratos] do seguro saúde, ele... ele tá perdido. Ele só pode ter cliente particular fora do seguro saúde. E nos Estados Unidos são poucos!

AP - E... agora como que o sr. explica essa proliferação associativa nos médicos?

SS - Políticas pessoais. Quer dizer, cada médico... cada grupo de médico acha que a Sociedade não tá... não tá atendendo às necessidades e cria uma outra. Por exemplo, a... a Associação dos Anestesiologistas... e a Associação dos Anestesiologistas... é uma potência, tem um poder maior que qualquer uma dessas. Porque... é dizer: Olha, os anestesiologistas estão em greve! E todas as organizações param. Porque eles querem reivindicar melhores salários, melhores condições. Então... há várias sociedades, todas elas... digamos... em busca de melhores... condições para o desempenho da sua especialidade. Eu citei a anestesiologia porque é a mais poderosa.

AP - Tá certo! E a... e a... e a AMDF teria sido criada um pouco em função desses interesses particulares, como o sr. diz? E como é que o sr. explica a criação da AMDF, se já existia o Sindicato, que deveria cuidar de problemas trabalhistas, não é, que... já existia já há alguns anos... nós estamos em... nós estamos no início da década de 50, o sindicato é de 27...

SS - É... é... 27... ou 29? Foi antes de 30!

AP - Exatamente! Então nós temos aí pelo menos 20 anos de sindicato!

SS - Aí foram questões pessoais.

AP - De quem com quem?

SS - Eu não posso dizer, desconheço esses... exatamente quais eram os líderes desses movimentos... mas, então, um... um grupo de médicos achava que a atuação do Sindicato não estava atendendo aos seus interesses... nem aos interesses da classe, então criou a Associação Médica do Distrito Federal.

AP - O sr. acha, por acaso, que o sindicato não... não defendia os interesses dos médicos empregados ou... o sindicato defendia só o interesse dos médicos liberais, ou que o sindicato defendia só os clínicos... O sindicato defendia uma parcela da... da profissão, e não o conjunto da profissão... Seria esse o problema?

SS - O que eu senti, da atuação ao sindicato, é que nunca teve uma atuação efetiva. Eu nunca senti o poder do sindicato na... sociedade... sindicato dos médicos. Nunca senti esse efeito, né! O poder do sindicato... o poder moral do sindicato no... no nosso meio era.. muito... era... ninguém ligava ao sindicato. E o número de médicos sindicalizados era muito pequeno, não era obrigatório naquela ocasião. Depois tornou-se obrigatório. Mas é muito pequeno! Era obrigatório para alguns médicos, não pra todos, né! Que... o... médico de... o médico que viu, que não é empregado público, ele não precisa ser sindicalizado! Ele não tem necessidade disso. Então quase nenhum é sindicalizado... esse médico de clínica particular, né?!

AP - Agora o senhor falou da greve da letra O e, antes da gente falar da greve da letra O com mais detalhe, eu queria que o sr. me dissesse assim... é... essa AMD... essa AMB, ela é Associação Médica Brasileira mas ela é criada depois da Associação Médica do Distrito Federal.

SS - É.

AP - Ela era Associação Médica Brasileira mas ela... ela tinha o mesmo perfil de atuação que a AMDF ou tinha um perfil distinto?

SS - Bom, ela em princípio tinha a mesma atuação. Depois é que ela se distanciou. Depois é que a AMDF ficou de tal modo, digamos, radicalizada com... [nas suas] convicções políticas, que a AMB desfilou a AMEG... a AMDF. Ela foi desfilada! E... e em seu lugar foi colocada a Sociedade de Medicina e Cirurgia. Então a AMB, que... (a empregada entra na sala para servir café) a AMB que englobava todas as associações médicas do país, ela teve um certo, uma certa época... como sua filiada aqui a Asso... hum... a Sociedade de Medicina e Cirurgia, tá entendendo, por causa da radicalização do... dos integrantes da AMEG...

AP - Isso se deu durante a greve da letra O.

SS - Não, mais tarde.

AP - Depois?

SS - É! É, bem mais tarde! Já foi na década de... de... de 60... mais ou menos. 50 ou 60! Eu tenho essa indicação aqui. Mas o que mais você quer?

Fita 9 - Lado B

SS - Eu não sei se... se já foi restabelecida até a época que eu sai, do conselho... naquela ocasião... a Associação de Medicina e Cirurgia estava... representando a AMB aqui no Rio de Janeiro.

AP - Agora em... 53, a... AMB fez esse novo código de ética. E o sr. estava dizendo que esse código de ética de 53, na verdade, não tinha nada de novo, que era uma cópia do de 45.

SS - É. 45!

AP - Quer dizer, não houve nenhum debate, nenhuma...

SS - Foi feito provisoriamente.

AP - Certo! Porque depois ele foi oficializado em 57...

SS - É... foi oficializado em 57, mas ainda a título provisório, enquanto... vigendo enquanto não houvesse o definitivo... que foi em 61, 62, mais ou menos... Eu tenho ele aqui.

AP - Tá bom! Então vamos falar um pouquinho mais sobre essa... greve da letra O. O sr. teve algum tipo de atuação na greve da letra "O"?

SS - Não! No hospital onde eu trabalhava, lá no São Francisco de Assis, o nosso regime era um regime mui... muito especial, muito *sui generis*. Os médicos do São Francisco de Assis não ganhavam... trabalhavam sem remuneração. Desde o início.

AP - Todos.

SS - Todos. Exceto aqueles, por exemplo, como... eu, como funcionário da universidade, ganhava pela universidade. Então, como havia muitas clínicas na universidade todos esses trabalhavam... recebiam da universidade. E os médicos internos... haviam muitos médicos internos.

AP - Era como se fosse um hospital universitário, praticamente!

SS - Universitário. Mas...

AP - Mas com formados e com estudantes também.

SS - É, estudantes também.

AP - Então esses médicos não ganhavam nada, não é? Isso desde a formação, isso por causa de um, de um detalhe: quando foram constituídos os serviços foi estabelecida uma verba para pagamento dos médicos, chefes de serviços e chefes de assistentes, e... um fato veio... digamos, impedir que esse... que essa... que essa decisão fosse... consumada, fosse executada. É que o Nabuco de Gouveia, que era chefe de serviço de ginecologia,

era senador da República, e foi um... dos grandes trabalhadores... colaboradores na... formação do hospital. E ele sendo senador ele não podia receber os proventos de um diretor de serviço de um chefe de serviço. Então, por causa do Nabuco, a lei foi modificada e o... e a remuneração foi apenas uma... uma, digamos, um *pro forma* para a condução. Num caso aí 300... 300 merréis pro chefe e... 150 pra... pro assistente, e todos os médicos foram... foram esquecidos. Isso todos os tempos, médicos e internos. Tanto que eu trabalhei no São Francisco, durante toda a minha vida, sem nunca ter recebido um tostão. O único benefício que eu tive lá foi o de ter... a contagem do tempo de serviço até 49, todo... todo aquele serviço que eu prestei, tá compreendendo, foi a... não remunerado... valeu para a... para a contagem de pontos... de tempo de serviço.

AP - Para aposentadoria...

SS - Para aposentadoria.

AP - Mas o... e o fato de o sr. ter trabalhado com o dr. Aguinaga também não valeu a pena?

SS - Se valeu a pena?

AP - É!

SS - Muitíssimo! Todos nós trabalhávamos... não só trabalhávamos de graça... porque nós estávamos apreendendo, estudando e praticando. Quer dizer, nós pagávamos, inclusive. O telefone era por nossa conta... Enfim, a caixinha de serviço... é... todos nós contribuíamos, estudantes e médicos todos mundo contribuía pra caixinha de serviço.

AP - Era uma... vontade de aprender.

SS - Era a vontade de aprender. Só houve remuneração para alguns médicos mais tarde, isso já na... em 66... 65, 66... quando nós fizemos o primeiro convênio com... com o INPS. Quer dizer, o primeiro convênio de um hospital universitário com o INPS foi feito por nós lá com a maternidade. Então nós tínhamos uma verba... do INPS para prestação daquele serviço. E dessa verba nós tínhamos uma pequena... uma pequena parte que nós dávamos para os plantonistas. Quer dizer, então pela primeira vez os médicos plantonistas nossos, compreendeu, lá do nosso serviço, ganhavam uma... gratificação... Era pequena, mas já era alguma coisa.

AP - É curioso porque não só o sr. como outros médicos que nós entrevistamos neste nosso processo... é... ressaltam esse... esse aspecto de que os médicos, ainda estudantes ou mesmo depois de formados, trabalhavam em instituições... públicas atendendo...

SS - É.

AP - ...muitas vezes as... aos setores mais desfavorecidos, Santa Casa de Misericórdia...

SS - É.

AP - ...no caso o Hospital São Francisco de Assis...

SS - É.

AP - ...e outros exemplos que eu poderia dar, e quase todos sem remuneração ou com remuneração...

SS - É!

AP - ...praticamente insignificante...

SS - É.

AP - Muito pelo esse aspecto da...

SS - De aprender.

AP - De aprender... e acho que a filantropia também, né, de ajudar...

SS - É, não. Era ma... era mais pra... aprender. É praticando que se aprende... Então nós estávamos ali praticando e aprendendo, porque...

AP - E sempre os... sempre os serviços... sempre dirigidos por um grande chefe, um médico experiente... um médico capacitado que meio... orientava também no dia a dia...

SS - Nós.. No... no nosso tempo havia uma escola, havia um chefe que imprimia a... a... a sua orientação a esses alunos... De maneira que é da escola do Gouveia, da escola do Aguinaga... da escola do... Chagas... da escola do Agenor Porto, da escola do João Batista. Enfim, o... o chefe era um nome que se impunha, que se respeitava. Então tinha "Eu sou... sou aluno do Aguinaga"... Bom, aquilo era uma recomendação. Porque se ele estava atestando questão pessoal... Se ele era aluno do Aguinaga, aquilo era um atestado de boa conduta. Porque se ele... se ele fosse... um camarada desqualificado, ele não estaria trabalhando lá.

AP - Isso era um atestado de boa conduta entre os médicos ou entre os médicos e os pacientes?

SS - Não, digo, no conjunto, né!

AP - Para a sociedade o Aguinaga era um símbolo... um símbolo de integridade...

SS - Eu falo do Aguinaga, como falo Gouveia, como falo João Batista, como falo Fernando Vaz... Compreendeu? Quer dizer, eu citei um por... pela proximidade.

AP - O Aguinaga chegou a ocupar algum lugar na Academia Nacional de Medicina?

SS - Não!

AP - Esses grandes chefes de serviços, eles ocupavam cargos na Academia, não?

SS - Desses lá do São Francisco, o Aguinaga não, o Jorge Gouveia também não, o João Batista também não, esses que eu estou me lembrando lá, Fernando Vaz... não... o Agenor era da Academia... Enfim, talvez que a metade fosse da Academia, o resto não era.

AP - E... eles... Qual era a diferença entre esses que eram chefes de serviços e tinham essa reputação tão... distinta, tão... tão... distinta que quero dizer... meritória, com tantos méritos, e os que estavam na Academia?

SS - É que eles não se interessavam por aquilo.

AP - Era um pouco por política também, não?!

SS - Havia muita política. Tanto que o Aguinaga... houve até um fato com o Aguinaga... Escreveu um trabalho... esse trabalho sobre câncer ginecológico e... apresentou na Academia. Mas ele não era homem de pedir, não era um homem social, né! De maneira que foi uma grande decepção pra ele, quando chegou lá... na hora da eleição, ele não tendo pedido, ele foi derrotado. Então, daí a sua aversão para aquilo. Também, eu nunca andei, porque nunca... nunca participei dessas sociedades, talvez pelo exemplo de que, para entrar na sociedade, era preciso política. Preciso atividade política. Fora disso ninguém consegue.

AP - Mas então, é... Deixa a gente entender um pouco... Até pro senhor falar um pouco sobre essa atuação contemporânea, né... Essa... dedicação, essa devoção, essa vontade de aprender que o médico do seu tempo tinha, onde é que ela foi parar, dr. Sertã?

SS - Ainda existe hoje! Ainda existe hoje e tá presente nos dias de hoje... tá presente nos nossos estudantes. Eu digo "no dia de hoje" até o dia em que eu saí do hospital e saí da escola.

AP - Faz quanto tempo?

SS - Foi em 77! Quando eu fui aposentado.

AP - Quase 20 anos.

SS - É... Essa rapaziada que eu fui acompanhando em todos os tempos, era uma rapaziada sempre muito interessada em estudar e aprender. Havia um grupo que... menos interessado, mas... esse grupo era minoria. Agora, eu só tinha no... no meu curso alunos que queriam aprender e queriam trabalhar. De maneira, que o grupo que vinha pra mim era sempre um grupo excelente, não só lá na faculdade como também no hospital. Então o rapaz que chegava lá no segundo, terceiro ano, ficava 3, 4... 3, 4 anos... ele saía dali pronto pra operar, pronto pra trabalhar... em condições excepcionais.

Então... é... essa nossa rapaziada é muito boa. Agora é preciso que ela seja motivada. Naquele tempo nós tínhamos motivação, porque tinha uma chefia que dava o exemplo... os chefes que davam o exemplo e que procuravam ensinar os estudantes. Hoje são poucos os serviços onde o chefe comparece. Na própria faculdade de medicina... pergunta: Escuta, quem é o seu professor? Não... Nem sabem o nome de um professor! As coisas mudaram muito, quer dizer... e a... a causa principal é do... do... do

professor e das chefias... Não maioria, não quer dizer... não vamos generalizar, mas na maioria é isso que acontece.

AP - O que aconteceu?

SS - Falta de interesse dos professores.

AP - Por quê?

SS - Hoje eu não posso entender. Antes a remuneração era pequena. Então os professores, antes, eram aqueles que eram devotados, interessados em estudar, né. Hoje a coisa mudou muito... Tanto que eu... acho que o... o... os professor de hoje está ganhando razoavelmente. Eu até me aposentar, eu ganhava uma mixaria, quase uma coisa... irrisória. Sem... significado. Hoje não, hoje o professor tá ganhando melhor. Embora outros ganhem mais. É claro, né: um elevador... um ascensorista do Congresso ganha mais que um professor. Mas isso é um... é outro assunto.

Hoje a maioria dos professores não... não se interessam... Eu... eu não sei se citei até o caso de um professor que era da... do São Francisco de Assis, ele fez... ele fez uma... um concurso pra cirurgia. Tirou a cadê... Ganhou o concurso... catedrático e tal... deu o curso uma meia dúzia de meses e depois foi pra... pra... pra Cordeiro, lá perto de Friburgo tomar conta da sua fazenda de gado. Foi criar gado. Nunca mais ele voltou. Nunca mais ele voltou pra faculdade. Se desinteressou por completo, né! Então esses são casos, infelizmente, muito comuns.

AP - As... razões... onde está a origem desse... desinteresse completo, como o sr. faz com a mão assim (André indica o gesto que o D. Sertã faz com as mãos) do médico?!

SS - Do médico?

AP - É! Eu acho...

SS - Do médico professor?!

AP - Médico...

SS - Chefe?!

AP - É! A... essa... essa... Esse altruísmo que caracterizou a sua vida profissional, mesmo dentro do do São Francisco, mesmo como médico de consultório, o sr. acha que ainda resta esse altruísmo ou esse altruísmo tá muito...

SS - Tá muito... tá muito limitado a um pequeno grupo de... de... de médicos.

AP - Por que que tá tão limitado? O que levou a essa perda...

SS - A parte social... Decepções... Enfim, a... a... a sociedade está se desintegrando... Há uma desintegração... A megaló... as megalópoles estão afetando a mente das pessoas. Então você vai ver isso hoje... muitos poucos médicos... Na Santa Casa ainda existem alguns exemplos. Eu vou citar, tem o Haroldo Portella. Haroldo Portella é meu colega...

foi do meu tempo, também da faculdade. Ele continua até hoje dedicado ao ensino, já precisando se aposentar, mas continua atuando, reunindo alunos... estudar partos, pra procurar incutir neles o... digamos... necessidade de conhecer bem... muito... pra bem praticar a especialidade. Existem alguns assim. Na Santa Casa ainda existem alguns, mas muito pouco... Infelizmente isso é minoria. Na Faculdade de Medicina, é que é flagrante: “Quem é o seu professor?” Não sabe! No meu tempo isso é... era muito raro! Muito raro mesmo!

AP - Muito bem, então quer dizer que a greve da letra O, ela não atingiu o seu serviço por essas razões aí.

SS - Não. Não atingiu não. Só atingiu ao... alguns serviços públicos do... IPASE... Desses institutos, né!

AP - O sr. acha que a greve... é... teve algum sucesso?

SS - Eu acho que não, a greve só serviu para... para suscitar animosidade não só na classe como nos pacientes... nos doentes. Ainda hoje, né?! A minha empregada vai aí no... nesse Hospital da Lagoa... de Ipanema... que é um hospital fabuloso, tem um pessoal muito bom, mas não atende ninguém. Essa minha empregada, há uns... há uns cinco anos mais ou menos, ela teve hemorragia... hemorragia intracraniana e craniana... Ficou em coma, quase 2 meses lá na Lagoa. Nenhum milionário teria tratamento melhor do que ela teve. Teve uma recuperação... Depois foi lá para aquela... para aquela... aquele estabeleci... estabelecimento perto do cardeal... lá... lá em cima no Corcovado... Santa Leocádia, se não me engano, onde houve um desmoronamento há algum tempo atrás... passou lá uns 2 ou 3 meses, voltou e tá trabalhando. Quer dizer, a assistência que ela teve foi fabulosa. Hospital da Lagoa era uma beleza, mas hoje é... é um caos.

AP - É... Uma das coisas que se fala muito sobre o movimento da letra O é que ele teria tido uma participação de médicos comunistas. Como é que o sr... observa isso? Como é que o sr. comenta essa...

SS - Eu... vou comentar com... uma brincadeira, né! Quando... quando mudou a... pra AMEG, dizia-se assim: Associação dos Médicos Esquerdistas da Guanabara. A associação da AMEG, num certo momento, tinha 27 médicos.... eram 27 membros, nessa ocasião. Na maioria, meus amigos, a maioria, meus amigos... e eu brincava muito com eles: Associação dos Médicos Esquerdistas da Guanabara. Mas eles tinham uma atuação que dava a entender que eles representavam uma multidão de médicos, mas na verdade era um número muito pequeno, mas esse número muito pequeno fazia barulho pelo Brasil todo. Eles tinham uma atuação muito... retumbante.

AP - O sr. acha que o dr. Ermiro [Estevam de Lima] seria um desses médicos esquerdistas da Guanabara?

SS – Ele que era muito amigo.

AP - Sim, mas ele seria um desses médicos esquerdistas?

SS - Ele estava nesse grupo. Era um apaixonado por isso. Ele era um apaixonado pe... pe... por aquilo que ele julgava ser... ser o seu ideal.

AP - Como é que a imprensa se posicionou diante desse... dessa greve?

SS - A imprensa... é... a imprensa dava... digamos, muito prestígio a essa... esse movimento reivindicatório, né, porque interessava a ela fazer barulho, interessava mexer em... interessava despertar o interesse de todos; de maneira que ela deu muita receptividade aos médicos da AMEG... da associação médica. Eles tiveram sempre muita receptividade... Publicavam tudo que eles... que eles mandavam. Não só lá como rádio também... rádio e televisão... Mais tarde, ainda não tinha televisão, né!

AP - O sr. acha que o médico... pra ser médico de verdade pode ser funcionário público?

SS - Pode!

AP - Ou ele precisa ser profissional liberal?

SS - Não, ele pode ser funcionário público e... o ideal é se ele fosse... liberal, mas ele pode ser funcionário público... não vejo nenhuma incompatibilidade.

AP - O sr. acha que a... que o fato de ele ter um salário e não ele mesmo determinar o seu... a sua remuneração, isso não tolhe um pouco a... a liberdade do médico?

SS - Não! Não! A profissão é liberal... Ele no seu consultório ele é uma pessoa. Dentro do hospital ele tem... a situação dele é outra. Dentro do hospital ele tem que... ele tem que receber o seu... seu salário, de acordo com... o contrato que ele teve... teve com seu patrão que é o governo, não é? Nesse particular, aliás, eu tenho até uma coisa interessante, se quer ventilar agora, que em... 65, 66, quando o Lacerda quis fazer o hospital-piloto aqui na Guanabara, ele apresentou uma série de... pedidos para que a... para que apresentassem os seus projetos, as suas ideias. Então eu apresentei um... um plano. Nessa ocasião eu representava a... AMB. Eu estava no conselho, mas eu era representante da AMB aqui no Rio de Janeiro. E eu apresentei um plano do hospital-piloto. O hospital-piloto seria o Miguel Couto. O hospital-piloto... o Miguel Couto atenderia a todo mundo. Mas a... o doente... o paciente que entrasse então teria uma ficha. Entra aqui o sujeito: Fulano de tal... tem recursos... ou tem plano de saúde... Tem recursos! Não tem recursos! Se ele não tem recursos, o Estado é responsável por ele, se ele tem recursos que... que... ele vai pagar um tanto! É uma cirurgia... é um parto... Ele vai pagar tanto! Há uma tabela! Ele vai pagar ao hospital aquele preço estipulado pela tabela. Agora, nesse preço tem o médico, o anestesista, o assistente, a enfermeira... Então cada um desses profissionais vai ter na sua folha de pagamento aquela importância relativa a... assistência que ele proporcionou. E esse... essa importância seria então acrescida... creditada na sua folha de pagamento. No caso do Miguel Couto, então, se ele ga... tinha seu *pró-labore* oficial e depois tinha por produto da sua atividade. Se fosse indigente, ele ia trabalhar por conta do governo, trabalhar pro governo. Mas se fosse por plano de saúde ou se ele tivesse recursos, um homem de recursos, então ele ia pagar e ia pagar também ao médico, enfermeira, ao anestesista e ao hospital.

AP - Essa proposta... de uma maneira ou de outra, não foi feita pelo prefeito Pedro Ernesto?

SS - Não, que eu saiba, não! E o regime do Pedro Ernesto era muito diferente. Mas eu desconheço que fosse feito assim. Tanto que agora... agora... agora... é... o Adib Jatene, há alguns dias atrás, há um mês ou dois, ele falou sobre isso. E... mais ainda: eu... isso foi em 68 mais ou menos, eu fiz parte de uma comissão de... professores da universidade para... dar uma opinião sobre o salário dos... dos professores. Cada um apresentou suas sugestões. Isso foi por ocasião daquele... daquele caso da... do Calabouço, onde um estudante foi morto, lembra desse fato, né?! Não se lembra, mas vou falar, né! Houve uma... uma briga de estudantes com a polícia, e tal... os estudantes queriam melhorar a boia do Calabouço... e tal... melhora, não melhora... então... então houve um conflito... e desse conflito resultou a morte de um estudante. Bom, nessa ocasião, então, eu fiz a seguinte proposta: em nenhum... em nenhum país de primeiro mundo o ensino su... da faculdade de medicina é gratuito, todos pagam... e pagam bem, tanto que o estudante só pode... não tendo recurso próprio, só com bolsa de estudo... Agora, fora disso, ele tem a possibilidade de traba... de... de fazer o curso trabalhando na escola, trabalhando na faculdade, trabalhando na universidade. Então eu apresentei a seguinte proposta: primeiro, todos pagam; segundo, bolsas de estudo... da maneira que existe na Europa, não é? Terceiro, o estudante pode trabalhar na universidade desempenhando funções fora da hora do ensino e com isso prover seus sustentos. Terceiro, ele... é... ele... Ele assume um compromisso... ele fica devendo esse dinheiro para pagar depois de formado. Um crédito, um crédito de ensino. Terceiro... aliás em seguida, ele fica com o compromisso de... exercer a clínica médica, no caso da medicina, né, numa cidade do interior durante dois anos.

Quer dizer que ele vai pagar o curso trabalhando durante dois anos numa cidade do interior e com ordenado. Quer dizer, o governo daria a esse médico, enquanto ele estivesse trabalhando nesse... nessa cidade, uma quantia x pra prover seu sustento.

Nessa ocasião, o ambiente era muito mal e... o Simonsen fez parte desse grupo... o... Oscar Flores, que era da Sul América... Enfim, vários trabalhavam nessa ocasião! E a minha proposta não foi aceita pelo seguinte: falar em estudante pagar nessa ocasião nem pensar... E nessa ocasião inclusive eu estava bem informado, sobre o que acontecia na Europa, não é? Na Europa... sobretudo nos países... nos países, digamos, da cortina de ferro só... deixavam de pagar uns... uns 3 privilegiados, o sub... Todos os outros tinham que trabalhar. Eles tinham de trabalhar 3 dias na semana, e tinham 3 dias pra estudar... E... era o que acontecia na Cortina de Ferro. Nos outros países só... ensino gratuito só o... primário. Isso era em todo o mundo. No Brasil é o único país... um... um dos únicos, compreendeu, em que o ensino superior é... gratuito, não é? Mas e... esse... esse secretário aqui... é... do Rio de Janeiro, do estado, né, quer aproveitar os médicos formados pela UERJ pra trabalhar gratuitamente durante dois anos pra pagar o seu curso... Eu ouvi no rádio agora, há uns dez ou quinze dias, essa ideia deles, pra que se trabalhe pra pagar o curso. Não gastaram nada, vai pagar. E... eu a... eu acho que é um erro... é um erro nosso dar... dar ensino gratuito a... a curso superior.

AP - Vamos voltar então aqui a 54. 1954 quando então o sr. foi eleito um dos 5 membros efetivos do conselho. O que levou o sr. a se interessar pela questão associativa? (A empregada recolhe as xícaras). O que levou o sr. a se interessar pela questão associativa? O sr. que nunca tinha tido nenhum... precedente, vamos chamar assim?!

SS - Foi o assédio desses meus amigos.

AP - Quais amigos?

SS - O Duque Estrada... Spinoza... Rotier... o... o... o Izeu... o... Izeu de Almeida Silva... o... Murilo Belchior. Esses é que me levaram a... a... é que me seduziram, tá compreendendo, e que me levaram... “Não Sertã, tá precisando de gente que queira trabalhar... e... que gosta de fazer as coisas...” Enfim, me encantaram! Me seduziram! E eu cá na conversa!

AP - Esses seus amigos eram amigos de onde?

SS - Amigos da profissão.

AP - Sim, mas eram da mesma turma que o sr.?

SS - Não, não, não, não! Eram turmas diversas.

AP - Mais velhos, mais moços...

SS - Havia mais moços e mais velhos, aí! E sobretudo os mais velhos. A maioria mais velhos do que eu. Eles então me seduziram. E eu fui na...

AP - Ginecologistas? De outras especialidades?

SS - O... o... o Duque Estrada era radiologista, compreendeu, o... o... o Izeu era cirurgião, o... Spinoza urologista... Enfim, não havia nenhuma...

AP - O que eles tinham em comum?

SS - É... Amizade e respeito. Eles achavam que.. que eu merecia o respeito e que podia ser útil num lugar desses.

AP - O que o sr. queria quando o sr. se candidatou?

SS - Eu poderia dizer ma... mais ainda: o... o meu... o meu cartão de visita era trabalhar com o Aguinaga, era o meu cartão de recomendação.

AP - Era o homem do Aguinaga.

SS - É. Era... era... era uma pessoa representando o Aguinaga, tá entendendo? Era... o que eu sentia nisso. Porque eu vivia num meio onde as coisas eram bem feitas, muitas corretas, sempre havia... onde havia ética, sabe?

AP - E ser alguém do Aguinaga era uma coisa...

SS - Era uma recomendação.

AP - Era uma recomendação boa, não é?

SS - É!

AP - E o que o sr. queria quando o sr. se candidatou? Quais as suas pretensões com essa candidatura?

SS - É, procurar fazer o melhor possível!

AP - O sr. pensou em seguir a carreira política também?

SS - Não, nunca... eu nunca... nunca pensei em carreira política! Eu só fiz política na classe justamente nessa ocasião, quando fui levado a... a brigar com esses vermelhinhos entre aspas... como vamos ver daqui a pouco!

AP - Que é em 57... Era a composição da...

SS - Não, não... já é em 60... 61...

AP - Ah, tá! É... E como é que foi essa eleição em 54?

SS - Isso foi uma eleição a bico de pena, como se diz na gíria, né! Foi... foi uma coisa... (tosse) No consenso entre aqueles que estavam ali: o Tavares de Souza, o... Sylvio Brauner, né, o Augustinho Monteiro... Esses elementos é que estavam, mais ou menos, manobrando a... composição dessa... desse conselho...

AP - Pra poder colocar... pessoas influentes...

SS - É, pessoas da confiança deles! Que mereciam... que desfrutavam um bom conceito e respeito!

AP - Se existia aqui no Rio de Janeiro, na capital da república, o Conselho Federal de Medicina, porque que havia necessidade de ter um Conselho Federal... um Conselho de Medicina do Distrito Federal?

SS - Não! O conselho... era regional. O Conselho Federal abrangia todo o Brasil, e o conselho regional era no Distrito Federal.

AP - As pessoas que estavam no conselho regional do Distrito Federal e as que estavam no Conselho... é... Federal de Medicina eram diferentes... eram pessoas diferentes?

SS - Eram diferentes sim, eram diferentes!

AP - Quem estava nessa época no Conselho Federal de Medicina?

SS - É... é... era o Rodrigo Belchior, o Izeu... o Izeu que era o presidente... o Izeu, o Murilo Belchior, o... Roberto Menezes de Oliveira... e do que eu me lembro assim no momento... E o Augustinho Monteiro estava lá também... trabalhando... com eles...

AP - O Augustinho Monteiro é que era o senador no Pará.

SS - Eu não sei se ele tinha algum... tinha algum cargo, mas ele estava sempre lá... é... trabalhando com eles independente de fazer parte. Eu me lembro desses": era o Izeu, o Murilo Belchior e o Roberto Menezes de Oliveira.

AP - E esses eram... eram médicos, que moravam no Rio de Janeiro...

SS - ...no Rio de Janeiro!

AP - E que eram do Conselho Federal, e que não eram do Conselho de Medicina. O sr. fez menção ao... ao Murilo Belchior como tendo sido alguém que o seduziu pra entrar pro Conselho...

SS - Pois é! Mas dessa vez ele estava no Federal, né?! E... e me levou pra lá.

AP - Quer dizer, as relações entre o Conselho Federal e o conselho... do Distrito Federal eram relações amigáveis.

SS - Amigáveis! Mas nós trabalhávamos em comum.

AP - Nessa época, ainda a filiação ao conselho não era obrigatória.

SS - Não, não era. Ela só se tornou obrigatória depois da promu... promulgação da lei.

AP - E como é que o conselho sobrevivia?

SS - Com recursos que vinham de... que... que eu saiba, vinham do imposto sindical... Aí vinha uma verba pra nós. Muito pequena mas era uma verba que dava para aquelas pequenas despesas... expediente, etc.

Fita 10 - Lado A

AP - Bom, vamos continuar aqui falando um pouco então desse momento. É... essa... Esse conselho ainda era um conselho?

SS - Provisório!

AP - Provisório, mas há menção aí no texto que o sr. nos entregou às atas das sessões ordinárias do conselho provisório. Existem essas atas? Essas atas são...

SS - Existem! Existem!

AP - Essas atas são.. publicadas? Enfim, são disponíveis?

SS - Não, não, não eram publicadas. Eu... eu tenho justamente a... a xerox dessas atas aqui. E... esse livro de atas deve es... deve estar no conselho. As atas anteriores, compreendeu, estão... estão... estão lá. Essas que foram justamente é... falsificadas estão todas aqui.

AP - As tais falsificadas que deram margem aquela... polêmica toda com o... dr. Cícero, né?

SS - É. Desde então.... Aqui está o livro do Clóvis Gomes Tavares de Souza se... eximindo de qualquer responsabilidade, né! Teve uma atitude muito correta, ele! Quando descobriu que estava sendo vítima de uma... [Dr. Sertã ri] de uma... arapuca, ele saiu... saiu da jogada. Tá aqui a carta dele. A xerox, né?! E as atas aqui, todas elas aqui. Sem nenhuma assinatura, né?!

AP - Tá certo! Bom, vamos passar então para... 1957 quando a Câmara... é... dos Deputados aprovou a Lei 3.268, e o presidente Juscelino Kubitschek assinou, né, quando foi criado o... quando a inscrição no Conselho se tornou obrigatória, e foi então... passou a vigorar o Código 53 da AMB. Mas o sr. fala também nesse texto que o sr. nos entregou que havia resistências pra aceitação desse código e havia resistências para aceitação do Conselho. O que que o sr. queria dizer com essas resistências? Que resistências eram essas?

SS - Que muitos médicos... muitos médicos não tinham... não tinham noção exata do... do... do... do que fosse o Conselho, dos seus objetivos, né, e por ignorância eles se recusavam, eles se eximiam, fugiam da... da... "Ah, não quero saber do Conselho pra nada!". Então, no princípio, muitos médicos deixaram de... de se inscrever no Conselho.

AP - Achavam que ia ser uma coisa punitiva?

SS - É! "Só pra punir. Só serve pra punir o médico... só serve pra punir! Pra policiar o médico! Não quero saber disso!"... Porque muitos médicos deixaram de se inscrever naquela primeira fase. Só mais tarde é que eles foram obrigados porque não podiam fazer nada sem... sem estar inscritos, né?! Essa resistência no princípio foi muito grande.

AP - E há uma menção também... quer dizer... O Conselho provisório, aquele que o sr. fez parte em 54 até 58, eram 5 membros efetivos e 5 suplentes. Não é?!

SS - É.

AP - Em 58 passou a ter 21 conselheiros efetivos e 20 suplentes.

SS - Exato.

AP - Foi feita uma chapa de composição com médicos do conselho provisório, do sindicato, da AMEG e da Academia. Como é que foi feita essa... essa costura aí?

SS - É... foi uma reunião amigável, sabe, por consenso. Então, da Academia: 'Fulano', da Sociedade de Medicina: 'Fulano'! Quer dizer, fizemos uma composição amigável, distribuindo essas vagas pelas diferentes sociedades. Feita em consenso.

AP - Sim, mas e... essas vagas também não... não acompanhavam qualquer tipo de orientação política, ideológica?

SS - Não, não, em princípio não! Inclusive foi feita de maneira harmônica entre todos eles, sem nenhuma preocupação.

AP - Por que o dr. Duque Estrada não continuou no Conselho?

SS - É porque ele estava... ele já estava, já velho e tal... e estava... estava sem disposição pra continuar no Conselho, ele achava que tinha dado grande... é... tinha pago o seu tributo... não se sentiu com forças pra continuar.

AP - O... Quais as diferenças que existiam entre os médicos que vinham dessas associações diferentes?

SS - Bom, em princípio, muito amistosa... Um ambiente de conciliação, de confraternização. Tudo muito bem. Mas com o tempo começaram então a surgir... a surgir as arestas, sobretudo o pessoal da... AMEG... já citamos, os vermelhinhos entre aspas, né, querendo dominar, querendo prevalecer, querendo... querendo, digamos... a... ganhar posições. Então foi acontecendo o seguinte: quer dizer, esses... esses que se sentiam melindrados, né, nas reuniões, por exemplo... começaram a surgir problemas sérios nas reuniões, e provocações mais ou menos... sérias. Eu mesmo tive um incidente muito sério com... com o presidente, o Heitor Carpinteiro Peres. Eu fui obrigado a... tomar uma atitude muito... muito grave.

AP - Qual foi o acidente... o incidente que o sr. teve com ele?

SS - O incidente quando ele achou que... eu fui obrigado a desmenti-lo numa sessão... quando nós compramos a... o São... o... o Odeon... eu tinha levado uma proposta de compra daquelas quatro salas do Odeon, que nos foram oferecidas por um cliente meu que era corretor nessa ocasião. E eu levei ao Carpinteiro Peres, levei essa proposta: Olha, tem um quarto e sala no Odeon, são muito boas e tal. Ca... cada um estava interessado em arranjar uma boa sede para o conselho... Fomos ao Maison de France... Enfim, uma porção de lugares. E eu ofereci isso pra ele. "Não, isso não tem... é muito interessante. O Odeon não tem bons elevadores... e tal... Aquele edifício é um edifício velho e tal... deixa pra lá"...

Bom, daí a uns vinte dias... um mês... na sessão, ele aparece: "Ah, arranjei uma... uma pro... uma sala muito boa aqui na... na... no edifício Odeon... assim, assim, assim". As salas que eu havia oferecido! E eu digo: Olha, me congratulo com essa presidência, eu disse, pra ele, por ter essa sala. Eu... eu já havia oferecido e tal. Me congratulo, acho muito bom! E ele: "O sr. não ofereceu sala nenhuma!" Eu digo: "Como, eu ofereci sala ao senhor". Absurdo, não é verdade isso. Não é verdade, não. Tá na... essa proposta tá aí na sua gaveta!" "Isso não é verdade!" "Não é verdade, não! É verdade sim! O sr. está escondendo a proposta! Eu não tenho interesse nenhum!". Não é verdade, você tá com ciúme!" Ela está aí! mas como esse incidente meu, aconteceu com outros. Qual era a logística, qual era a estratégia deles? Era oferecer... provocar problemas, zangas, não é, para que eles se afastassem. E assim uma porção de conselheiros se afastaram. Então aqueles conselheiros conservadores entre aspas foram se afastando. Em certo momento o conselho ficou na... todo dominado pelos... entre aspas... pelo pessoal da... da... da Associação Médica.

AP - O dr. Heitor Peres era um desses, entre aspas, vermelhos.

SS - [Era], entre aspas, vermelhos.

AP - E então eles criavam um clima de tensão...

SS - Tensão para...

AP - E aí alguns iam lá...

SS - Exatamente! "Eu... eu estou... me aborrecendo, eu não preciso disso, eu tenho mais o que fazer... Não vou brigar por causa disso, para que, que... eu não vim aqui pra ser ofendido!" Então... as coisas ficaram feias. Ficaram feias em certas horas... as coisas ficaram muito perigosas mesmo, né?! E foram se afastando. Nesse momento, então, o conselho ficou praticamente nas mãos deles.

AP - Esse momento é quando?

SS - Isso foi... foi de... de... 58 a... a 63.

AP - E esse... esse momento em que ficou na mão deles é quando? É já em 63?

SS - Não, foi até 63... Em 63 é que houve esse movimento liderado por nós, tá compreendendo, contra eles. Aí então em 63... Pode entrar nesse assunto?

AP - Não, se o sr. quiser adiantar, pode, mas depois a gente vai ter de voltar pra 57 de novo!

SS - Então... então deixa 63 pra lá.

AP - 63 é até o tema da nossa conversa da semana que vem...

SS - Pois é, esse é um outro assunto.

AP - Porque já entra na outra eleição. Nós estamos chegando aqui em 57, a composição dessa... diretoria... a constituição dessa... dessa primeira diretoria dos 20 conselheiros, e essa heterogênea composição e o sr. já falou de como essa heterogeneidade foi...

SS - Funcionou!...

AP - Funcionou, e como é que ela foi acabando essa heterogeneidade, né?!

SS - É!

AP - Agora... é... e o Código de 57, depois que... aprovada essa nova... essa... promulgado esse Decreto 3.278, ele passou a vigorar, ele passou a ser exercido, o conselho conseguiu fazê-lo cumprir? Como é que foi a atuação do conselho?

SS - Ele ficou vigendo, plenamente.

AP - Mas ficou no papel ou passou pra vida?

SS - Passou... Tinha... Processos tiveram curso nessa ocasião foram... obedeceram ao código.

AP - Ah, sim. Tiveram processos éticos profissionais também?

SS - Já. Tiveram processos éticos profissionais também! É!

AP - O sr. se lembra de alguma sessão de julgamento, algum caso?

SS - Não me recordo agora, mas está tudo guardado aí. Tenho vários processos aqui.

AP - O sr. tem guardados esses processos?

SS - Tenho!

AP - Quer dizer, no caso poderíamos dizer que... agora sim a partir de 58 o conselho começou a funcionar, e a aplicar sanções...

SS - Exatamente!

AP - A julgar casos, receber denúncias, analisar, chamar as partes, como funciona hoje em dia.

SS - É! Como funciona hoje em dia.

AP - Porque desde 45 que... teoricamente teria essa função mas que... o sr. disse que o código de 45 não... foi cumprido, o conselho não funcionou.

SS - É! Embora... embora... embora o código de processos fosse provisório... porque nós estávamos estudando o Regimento Interno só foi... só foi completado mais tarde, o definitivo né?! Então nessa ocasião houve uma... uma comissão, Chastinet, que era um vermelhinho lá muito meu amigo, e um grande trabalhador, um grande trabalhador, o [Djalma] Chastinet, o Rotier e nós. Nós é que fizemos o... o... o Regimento Interno definitivo.

AP - Foi em quando que os sr. Fez o Regimento Interno definitivo?

SS - Isso é... exatamente... tá vendo aqui? [*Barulho de papel sendo manuseado*]

AP - Não, mas... o que, que... então... não se preocupe com a data não, dr. Sertã.

SS - Nessa ocasião também...

AP - O que, o que que tratava esse Regimento Interno definitivo? Qual era, qual era o tema, qual era... o que que ele regia? Ele regia, ele regia o que...

SS - As atividades do Conselho, né! Todas as atividades do conselho era regida pelo Regimento Interno. Quer dizer, havia a regulamentação, geral, e havia o Regimento Interno que, digamos... detalhava todas as nossas atividades.

AP - Inclusive como se dava a entrada de um processo, abertura de um processo...

SS - É, exato!

AP - Julgamento de um processo...

SS - Exatamente isso...

AP - As sanções...

SS - É, que depois ficou subordinado ao código do processo. Mais tarde então veio o código do processo.

AP - Processo penal?

SS - É. Código do processo, né?!

AP - Eu digo na... federal, né?!

SS - Isso bem mais tarde, né?! Talvez eu possa interessar, as diretorias... a primeira diretoria, a segunda diretoria nessa ocasião?!

AP - Sim, nós vamos falar sobre isso já, já! A primeira diretoria é de 58?

SS - É!

AP - Qual a primeira diretoria?

SS - O Heitor Carpinteiro Peres... [*Dr. Sertão ri*] era... era presidente.

AP - Ele qual era a especialidade dele?

SS - Ele era neurologista, psiquiatra... psiquiatra. O Serafim Salles Soares...

AP - Que era o quê?

SS - É... era obstetra, é ginecologista..

AP - Como o sr.?

SS - É!

AP - Ele não labutava lá com o Aguinaga?

SS - Trabalhou conosco lá. Ele trabalhou conosco e formou-se lá, e depois saiu, foi para Santa Casa, né?!

SS - Esse é quem? É o Serafim...

SS - Serafim Salles Soares! Ele foi... Formou-se lá no nosso serviço!

AP - Serafim Salles Soares foi membro da diretoria. Porque desses 20 tinha a diretoria que era um número mais reduzido, né isso?

SS - Não, aí a diretoria já... já [era a diretoria plena].

AP - Quantos... quantos membros tinha a diretoria plena?

SS - Bom, tinha o diretor, o primeiro presidente, o vice-presidente Serafim... o... Pinto da Rocha... Paulo Artur Pinto da Rocha, primeiro-secretário... Luiz Nunes de Oliveira, segundo-secretário...

AP - Péra aí! Vamos, vamos, vamos devagar! O Paulo Artur Pinto da Rocha...

SS - Era Primeiro-Secretário!

AP - Primeiro-secretário! E ele, qual era a área de atuação profissional?

SS - [Dr. Sertã ri] Ele... ele... é clínica médica.

AP - Por que que o sr. está rindo?

SS - [Dr. Sertã continua rindo] É clínica médica. Fazia nada É... Era um diletante, né, da medicina.

AP - Aí, quando não fazia nada era Clínica Médica?

SS - É, bota clínica médica... porque ele achava que em clínica médica cabe tudo.

AP - Ah, ele achava que em clínica médica cabe tudo!

SS - É! (Dr. Sertã ri) O Luiz Bruno de Oliveira era o segundo-secretário.

AP - Ele era segundo-secretário!

SS - É!

AP - E qual a especialidade dele?

SS - É... era Clínica médica.

AP - Esse era clínica médica sem aspas?

SS - Sem aspas, é!

AP - Não era que nem o Paulo Artur?

SS - É!

AP - Esse Paulo Artur Pinto da Rocha... os... a família Pinto da Rocha era uma família tradicional na medicina...

SS - Era muito tradicional. Não sei se foi o pai dele que foi um jurista.. era um nome....

AP - Era um sobrenome de muito prestígio!

SS - É... não sei se foi do Supremo Tribunal, enfim.

AP - Mas dentro da área de medicina também, né?!

SS - Não, não!

AP - Não?!

SS - Não, na área jurídica... na área jurídica!

AP - Então, o Luiz Bruno de Oliveira!

SS - É, clínica médica.

AP - E o presidente era o...?

SS - É... era Heitor Carpinteiro Peres.

AP - Isso.

SS - E o Raimundo da Silva Var... Magno é... era o... tesoureiro!

AP - Raimundo da Silva Magno!

SS - Também... é, é clínica médica.

AP - Esse... é clínica médica também. Então, como é que estava a situação? Tinha mais clínico do que outra coisa, nessa composição...

SS - Não, mas isso não... não influía, não!

AP - Não?!

SS - Não influía, não! Esse conselho tinha elementos muito bons... pessoas...

AP - Esse conselho... é... ele começou... essa... essa primeira diretoria definitiva foi de quando a quando?

SS - Foi de 58 a... não sei quando acabou exatamente, mas chegou a durar uns dois anos!

AP - De 58 a 60, mais ou menos!

SS - É!

AP - O Raimundo da Silva Magno também era...

SS - Tesoureiro.

AP - ... também era tesoureiro!

SS - É. E clínico.

AP - E quem... cada, o entre aspas, os vermelhos? Além do dr. Heitor Peres, quem era o outro vermelho, entre aspas?

SS - É que... Eu boto o Pinto da Rocha... o Artur Pinto... Paulo... Artur Pinto da Rocha. Os outros não eram... não eram coloridos, não! Aqui, agora...

AP - E por que o sr. não compôs essa primeira diretoria?

SS - É que foi um consenso. Inclusive já vinha sobrecarregado muito, e nessa diretoria eu estava nessa comissão de... de redação do Regimento Interno. Trabalhamos muito, né. O Rotier, o Chastinet e eu.

AP - O Rotier também era vermelho?

SS - Não!

AP - O Chastinet era...

SS - Rotier era, mas era muito trabalhador, muito atuante, tá compreendendo. Fez muito pelo conselho!

AP - Esses médicos que atuavam no conselho recebiam alguma remuneração, pra atuar no Conselho?

SS - Não. Nós não tínhamos não.

AP - Tinham liberação do serviço deles? Se eram funcionários públicos, tinham liberação?

SS - Não.

AP - Onde é que o... dr. Serafim Salles trabalhava?

SS - Ele trabalhava... ele trabalhava na Santa Casa. No serviço de ginecologia da Santa Casa.

AP - Ele era de alguma outro... outra associação médica? Ele era da Academia, da Sociedade...

SS - Não, não, da Academia não era, não. Eu não sei.

AP - Ele era mais velho que o sr. ou era mais novo?

SS - Ele... ele formou-se depois de mim, mas acho que era mais velho do que eu. Ele formou-se o ano seguinte ao meu.

AP - Ele é vivo ainda?

SS - Até pouco tempo era. Até que... me veio à mente a... dar um telefonema pra ele pra saber se ele tá por aí...

A PARTIR DAQUI O TEXTO FICA COMPROMETIDO PELA MÁ APRESENTAÇÃO DA FITA.

AP - E o dr. Raimundo da Silva Magno, ele trabalhava onde?

SS - Não sei. Ele era clínico, mas eu não sei onde ele trabalhava.

AP - Em algum hospital público também?

SS - Não sei.

AP - Não.

SS - Não.

AP - Ele vivo ainda.

SS - Não sei, eu nunca mais tive notícia dele.

AP - O sr. não tinha muita relação com ele.

SS - Não, ele era... ele era um homem idoso, ele já deve ter morrido, nesse tempo ele era bem mais idoso que eu.

AP - E o dr. Heitor Peres era mais idoso que o sr. também?

SS - Não, ele era mais moço que eu. Até pouco tempo ele era vivo, o Peres. É que ele morava na casa de... no apartamento na avenida Atlântica, ao lado da... do edifício (TI) é... sei que a pouco tempo ele... disseram que ele estava vivo.

AP - Ele trabalhava onde?

SS - Era psiquiatra. Não sei se trabalhava na Praia Vermelha, ali na Wenceslau Braz, por ali assim. Ele era funcionário...

AP - Mas ele era mais novo que o sr.?

SS - Era!

AP - O que, quantos anos o sr. acha que?

SS - Ah, um ano no máximo.

AP - Ah, tá. A diferença é pequena. O dr. Pinto da Rocha?

SS - Esse era... esse era mais velho que eu. Esse Pinto da Rocha ele foi colega do meu irmão mais velho. Ele trabalhou na Gamboa com meu irmão.

AP - E o que que o seu irmão contava dele?

SS - Era bom amigo, bom companheiro...

AP - Bom de papo!

SS - Bom de papo!

AP - Mas trabalho mesmo que é bom...

SS - [*Dr. Sertã ri*] É, então as lembranças que eu tenho dele são até certo ponto muito agradáveis, do ponto de vista romântico.

AP - Muito bem! Essa foi a primeira diretoria. Quem mais?

SS - A segunda...

AP - A segunda... bom, na primeira então o presidente foi o Heitor Peres...

SS - É.

AP - ...o vice-presidente era quem?

SS - É... o... Serafim Salles Soares.

AP - Vice presidente Serafim Salles Soares, O tesoureiro?

SS - Era o Magno, Raimundo da Silva Magno.

AP - Era o tesoureiro. E depois?

SS - Segundo-secretário era... era o Luís Bruno de Oliveira.

AP - Era o segundo secretário. E o Pinto da Rocha?

SS - Pinta da Rocha foi... era o... secretário.

AP - Muito bem. Nós temos aí 1, 2, 3, 4, 5 nomes. Tá certo?

SS - Certo.

AP - Muito bem. E aí na segunda diretoria?

SS - Álvaro de Melo Dória, Álvaro Dória.

AP - Como era esse dr. Álvaro Dória?

SS - Era "vermelhíssimo!"

AP - "Vermelhíssimo?"

SS - É.

AP - Então nessa época os "vermelhíssimos" já estavam tomando conta do negócio... Qual era a especialidade dele?

SS - o Dória ele era... psiquiatra também, era psiquiatra, era psiquiatra, era psiquiatra. Esses psiquiatras são muito devotados a estas causas.

AP - Por que o sr. acha que ele...

SS - Sei lá, pode dar coincidência de muitos psiquiatras gostarem disso, não é? Mas isso não é regra não.

AP - Dr. Álvaro de Mello Dória era mais velho que o sr. ou mais novo?

SS - Bem mais velho.

AP - Já faleceu?

SS - Já, já há bastante tempo. Bastante tempo já. O segundo vice, o Arthur Pinto da Rocha.

AP - De novo, o Arthur Pinto da Rocha continua.

SS - É, continua.

AP - Apesar da sua incompetência profissional, ele continua como vice-presidente.

SS - Isso é consideração sua.

AP - Não, não. O sr. riu à beça aí... Eu estou só...

SS - Primeiro-secretário: João Barbosa Melo. Primeiro Secretário: João Barbosa Melo.

AP - E como é que era esse João Barbosa Mello? Qual era a área de atuação dele?

SS - Um dos melhores sujeitos que eu conheci. Ele escondeu na casa dele, na rua... Santa Clara, aquele casal de russos... Berg em 37... Quebraram todos os dentes, coitado. Porque ele escondeu os comunistas lá. Mas era um sujeito... um dos melhores sujeitos que eu conheci. Gostava de conversar com ele. Barbosa Mello era... o tipo do mineiro bom... sujeito agradável. Tinha os ideais políticos, mas... Era um grande sujeito sabe? Ele era... Ele nunca se importou defendendo as cores da sua bandeira...

AP - Nunca se importou quer dizer o quê?

SS - Nunca ofendeu ninguém, ninguém brigou...

AP - Ele era "vermelho", mas defendia educadamente...

SS - Um grande sujeito! Um grande sujeito. Um dos melhores sujeitos que eu conheci. Como médico, como profissional e como homem. (TI)

[TRECHO ININTELIGÍVEL]

Data: 18/07/1995

Fita 11 - Lado A

AP - Hoje é dia 18 de julho de 1995. Estamos aqui mais uma vez na casa do dr. Sylvio Lemgruber Sertã, em Ipanema, é... nessa manhã de terça-feira, como tem sido tradicional, as nossas manhãs de terça-feira aqui em Ipanema, com o dr. Sertã. Eu, André Faria de Pereira Neto. O nosso... pesquisador Sérgio. E a nossa auxiliar Jeanne.

Dr. Sertã, na última vez que nós conversamos, por um problema técnico, é... nós avançamos na nossa conversa mas o gravador não gravou a nossa conversa. Então nós vamos ter que... por um problema técnico, mais uma vez eu repito, vamos ter que... é... retomar alguma coisa que nós já falamos da última vez e depois ir adiante.

Nós ouvimos a fita da última conversa nossa e... até a parte em que a gente começa a... em que o sr. começa a falar sobre os principais personagens, principais médicos, né, que participaram junto com o sr. na década de 50 da construção do Conselho, e que o sr... alguns o sr. lembrava... é... com detalhes, porque participaram intimamente com o sr. de algum tipo de atividade, alguns outros o sr. lembrava brevemente e alguns outros que o sr. nem tinha... é... lembrança. É aí que a gente vai retomar a nossa conversa hoje.

A gente fez uma lista em ordem alfabética de alguns dos médicos que participaram diretamente da criação do Conselho... é... em 52 e depois em 57 e 58. A título de... lembrança, é só bom lembrar que o sr. foi membro efetivo do Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal na chapa...

Bom dia! Olha o cafezinho aí!

[Nesse momento é servido um cafezinho para todos]

Bom, é... feita essa pequena pausa para o cafezinho, vamos retomar aqui a nossa conversa. Em 1954 o sr. já era tesoureiro da diretoria provisória do Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal e o sr. compôs a chapa que foi eleita em 58 para o Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal. Então os nomes que nós vamos lembrar agora aqui, de uma maneira ou de outra, estiveram participando seja em 52, seja em 54, seja em 57 como membros da diretoria do Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal. Vamos começar, então, por ordem alfabética, repito mais uma vez, pelo dr. Álvaro de Melo Dória.

SS - Eu tive contato com o dr. Álvaro Dória quando ele... ele... foi eleito para o conselho na segunda... na segunda fase, quer dizer, na eleição de 58. Ali que eu fui tomar contato com ele. Não o conhecia pessoalmente. Aí que eu passei a conhecê-lo.

AP - Eu gostaria que o sr., na medida do possível, lembrasse qual a área de trabalho dele, de especialização dentro da medicina, aonde que essas pessoas que nós vamos conversar trabalhavam preferencialmente em termos de... hospital público.

SS - Ele era de uma área completamente diferente da minha. Ele era neuro... um psiquiatra. De maneira que era um assunto completamente fora do meu e eu nunca tive contato pessoal com ele, a não ser quando ele veio para o Conselho.

AP - O sr. fala segunda fase de 57, porque a primeira fase seria a de 54.

SS - É. 54! Eu nunca tive contato com ele!

AP - Tá bom! E o dr. Álvaro Tavares de Souza?

SS - Tive... tive contato com ele antes. Inclusive ele foi muito atencioso e procurou auxiliar os... os... os conselheiros provisórios em tudo. Todas as facilidades ele conseguiu. Inclusive oferecendo espaço para nós nos reunirmos... para nos reunirmos numa sala que era de... de... de propriedade dele e de... de um advogado que era parente dele, lá na Av. Churchill.

AP - E por que o dr. Álvaro se interessava pela construção... pela criação do Conselho?

SS - Ele vinha... vinha há muito tempo lutando por isso, né?! A... Atrá... Através do sindicato! De maneira que era um... era um sonho dele. Ele era muito interessado nisso. Ele era um das pessoas mais interessadas... era o Tavares de Souza. E tenho dele a melhor das impressões. Como homem público... Como profissional, nunca tive oportunidade de... de participar mais ativamente. Mas como homem público, dedicado à causa do Conselho de Medicina, ele foi uma das pessoas mais atuantes.

AP - E nós perguntamos ao sr.: por que ele, sendo presidente do Sindicato, se interessava pela criação do Conselho? O sr. falou alguma coisa a respeito da vez passada.

SS - O sindicato... o sindicato... ele se atinha mais as questões trabalhistas e achava, como aliás todos achavam, que o... a... o problema ético não devia ficar destinado ao sindicato e, sim, a... a chamada Ordem Médica, a uma outra organização. O sindicato deveria cuidar apenas de questões trabalhistas, e não nas questões éticas.

AP - E nós falávamos também um pouco da vez passada em que eu perguntava pro sr... é... como que o sr. explica essa proliferação associativa. Já na década de 50 você tem a Academia de Me... Nacional de Medicina, a Sociedade de Medicina e Cirurgia, Sindicato dos Médicos, as várias sociedades de especialistas que já começam a se constituir (na década de 50 já existiam várias)... E então a Ordem... Comparando com a realidade... é... do movimento médico nos Estados Unidos, onde só existe uma associação... como é que o sr. explica essa proliferação associativa no Brasil?

SS - Essa... A Academia de Medicina foi a primeira, foi instituída no tempo do império e tal e foi evoluindo gradualmente até atingir o estágio de hoje. O Sindicato foi em 29 ou 30, se não me engano, que ele apareceu, quando havia também outras... outras orientações congêneres na... no estrangeiro. E... o aparecimento da Sociedade de Medicina e Cirurgia e de outras especialidades foi decorrência natural da especialização. Quer dizer, a tendência da medicina é a especialização. Em que cada... Cada grupo de... de médicos, trabalhando numa determinada área, organizava a sua sociedade. Tinha a dos anesthesiologistas, ginecologia e obstetrícia, gastroenterologia... Quer dizer... Então foram se multiplicando as sociedades, mas são... eram mais sociedades científicas, não... não... não ligadas... atendendo a parte ética. Todas as sociedades, repito, eram sociedades mais científicas, embora tivessem os seus códigos de ética.

O caso, por exemplo, dos anesthesiologistas tem seu código de ética que muitas vezes colide até com a dos outros. Eu... Por exemplo: eles acham que toda cirurgia deve... deve ter um... um anesthesiologista, menos anestesia local. Eu estou inteiramente em desacordo com isso, eu pessoalmente, né?! Mas o código de ética deles... o cirurgião precisa sempre ter o anesthesiologista ao seu lado, embora ele não faça anestesia. Enfim, essa parte ética ficou então um pouco dispersa.

A minha opinião, inclusive eu tive a oportunidade em um congresso em São Paulo, né, congresso de... de... da Associação Médica Brasileira, de lançar esse... esse esse brado de conseguirmos constituir uma sociedade só, como a americana. Em vez de um sindicato, conselho de medicina... nós tivéssemos uma só. Mas isso esbarrava inclusive na nossa legislação. A nossa legislação obriga a... o sindicato. Foi a... foi... foi a explicação que me deram. Então nós não podemos ter aqui uma organização como a americana. E como a Ordem dos Médicos, também, na França, que tem muito mais poder, muito mais influência. Influência coercitiva, vamos dizer assim! É a explicação que eu encontro para isso.

AP - É... Agora vamos então falar um pouco sobre o dr. Antônio S. de Castro.

SS - Não conheço.

AP - Antônio Eugênio de Ária Leão.

SS - Areia Leão! É... Era um... era um... era um dermatologista, né, que eu não conheci pessoalmente, mas tinha um bom conceito profissional. Trabalhava em Manguinhos também.

AP - Clóvis Correia da Costa.

SS - Correia da Costa era um... era um... ginecologista e obstetra, muito conceituado, foi professor da UERJ e tinha um bom conceito profissional. Eu tive com ele algumas divergências, num concurso, divergências normais, naturais entre um candidato e um... e um examinador, mas não tenho nenhuma objeção pessoal com relação a ele. E tem até bons trabalhos, tem alguns livros bem interessantes... foi... foi um bom professor!

AP - E... Dr. Cassio Annes Dias?

SS - Cassio Annes Dias foi nosso companheiro. Também um clínico, filho do professor Annes Dias, um clínico muito... muito devotado à sua profissão. Morreu cedo... morreu precocemente. Mas era um... era uma boa pessoa. Grande figura. Embora tenha morrido precocemente.

AP - Dr. Porto Mendes?

SS - Dauro Porto Mendes. Foi um dos melhores clínicos que eu conheci. Homem muito correto. Foi discípulo do Eurico Vilella, compreende! Com uma formação impecável. Foi um grande profissional. Ele morreu há pouco tempo. Ele abandonou a clínica já a bastante tempo. Morreu com noventa e tantos anos. Mas um grande profissional.

AP - Elias José Grego.

SS - Esse eu não conheci, conhecia apenas de nome e por ter feito uma... por ter feito... Vim a conhecê-lo quando ele fez uma... uma representação contra a eleição do conselho tentando impugnar a sua validade.

AP - Isso em que ano?

SS - Foi em cinquenta e... cinquenta e sete, né! Cinquenta e sete!

AP - Fez uma representação pra tentar impugnar a eleição.

SS - É, é! Tanto que... A... a... essas diretorias provisórias... a primeira diretoria Duque Estrada... a eleição da primeira diretoria, depois da eleição, foi retardada por causa desse processo. Aguardávamos a decisão disso!

AP - E o dr. Ermiro [Estevam de Lima]?

SS - O Ermiro de Lima, eu tive oportunidade de dizer, era um profissional muito conceituado, um grande trabalhador, um homem que sempre procurou fazer o melhor possível em sua profissão, um... um grande médico, um bom profissional e um grande professor. Fez inclusive um trabalho muito interessante em Fo... foi um dos precursores

da Fonoaudiologia. Instalou no São Francisco um instituto otorrino muito, muito bom, muito conceituado. Foi um grande professor. Ele fez uma grande escola!

AP - Dr... Ernani Fernandes da Cunha.

SS - Eu... eu tive pouco contato com ele. Era um homem tímido, modesto e tal... Eu não tenho nenhuma referência pessoal a fazer dele. Eu não tive contato com ele.

AP - Dr. Flaminio Fávero.

SS - Esse era de São Paulo, era um dos grandes... grandes nomes da Medicina Legal de São Paulo. Era um homem respeitabilíssimo na... na justiça forense.

AP - Dr. Francisco José da Silveira Lobo.

SS - Meu companheiro de turma... eu acompanhei de toda a vida. Foi ele... aliás, era um homem destemido, que tinha um pavio muito curto e... que teve passagens até pitorescas, sobre certo ponto. Depois de formar-se ele resolveu ir para o Exército. E ingressou na cavalaria. E lá por 37, 38... por aí assim, ele teve um problema com... o coronel-comandante do Regimento de Cavalaria... Não sei se... Caçapava... uma unidade do norte de São Paulo... do Vale do Paraíba... ou Lorena... um desses regimentos de cavalaria. Ele pediu uma série de... de... de materiais, inclusive anestesia... anestésicos. E o coronel interpelou: "Anestésico para quê, para soldado? Soldado não precisa de anestésico, opera assim. Soldado é... é... bicho, não precisa..." Ele: Não senhor. E nisso ele, talvez insensivelmente, ele levantou a mão... o braço onde tinha o rebenque, e o Silveira Lobo interpretou aquilo como ameaça de agressão. Tomou o rebenque dele (ele era forte) e deu uma surra no... no coronel. Era um homem assim.

Resultado: ele foi preso, Conselho de Guerra... e... no... no curso desse conselho, né, ele tinha uma... a promessa dos chefes... dos chefes do serviço de saúde do Exército para amaciá-lo, né? Aliviá-lo um pouco, mas ao contrário, em vez de... de alívio, eles fizeram serviço... eles fizeram uma carta tremenda contra ele. Antes da decisão final, ele foi no Ministério... Ministério da Guerra, ali na... Central do Brasil, e armado foi no Gabinete do Chefe do Serviço de Saúde do Exército, que estava sentado e: "Levanta seu... palavras impúblicas, eu quero matar você, mas não quero matar sentado. Levanta que eu quero matá-lo mas de pé!" "Você é isso e tal." E uma série de imprecisões caluniosas... de false bastardia. Ele... a certo momento, ele "Você é um covarde, não vou mais...! E cadê os oficiais... os oficiais todos fugiram!" E ele então chamou um bedel, entregou a arma ao bedel e disse: "Eu sou seu prisioneiro!" Então, o que aconteceu? Ele foi pra Ilha de Trindade. Ilha de Trindade... foi desterrado. Nesse tempo era a Ilha de Trindade.

Mas acontece que o... ele tinha um irmão, um almirante... Silveira. Alguma coisa Lobo, só sei que era Lobo. Que tinha um certo prestígio nessa ocasião, e coincidiu que fossem apanhados certos... é... chamados de rádio daqui do Rio de Janeiro para submarinos alemães, então o serviço de inteligência... serviço... do exército identificou isto. E identificou que esse coronel estava dando informações aos submarinos alemães para torpedearem navios brasileiros. Quando o Silveira Lobo... o almirante teve conhecimento desse fato, ele pegou e foi a uma autoridade superior e disse: "Olha, meu irmão está lá por causa desse homem assim, assim, assim... Trouxeram o Silveira Lobo

pra cá... e... ele veio, e não foi reintegrado ao Exército, mas foi aposentado, né? E foi fazer sua clínica pediátrica aqui.

AP - Isso durou quantos anos?

SS - Isso deve ter durado uns 3 ou 4 anos? Eu não sei exatamente.

AP - Um ato tempestivo que... rendeu...

SS - Custou caro!

AP - Custou caro, né?!

SS - É. Até certo ponto ele...

AP - Mas o sr... o sr. falou que ele tinha esse... ele era...

SS - Pavio curto!

AP - Pavio curto, mas ronda por aí que o sr. também não era pavio muito longo, também não?!

SS - É... Mas nunca fui dado a essas bravuras, não!

AP - Não.

SS - Não.

AP - O seu pavio também era meio curto, né?!

SS - O meu pavio era meio curto, mas... mas eu amaciava, né?! Amaciava...

AP - O sr. não chegou nenhuma vez a dar... a dar chicotada em coronel não?!

SS - Não! Não! Eu não sou meio atrevido... eu sou... eu sou... eu procuro vencer com os meios mais...

AP - Os meios o que?

SS - Sutil.

AP - Sutil! Tá certo! Nós estávamos falando do dr. Silveira Lobo.

SS - Então vou dizer.. Então vou dizer uma notícia: A primeira lição que eu tive no colégio foi: inteligência é a capacidade de adaptação ao meio! Pra quê que eu vou brigar com um grandalhão?! Não adianta... Vamos vencer com inteligência e não com impulsividade.

AP - É... Nós então já falamos do dr. Francisco Silveira Lobo, e por acaso nós pulamos o dr. Chastinet.

SS - Eu fui tomar conhecimento... eu conheci o Chastinet lá no conselho, justamente nessa eleição. Tive um convívio muito bom com ele. Um Camarada muito trabalhador, um devotado a... causa do conselho. Um dos grandes consultores do Conselho. Inclusive trabalhamos muito com a redação de regimentos.... Enfim, essa documentação para legalizar o conselho. Tivemos um bom... entendimento sempre muito amigável, exceto naquela eleição de 63.

AP - É que o sr... o sr. também, antes do sr. começar a falar da eleição de 63, o sr. falava também da outra vez que não ficou gravado, que existiu no conselho nessa chapa de 57 um mais da esquerda Guanabara... e outros...

SS - Sim, mas nós estamos ainda no... no... até 57, né?

AP - Isso!

SS - Então podemos continuar agora isso?

AP - Não, podemos falar um pouco sobre isso também, claro!

SS - Eu digo: depois de 57?

AP - Isso, mas é porque foi essa... foi essa a composição da chapa, né?

SS - Exatamente!

AP - O sr. contou pra gente da...

SS - A composição da chapa foi feita justamente com elementos de comum acordo e consenso entre elementos do... do Sindicato Médico...

AP - ... indicados pelo dr. Álvaro?... Não!

SS - Não posso responder...

AP - Sim, porque o dr. Álvaro é que era o presidente...

SS - Ele estava lá. É provável que ele tenha participado ativamente disso... da... da... da Associação Médica do Estado da Guanabara... da Guanabara não, do Distrito Federal. É... Essa AMEG... essa AMEG...

AP - AMDF.

SS - É. AMDF, depois AMEG... depois ficamos com AMEG na cabeça, AMEG né! Ela... ela... no princípio tinha um grande número de adeptos, de... sócios, né. Mas depois ela foi caindo, caindo, caindo e... comentam até que ela foi... ela era representante da Associação Médica Brasileira... mas depois ela perdeu a filiação, porque nesse tempo

ela falava desabridamente... ela teve uma atuação muito grande... falava em nome dos médicos do Brasil. Falava desabridamente em nome dos médicos do Brasil. E a Associação Médica Brasileira sentiu-se melindrada com isso. Como que pode falar em nome dos médicos. Falar em nome dos médicos do Distrito Federal tá bem, né. Então, foram verificar que existiam apenas 27 ou 28 sócios efetivos. Então eles achavam que a Associação Médica... Associação Médica Brasileira achou então que eles não podiam mais representá-los. Então desfilou e... deixou a Sociedade de Medicina e Cirurgia, que já tinha um grande número de sócios, né, como representante da AMB aqui no Rio de Janeiro.

AP - O... Essa AMDF, ela... ela... tinha uma atuação que o sr. falou da outra vez também, de médicos mais de esquerda, médicos mais comunistas...

SS - A... Eles deram a sua atuação uma coloração nitidamente... esquerdista. Nitidamente... Não escondiam, falavam abertamente.

AP - O dr. Odilon Batista ainda tinha uma atuação muito grande?

SS - O Odilon Batista tinha uma atuação, que ao meu ver, aparentemente discreta. Ele falava, mas ele não era muito... muito, digamos, muito respeitado.

AP - O dr. Chastinet era da AMDF.

SS - Eu acho que era quase... eu não posso afirmar, mas ele, a sua conduta era pautada por aquelas ideias da... AMDF.

AP - Bom, então veio gente do sindicato, gente da AMDF...

SS - É!

AP - Gente da antiga chapa provisória do dr... Duque Estrada...

SS - Gente da Academia de Medicina...

AP - Gente da Academia de Medicina...

SS - E... gente também de..., se não me engano, da Faculdade de Medicina. Compreende. Quer dizer, era uma chapa múltipla.

AP - Porque também aumentaram muito o número de vagas, né, de cadeiras da...

SS - É! Então, eram 20 suplentes e 20 efetivos.

AP - 40 nomes... tinha lugar pra todo mundo, né?!

SS - E mais ainda 2 delegados eleitores. Com isso, então, havia lugar pra todo mundo.

AP - E aí na eleição de 63 é que o... de 57 até 63 é que o sr. falou pra gente que foram constituídas 3 diretorias.

SS - É... essa coisa de... A primeira diretoria é... é a diretoria que continuou, compreendeu, e depois recebeu novos elementos da eleição, ela foi sob a presidência do Duque Estrada, né, até a... a... aquela data que está ali quando foi eleita a diretoria... é... depois da eleição, essa diretoria eleita com... com... o...

AP - Álvaro Dória!

SS - Não! Como é... o... Carpinteiro Peres, Heitor Carpinteiro Peres...

AP - Primeiro presidente.

SS - É, foi o primeiro presidente já efetivo.

AP - Foi o primeiro efetivo.

SS - O primeiro efetivo.

AP - Foi sucedido pelo dr. Álvaro Dória.

SS - É, depois... Ele ficou 2 anos e depois do Álvaro Dória. E entre Álvaro Dória sofreu depois uma modificação com a mudança do secretário, que era Pinto da Rocha e depois passou a ser o Chastinet.

AP - E o sr. contava também da outra vez a... a tendência que esse grupo mais de esquerda fez de tentar ganhar espaço dentro do conselho.

SS - É... dentro... desde os primeiros momentos do conselho notou-se assim uma certa... uma certa animosidade entre alguns elementos mais extremados. Eu não vou citar quais eram, mas notava-se que alguns não conseguiam expressar os seus sentimentos. Então... Formou-se logo uma atmosfera um pouco desagradável... e daí a... algumas incompatibilidades. "Ah, dr., eu não estou aqui pra me aborrecer, pra ouvir... pra ouvir o que eu não gosto, que eu não gosto de ouvir, eu vou me embora!" E foram saindo alguns elementos. Quer dizer que aquilo um plano, no meu modo de ver, era um plano previamente arquitetado pra ir afastando esses elementos e deixar a maioria com eles, a maioria com os chamados integrantes da... AMDF, inclusive o Duque Estrada... O Duque Estrada se indispôs lá. Se sensibilizara... Quer dizer, ele era um homem respeitado, não estava pra ouvir coisas que não gostava.

AP - Quer dizer, o clima, apesar dessa... dessa composição ser plural, né, com 40 nomes vindos de instituições diferentes, o clima logo que tomou posse essa nova diretoria não era de distensão, era um clima tenso... era um clima de...

SS - Uma clima muito desagradável.

AP - ...de animosidade, um clima tenso.

SS - Vários incidentes ocorreram, inclusive com o Silveira Lobo. O Silveira Lobo fazia parte disso... ele foi... protagonista de vários incidentes.

AP - Que incidente o sr. se lembra que ele tenha participado?

SS - Assim no momento eu não me lembro, não!

AP - Mas ele era da tendência do pessoal da AMDF, não?!

SS - Não! Não! Tendência conservadora. Tendência conservadora. Do que eu me lembro... da participação dele foi um incidente comigo, em que eu participei, quando da compra da sala do Edifício Odeon. Todos nós estávamos empenhados em arranjar... todos os conselheiros estavam empenhados em conseguir uma sede. E eu andei procurando, inclusive fomos na Maison de France que naquela ocasião tinha... salas disponíveis. E um... um cliente meu, o... o João Rodrigues, ele me ofereceu salas do... São Bor... do Odeon... aquelas 4 salas. Então levei a proposta dele, mostrei... apresentei ao Heitor Carpinteiro Peres, e ele: "Não, vou estudar...!" E guardou a proposta na gaveta. Um mês e meio, dois meses depois, pouco tempo depois, ele no início de uma sessão: "Olha, conseguimos... temos o prazer de comunicar que conseguimos uma sala muito boa... tá, tá, tá, tá, tá... no Edifício Odeon no 10º andar na esquina ali e tal!" E eu: "Olha, eu tenho muito prazer em... em... em que fosse escolhido esse... local, porque no meu modo de ver ele é muito bom realmente e tal, conforme tive oportunidade de mostrar ao senhor... pensando que ele tivesse aceito a proposta minha, né? E ele de uma maneira muito deselegante, muito áspera, de forma inclusive grosseira. "O sr... o sr. nunca trouxe nada!". "Como? Eu trouxe! Está aí na sua gaveta! O sr. pode procurar na sua gaveta!". "Mas eu não sei de nada! Isso não é verdade! Isso é mentira!" E eu digo: "Mentiroso é o senhor, sr. presidente! Não admito isso. Abre aí a gaveta que ela deve estar aí dentro!" E aí surgiu um incidente desagradável... o sr. presidente é um mentiroso... etc.... nosso amigo Silveira Lobo: "Ô vamos parar com isso e tal, que isto não conste em ata".

AP - Ah, ele pediu que não constasse em ata.

SS - Que não constasse em ata. Tá bom, não tem problema, não! E fomos em frente.

AP - Mas aí, esse clima de tensionamento foi indo... os mais conservadores foram...

SS - Foram saindo...

AP - Foram saindo, desistindo...

SS - Desistindo, é!

AP - Que ia para uma reunião, e que tinha aquela... aquele clima...

SS - Aquele clima desagradável... Eu não estou aqui para isso. Não vim aqui para brigar. Não sou galão de briga, vou cuidar da minha vida. Enfim, e com isso foram... quer dizer, foram saindo os efetivos, que dessa... dessa corrente chamada, entre aspas, conservadora e entrando os suplentes, entre aspas, mais... mais corados...

AP - Mais corado?! E aí o sr. ia contar pra gente do incidente aí da eleição de 63... Com o Dr. Chastinet... as urnas... Como é que foi isso?

SS - A eleição... a eleição de... de 63 foi... uma eleição feita, digamos, ao calor de... de paixões muito acesas. Nós organizamos uma chapa em 63 pra combater aquela corrente, e a nossa chapa tinha um lema: "Luta contra o comunismo na classe médica da Guanabara". Esse era a nossa bandeira. E construímos essa chapa daquilo que havia de melhor, no nosso entender, disponível. Gente da Academia de Medicina, da Faculdade de Medicina... Gente... que era considerada mais categorizada... Muniz Aragão...[um era] Muniz Aragão... ele apareceu na política nessa ocasião... Enfim, era uma chapa pra ninguém botar defeito. O Lopes Pontes, Dauro Mendes... Dal Mendes estava nessa chapa... o... Fioravante... Enfim, era uma chapa... o... Valter Barbosa... Rotier... Enfim, então começamos a trabalhar nessa chapa. E nosso trabalho foi seguido também por uma arregimentação política. Então nós demos uma... nós fizemos um programa igual aquele que os comunistas costumavam fazer. Organizamos uma rede de cabos eleitorais. Nós tínhamos cabos eleitorais, está aqui, em vários lugares... da cidade... Deixa eu ver aqui... [*Barulho de papéis sendo remexidos*]

AP - Cabos eleitorais que o sr. fala eram médicos, né?!

SS - Como?!

AP - Eram médicos!

SS - É, eram médicos.

AP - Em cada, o quê, estabelecimento... Em cada hospital... em cada...

SS - Em cada hospital nós tínhamos uma... uma...

AP - ... um grupo que aderira ao sr.

SS - É. É neste aqui que tá.

AP - Não, o sr. depois mostra pra gente, pode continuar falando...

SS - Nós tínhamos, por exemplo, um médico no hos... no hospital Miguel Couto. Esse médico tinha seus... seus... suas irradiações... "Eu tenho tantos votos, outro tem tanto, ele tem tantos..."

AP - No ambulatório tal, na enfermaria tal...

SS - Outro médico no São Francisco de Assis, outro médico na Casa de Saúde São José, outro médico no... no... Enfim em cada local nós tínhamos um determinado número de médicos, compreendeu, certos, nossos, que, por sua vez, tinham lá os seus... o seu grupo. Então nós tínhamos...

AP - Na ponta do lápis...

SS - Na ponta do lápis, nós tínhamos um certo número de... médicos capazes de permitir a vitória numa eleição. Agora nosso problema era o quórum para o primeiro escrutínio. Porque o médico vem no primeiro quórum... vem no primeiro escrutínio, não tem quórum, ele fica meio desanimado para o segundo, né! Então nós fizemos um... um... um planejamento já dizendo: "Olha, vocês não venham no primeiro dia. No primeiro dia vocês aguardem, porque nós... não queremos. Não vem ninguém!". Porque tivemos outro problema: é que nós quisemos que fossem colocados postos eleitorais nos diferentes hospitais. Porque no edifício Odeon era muita sala de eleição... um único local de eleição, aí... podiam só fazer apenas 3 mesas eleitorais naquelas dependências do conselho naquela ocasião... e eles não aceitaram... "Não, nós vamos fazer só aqui dentro!"

AP - "Eles" são quem, dr.?

SS - Eles eram... eram um... um chefe da chapa, se não me engano era o Álvaro Dória... eu não tenho certeza, não! Acho que o Álvaro Dória era o chefe da... da...

AP - Da outra chapa. E o chefe da chapa do sr. qual era?

SS - Era eu.

AP - O sr. que era o presidente.

SS - É. Eu que era o presidente da chapa.

AP - Espera só um instantinho que nós vamos ter que virar a fita.

Fita 11 - Lado B

AP - Bom, e aí então o sr. pediu para eles não irem na primeira... no primeiro dia de eleição...

SS - É.. pra eles só irem... Que... aguardassem notícias! Que aguardem notícias, e não venham sem ser chamado! O protesto que nós fizemos, inclusive no Conselho Federal, é... impugnando o... local por 3 mesas eleitorais apenas, não foi... não foi atendido.

AP - 3 mesas... eleitorais. Só tinha três mesas, concentrava muito e o sr. queria que as urnas estivessem nos hospitais... Como é eleição hoje em dia, né!

SS - Como é, hoje em dia.

AP - Hoje em dia são em vários hospitais.

SS - É...

AP - Em vários dias também!

SS - Em vários dias... é muito fácil hoje! Mas então foi feita a eleição, e na eleição... no dia da eleição eu fi... fiz um protesto enérgico contra aquela... é... violência contra a

classe que seria obrigada a formar longas filas nos elevadores, e digo “Isso está sendo feito nos moldes dos melhores figurinos esquerdistas”. Foram palavras textuais minhas... né! E houve um reboiço. Aí... a eleição prosseguiu! A eleição prosseguiu...

AP - Mas a eleição não foi descentralizada, ficou lá...

SS - Ficou lá mesmo!

AP - Ficou lá mesmo.

SS - No primeiro dia houve uma afluência brutal. Gente... No... no primeiro dia eu digo: ó... Vamos ter quórum pra minha eleição. E o nosso pessoal não foi no primeiro dia. Quer dizer, era muita gente nossa mas fora do nosso controle. No segundo dia começou a vir outra afluência de gente de fora. [Falei]! Já ganhamos a eleição! Nossos votos não vieram pra cá. Então, de... de 3ª pra 4ª... Era de 2ª a sábado a eleição... De 3ª pra 4ª eu passei a noite telefonando. "Olha, você venha 4ª, você venha 5ª, venha 6ª, venha sábado!" Quando estava na quarta-feira veio... chuuuuu [*som de avalanche do dr. Sertã*] aquele... aquele... aquela caudal de... de... de coisa nossa... Bom, já ganhamos a eleição. Então na noite de 4ª feira, quando nós saímos do conselho, já estávamos com a eleição ganha, né, porque todo o pessoal dele veio no primeiro dia. E o nosso pessoal... pessoal veio depois. Resultado: nessa... aí tá o episódio do Chastinet. O ambiente no Conselho era péssimo, era tão desagradável... que eu tive notícias no rádio... ameaças pelo rádio inclusive... e televisão...

AP - Ameaças! Que ameaças?

SS - Ameaças... de morte!

AP - Morte?

SS - É.

AP - Como ameaças de morte?!

SS - O Álvaro Dória tinha uma pasta com uma... parece que um colt lá dentro... na pasta assim. Ele abria a pasta e mostrava a pasta. Eu fingia que não estava percebendo nada. A coisa era tão evidente que nessa quarta-feira o Sérgio Aguinaga, o Sérgio Aguinaga que era meu suplente: “Olha, Sertã, tem um camarada aí atrás com cara de bandido, tenha cuidado com esse sujeito”! Quando eu olhei pra trás, era um antigo interno meu Tanuri, Francisco Tanuri, que no Espírito Santo ouviu no rádio, tá vendo, ouviu histórias a meu respeito... que queriam me pegar... Ele disse: “Ninguém te encosta a mão”! Nós chamávamos ele de pianista, carregador de piano...

AP - Ele era forte?!

SS - Era, fortíssimo. Carregador de piano!

AP - Como se fosse o... Leão-de-Chácara!

SS - Mais do que isso. E... ninguém toca a mão, era o Tanuri! Tanuri não saiu... não arredou o pé dali. Ficou sempre ali me... como um guarda-costas ali sabe? O Tanuri tem uma passagem muito interessante que depois eu volto nela. E à noite eu venho pra casa e encontro, e quando chego e tal... fazendo uma refeição, o telefone toca: “Do Conselho! Quem é? Professor Sertã! O Chastinet me falava, me tratava, como um colega, como um companheiro como um amigo, e a amizade dele sempre me honrou e... e... me honro dela ainda hoje. E... Professor. Sertã! Aqui é o dr. Chastinet. O que que houve? Há que um fato muito grave aconteceu no Conselho! O que é? Uma das urnas... é... ficou fora do cofre. Nós autografa... assinávamos... lacrávamos a urna, assinávamos, não é, e colocávamos no cofre que era também... é... fechado e com... com papéis... é... comprovando a sua inviolabilidade. Eu, Chastinet, professor Chastinet, essa urna que está fora do cofre com quem está?! Ele: Tá sob minha guarda! Dr. Chastinet, essa urna que está sob sua guarda tá melhor guardada do que aquelas que estão no cofre! Eu peço licença ao senhor pra dizer... declaro minha também essa guarda. Eu sou guardião dessa urna que está com o sr.! Faço questão que isso conste amanhã em ata. O Chastinet no dia seguinte não sabia onde...[*Dr. Sertã ri*] onde esconder. E a eleição prosseguiu aí, não sem ameaças, prosseguiu já num caudal digamos, de... de... num ambiente de velório. Porque eles tinham perdido a eleição.

AP - E quando veio a apuração, qual foi o resultado?

SS - 75% dos médicos inscritos na Guanabara votaram na nossa chapa. Uma humilhação pra eles, porque eles contavam aquilo como certo. Agora, inclusive essa eleição foi a primeira eleição no Brasil... porque naquela época onde... onde foi evidenciavam que eles falavam como se fossem donos de tudo... mas na realidade eles representavam a minoria. Como aliás... os Partidos Comunistas em todo o mundo era minoria, mas que fala muito, fala muito e parece que domina né?! Na Rússia o partido Comunista era minoria, em quase todo mundo, não é?

AP - E essa... essa... esse lema da campanha de vocês, da sua campanha, é... um pouco próprio da década de 60 no Brasil...

SS - É!

AP - Com toda a campanha anticomunista que existiu no Brasil...

SS - É... foi em 63 isso.

AP - Pois é.

SS - Em agosto de 63...

AP - Já com a crise do governo João Goulart!

SS - É! Em plena jangada!

AP - Em plena jangada! Janeada já tinha... já tinha afundado...

SS - Jânio já tinha sido abdicado dois anos antes, não é?

AP - Pois é! Janeada já tinha abdicado e nós estávamos em 63, já na...

SS - Em agosto de 63!

AP - Já com a crise do governo... João Goulart... em toda... em todo debate sobre comunismo, ameaça comunista...

SS - É, exatamente!

AP - E isso um pouco refletia dentro do movimento médico também?!

SS - É exatamente. Isso tudo teve uma grande repercussão, inclusive no governo. O Ministério da Guerra, o subsecretário do Exército acompanhou a... eleição em detalhes. Eu tinha sempre comunicação, por intermédio de pessoas, né, que acompanharam aquele movimento. Então foi um alívio para o Exército, e para outras autoridades sentirem isto, que a coisa era diferente do que diziam. E esse... esse... esse acontecimento, ele... ele teve sequência, porque quando chegou lá no dia... no dia 1º de abril... 1º de abril, né?! De 64, né?! 64, né?! Nós estávamos juntos... estávamos no dia... em 31 de março nós estávamos no Clube Militar... Eu, Silveira Lobo, o Iseu, o Murilo Belchior, Rotier... Enfim, aquele grupo tava todo lá... estava pronto para o que desse e viesse... estávamos à disposição do Exército... Aí eu ouvi, era 3 ou 4 horas da manhã, disse: Ora, acabou... eles já se renderam em Petrópolis... em... Juiz de Fora... Houve a rendição 'etcetera'. Aí nós fomos embora pra casa. Não restava nada, acabou!

Agora, tem um desdobramento interessante aí depois. No... no dia 3 de... abril eu recebi um telefonema em casa, morava na Maria Angélica: "Dr. Sertã, precisamos dos seus homens amanhã em Brasília!" Como meus homens em Brasília! "É que amanhã é a eleição do Castelo Branco, e há muita resistência do Congresso! Então se eles não... não... elegerem o Castelo Branco, nós vamos acabar com tudo e... perde essa auréola de... de... de democracia e... vamos em frente! Nós estamos dispostos a isso, agora, queríamos fazer um convencimento! Eu queria que o sr. arranjasse a lotação de um... de um... de um avião desses da... daqueles alemães... daquela ocasião... e... são 38 lugares... né? Amanhã às oito... nove horas da manhã esse material... esse avião está à sua disposição em... Condor... tá à sua disposição no... Santos Dumont! O sr. arranja os seus médicos! Seu grupo". E os médicos todos, aquele pessoal no telefone. Às 8 horas da manhã nós estávamos lá no aeroporto, enchemos um avião! Foi até o dia... em que o Jaime Câmara foi assumir a Arquidiocese de Olinda. E o ajudante de ordens, do Ministro da Guerra, que foi lá me apresentar ao avião... ao comandante do avião... ao... ao piloto, né?! Nesse dia eu até falei. Eu disse para o Helder Câmara assim: "Olha, boa viagem! Faça votos que o sr. volte de lá menos comunista!" E não tinha sentido eu dizer isso ao Helder Câmara.

E nessa ocasião, então, ele me apresentou ao irmão do... do Castelo Branco que pedia uma carona no avião. E eu: Pois não! Com muito prazer! Tenho até uma fotografia dele... uma fotografia dele. E eu fui conversando até no avião com ele. E nesse dia aconteceu uma coisa que veio me prejudicar. Nessa ocasião, esse camarada... esse irmão do Castelo Branco era... era funcionário do Imposto de Renda. Funcionário graduado do Imposto de Renda. E em conversa com ele no avião, veio o problema do Imposto de Renda. Então, eu disse: Olha, tá acontecendo uma coisa no Imposto de Renda que eu acho errado. Eu, como professor, eu... não pago imposto de renda. Mas

isso é injusto que o professor não paga Imposto de Renda?! Por que um professor não paga imposto de renda? Os meus... os meus filhos pagam mais imposto de renda do que eu! Não tá certo isso, né?! E muito tempo depois, o Castelo Branco, di... di... digamos, corta essa... imunidade... essa regalia que os professores tinham... os professores, os juízes, etc.... todos passaram a pagar imposto de renda. E esse... esse... esse irmão do Castelo Branco, ele passou depois por uma vergonha: ele teve uma fraqueza de... aceitar uma... um automóvel, né, dado por um professor interessado no imposto de renda. O Castelo Branco demitiu... o Castelo Branco demitiu o irmão.

Então nós fomos assistir a eleição de Castelo Branco. Eu foi lá com meus amigos e vários deputados amigos meus... e cada um de nós tinha lá seus amigos, né! E assistimos a eleição do Castelo Branco. Uma das coisas mais... mais triste por causa de um detalhe: todo mundo dizia sou a favor, a favor, a favor, a favor, a favor... Mas alguns foram contra. Mas contra a dignidade... Quando chamaram o Juscelino, o Juscelino: "É contra, é contra, é contra!" Parecia um boxer, no ringue, se apresentando ao ringue, foi o único que destoou da dignidade desta eleição do Castelo Branco. Até... lá pelas 9, 10 horas da noite, nós voltamos, passamos uma viagem difícil, de noite um temporal lá em cima da Mantiqueira... Andei com medo... (*Dr. Sertã ri*)

AP - Dr. Sertã... o... Então o sr. ficou como presidente do Conselho de 63 até... que ano?

SS - Não, eu fiquei só um ano [dirigindo] o Conselho. De 63 a 64.

AP - Mas depois o sr. continuou na diretoria.

SS - Não, depois fui federal. Passei um ano... um ano e meio mais na diretoria, depois fui para o Federal... pro Conselho Federal!

AP - Largou o Conselho Regional.

SS - É, do Regional para o Federal.

AP - Muito bem! Agora, falando um pouco ainda do Conselho Regional e dessa época que o sr. foi presidente do Conselho Regional, o que que o sr... qual é o saldo que o sr. faz desse seu período como presidente do Conselho Regional?

SS - No Conselho Regional eu procurei botar em ordem tudo que havia ali e a... eu acho que o que marcou mais a minha presença no Regional foi a questão dos automóveis. O... As diretorias... as diretorias anteriores haviam feito muitas tentativas para... para conseguir financiamento de automóveis através da Caixa Econômica. E... eles... conseguiram um pequeno financiamento que funcionou durante uns poucos meses, mas depois foi cancelado. Não sei porque a Caixa Econômica desistiu e tal, e os médicos ficaram sem automóvel.

Nessa altura dos acontecimentos, eu achei que nós tínhamos um dever de gratidão quanto àqueles médicos que nos deram aquele apoio tão... tão expressivo, tão substancial. Então procurei o quê que nós podemos fazer para ajudar aos médicos?! [O que] o médico mais precisava nesse tempo de automóvel. Havia muita dificuldade de conseguir automóvel. Porque não havia financiamento, nessa ocasião não havia financiamento praticamente. Eu mesmo fui a São Paulo, através da... volkswagen... e da... Willis... da DKW naquela ocasião, e não consegui nada, nada! Eu fui com com o

Rotier. Nós fomos à fábrica... à fábrica da Volkswagen, naquela ocasião era uma beleza, uma maravilha aquilo, né. Então voltamos pro Rio, eu fiquei pensando o que... o que que nós poderíamos fazer. Aí eu me lembrei de uma história antiga, de uma Confiança Predial Ltda que era espécie de um consórcio, era um plano com um... havia uma... um banco português tinha aí um plano para financiamento de casas. Quer dizer, baseado naquela ideia, então... não havia maquininha naquela ocasião, mas só podia fazer conta em lápis... então eu idealizei o plano: um consórcio de automóvel. O consórcio era o seguinte: entrada... um terço de entrada, depois o... resto pago de acordo com as condições de cada um.

Fui a São Paulo com o pessoal da... Volkswagen, e da... e da Willis e da DKV, e consegui deles vantagens grandes. Inclusive consegui um abatimento de frentistas... um desconto de frentistas. E a Willis me dava até 33% de... desconto. 33% de desconto! E instituímos o plano de estacionamento, de consórcio de automóveis. Esse plano teve um sucesso retumbante. No primeiro ano... no primeiro ano e pouco, enquanto eu estive à frente disso, nós entregamos mais de 1.100 automóveis para os médicos. Então eles pagavam... eles pagavam 1 terço, digamos (3.000 cruzeiros naquela ocasião), entravam com 1.000 cruzeiros e ficavam devendo 2, e pagavam aquilo parcelado... é... tanto por mês... eu quero pagar 100 por mês... 200 por mês... de acordo com cada um e sem juros, não tinha despesa nenhuma. Inclusive conseguimos a isenção de alguns... de alguns impostos aqui na... na... no Rio de Janeiro, né?!

Então foi um sucesso, mas uma série de problemas começaram a surgir no caminho, inclusive com a Volkswagen. Pra ter uma ideia do problema que eu tive com a Volkswagen?. Nesse tempo era o superintendente... o chefe era o Schuvszenk. Esse senhor Schuveszenk... um dia nós fazemos um... um pedido, é... 40 carros. Fabricava cem... cem carros por mês mais ou menos nessa ocasião. Quanto é? Tanto! Fiz o depósito no Banco Mauá, que era o banco deles, né! E recebemos uma comunicação deles! Faturar 40 carros. 10 dias depois, quando entregaram os carros, entregaram 36... 4 carros a menos. Aí eu... eu falei pra: Ué, que isso?! Não, aumentou o preço [ontem]. Eu tenho aqui a... a informação faturando 40 carros! Não, não sei o quê que o carro subiu, pá, pá, pá!... Aí eu fui na Embaixada Alemã, ali... era ali na... na rua Pinheiro Machado, fui a Embaixada Alemã, e fui com o Adido Comercial. Mostrei a ele o documento. Seu Fulano, eu... se fosse na Alemanha, o que que acontecia? Cadeia! Então eu estou denunciando um cidadão alemão, né, a Embaixada Alemã. Ele disse: “Eu vou resolver o seu caso”. Ele pediu uns dias para procurar resolver. Daí a uma semana, uns dez dias, ele voltou: “Ah, quero falar com o sr.”. E foi ao Conselho. “Olha, isso aqui não pode mudar mais! Mas eu tenho uma proposta pro sr... pro sr. ficar quieto... um “cala a boca”. Eu digo, : “Qual é? A cada 50 carros que o Conselho faturar vem 1 de bonificação. Tá ótimo.” Eu reuni o pessoal do conselho e tá muito bem! Então vem 1, a cada 50 carros que nós... que nós comprávamos, faturávamos, vinha 1 que nós sorteávamos entre os médicos que estavam esperando. Aquele médico saía com o carro quitado... quitado... até aquele momento, né?! O que ele estava devendo, ele... ele tinha o seu tempo pra pagar... Mas já tinha o seu carro sem o inicial. Com isso nós ficamos talvez com uns... 8 carros... é... pro Conselho.

Essa foi a história do... O maior de tudo que conheço! Eu tinha... tenho um amigo, o Cesario So..., que era dono da... da Volkswagen de Petrópolis. E... em 72 eu fui a Petrópolis pruma reunião de condomínio, de um apartamento que eu tenho lá em Petrópolis, no Edifício Imperatriz... e eu tinha deixado o carro aqui no Rio para... para qualquer coisa, lubrificar, eu não me lembro... Eu fui de ônibus. E na volta eu disse: Olha, eu... vou me embora que eu vou pegar o ônibus e tal... Não, vem comigo, estou

estreado uma Mercedes, uma Mercedes último tipo! Tá bom, vamos embora! Quando estava descendo assim... no fim da descida da serra: “Olha, indústria automobilística do Brasil passou por uma crise muito grave. O que salvou a indústria automobilística do Brasil foi o plano de consórcio. Quem elaborou esse plano de consórcio merecia uma estátua de ouro”. Um parênteses, eles passaram a fazer um plano igual ao nosso mas com... rentável, é claro, né, nós não tínhamos nenhum proveito com isso, né, era tudo pros médicos, não é. “E... Merecia uma estátua de ouro! Eu falei: O (PI), em vez de uma estátua de ouro, porque você não manda oferecer um carro como esse pra ele?! É uma boa ideia!”. Ele era ainda dono da Volkswagen de Petrópolis... No alto da serra. “Boa ideia! Sabe quem é?! Sei! Quem é? Tá ao seu lado!” Aí ele calou-se.

Esse ano, andávamos os dois sozinhos... Eu encontrei com ele aqui no calçadão, defronte a nossa rede de vôlei e junto com um... com um colega meu, um companheiro meu, que foi meu interno e que hoje continua no vôlei aqui: Frank Go...! E... Vem cá, Frank! Vem cá, olha! Vamos ter uma conversa aqui sem testemunha, meu encontro com Solha, e houve isso assim, assim, e o Solha: É isso, mesmo! Então eu tenho a confirmação dele sobre isso.

Agora, outra coisa interessante isso... por que pro Conselho. O... o Périssé, (TI), pai desse Périssé que hoje estão por aí, porque o Périssé é já morto, ele chega no Conselho e diz assim: Sertã, eu estou te devendo 2... é... 3.000 cruzeiros, naquela época. Ué, se tá me devendo, paga! Não sei não, mas não quero saber não, se tá devendo pode pagar! Não, mas vem cá, vem cá, vem cá! E me levou à janela do Conselho. Aquela janela que dá pro... pro... pro morro... naquele tempo era morro ainda. E... Olha, eu ia comprar um... um Volkswagen... um Willis por 9.000 cruzeiros. Eu tirei no Conselho sai por 6.000. Então, 3.000 pode mandar pra cá que eu recebo, não se incomode. Não, Sertã, olha, tá vendo aquele lá embaixo, é o Mahatma Gandhi. Olha, vocês aqui no Conselho vão ficar igual aquele! Como?! Sozinho e de tanga! [Dr. Sertã ri] Eu achei isso muito expressivo. Quem disse isso? Mas o negócio do automóvel me deu uma trabalhadeira enorme. A administração daquilo não era fácil, né?! Era... era improbidade de todo lado. Eram as firmas... Com a Volkswagen, na Willis tinha problemas também, a DKW... todos eles tinham problemas. De maneira que a gente tinha que tá... tá lidando com um pessoal perigoso, pessoal difícil. E os outros conselheiros, depois que vieram depois, não estavam dotados do mesmo ânimo, do mesmo espírito de sacrifício, e talvez de empreendimento que não fossem possuídos, né! Tinha que estar negociando com eles, não é? Então o plano acabou... acabou se esvaindo, né, por falta de... Depois veio a inflação... A inflação também comprometeu muito o plano, né?! Apareceram depois os beneficiamentos... os financiamentos e os plano... o plano se esvaiu.

AP - Dr. Sertã, vamos falar então um pouco sobre do Código de Ética. O sr. falou pra nós da outra vez que o Código de 57 que foi cópia do da AMB de 53, teria sido muito parecido com o de 45.

SS - É!

AP - O de 45, de 53, de 57 na verdade não.. não tinham grandes diferenças. Agora, o Código de 63, que foi o código que o sr. estava aí na presidência do conselho. O que que o código de 63 tem de novo no seu modo de ver?!

SS - O Código de 63 [tá ele aqui] é... ainda é o código de ética médica da AMB aprovado pela lei de... espera um momentinho... [dr. Sertã procurando nas papeladas]

ele está aqui... o código... o primeiro que é da AMB, ele vigorou até... 11 de janeiro de 63, e veio o... o... o definitivo.

AP - Sim, e esse definitivo?

SS - Tenho a impressão que está aqui!

AP - Esse definitivo... o sr. participou da elaboração dele? O que que ele tem de novo?

SS - Todos participaram. Com detalhes eu não me lembro realmente, tanto tempo passou já. Todos colaboraram. Não só os conselheiros regionais como o federais, né?! Então, depois então veio o... definitivo... saiu em 63.

AP - Esse de 63, o que ele tem de novo com relação ao de 57, no seu entender?

SS - Eu... confesso que não me lembro em detalhes... Passou muito tempo e tal... já não... Eu não podia responder assim... sem um estudo mais detalhado, compreendeu?!

AP - Tá certo!

SS - Em linhas... em linhas gerais, não deve ter tido grandes mudanças, não, sabe!

AP - O que mais que o sr. gostaria de falar sobre o período que o sr. foi presidente do Conselho?

SS - Nesse período nós procuramos fazer uma... melhorar o Conselho, no... Aqui é a fotografia do irmão do Castelo dentro do avião... Nós procuramos ampliar... o Conselho comprou mais salas, né, e... enfim, desenvolveu a parte material do Conselho. Nosso principal objetivo era melhorar as condições do conselho.

AP - E onde foram parar os médicos, entre aspas, vermelhos nesse meio tempo?

SS - Continuaram suas vidas né? Continuaram lutando pelos seus ideais, né! Ideais que eles achavam que... que eram dignos da atenção deles, né!

AP - Sim, mas eles continuaram indo às reuniões, participando, não?

SS - Não, aí... é... aí eles foram excluídos do Conselho... Aí no conselho nosso de 63... eles foram derrotados.

AP - Certo. Agora, eu ia perguntar uma coisa pro sr... Quando o sr. foi presidente do Conselho, a parte de... de julgamentos e de processos éticos...

SS - Continuava funcionando!

AP - Continuou funcionando?

SS - Plenamente! Plenamente!

AP - O sr. tem lembrança de algum tipo de processo que o sr. tenha participado? Algum tipo de julgamentos? Ou quais eram os julgamentos mais comuns? Essa parte desse... não do aspecto... o sr. estava frisando muito o aspecto material de sobrevivência do Conselho, tanto como... o consórcio, não é! Tanto como a ampliação do... das salas... tudo isso, né?! Agora, com relação a atuação do conselho, é com relação a julgamentos, a processos... Como é que foi isso no tempo que o sr. foi presidente?

SS - Era muito variado... digamos, o... digamos... a folha, né?! Havia de tudo, não é? O aborto foi um dos problemas que mais preocupou no conselho... Foi o aborto, né?! Porque a legislação... é... com relação ao aborto, deixa muito a desejar. O a... o crime do aborto... do abortamento ele prescreve num ano. Então o processo tramita no conselho, ao cabo de um ano se não tiver havido uma decisão ainda do conselho, tá prescrito na Justiça...

AP - Na Justiça... civil!

SS - Não, na justiça criminal.

AP - Criminal, mas e no Conselho?

SS - No... no Conselho continua. Esse é um problema. Porque o... o... No Conselho a... a prescrição só ocorre depois de 5 anos. São 5 anos! Então o conselho... o conselho punia o médico... punia o médico e a justiça depois absolvía por prescrição, e o conselho ficava sem... desmoralizado.

AP - É, porque ele punia, mas não tinha como punir verdadeiramente.

SS - É. Ficava cerceada a decisão do conselho. Inclusive está acontecendo uma série de coisas esquisitas... eu não quero interferir, não vou mexer muito com isso... Essa punição desses médicos torturadores... Isso está prescrito há muito tempo... muito tempo! Depois de cinco anos está prescrito. Essa prescrição só deixa de existir no caso por exemplo... quando fui... em 78, quando fui presidente provisório e passei 5 anos no conselho como presidente provisório. Ali nós não tínhamos um tribunal de julgamento. Então todos aqueles prazo de prescrição, todos aqueles processos ficaram paralisados, entende? Mas agora esses processos dos torturadores, isso... eu não sei onde estão esses advogados, que não... viram isso... Compreendeu?! Inclusive esse rapaz... o Lobo... Sabe quem é o Lobo?

AP - Amílcar Lobo!

SS - Sabe quem é, né?

AP - Deu reportagens e mais reportagens nos jornais... e tudo.... o caso dele.

SS - O Amílcar é um doente mental. Ele é seu irmão.

AP - Como meu irmão!?

SS - Ele nasceu comigo. O pai dele foi um dos melhores sujeitos que eu conheci, o Aníbal Moreira. E o Amílcar Lobo nasceu comigo, trabalhava comigo lá no serviço... e... eu mandei embora do serviço.

AP - O Amílcar ou o Aníbal?

SS - O Amílcar... Amílcar... o Amílcar Lobo!

AP - Mas ele era psiquiatra, não?!

SS - É... era psiquiatra!

AP - Mas ele trabalhava com o sr. no serviço?

SS - É. Ele trabalhava no serviço conosco. Depois que ele foi para a psiquiatria e tal... Pra ver se... Bom, pra você ter uma ideia do Amílcar, teve um dia que eu ia pro São Francisco passando no... Túnel das Moças e tive a impressão que tinham apitado pra mim. Quando eu voltei, eu parei pra falar com o guarda, e vi um camarada com um capacete... capacete (PI)... parecia uma bazuca... enfim, armado até os dentes e tal, tal, tal, era o Amílcar. Ele foi servir como tenente do Exército. Tenente, fazendo estágio no Exército. E: "Que isso?! Ah, estou caçando comunista!" "Estou caçando comunista!". Bom.

AP - Espera só um instantinho que vamos ter que virar a fita...

Fita 12 - Lado A

AP - Ele estava com... O sr. estava falando que o Amílcar estava com um capacete caçando comunista!

SS - É, armado até os dentes, caçando comunistas.

AP - Mas isso em que ano, dr.?

SS - Isso foi... foi em 78... 77... por aí assim! Na década de 70! Na década de 70!

AP - No final da década de 70!

SS - É, por aí assim! E... o Amílcar, há algum tempo atrás, eu... continuei atendendo uma parente dele, que era muito amiga minha e tal... E... e uma das moças que vieram a Casa de Saúde São José... "Escuta e o Amílcar?!" "Ah, mas... Fulano, o Amílcar casou-se ele foi à igreja e à recepção armado, armado". Tudo para... como se fosse oficial do Exército. E ele, é... outra coisa importante também: é que ele, quando... quando... quando ele foi punido, isso inclusive chegou ao Conselho de Medicina, a... apresentou-se uma situação muito... muito esquisita: um médico militar está isento da... da... da ação do Conselho de Medicina! É uma falha da legislação. Mas tudo aquilo que é feito na área da... militar é subordinado ao Serviço de Saúde do Exército.

AP - A Justiça Militar?!

SS - A Justiça Militar!

AP - E não ao... Conselho?!

SS - E não ao Conselho!

AP - O sr. acha isso errado por quê?

SS - Porque o... um médico comete uma infração ética, compreendeu, e o Conselho não pode punir? Era o caso... era o caso do Amílcar. O Amílcar praticou essas infrações, ou teria praticado, né? quando ele estava no exercício de... militar... ele estava como militar, ele estava guardando presos, não é, guardando comunistas [*Dr. Sertão ri*] Então ele não podia ser... submetido à jurisdição do Conselho de Medicina. Isso na ocasião, quando eu estive lá na de 78 a 80, eles foram muitas, muitas vezes ao Conselho querer... apurar, pra e... e... puni-lo, né?! Então... Isso é da alçada da... da... da justiça militar. O Conselho de Medicina não tem... autoridade sobre isso.

AP - Eu queria... eu queira ver aqui com o sr. uma outra coisa...

SS - Tá errada essa justiça! A meu ver está errada essa legislação!

AP - O sr. acha que o médico, onde quer que esteja...

SS - Tudo que ele pratique e que seja infringência do Código de Ética ele deve... ele deve responder no Conselho Regional de Medicina!

AP - Tá certo! Agora, eu ia perguntar pro sr... o sr. esteve então em 63 como presidente do Conselho, depois o sr. foi para o Conselho Federal de Medicina, o sr. ficou no Conselho Federal de Medicina, o quê, de 64 até quando?

SS - Tem inclusive aquele papel que deve ter isso!

AP - Bom, enfim, O sr. ficou uns anos no Conselho Federal. Depois o sr. continuou na... na...

SS - No Conselho Federal... não, depois terminado o prazo do Conselho Federal, terminou também o prazo do Conselho Regional e eu saí do Conselho.

AP - Aí o sr. volta na década de 70!

SS - Em 70... Eu vim em 78.

AP - Apesar da nossa pesquisa não ir até a década de 70, como o sr... é... foi presidente do Conselho em 78 de novo, eu queria que o sr. nos contasse brevemente como é que foi que o sr. voltou e por que o sr. voltou a se candidatar, e como é que foi esse momento aí na década de 70?

SS - Não, eu não... eu não me candidatei. Quer dizer... Em 78 houve uma eleição que foi impugnada...

AP - Por quem?

SS - Pelo... pelo Conselho Federal.

AP - Por quê?

SS - Publicamos uma série de erros processuais, chapas incompletas, elementos que não estavam, não tinham condição de se eleger... Uma série de infrações processuais. Então o Conselho Federal achou por bem a impugnar aquela eleição, anular aquela eleição. E eles quiseram tomar posse... E então, no dia de tomar posse, o Murilo Belchior telefonou, eu estava em Friburgo, eu estava em Friburgo, afastado do Conselho em 78. E disse: Oh, Sertã tá o problema aqui é... é muito sério, porque... a chapa está incompleta, nós não podemos aprovar e eles querem forçar a posse dessa chapa que foi eleita mas irregularmente.

AP - Eles quem?

SS - Esses... os cordeirinhos... os vermelhinhos...

AP - Os vermelhinhos de novo...

SS - De novo!

AP - Os vermelhinhos voltaram de novo...

SS - Voltaram! Os vermelhinhos voltaram ao Conselho!

AP - Chastinet de novo?!

SS - Eu não posso responder imediatamente se o Chastinet estava nesse movimento!

AP - Quem é que o sr. lembra que estava nesse movimento?

SS - Assim no momento eu não me lembro! Mas os nomes deles estão todos por aí!

AP - Certo!

SS - O nome de todos eles!

AP - Não é difícil!

SS - Não! Consta das atas... ele me disse: Olha, preciso de alguém que conheça o Conselho, eu sei que você... foi... tinha sido aposentado nesta ocasião, eu sei que você tá livre! Não mas eu: Péra aí, eu não estou livre, eu tenho meus interesses! Ah, mas nós precisamos de você! Quero fazer um apelo porque você conhece bem Conselho e...

Você tem autoridade pra... Ele achava que eu tinha autoridade pra... pra impor. Então, nesse dia primeiro de... outubro... dia primeiro de outubro...

AP - De 78...

SS - De 78, eu fui ao Conselho, com o... o... os membros da antiga diretoria... membros da antiga diretoria que deviam dar posse à nova, compreende, e... era um domingo, né, e eu entrando no Conselho, e lavramos o termo de posse, eu, o... o... o... Luís Mugel e... e... o César Abdias. Luís Mugel, aquele que foi do Fluminense.

AP - Esse é parente do General Mugel, não?!

SS - Tem... tem... tem parentesco com ele, sim! Era o Luís... Luís Mugel, foi presidente do Fluminense, morreu há pouco tempo (TI)!

AP - O sr... foi empossado pela... pela antiga diretoria.

SS - Empossado e tal... E... e... e como havia ameaças de fortaleza... de força, nós fechamos o Conselho, lacramos e suspendemos por 2 ou 3 dias... o Conselho. Então, no dia seguinte, quando chegaram pra tomar posse, não sabiam nada. Encontraram a polícia lá! Foi um ato de força. E aí, então, é uma outra história. Aí é a história da.. da... da intervenção! Intervenção que fizeram agora no... Rio Grande do Sul. O Rio Grande do Sul passou por intervenção. Então foi eleita uma junta... foi nomeada uma junta... uma... uma diretoria provisória...

AP - Isso no Rio Grande do Sul!?

SS - No Rio Grande do Sul.

AP - Mas e no seu caso o que aconteceu?!

SS - Um diretoria provisória...

AP - Quem compôs essa diretoria provisória?!

SS - Éramos eu, como presidente; o Murgel, como secretário; e o César Elias. Só 3 elementos.

AP - Só 3!

SS - Essa diretoria provisória era apenas para problemas administrativos, fazendo o Conselho funcionar.

AP - Recebia inscrição de médicos...

SS - Inscrição. Tudo!

AP - Só a parte mais burocrática...

SS - Só a parte burocrática.

AP - Nada de julgar de processo...

SS - Todos os processos que chegavam, quer dizer... ou nós... mandávamos substar aguardando ou então nós encaminhávamos para o Federal.

AP - Já diretamente.

SS - Esse caso da Clara Nunes... esse caso da Clara Nunes, que foi um caso de grande repercussão, nós... nós encaminhamos pro Conselho Federal. E o Conselho Federal fez o processo, né, e o processo foi feito lá no Conselho e os elementos vinham pra... pra... pra reunião da... lá no Conselho.

AP - E aí quantos anos o sr. ficou como membro da diretoria provisória?

SS - Ah... 5 anos. Durante 5 anos nós sofremos toda espécie de pressão?

AP - Que pressão o sr. sofreu?

SS - Ih, foi... todas as reuniões lá eram tumultuadas. Eles iam provocar barulho em todas elas! Nós éramos obrigados a convocar assembleias ordinárias, pra apresentação das contas, enfim, uma série de reuniões e nessas reuniões estavam sempre... é... criando problemas.

Uma delas até foi interessante pelo seguinte, porque esses meus amigos, Chastinet e tal, Chabor e... estava tudo lá... e... na hora... um deles mandou que um rapaz viesse fazer uma objeção. Esse rapaz tinha sido aluno meu, moço ainda... Aluno meu, olha só que coisa interessantíssima! E... E ele chega e diz assim: "O sr. não é legítimo!" E eu pisquei o olho pro meu amigo.. Pisquei o olho pra ele assim: "Não admito essas insinuações de bastardia a meu respeito! Não é legítimo é filho ilegítimo, não é? Distorci por completo. "E não admito isto! É uma falta de respeito! Está encerrada a discussão!" [*Dr. Sertã ri*]

Agora, as... as assembleias eram quase sempre... não digo tumultuadas, mas agitadas pelos elementos que iam lá... uns reivindicando aquilo que eles achavam que era justo, outros querendo fazer confusão. De maneira que, durante 5 anos, eu aguentei barulho com eles, aguentei. Foram 5 anos divertidos, porque eu procurava me divertir. Mas, como eu disse, eu estava trabalhando no Conselho.

AP - Mas eles conseguiam ganhar alguma coisa, aprovar alguma coisa?

SS - Nada! Não tinham nada que aprovar! Quer dizer, as contas do Conselho não são aprovadas pe... por assembleia, elas apenas tomam conhecimento que o que as aprova é o Federal e o Tribunal de Contas da União... Eles são convocados pra tomar conhecimento.

AP - Mas aproveitavam essa tomada de conhecimento e...

SS - Para.. para fazer... reivindicar... fazer agitação! Era natural. O júri esperneando, não é? Então o.. nós queríamos era... Nós éramos obrigados a convocar essas assembleias e

dar conhecimento a eles... pra eles conhecerem as contas. Agora, a aprovação se dá lá em cima... no Conselho Federal e no Tribunal de Contas.

AP - Parece que uma das... um dos problemas pra essa chapa que ganhou a eleição mas não teve... não foi empossada em 78 (o sr. me corrige se eu estiver errado) foi porque, entre os seus componentes, existiam... é... recém formados.

SS - É. Havia isso! Houve uma exigência... uma exigência de 5 anos de formado. Quer dizer, precisava ter 5 anos de formado. Essa exigência a meu ver, era descabida, né, mas era o que vigorava. Além disso a chapa foi... tinha omissão de... alguns nomes... a chapa estava incompleta. Então não pode... uma chapa não pode ser... aceita e inscrita sem... sem a totalidade de seus membros.

AP - E mesmo assim eles concorreram, e mesmo assim eles ganharam. Depois que eles ganharam, o Federal impugnou o resultado.

SS - Impugnou!

AP - Entendi! E a... e a... diretoria anterior a essa, a que ficou até 78?

SS - Que que tem?!

AP - Ela... Qual era a composição dela? Ela também...

SS - A composição era mista... era mista e existe inclusive... toda ela está... escrito aí. Quer dizer, dessa diretoria aí... Desse período anterior o que eu tenho pra dizer é o seguinte: que houve várias... várias diretorias e todas elas procuraram fazer o melhor ao seu alcance pra dotar o conselho de condições pra trabalho. Inclusive, por exemplo, houve uma que... comprou a tipografia, o Jayme Poggi, uma offset, tem uma tipografia muito boa lá. Depois fizeram um recadastramento. E fizeram uma... tomaram a iniciativa completando o... o trabalho nosso que é dos cartões de identidade. Na nossa administração, quando... quando o Rotier era secretário, nós fizemos um cartão plástico.

AP - Isso em 58?

SS - Em 63.

AP - Em 63?

SS - Em 63!

AP - Quando o sr. foi presidente?

SS - É! É! É! O Rotier era secretário e foi dele a iniciativa de fazer um cartão plástico, não... igual a esse, igual... igual ao do Félix Pacheco naquele tempo. Então era só o Conselho Regional de Medicina e mais nada. Depois, nessa ocasião, em sessen... em... 70... na década de 70, eles fizeram com o recadastramento... tiveram a iniciativa de fazer esse cartão... que tem tudo do Conselho de Medicina e mais a parte do... Félix Pacheco, o... militar, né, o... Carteira de Identidade... é... o título de eleitor, o CPF e o

tipo sanguíneo. Quer dizer, foi... o Conselho Regional dessa época que teve a iniciativa disto e agora seguindo inclusive o Félix Pacheco. Outros seguiram o Conselho. Mas foi iniciativa do Conselho, isto! A primeira foi do Rotier, quando era secretário em... 63... 64, né... E depois eles fizeram isso. Fizeram depois então o... tipografia, né, e... esse recadastramento. Todos eles procuraram fazer o melhor. Inclusive na parte de... compra de salas. Nós nesse período nós compramos foi 9 salas... se eu não me engano... 17, eu acho que consta desse relatório aí.

AP - E o sr. diz... este período agora a que o sr. está se referindo a....

SS - 78!

AP - 78!

SS - É! Nesse período de 63, 64, nós compramos uma porção de salas. O Conselho Regional de Medicina, hoje, é talvez o melhor do Brasil em matéria de... de... instalações, de... espaço, né. Tem uma boa tipografia, tem... tem serviço de, digamos, documentação muito bom, né? Enfim, ele... tá muito bem instalado o Conselho!

AP - O sr., com esses anos todos que o sr. se dedicou, e essas horas todas que o sr. se dedicou ao Conselho, tanto lá década de 50, como na década de 60, no final da década de 70, o que que isso trouxe pra sua vida pessoal e o que que isso trouxe pra a sua vida profissional?

SS - Nada, apenas uma satisfação íntima de cumprir o dever da minha parte. Eu achava que eu era... estava cumprindo um dever. Quando (Murilo] me telefonou para Friburgo, Murilo Belchior, dizendo: "Sertã, precisamos de você. Do... nosso grupo... nosso conhecimento o único que está em condições e dispõe de tempo para fazer isso em condições... inclusive pelo respeito que você tem entre... entre os nossos amigos, a você eles respeitam... precisamos de você!" Aí, e eu atendi o chamamento, né?!

AP - Quer perguntar alguma coisa?!

SR - É, eu queria voltar um pouco. O sr. falou que em 63 a chapa que o sr. encabeçava era formada por elementos de categoria, né. Eu queria que o sr. falasse um pouco da chapa concorrente, eram também médicos de categoria? E o que que significa um médico de categoria?

SS - Espera um bocadinho. O que eu chamo de médico de categoria é o médico que se dedicam à... profissão, que se dedica à clínica, que se dedica ao trabalho. Deixa... deixa eu ver se eu tenho a... se eu tenho a chapa aqui pra responder. Responder a você...

SR - O sr. faria uma distinção entre atuação profissional e atuação política...

SS - É! Alguns médicos que são... que são... que só se dedicam à profissão. Por exemplo... João Barbosa Melo. João Barbosa Melo era um sujeito de grande valor, como médico, tanto tinha valor como homem quanto como profissional... como médico, né?! Ele tinha lá suas ideias comunistas mas ele é... é... são as ideias dele a gente tinha que respeitar.

AP - Mas o João Barbosa Melo era vermelho?

SS - Era.

AP - Mas era um bom profissional?!

SS - Um bom profissional e um bom homem, um bom sujeito.

AP - Então... Como é que o sr. falou?... o termo que ele usou?...

SR - Médicos de categoria!

AP - Médico de categoria! Existiam médicos de categoria na outra chapa também!

SS - É! Claro que sim! Deixa eu ver se eu tenho aqui a... para poder responder... aqui tá a documentação dos protestos que... que... que eu fiz aqui... [*Dr. Sertão ri*] [*Barulho de papéis sendo remexidos*] Eu tenho outra chapa aqui. Olha aqui está meu esquema: Santa Casa, Casa de Saúde... É tanta, cada qual com Fulano, Beltrano e Sicrano.

AP - Ah, isso na eleição, né?

SS - Eleição.

AP - O sr. falou que tinha...

SS - É...

AP - que tinha as suas...

SS - ... mi... mi... minhas correntes!...

AP - ...as suas correntes... as suas... Comando dos Hospitais: Santa Casa, Gamboa, São João Batista, tem a setinha do lado. Em cada hospital tinha lá o nome de uma pessoa...

SS - É!

AP - ... que era seu aliado.

SS - É! Eu tinha... minhas formigas!

AP - Suas formigas?!

SS - É!

AP - Repartições públicas... estabelecimentos... Foi um método, né, que o sr...?!

SS - É, foi um plano!

AP - Um plano de ação!

SS - Nós estávamos com a eleição garantida... estávamos com e eleição garantida! Cartaz de propaganda... Enfim, nós fizemos a... [um negócio]... Eu fui na, na imprensa... [médicos da Guanabara... lá o cartaz... enfim.... Aqui tem as chapas. Tá aqui.]

AP - Aqui estão as chapas num recorte de jornal. Álvaro de Melo Dória na Chapa 2; Aluísio Sales, esse Aluísio Sales foi esse que foi ministro?

SS - É.

AP - Ele era vermelho também?!

SS - Eu não sei se ele era vermelho ou cor-de-rosa! Mas era um sujeito correto! É... Alvanir de Castro era um sujeito direito, compreendeu!

AP - É! (TI), né!

SS - (TI) também era um sujeito correto!

AP - Ô... o Chastinet aí?

SS - O Cincinato! Esse era vermelhão danado!

AP - Vermelhão danado!

SS - É!

AP - Cincinato era vermelhão?

SS - É! É!

SS - Chastinet... O Fausto estava lá, mas era um... um grande sujeito também! O Fausto, né... Um sujeito formidável. Gosto muito dele. Mas puseram o nome dele aí?

AP - Heitor Peres.

SS - O Hugo Brito Firmeza... é... é... aquele que eu já comentei sobre ele, né?! Aqui é... é... Neves Manta...

AP - Neves Manta! Neves Manta era tido como vermelho também?

SS - Ele tava lá... nesse, e... e... ele gostava de falar...ele gosta de aparecer... é!

AP - Manfredine...

SS - É... Eu não me lembro bem do Manfredine, não! Pimenta Sales, também não era atuante não. ão me lembro... não sei quem é esse aqui... Pinto da Rocha tem aqui recortes sobre ele. Pedro da Cunha Júnior... Esse Pedro da Cunha Júnior... eu não sei

como ele estava aqui, porque ele era inclusive do Fluminense... era filho de um grande médico lá. Era do fluminense, Rafael Quintanilha Júnior. Serafim Soares [Duarte], Serafim também tava lá de bobo... Sylvio Dávila Também, que tá...era meu amigo! Estava lá de bobo também. O Thales de Oliveira e o de Castro. Pinheiro Guimarães, isso era uma figura... das mais cabotinas que eu já conheci. Esse era professor da faculdade de medicina... professor da faculdade de medicina...

AP - E aqui era a sua chapa!

SS - Aqui era a minha chapa! Essa aqui é a chapa O Feijó, eles puseram lá, reclamando, mandando tirar o nome dele porque não tinham dado autorização... e saiu na chapa... Publicamos: Ao médico da Guanabara e ao povo (TI).

AP - Ele tem aqui um... um verdadeiro arquivo particular com vários recortes de jornal.

SS - Conselho Regional de Medicina...

AP - Com os nomes, com as propagandas.

SS - Olha como é que tava o negócio aqui! Os médicos da Guanabara... Do conselho, na Associação Médica.

AP - "SERTÃ VITORIOSO NO CONSELHO DE MEDICINA!" Aí, o sr...

SS - O negócio ficou... ficou... ficou...

SÉRGIO - Levantou o caneco.

SS - Ficou brabo mesmo! Você não imagina, sabe?! O negócio ficou brabo!

AP - "SERTÃ GANHOU POR 2.751 CONTRA 1.245".

SS - É, 85%... 75%. É enfim! O Conselho de Medicina...

AP - É, o sr. teve mais... mais do que o dobro deles, né!

SS - Foi 75%.

JA - (TI)

SS - É. Enfim, tava sempre... eles brigando... eles me espinando... Eu... [Dr. Sertã ri] não estou ligando pra isso! [É a] história toda da... daquela vivência toda...

AP - Tá bom, dr. Sertã, vamos ver se o Sérgio quer fazer mais alguma pergunta... Se não, a gente passa já para o... para última parte aqui da nossa conversa, depois dessas longas horas de entrevista com o sr.

SR - Só pra sistematizar um pouco. Quer dizer que essa diretoria de 58... desse quinquênio, né?, 58/63, depois 63/68, o sr. acha que nasce, então, essa... primeira

aproximação ideológica assim dos mais vermelhos e tal... Nós podíamos dizer que, em princípio, todos os médicos que participaram desse movimento, desse momento, 68/63, 63/68, eram então médicos, é... digamos assim, de valor. Pelo menos uma grande parte, né?!

SS - É! Foi... foi... foi uma escolha de comum acordo, com o consenso em torno dessas figuras, que eram consideradas as mais representativas, e não só isso... mais empenhadas na... naquele objetivo, alcançar aquele objetivo... é... de constituir e fazer funcionar o Conselho de Medicina. Mesmo que não fossem figuras, digamos, de grande expressão na clínica, né, ou no magistério, né, eram figuras empenhadas na... em fazer o Conselho.

AP - A gente normalmente, dr. Sertã, a gente encerra as nossas entrevistas... tem encerrado as nossas entrevistas aqui com os nossos 5 entrevistados, e hoje eu acho que vai ser a nossa última entrevista com o sr., e... então a gente normalmente encerra fazendo com o nosso entrevistado uma espécie de balanço da vida profissional.

No nosso entender, essa pesquisa nossa sobre a história do Conselho é também uma pesquisa sobre a história da profissão médica, é também uma pesquisa sobre a história desses valorosos cidadãos brasileiros que resolveram fazer da medicina a sua profissão e quase a sua paixão, a sua fé, a sua vida, né?! E... tiveram, nessa... opção pela medicina, esse envolvimento com o movimento associativo médico, e... participaram de greves, construção de Conselho, de definição de códigos, cada um à sua maneira, cada um no seu momento diferente. Foi o caso desses 5 médicos que a gente entrevistou nesse nosso processo aqui.

Então, como eu tava dizendo, a gente acha que essa nossa pesquisa tem muito a ver com a história da profissão médica, não é?! Então a gente... a gente... a gente pediria ao sr. que o sr. fizesse uma espécie de balanço... é... sobre, no caso, a sua área de especialização, no caso, da ginecologia; do momento em que o sr. resolveu ser ginecologista, no momento que o sr. começou a trabalhar como ginecologista até hoje; como que o sr. acha que se modificou a ginecologia e o fato da pessoa ser ginecologista, né, ao longo desses 50 anos.

SS - Ginecologista obstetra.

AP - Ginecologista obstetra.

SS - Bom, eu acho que hou... houve uma revolução muito grande, uma revolução enorme. Cada dia que se passa a... a... aparecem novas técnicas, novas ideias. Eu... eu me aposentei em 77, 78... e deixei de clinicar nessa ocasião porque eu fui privado de um grande... de um... uma grande escola que é o estudante. Nos últimos 10 anos da... da minha profissão eu fiz tempo integral. Então eu tinha turmas de 40 alunos, no máximo de 40 alunos que queriam trabalhar... que quisessem trabalhar. Só iam para o meu curso o estudante que quisesse trabalhar. O estudante que fosse lá só pra assinar ponto, esse não... não tinha guarida.

Então, eu não podendo acompanhar a evolução da medicina com estudantes, eu parei. Parei, e entreguei o meu filho, que ele tava na... nessa fase de fazer (TI) com o Araújo Neto. E encerrei com chave de ouro a minha vida profissional. Teve até uma coisa muito curiosa. Eu estava dando meu curso... Você vai mexer em faculdade de medicina, não?!

AP - Mexer que o sr. quer dizer...

SS - Faculdade de medicina, não?!

AP - Não, na nossa conversa não, só se o sr. quiser fazer alguma menção a faculdade!

SS - Então nos últimos anos eu dava cursos, e... fazia sempre o seguinte: quando eu reunia a turma, eu digo: Olha, o sr. vai ficar com o tema tal... assim, assim, assim... Para... para daqui a 15 dias apresentar em seminário... Quer dizer, cada um... 2, 3 alunos, conforme o caso, tinha um... tema para apresentar no seminário. Então esse tema, em vez de ser apresentado por mim, era apresentado pelo aluno. Eu dava a eles o material, literatura para que eles estudassem e viessem apresentar. E muitas vezes eu vi trabalhos interessantíssimos.

Até uma coisa curiosa: esse... esse... Ismar que... Ismar Pinto Nogueira, que apresentou esse trabalho na Academia de Medicina noutro dia, ele estava... estudando toxoplasmose... e: Sertã, eu não tenho nada aqui sobre toxoplasmose. O sr. tem alguma coisa... Nada de interessante. Você tem alguma coisa? Eu digo: Tenho! Eu tenho o trabalho de uma aluna que, depois de apresentar o trabalho, ela havia escrito. E ela fez um trabalho interessantíssimo. Tá... tá comigo. Essa chama-se... é... Louzada... filha daquele Louzada do rádio... Kátia Louzada! Kátia Louzada... E.. muito interessante o trabalho dela. Eu... fazia sempre... uma... uma... uma anotação, e dava uma nota para aquele trabalho, porque não tinha exame, quer dizer, cada um tinha sua ficha e eu puxo esta ficha e sem... se a ficha estar completada ele não... não.. não era despachado. Então eu digo: Olha, tá esse trabalho da Kátia Louzada. Ele levou pra casa e falou: Ih, Sertã, o melhor trabalho que eu já encontrei! E escreveu sobre o assunto e depois citou o nome da Kátia.

Muito bem, nessa ocasião eu tinha um o caso de um colega meu que teve um problema com a mulher, esse colega trabalhava no hospital, Jacinto Campos. E a mulher teve o primeiro filho e morreu na hora de nascer. Morreu no decurso do parto. E lá no São Francisco ele me procurou e... e... disse: Sertã, aconteceu isso assim, assim com a minha mulher e tal. Posso levá-la ao seu consultório. Obviamente, pode! No consultório, “O que aconteceu? Qual foi a causa? Não sei! Você já fez todos os exames?! Já... Mas... E o Rh? Não, isso nunca foi feito! Esqueceu do Rh! Rh negativo e ela altamente sensibilizada. Quer dizer, foi o Rh o responsável pela morte do feto, né, na ocasião do parto.

E levo... eu vou ver essa senhora e ela está grávida de novo. O que que vai fazer? O que que vamos fazer? Olha, a situação é muito perigosa. Ela vai ter a mesma coisa. Mas, dias antes, um aluno me fez essa pergunta: Dr. Sertã, nunca houve nada que pudesse resolver essa situação... minorar isso?! Digo: Houve várias tentativas, mas nenhuma delas surtiu resultados do... surtiu efeito! O que foi? É que o... Rh é o antígeno. Então ele chega no nosso organismo e provoca uma reação, compreende? Então esse antígeno Rh é um antígeno pouco poderoso, pouco forte, então como o organismo está preparado em lutar com um antígeno mais poderoso, mais... mais valente, ele deixa a produção do Rh... anti... anti... do anti-Rh... deixa aquilo em plano inferior e passa a se ocupar com aquele. Mas nunca isso foi... que eu conheça, nunca isso foi... foi explorado. E não valia a pena. Morreu! Quando tiver uma oportunidade eu vou mexer nisso. E surgiu essa oportunidade. Que o aluno é que me provocou... é que me despertou... Entendeu? O aluno é que...

Fita 12 - Lado B

AP - O Jacinto que o sr. estava falando, no caso, era quem?

SS - Jacinto Campos era um colega meu...

AP - Sim!

SS - Colega meu que era marido dessa paciente, entendeu?! E... e... Você quer experimentar? Vamos... vamos... vamos injetar nela um... um outro antígeno mais... mais... mais forte para ver se conseguimos subtar a produção dessa... E comecei a... primeiro dosamos a aglutinina existente nessa... tava... tava elevada! E começamos a fazer doses de vacina antiptiogênica, no caso polivalente. E com... com a... com a vacina poliva... polivalente antiptiogênica, a... a taxa de aglutinina começou a cair, a cair, a cair, né,... E deu um nível bem razoável. Então eu levei essa gravidez até o 7º mês, 7º pro 8º mês e aí...

Espera um bocadinho, vou fazer um reparo. Eu ainda não tinha feito ainda essa... essa... vacina. Acompanhei essa doente até o 7º mês. No 7º mês ela estava em condições muito difícil, o feto na ameaça de morrer. Eu fiz cesariana, tirei o feto com 1 quilo e pouco, fizemos a [exsanguineotransfusão] e o feto sobreviveu... E eu disse ao Jacinto: Olha, Jacinto, ela nunca mais pode ter gravidez, não pense mais nisso!

Então, agora, eu queria... eu tenho de fazer uma retificação nos fatos aí sabe?

Então, 10 anos depois é que veio essa nossa conversa com o aluno, compreendeu?, 10 anos depois. E ela me chega no consultório e diz: Olha, doutor, olha aqui, positivo! Você tá maluca? Ela era uma dentista. Uma mulher de curso superior. Era uma... uma estrela, uma mulher com curso superior. Não sr., o problema é seu! Aí então que eu conversei com o Jacinto. Olha Jacinto, um aluno me chamou... isso assim, assim, assim... O que você acha? Vamos fazer?! Fizemos... e fomos fazer isso!

E acompanhei a... evolução dessa gravidez até o fim. E a taxa de aglutinina sempre muito baixa. Em vez de subir, que nem da outra vez, a... a... a vacina antiptiogênica estava criando a produção dessas aglutininas, e ela foi até o 9º mês. No 9º mês ela: "Ah, eu estou com medo! Vai morrer! Vai morrer!" Falei: Não. Tiramos a... Fizemos a cesariana, e tiramos um feto com 2.900, feto bonito, fortezinho, né...

E... Eu venho da Casa de Saúde pro Hospital. Quando eu chego no hospital, lá no São Francisco, tava entrando uma mulher num trabalho de abortamento. Uma mulher que 5 anos antes tinha feito uma cesariana lá no hospital pelo mesmo problema de Rh. Conflito. O primeiro, né! A fi... a filha tava viva, com 5 anos. Ele tinha tido 5 abortos ne... nesse intervalo. E tava abortando de novo. Essa era uma professora. E por que... Ah, minha filha, paciência, você não pode ter filho! Fiz 5 abortamentos você deve estar sensibilizadíssima. "Ah, eu não quero saber! Olha, eu estou vindo da Casa de Saúde São José, aconteceu isso assim, assim, assim... Ela disse: Vamos começar a fazer hoje!" Não, senhora, não é agora. Isso é quando estiver grávida. Em maio ela volta aqui e... positivo! Então com frequência comecei a fazer com rigor extraordinário com todos os exames, com todas as provas, inclusive com intrauterinas, fazíamos a retirada do líquido amniótico pra examinar o líquido amniótico, dosar... dosar a Bilirrubina do líquido amniótico, e a gravidez estava chegando no 6º mês, e ela... isso foi... isso foi no dia 8 de dezembro desse ano de... 77... de 77, né? de...! Não, 78, e... Quando eu entrei pra maternidade. E... Vamos fazer logo uma cesariana aqui porque este feto vai morrer.

Tiramos o feto. Interessante: nesse dia, de véspera, tínhamos feito a punção do líquido amniótico e o... Pedro Junqueira, que (TI), disse: "Olha, esse feto tá muito ruim, está com 4.7 de hemoglobina. Esse feto vai morrer". Tiramos o feto com 1 quilo e 200... é... 1 quilo e 170 por aí assim. E o exame de sangue, aquele... aquela hemoglobina dosada é exatamente que... Ainda ficou 3 meses na maternidade. Saiu de lá com 3 quilos quase. E tá viva. Agora, tá uma mocinha, já! Essa... fechei... quer dizer que foi o último... último doente que teve na maternidade. Essa foi a maior vitória da minha vida. À custa do estudante. À custa de um estudante. Essa... Eu fechei com chave de ouro a maternidade. E essa bichinha tá aí. Agora, o que isso? Estudante! Você com o estudante você é obrigado a estudar, é obrigado a acompanhar a evolução da ciência.

AP - Eu acho que é isso também é a posição que o sr. tem diante daquilo que o estudante coloca pro sr.!

SS - Claro!

AP - É a vontade que o sr. tem de aprender mais, de conhecer mais!

SS - Quando você está numa sala de aula pa... pa... pa... pa... pa... fazendo discurso, você não tá ensinando nada, não tá aprendendo nada. Agora, quando você fica dialogando com os estudantes, eles tão aprendendo e você também tá aprendendo. Eu dizia sempre a eles no início das aulas: Olha, nós todos aqui estamos aprendendo e eu vou aprender mais com vocês do que vocês comigo. Quer dizer que eu dava um tema pra eles e aquela tema então e... era discutido, era conversado entre todos. Então... o... o aluno que não quisesse fazer isso... Deixa eu te mostrar uma ficha aqui! É a minha fichinha aqui. Esse aluno ia embora. Porque ele... eu no fim dizia, tento, tanto, tanto e não tinha... não tinha exame, né?! Eram provas a cada dia, né?! Interpretação a cada dia. Fo... Foram os anos mais profícuos da minha vida foram esses.

AP - O sr. acha que o sr. aprendeu mais dando aula ou no São Francisco?

SS - Bom, eu só fiquei no São Francisco, né! No São Francisco... a minha base foi no São Francisco, né! Agora, o aperfeiçoamento disso é que você faz estudando e sendo obrigado a estudar. Por que estudante obriga você a estudar, né?! Quer dizer, aquele contato com o estudante... Eu dizia: Olha, nós estamos aqui todos aprendendo, quem não souber eu vou ensinar pra vocês!

AP - E o consultório?

SS - O consultório era... outro assunto... não é?

AP - O consultório era pra ganhar dinheiro?

SS - Olha aqui..

AP - O que que se aprende no consultório?

SS - Aprende...

AP - Em comparação com a sala de aula e com o São Francisco?

SS - Cada doente tinha um ensinamento, cada doente e... era um caso novo... pra você estudar, pra você aprender. Agora, pra mim, eu vou ser sincero, honesto: eu... o que eu ganhei na medicina, em dinheiro mesmo, foi quase nada. Quer dizer, o que eu ganhei na minha vida foi o... empregando o pouco que eu ganhava, nos negócios que eu fazia, e tal, empregando dinheiro aqui, dinheiro acolá, numa construção aqui, enfim empregando e investindo em capital, em imóveis, e sobretudo em ações na clínica... porque eu nunca fui, digamos, de cobrar, eu nunca soube cobrar. Eu sempre fui modesto. Escola! Primeiro com meu pai... cobrava muito pouco! Depois o Aguinaga... o Aguinaga cobrava muito pouco

Numa ocasião, que nós tínhamos consultório juntos, compreendeu!, [eu disse]: Dr. Aguinaga tenha paciência, mas você vai aumentar a sua consulta porque eu não vou cobrar mais com o sr. Não, mas isso paga. Você aumentar a sua consulta. De maneira que eu fui educado numa escola onde... onde... onde se cobrava pouco! Tá entendendo?

AP - Se cobrava pouco pra ter muito paciente ou se cobrava pouco porque não se tinha o valor do trabalho?

SS - Era porque nossa consciência mandava aquilo. Era uma questão de consciência, né?! Então na minha formação profissional, né... eu tinha a escola do meu pai, né, e depois a escola do meu segundo pai que foi o Aguinaga. Entendeu?! De maneira (TI).

Até uma ocasião interessante. O Aguinaga operou um doente do Capiglione, e... o Aguinaga... Um doente de clínica, né?! O Capiglione é que era o clínico desse doente. era um... um problema de... cardíaco etc., e o Aguinaga: Olha, Capiglione, vai dar (TI) sim a operação. E... o Capiglione foi lá! O Capiglione foi lá... O Aguinaga ficou lá, até assistiu a operação e conversou e foi embora! Na hora de... de pagar, o Aguinaga cobrou "x" pela cirurgia dele e o Capiglione cobrou quase 10"x"... É só falar... [Sertã ri]. O Aguinaga cobrava pouco. O Capiglione não, cobrava muito.

E... O próprio Capiglione tem até uma passagem muito curiosa, sabe!. Eu fui médico da família de Gervásio... Assunta Seabra e tal. Benedita Seabra é sobrinha dele e... e um dia o Seabra teve... teve um problema. Isso foi na década de 48... 49... por aí assim, nessa época. E o Capiglione foi... foi... foi chamado pra vê-la. E... fez lá qualquer coisa, etc..., foi embora e depois mandou a conta, parece que 200 contos de réis, um troço assim. E a dona Cintra Seabra, que era uma italiana, mandou chamar o Capiglione, deu o cheque: "Olha, aqui, seu carcamano tá, tá, tá... E o uma série de histórias impublicáveis. Toma, leva isso e faça isso assim, assim, assim, e tal e etc. e tal. Mas nunca mais você... que... eu... que eu fiquei devendo a você! Mas paguei a um ladrão! E tocou o Capiglione, mas isso são... são coisas que... acontecem, né?!

AP - Eu ia perguntar para o sr. uma outra coisa... é... o sr. tá... ressaltando muito na sua história da sua vida profissional essa sua vontade de aprender... com o paciente, com o estudante. Outro aspecto que o sr. está ressaltando muito é essa... esse altruísmo, né, essa dedicação à profissão sem mercenarismos, não é, sem... pensar apenas, ou exclusivamente ou principalmente na remuneração.

Esses dois aspectos: essa vontade de aprender tanto com o paciente quanto com o aluno, e esse altruísmo, esses dois aspectos o sr. acha que continuam presentes hoje no médico que se... está saindo.... que está se formando hoje na faculdade de Medicina?

SS - A questão é muito pessoal. A tendência atual é... é outra. Hoje o médico pensa mais em faturar que clinicar. Houve uma mudança de mentalidade. Embora alguns ainda mantenham esse... esse espírito, né? Mas o dominante da classe médica hoje, infelizmente, é o faturamento. Infelizmente é isso! Não é? É a luta pela vida. *Struggle for life*, não é? De maneira que infelizmente isso que a gente vê.

AP - E esse... e essa vontade de aprender?

SS - Essa vontade de aprender existe ainda, existe e é dominante. Ora... eu... até quando eu saí da faculdade, não deve ter mudado. Não deve ter mudado muito, né?! Há um grupo de alunos que querem aprender, que quer estudar, que quer se formar. E outros que querem apenas ganhar dinheiro. Então, esse grupo que quer aprender, que quer estudar, ainda existe, ainda... ainda é grande, ainda é considerável. Tanto que você tem um gran... um grande número de profissionais jovens, de... bem qualificados.

AP - Ah, o outro aspecto que eu gostaria de ressaltar com o sr. é o aspecto do assalariamento, né. O Estado, os poderes públicos, principalmente depois da II Guerra Mundial, no Brasil, é... alastraram-se de maneira muito grande, muito intensa, e isso teve uma consequência muito direta do assalariamento do médico. Hoje... o assalariamento... o médico é assalariado, em grande parte assalariado, e o assalariamento é muito, muito, muito...

SS - Aviltante!

AP - Aviltante. No que que o assalariamento interferiu nessa degradação da profissão.

SS - O que eu vejo nesse assalariamento é o seguinte: primeiro lugar, diminui um pouco... diminui muito a, digamos, a vontade de progredir. O médico arranja um empreguinho e se acomoda a aquilo. Muitos até deixam de clinicar e ficam só naquele emprego. Eu conheci muitos deles. Abandonaram a clínica, deixaram de se esforçar e ficaram com aquele se acomodaram naquele pequeno salário, né! Esse empreguismo diminui a capacidade combativa do médico. Ele cerceia essa sua ânsia de subida sem competir. Muitos dos meus companheiros que deixaram de progredir foi por causa dessa... por causa do emprego... Eu nunca tive emprego, quer dizer, eu tive emprego de professor da Ana Nery... livre docente, ganhando mixaria, era desprezível, não tinha nada... não dava nada! Quer dizer...

E depois, quando veio a universidade, aliás o título de professor universitário, a coisa também era vil. Até uma muita coisa interessante. Quando eu me aposentei em 77 pra 78, eu fui dar baixa no fundo, né? Eu tive que dar baixa no INPS lá no Edifício Getúlio Vargas. Quando cheguei lá, tinha uma fila e tal, e na minha frente tinha dois funcionários da... sujeitos gordos e tal. Eram maquinistas da Central do Brasil. E eles conversavam: "Ah, é um absurdo e tal... essa aposentadoria... doze mil e qualquer coisa nessa ocasião... né? Um negócio de doze mil. E eu estou ouvindo! Estou ouvindo! Estou ouvindo! E ele lá reclamando. Falando alto e tal. São 12 mil! Aí eu disse a ele: "Escuta... você... quanto é seu contracheque. São 12 mil e tanto... Olha aí, eu tava com meu contracheque da faculdade... Era um grosso de 10 mil e uns descontos! Dava dez mil e tanto. Olha aqui, um professor titular da faculdade de medicina, com 53 anos de serviço... Por que eu contei todo o tempo de serviço de estudante, foi o que me valeu. O tempo de serviço que eu havia prestado, na universidade e no São Francisco de Assis,

foi contado na minha ficha, né! Então... então... não chega a 10 mil. "O sr. tá... tá... tá enganado!" Não tá aqui. Pra ver como o médico ganhava menos, na aposentadoria, do que um maquinista da Central do Brasil.

AP - Isso... isso fazia com que o sr. se dedicasse menos ao seu trabalho?

SS - Não, não, porque eu achava que o que eu ganhava satisfazia. Eu... eu tenho nas minhas... eu tenho uma vida bem organizada, eu sempre tive uma vida bem organizada. Então, eu tenho desde 1929 até hoje quanto eu gastei, quanto eu ganhei e quanto sobrou... dia a dia... mês a mês... até hoje. Tá aqui! Até hoje! Em todos os meus diários estão anotados.

AP - Agora, o salário, já no seu tempo como professor universitário, já era aviltante!

SS - É!

AP - Mas o que eu estou querendo interrogar o sr. é o seguinte: é que hoje o salário é aviltante...

SS - Não, hoje ele é melhor!

AP - Hoje ele é melhor?!

SS - Ah, melhor!

AP - Mas ele é tido, pelo menos nos jornais quando você lê, como grande responsável pela falência da assistência médica do serviço público, não é? É o baixo salário. Segundo os próprios líderes sindicais hoje em dia, se o salário do médico for elevado é quase como que uma... uma solução para o problema do sistema de saúde.

SS - Eu participo de um ponto de vista diferente.

AP Sim!

SS - Eu acho que o que avilta o serviço não é o baixo salário, é o mal desempenho do médico. Se ele quer, se ele pensa servir por aquele preço, que ele o faça, mas de acordo com... a sua capacidade funcional. Se ele não quer ganhar aquilo dá lugar pra outro. Esse é meu ponto de vista! Quer dizer que, nós lá no São Francisco, que é uma... é uma espécie em extinção, nós sempre trabalhamos pelo desejo de trabalhar, pelo desejo de estudar, pelo desejo de se aperfeiçoar.

AP - O... o São Francisco é uma espécie em extinção ou o médico como o sr. é uma espécie em extinção?

SS - Não, não sou eu, não! isso vamos dizer assim, é o mundo. O mundo está atravessando uma fase difícil, de utilitarismo... o sujeito só faz aquilo que vai render, né?! No nosso tempo havia um ditado: "É no osso que se insere o músculo!" Então, nós pegávamos, ruíamos muito osso pra poder termos a carne, ter o músculo. É... era a nossa... Agora há uma...

AP - Hoje em dia só querem filet mignon, nem músculo não querem, né?! Negócio de músculo, osso.

SS - É! Então um desses professores da... do princípio do século, [ele tem] uma passagem – ah, citei isso – uma passagem de... de... que ele não tinha nenhum constrangimento em... em apresentar conta quando o cliente não, não se manifestasse. Então, quando... se não se coçasse, ele dizia: "Quem é que vai pagar a conta?! Não, quem é que paga essa visita? Quem é que paga esse chamado?!" E um companheiro dele... um colega dele: "Dr. Fulano, esse... o sr. não fica constrangido assim, vexado em falar diretamente em preço tal, de cobrar diretamente?! Não fica assim meio encabulado, meio envergonhado?!" E ele: "Olha, eu prefiro ficar vermelho de vergonha um minuto do que amarelo de fome o resto da vida!" Ele preferia cobrar do que morrer de fome! Ele cobrava, mas preferia do que morrer de fome.

AP - Outra coisa que o sr. sempre falou ao longo dessa nossa conversa é... sobre a relação dos pacientes com o sr. acha que não há... não houve na sua história de sua vida um reconhecimento. Como é que o sr. vê essa... essa relação dos pacientes com o sr.?

SS - Foi sempre muito boa, mas tem... tem uma... uma... eu nunca me esqueci de um velho... um velho poeta inglês de uns anos atrás, que dizia assim: "A Deus e ao médico adoramos quando o frio terror da morte nos alaga, mas depois de passado o susto sorte igual recebem: Deus esquecido e o médico sem paga". Então o médico...

Jeane - O sr. lembra o nome desse poeta?

SS - Alexandre Poppe!

JA - Inglês!

SS - Inglês! Há duzentos anos! É do fim do século XVIII, né?! Alexandre Poppe. Foi traduzido para o português de maneira muito feliz! É o médico... Depois que ele fica bom, já olha assim... que apresenta a conta é o diabo! [*Dr. Sertã ri*]

AP - Mas o médico que salva vidas, e o sr. foi um médico que deu vidas e salvou vidas, não é?! Ele não tem reconhecimento por essa... por esse pai, ou por essa mãe... ou por esse feto que teve sua vida salva?!

SS - Eu pessoalmente tenho um grande número de amigos e tal... e nunca deixei de ser reconhecido, entendeu! Mas isso não... se esvaindo.... se esvaindo.

AP - O sr. acha que não teve o merecimento, o reconhecimento à altura do que o sr. fez?

SS - Não, não tenho queixa nenhuma. Todas as pessoas com quem... de quem eu precisei na minha vida me atenderam prontamente. Quer dizer, nunca tive um cliente... amigo... Quer dizer, a gente precisa bem o cliente e amigo, né! Há clientes que são amigos e outros que são clientes de consultório, vão e tá acabado, né!

Até houve um o fato de uma senhora de uma família, gente muito importante... mas não vou citar o nome, se me permite, que foi ao meu consultório e achava... e disse

o que que vinha fazer, não é? Disse que queria fazer algo diferente. Depois ela telefonou e queria ir lá de novo. E... se... se eu a atendia! Ora, o consultório é livre, a senhora pagando a consulta pode. Não tem dúvida. Quer dizer, aquilo é como um mercado, em termos, né, em termos, não é? Um mercado! Agora, querem ouvir a opinião, ouvir a opinião. O cliente o relacionamento cliente e o médico, deve ser muito correto, muito franco. E eu nunca... nunca... fiz um orçamento para um doente. "Quanto é que vai custar, dr.?" Bom, isso a gente vê depois, a gente resolve depois! "Não, eu queria saber com certeza agora quanto é que vai ficar essa operação, quanto vai ficar o parto..." Eu nunca fiz isso. A senhora tem confiança em mim... tem confiança... Vamos em frente! Se não tem confiança vai procurar outro. Ah, eu queria que fizesse uma intervenção assim... eu queria que fizesse uma intervenção tal...

AP - Não, porque hoje em dia os obstetras falam: o parto custa tanto!

SS - É, exatamente!

AP - É... Tanto pra mim, tanto pro anestesista, tanto pro auxiliar, tanto pra enfermeira...

SS - Tá fora do meu código.

AP - Hoje em dia eles fazem uma lista... até já discriminando...

SS - É uma fatura!

AP - Faz um cheque pra mim, outro pra enfermeira, outro não sei quê, e outro não sei o que.

SS - E não pode descontar no Imposto de Renda.

AP - E não pode descontar no Imposto de Renda. Se descontar... é outro, né!

SS - 20%, ou mais!

AP - O sr. sabe que fazem isso!

SS - Sei!

AP - Mas isso não foi sua parte.

SS - De maneira nenhuma. Eu sou de outra escola. Quer dizer, a minha formação foi outra. Se eu tivesse nascido hoje, talvez tivesse... fosse induzido a fazer isso, mas as minhas origens são outras, esse que é...

AP - Falando um pouco sobre seus pacientes, sobre seus clientes, no início e no fim da sua carreira, o sr. acha que houve uma modificação dos clientes do início da sua carreira para os clientes do fim da sua carreira?

SS - Não. Os clientes... o que mudou nos clientes... nos meus clientes... foi uma... foi uma, digamos, na especialidade, foi uma..., digamos, uma mudança de orientação na

parte de ligadura de trompas, por exemplo. Eu quero cesariana, mas quero ligadura de trompas. Bom, vai procurar outro, não é comigo, mas... Eu tenho um caso aqui, eu não ia falar sobre esse caso e eu acho que está na hora de falar sobre ele. Tinha família que era tudo cliente meu. Era um inglês, que era casado, ele era batista, era casado com uma mulher católica. Tinha aquele banco, banco do Rio de Janeiro, aí! Bom, daqui há pouco eu falo! E eu operava todo mundo. Essa senhora mesmo, eu operei seios, operei... operei tireoide. Imagine que um dia ela descia de Petrópolis, "Dr. Sertã, eu estou sufocada... Estou morrendo. Estou com o pescoço inchado. Tinha uma hipertrofia do músculo médio aqui da tireoide, aqui. Levei na Casa de Saúde São José, anestesiiei o local, tirei: Ah! Tiraram a corda do meu pescoço! Então é tudo.

E um belo dia esse inglês, o sr. Cecil Murrey, me aparece com uma cólica... cólica, cólica vesicular. E... ela me telefona. Ele morava na rua Miguel Lemos, perto da esquina com Nossa Senhora de Copacabana. E o que que há Cecil. Ele tava com... Vou deixar passar essa crise e tal... Vou deixar passar essa crise e vou operar o inglês. Eu sempre gostei muito de vesícula, de cirurgia de vesícula. Gostava muito de cirurgia de vesícula. Foi cirurgia que me deu grandes, grandes alegrias, grandes satisfações. E levei o inglês para a Casa de Saúde São José e fui operá-lo no dia 8/05/53. Uma operação absolutamente normal, sem nenhum problema, sem nenhuma complicação, nada, nada, nada. Tudo ocorreu sem o menor... lá da Casa de Saúde vai foi pra casa. Uns 5 ou 6 dias que estava em casa, eu estou chegando do almoço... ela: "Oh, o Cecil está passando muito mal de repente! Ele tá com falta de ar, ele tá muito doente. Tem algum problema da operação." E eu fui lá pra... pra rua Miguel Lemos. Chego lá, ele estava... ele tava sem pulso, em choque, barriga dura, quer dizer, alguma coisa dentro da barriga. Abdômen agudo! Telefonei pra Casa de Saúde: Olha, prepara a operação, chama o pessoal vamos imediatamente pra sala de operações, um caso muito grave, chama o pessoal todo! Daí há pouco... o pessoal. Eu já estou chegando direto pra sala de operações. Mas ele em choque, choque profundo. Eu faço uma punção aqui e, sangue e bile. Houve uma necrose do [coto do cístico], necrose tardia, isso é muito raro. Mas houve uma necrose. Então aquilo começou a sangrar. E saiu bÍlis pra dentro da cavidade abdominal. E pronto.

AP - Saiu bÍlis pra onde?

SS - Pra uma cavidade abdominal.

AP - Ah, sim!

SS - Bile que vinha do canal....

AP - Pra dentro da cavidade abdominal.

SS - É! E o homem em choque, tal... a piorar, piorar, piorar... E eu não podia operar! Não podia operar! E então... E os dias vão se passando, e eu sentindo aquela bÍlis e começou a piorar, recolhe, bota pra dentro! Pela boca, e tal! E ele a piorar, piorar, piorar. E nisso eu chamei até o Fernando Paulino, que era meu colega... que era um... uma grande autoridade nisso. E digo: Olha, Fernando, o que que você acha? Não, é isso mesmo, não mexe nele, não! E o homem tá piorando, piorando, piorando! Um belo dia... já tarde, né?! Oh, Fernando, vem cá! É... O que que se pode fazer?!" Não, não pode, se você mexer nisso, ele morre!

Eu saí da Casa de Saúde e fico parado ali no trânsito, porque a Nossa Senhora de Fátima tava fazendo a primeira peregrinação ao Brasil. Eu deixo o inglês morrendo... Às 7 e meia, 8 horas da noite... o doente morrendo! Fui pra casa e tal. Sabe o que é a preocupação com um doente clínico... Eu gostava muito dele, a família dele era toda minha amiga, né?! E... No dia seguinte de manhã, eu vou cedo pra Casa de Saúde, chego no quarto e encontro o inglês sentado na cadeira, barriga limpinha (TI), limpinha, feliz, rindo, todo sorridente, vermelhinho..."Quê isso, seu Murrey?!" "Milagre de Nossa Senhora de Fátima!" Mas logo o sr. falar.... que é batista, falar em milagre de N. S. de Fátima? É, eu mandei chamar o reitor, do Santo Inácio pra recomendar pra ele tomar conta do meu filho que tem 13 anos... E comecei a conversar com ele... conversar, conversar, conversar, conversar (TI). Nossa Senhora de Fátima, e tal... "Eu me converti, me batizei... Eu me batizei... O Seu Zibuto, que era enfermeiro da Casa de Saúde é meu padrinho... e pronto! Acabou!". Ele morreu há pouco tempo com oitenta e tantos anos.

AP - Tá bom dr. Sertã.

SS – *[dr. Sertã encantado]* O que foi isso? Isso foi um milagre!

AP - Foi um milagre, o sr. acha?

SS - Eu acho o que eu chamo de milagre é o seguinte: aquela, vamos dizer, aquela mudança de estado de espírito nele, aquele... aquele poder da fé deu ao organismo dele novas energias, e essas novas energias é que vieram... digamos..., vieram galvanizar aquela capacidade de recursos que o organismo tem e que foi responsável por isso.

AP - Dr. Sertã, nós estamos encerrando aqui a nossa entrevista. Não sei se o sr. ainda que falar alguma coisa, ou o Sérgio...

SS – E tinha uma boa do Tanuri. O pianista...

AP - Sim, pode falar, é porque já está acabando a fita.

SS - Ah, fica para... fica pra nós!

AP - Sim, pode falar!

SS - Esse Tanuri, ele... ele... era em Alegre... ele morava em Alegre, no Espírito Santo. O irmão dele era keeper do time local e ficava atrás do gol com um cachorrão, na boca de espera. Se alguém... se o time adversário entrasse na área, ele soltava o cachorro. Mas o Tanuri, aconteceu comigo...

AP - O Tanuri foi seu guarda-costas?

SS - Meu guarda-costas! Nós fomos a um jogo de futebol no estádio do Vasco da Gama. Isso em 39...

AP - Mas vai acabar a fita, o sr. vai... o sr. vai ter que... é...

SS - Não, não! Fica para nós!

AP - Fica pra nós! Então eu queria só... registrar o término da nossa entrevista, agradecer muito a sua atenção e... e... ter só a... o reconhecimento meu, particular, como seu filho – como o sr. diz – pela sua bela história de vida, pelo...